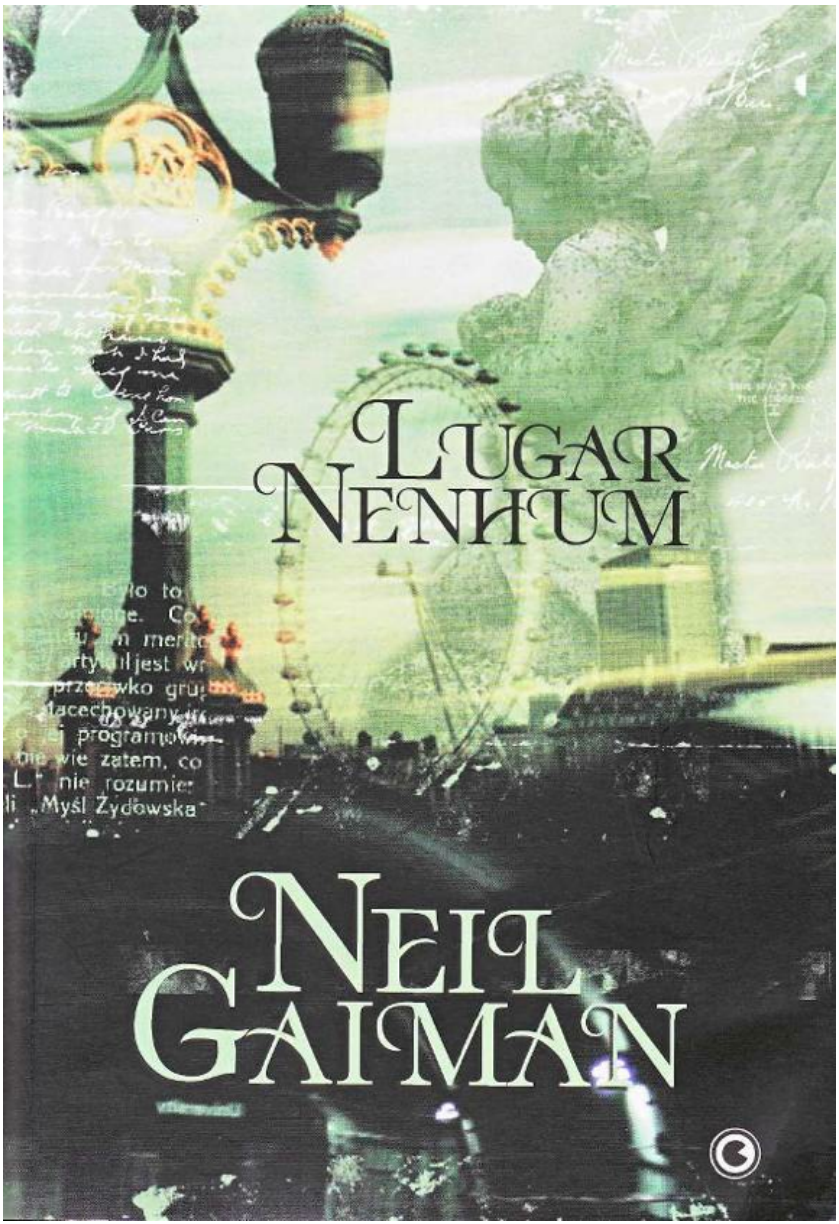
LUGAR NENHUM
NEIL GAIMAN

abandonadas, essa outra Londres é povoada por monstros, monges, assassinos, nobres, párias e decaídos.

É nesse mundo de sombras e escuridão que vive Door, a garota que Richard socorreu. Ela precisa descobrir por que toda a sua família foi assassinada. Richard, por sua vez, quer a própria vida de volta. E assim tem início a jornada dos dois pela Londres subterrânea.

Concebida originalmente como série de TV em seis capítulos, *Lugar Nenhum* foi transmitida pela rede inglesa BBC. A transformação em romance resultou em sucesso imediato, conduzindo a obra às listas de best-sellers do *Los Angeles Times* e do *San Francisco Chronicle*, entre outras.

NEIL GAIMAN iniciou sua carreira como roteirista de quadrinhos. Seu trabalho em *Sandman* lhe rendeu treze Eisner Awards, três Harvey Awards e um World Fantasy Award. Atualmente, ele se dedica também aos romances e livros infantis, além de produzir, dirigir e escrever para TV e cinema. De sua autoria, a Conrad já publicou *Stardust* (2001), *Deuses Americanos* (2002) e *Os Filhos de Anansi* (2006), além da série *Sandman* e de outros títulos relacionados a ela.

Autor de sucesso há pelo menos duas décadas, com obras traduzidas e publicadas em dezenas de países, Neil Gaiman já foi caracterizado pelo *Dictionary of Literary Biography* como um dos dez maiores escritores vivos da pós-modernidade. Reconhecido e cultuado como roteirista de quadrinhos, ele demonstra igual maestria também em outros gêneros literários. *Lugar Nenhum* marca uma dupla estréia em sua trajetória: dá início a sua carreira solo e é também a primeira incursão do escritor no gênero romance.

Com a inteligência, o humor e a capacidade única de fundir sonho e realidade que caracterizam a aclamada série *Sandman*, Gaiman conta aqui a história de Richard Mayhew, um jovem escocês que vive uma vida normal em Londres. Tem um bom emprego (só um pouco chato) e vai se casar com a mulher ideal (só um pouco assustadora). Uma noite, porém, ele encontra na rua uma misteriosa garota ferida e decide socorrê-la.

Depois disso, parece ter se tornado invisível para todas as outras pessoas. As poucas que notam sua presença não conseguem lembrar exatamente quem ele é. Sem emprego, noiva ou apartamento, é como se Richard não existisse mais. Pelo menos não *nessa* Londres. Sim, porque existe uma outra: a Londres-de-Baixo. Constituída de uma espécie de labirinto subterrâneo, entre canais de esgoto e estações de metrô

NEIL GAIMAN

LUGAR NENHUM

Tradução: Juliana Lemos

Para Lenny Henry,

meu amigo e colega, que tornou tudo possível, e para Merrilee Heifetz, minha amiga e agente, que sempre deixa tudo melhor.

NUNCA ESTIVE EM St. Johns Wood. NÃO OUSO IR ATÉ LÁ. Teria medo da noite infinita da floresta de abetos, medo de me deparar com uma taça vermelha de sangue e o bater de asas da Águia.

— *The Napoleon of Notting Hill,* G. K. Chesterton

If ever thou gavest hosen or shoon Then every night and all Sit thou down and put them on And Christ receive thy soul

This aye night, this aye night Every night and all Fire and fleet and candlelight And Christ receive they soul

If ever thou gavest meat or drink Then every night and all The fire shall never make thee shrink And Christ receive thy soul

— *The Lyke Wake Dirge*[1]

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

PRÓLOGO

RICHARD MAYHEW NÃO ESTAVA SE DIVERTINDO MUITO NA NOITE anterior à sua viagem para Londres.

Tinha começado bem. Ele gostou de ler os cartões de despedida e de ser abraçado por algumas jovens que conhecia, não desprovidas de atrativos. Gostou quando as pessoas o advertiram dos males e dos perigos de Londres, e de ter ganhado um presente, fruto de uma vaquinha feita pelos amigos: um guarda-chuva branco, com o mapa do metrô de Londres estampado. Gostou de tomar as primeiras garrafinhas de cerveja, mas com as seguintes descobriu que estava aproveitando bem menos, até ficar como estava agora, tremendo de frio e sentado na calçada em frente ao pub de uma cidadezinha na Escócia, comparando em sua cabeça as vantagens de estar ou não passando mal, sem se divertir nem um pouco.

Dentro do pub, os amigos de Richard continuavam a celebrar sua despedida com um entusiasmo que, para ele, começava a parecer meio macabro. Estava sentado na calçada, segurando bem firme seu guarda-chuva fechado, e ficou pensando se ir para Londres seria mesmo uma boa ideia.

— Melhor você tomar cuidado — alguém disse. — Eles vão te superar num piscar de olhos, ou até mesmo te passar pra trás, isso não me

surpreenderia.

Dois olhos penetrantes em um rosto narigudo e sujo o observavam.

— Você está bem?

— Sim, obrigado — respondeu. Richard parecia um menino, com cabelos escuros, um pouco encaracolados, e grandes olhos castanho-claros. Tinha também aquela aparência meio desleixada de quem acabou de acordar, o que o tornava mais atraente para o sexo oposto, embora ele não entendesse nem acreditasse muito nisso.

O rosto sujo adotou um semblante mais gentil.

— Toma, coitadinho — disse ela, colocando uma moeda na mão de Richard. — Há quanto tempo você está na rua?

— Eu não sou mendigo — explicou Richard, constrangido, tentando devolver a moeda à velha. — Por favor... tome o seu dinheiro de volta. Eu estou bem. Só saí para tomar um pouco de ar. Vou para Londres amanhã.

Ela olhou para ele, desconfiada. Pegou de volta sua moeda e a fez desaparecer entre as camadas de casacos e xales que a envolviam.

— Eu já fui pra Londres — confidenciou. — Me casei lá. Mas ele não prestava. Minha mãe sempre me disse pra não casar com alguém que eu mal

conhecia, mas eu era jovem e bonita, embora não pareça hoje em dia, e segui meu coração.

— Tenho certeza que sim — observou Richard. A sensação de que ia passar mal começou a desaparecer, devagar.

— Não adiantou nada. Eu vivo na rua, então sei como é — comentou a velha. — Por isso achei que você vivesse aqui também. Está indo pra Londres pra quê?

— Consegui um emprego lá — respondeu ele, orgulhoso.

— Pra fazer o quê?

— Hã... Na área de títulos e finanças.

— Eu era dançarina — contou a velha, e fez uns passinhos estranhos na calçada, cantarolando para si mesma, desafinada. Cambaleou de um lado para outro, como um peão que está deixando de girar, e finalmente parou, encarando Richard. — Estende a mão. Vou ler o teu destino.

Ele obedeceu. Ela colocou sua velha mão sobre a dele e segurou firme. Piscou algumas vezes, como uma coruja que acabou de engolir um rato e está começando a achar que foi má ideia.

— Você tem um longo caminho a percorrer... — disse, confusa.

— Londres.

— Não só Londres... — Ela fez uma pausa. — Pelo menos não a Londres que eu conheço.

Uma chuva rala começou a cair.

— Desculpa — disse ela. — Começa com portas.

— Portas?

Ela assentiu com a cabeça. A chuva engrossou, ressoando sobre os telhados e no asfalto.

— Se eu fosse você, teria cuidado com portas.

Richard se levantou, meio cambaleante.

— Certo — disse, sem saber muito bem como receber aquela informação. — Terei. Obrigado.

A porta do pub se abriu, e as luzes e o barulho vazaram para a rua:

— Richard? Tá tudo bem?

— Sim, tudo bem. Eu já vou.

A velha já descia a rua com seus passos instáveis, na chuva intensa, molhando-se toda. Richard achou que precisava fazer algo, mas não tinha como lhe dar dinheiro. Correu atrás dela pela rua estreita, a chuva fria molhando seu rosto e seu cabelo.

— Toma — disse. Remexeu com dificuldade o guarda-chuva, tentando achar o botão para abri-lo. Ouviu-se um clique, e então surgiu um grande mapa branco da rede de metrôs de Londres, cada linha de uma cor, com as estações indicadas.

A velha pegou o guarda-chuva e sorriu como agradecimento.

— Você tem um bom coração. Às vezes isso já salva a pessoa, seja lá onde ela estiver — balançou a cabeça. — Mas nem sempre.

Segurou firme o guarda-chuva quando uma rajada ameaçou levá-lo embora ou virá-lo do avesso. Ela abraçou o cabo e quase se dobrou ao meio para enfrentar a tempestade. E foi desaparecendo na noite, uma forma redonda e branca coberta pelos nomes das estações de Londres — Earl's Court, Marble Arch, Blackfriars, White City, Victoria, Angel, Oxford Circus...

Richard ficou imaginando, meio bêbado, se havia mesmo um circo em Oxford Circus: um circo de verdade, com palhaços, mulheres bonitas e animais perigosos. A porta do pub se abriu mais uma vez: uma explosão de barulho, como se alguém tivesse colocado o botão de volume no máximo.

— Richard, seu otário, é a sua festa! Você tá perdendo a diversão toda.

Ele voltou para o pub, e a sensação de passar mal tinha sumido com aquela situação estranha.

— Você tá parecendo um pato molhado — disse alguém.

— Você nunca viu um pato molhado — respondeu. Outra pessoa lhe entregou uma grande dose de uísque.

— Toma isso aqui. Vai te aquecer. Você sabe que não tem uísque de verdade em Londres.

— Tem sim, certeza — retrucou ele, com um suspiro. Gotas d'água de seu cabelo caíam dentro do copo. — Tem de tudo em Londres.

Richard virou a bebida. Alguém trouxe mais uma, e a noite ficou embaçada e fragmentada. Depois, ele só conseguia se lembrar da sensação de estar deixando um lugar pequeno e racional — um lugar onde tudo fazia sentido — e indo para outro, velho e grande, onde nada fazia; de vomitar sem parar num bueiro transbordando de água, nas primeiras horas do dia; e de uma forma branca, cheia de símbolos de cores estranhas, como se fosse um pequeno besouro redondo, afastando-se dele na chuva.

Na manhã seguinte, pegou o trem para a viagem de seis horas que o levaria até as estranhas torres e arcos góticos da St. Pancras Station. Sua mãe preparara um pequeno bolo de nozes e uma garrafa térmica com chá para a viagem. E Richard Mayhew foi para Londres, sentindo-se um lixo.

UM

ELA CORRIA HAVIA JÁ QUATRO DIAS, UMA FUGA SEM RUMO E DESORDENADA, através de passagens e túneis. Sentia fome e estava exausta. O cansaço era maior do que seu corpo conseguia suportar, e cada nova porta se mostrava mais difícil de abrir que a anterior. Finalmente, encontrou um esconderijo: uma pequena toca de pedra perdida no mundo, onde ficaria segura (ou assim esperava). E então dormiu.

* * *

O senhor Croup havia contratado Ross no último Mercado Flutuante, que acontecera na Abadia de Westminster.

— Pense nele como um canário — disse o senhor Croup ao senhor Vandemar.

— Ele canta?

— Duvido. Duvido muitíssimo. — Ele passou a mão em seu cabelo ruivo e liso e continuou:

— Não, meu caro amigo, eu estava pensando em termos metafóricos, mais como um canário que é levado para uma mina de carvão.

O senhor Vandemar assentiu com a cabeça, compreendendo com lentidão: sim, um canário. De resto, o senhor Ross não se parecia em nada com um canário. Ele era enorme — quase tão grande quanto o senhor Vandemar —, extremamente sujo, quase careca e falava muito pouco, embora tivesse feito questão de lhes dizer que gostava de matar e que o fazia bem. Isso divertiu o senhor Croup e o senhor Vandemar. Mas ele era o canário e não sabia. O senhor Ross entrou primeiro, com sua camiseta imunda e seus jeans enlameados. Croup e Vandemar, trajando elegantes ternos pretos, entraram atrás dele.

Existem quatro dicas simples para que uma pessoa consiga discernir o senhor Croup do senhor Vandemar. Primeira: o senhor Vandemar é duas cabeças e meia mais alto que o senhor Croup. Segunda: o senhor Croup tem olhos cor de porcelana azul desbotada, ao passo que os olhos do senhor Vandemar são castanhos. Terceira: o senhor Vandemar fez os anéis que usa na mão direita com os crânios de quatro corvos, e o senhor Croup não usa nenhuma joia aparente. Quarta: o senhor Croup gosta de palavras e o senhor Vandemar está sempre faminto. Além disso, eles não são nem um pouco parecidos.

Um vulto na escuridão do túnel. A faca do senhor Vandemar estava em sua mão e em seguida não estava mais: tremulava levemente a quase dez metros de distância. Ele foi até ela e segurou-a pelo punho. Havia um rato cinzento espetado na lâmina, abrindo e fechando a boca debilmente, enquanto a vida se esvaía. Vandemar esmagou seu crânio com o polegar e o indicador.

— Eis um rato que não é lá muito rabudo — disse o senhor Croup. Ele riu de sua própria piada. O senhor Vandemar não respondeu. — Rabudo... rato... Entendeu?

O senhor Vandemar retirou o rato da lâmina e começou a mastigá-lo, pensativo, começando pela cabeça. O senhor Croup deu um tapa na mão dele e fez o rato cair.

— Deixe disso!

O senhor Vandemar guardou a faca, meio chateado.

— Não fique assim — consolou o senhor Croup, em um tom de encorajamento. — Sempre há mais ratos. E agora vamos indo. Temos muita coisa a fazer. Gente para machucar.

* * *

Depois de três anos em Londres, Richard ainda era o mesmo, embora sua visão da cidade tivesse mudado. Ele a imaginara um lugar cinzento, até mesmo enegrecido, por causa das fotos que havia visto. Ficou surpreso ao descobrir que Londres era cheia de cores. Era uma cidade de tijolos vermelhos e pedras brancas, ônibus vermelhos e grandes táxis pretos, caixas de correios de um vermelho vivo e parques e cemitérios com gramados verdes.

Nela, o que era muito antigo e o que era estranhamente novo se esbarravam, sem constrangimento ou respeito. Era uma cidade de lojas, escritórios, restaurantes e residências, de parques e igrejas, de monumentos ignorados e palácios que em nada lembravam palácios; uma cidade de centenas de distritos com nomes estranhos e estranhamente distintos — Crouch End, Chalk Farm, Earl's Court, Marble Arch; uma cidade suja, alegre, cheia de problemas, que se alimentava de turistas e precisava deles tanto como os desprezava; a cidade na qual a velocidade média de transporte não havia aumentado em 300 anos, depois de 500 anos de alargamentos intermitentes das avenidas e tentativas frustradas de encontrar um meio-termo entre as necessidades do tráfego (seja ele com carroças ou, mais recentemente, motorizado) e as dos pedestres; uma cidade repleta de pessoas de todas as raças, costumes e tipos.

Ao chegar a Londres, achara-a grande, estranha, definitivamente incompreensível, com apenas o mapa do metrô, aquela elegante exposição topográfica multicolorida, a dar-lhe um resquício de ordenação. Aos poucos, ele se deu conta de que o mapa era uma útil fantasia que tornava a vida mais fácil, mas que nada tinha a ver com o formato da cidade acima do subsolo. Era o mesmo que pertencer a um partido político, pensou ele, orgulhoso de seu raciocínio, e depois, ao tentar explicar a semelhança entre ambos para um grupo de estranhos perplexos numa festa, decidiu que no futuro deixaria o comentário político de lado.

Continuou devagar, por um processo de osmose e “conhecimento de fundo” (que é como o ruído de fundo, só que mais útil), a compreender a cidade, o que ficou mais rápido quando se deu conta de que a verdadeira Londres não tinha mais que 2,5 km2, indo de Aldgate, no leste, até, no oeste, a Fleet Street e os tribunais de Old Bailey, um pequeno distrito, agora lar das instituições financeiras de Londres. E foi lá onde tudo começou.

Dois mil anos antes disso, Londres era uma pequena vila celta à margem norte do rio Tâmisa, onde os romanos se estabeleceram. Ela crescera com lentidão até que, mais ou menos mil anos depois, alcançou a pequena Cidade Real de Westminster a oeste e, assim que a London Bridge fora construída, a cidade de Southwark, do outro lado do rio. Continuou a crescer, com os campos, as florestas e o pântano desaparecendo devagar sob a cidade que florescia. Encontrou outras vilas e vilarejos, como Whitechapel e Deptford a leste, Hammersmith e Shepherd’s Bush a oeste, Camden e Islington ao norte, Battersea e Lambeth ao sul, do outro lado do Tâmisa, absorvendo todas elas — como uma poça de mercúrio absorve gotículas menores da substância —, deixando para trás nada além de seus nomes.

Londres cresceu até se tornar uma coisa enorme e contraditória. Era um bom lugar, uma ótima cidade, mas há um preço a pagar pelos bons lugares, e um preço que todos os bons lugares devem pagar.

Depois de um tempo, Richard percebeu que não ligava mais para a cidade. Passou a sentir orgulho de não ter visitado nenhum de seus pontos turísticos (com exceção da Torre de Londres, quando sua tia Maude veio visitar a cidade num fim de semana e Richard, contrariado, teve que ser seu guia).

Mas Jessica mudou tudo isso. Ele acabou tendo que acompanhá-la, em fins de semana que do contrário seriam normais, a lugares como a National Gallery e a Tate Gallery, onde descobriu que andar demais em museus deixa os pés doloridos, que os grandes tesouros da arte mundial acabam parecendo iguais depois de um tempo, e que está quase além da compreensão humana o preço que os cafés dos museus têm a cara de pau de cobrar por uma fatia de bolo e uma xícara de chá.

— Tome. Seu chá e sua bomba de chocolate — disse ele. — Um desses Tintorettos aí seria mais barato.

— Não precisa exagerar — respondeu Jessica, em tom alegre. — Aliás, não há nenhum Tintoretto na Tate.

— Eu devia ter pedido uma torta de cereja. Aí eles poderiam comprar mais um Van Gogh.

Richard conheceu Jessica na França, em uma viagem de fim de semana até Paris, dois anos antes. Ele a descobriu no Louvre, quando tentava achar seus colegas de escritório, que tinham formado o grupo e organizado a viagem. Dera alguns passos para trás enquanto observava uma escultura imensa e acabou esbarrando em Jessica, que admirava um diamante enorme, de grande importância histórica. Tentou desculpar-se em francês, língua que não falava, mas desistiu e começou a se desculpar em inglês, e aí tentou desculpar-se em francês por ter que se desculpar em inglês, até perceber que Jessica era a mais inglesa das pessoas. A essa altura, ela já tinha decidido que ele, para se desculpar, deveria comprar-lhe um sanduíche francês muito caro e um suco de maçã com gás que custava os olhos da cara, e, bom, foi aí que tudo começou. Richard nunca conseguiu convencer Jessica de que não era frequentador de galerias de arte.

Nos fins de semana, quando não iam a galerias de arte ou a museus, Richard seguia Jessica enquanto ela fazia compras — em geral, no opulento

bairro de Knightsbridge, que ficava a uma pequena distância a pé (e uma distância ainda menor de táxi) de seu valioso apartamento em Kensington. Richard a acompanhava em seus passeios a lojas enormes e ameaçadoras, como a Harrods e a Harvey Nichols, onde ela encontrava de tudo, desde joias a livros, além de coisas de supermercado.

Richard ficou admirado com ela, que era bonita, quase sempre engraçada e sem dúvida tinha um futuro. Jessica viu em Richard um enorme potencial — algo que, se fosse domado pela mulher certa, faria dele um grande partido. Ah, se ele fosse um pouco mais determinado, murmurava Jessica para si mesma. E então ela lhe deu livros com títulos como *Vestindo-se para o Sucesso* e *125 Hábitos dos Homens de Sucesso,* e outros que ensinavam a administrar os negócios como uma campanha militar. Richard agradecia, sempre com a intenção de lê-los. Na seção de moda masculina da Harvey Nichols, ela escolhia as roupas que ele deveria usar — e ele as usava durante a semana. Exatamente um ano depois que se conheceram, ela lhe disse que havia chegado a hora de comprar um anel de noivado.

— Por que você namora essa garota? — perguntou Gary, na Corporate Accounts, um ano e meio depois. — Tenho medo dela.

Richard balançou a cabeça:

— É porque você não a conhece de verdade. Ela é um doce.

Gary pôs de volta sobre a mesa o trasgo de plástico que tinha pegado.

— Eu nem acredito que ela deixe você ter esses bonequinhos.

— Nunca tratamos desse assunto — contou Richard, pegando uma das criaturas da mesa. O boneco tinha cabelo laranja fosforescente e uma expressão meio confusa, como se estivesse perdido.

Mas haviam tratado do assunto, sim. Jessica convenceu-se de que a coleção de trasgos de Richard era um sinal saudável de excentricidade, como a coleção de anjos do senhor Stockton. Na época, ela organizava uma exposição itinerante para ele e chegou à conclusão de que os grandes homens sempre colecionavam alguma coisa. Na verdade, Richard não colecionava trasgos. Ele achara um na calçada em frente ao escritório e, em uma vã tentativa de dar um pouco mais de personalidade à sua mesa, colocou-o sobre o monitor do computador. Nos meses seguintes, chegaram outros trasgos, dados por colegas que perceberam o gosto de Richard pelas feias criaturinhas. Ele pegou os presentes e os dispôs estrategicamente em volta da mesa, ao lado dos telefones e do porta-retrato com a foto de Jessica.

Havia um post-it amarelo grudado na foto.

Era sexta-feira à tarde. Richard havia percebido que os acontecimentos são seres covardes. Eles nunca acontecem sozinhos: vêm numa matilha, pulando juntos sobre alguém ao mesmo tempo. Vejamos, por exemplo, essa sexta-feira em particular. Era, como Jessica tinha lhe dito pelo menos umas dez vezes no último mês, o dia mais importante da vida dele. Então sem dúvida foi um grande azar que ele tivesse se esquecido do compromisso, apesar do post-it que havia deixado na porta da geladeira em casa e do outro colado na fotografia de Jessica em sua mesa.

Além disso, havia o relatório Wandsworth, que já tinha passado do prazo e ocupava grande parte de sua atenção. Richard verificou mais uma fileira de números e percebeu que a página 17 tinha desaparecido, então a imprimiu novamente. Depois viu que havia outra página faltando. Ele sabia que, se

ninguém o perturbasse... se, milagre dos milagres, o telefone não tocasse... O telefone tocou. Ele ligou o viva-voz.

— Alô? Richard? O diretor precisa saber quando o relatório vai ficar pronto.

Ele olhou para o relógio.

— Mais cinco minutinhos, Sylvia. Está quase pronto. Só preciso colocar a projeção do Financeiro.

— Obrigada, Dick. Vou descer para pegar com você.

Sylvia era, como ela mesma gostava de explicar, "a enfermeira do chefe" e tinha aquele ar de pura eficiência. Ele desligou o viva-voz, mas o telefone tocou de novo, um segundo depois.

— Richard — disse a voz —, aqui é a Jessica. Você não se esqueceu, né?

Me esqueci? Ele tentou lembrar o que poderia ter esquecido. Olhou para a fotografia de Jessica em busca de uma luz, e a luz que surgiu tinha o formato de um post-it amarelo, grudado à testa da namorada.

— Richard? Fala comigo.

Ele pegou o telefone, lendo o post-it ao mesmo tempo.

— Desculpe, Jess. Não, não esqueci. Às sete, no Ma Maison Italiano. Te encontro lá?

— *Jessica,* Richard. Não "Jess". — Ela fez uma pausa. — Depois do que aconteceu da última vez? Não, senhor. Você consegue se perder no seu próprio quintal.

Richard pensou em dizer que qualquer pessoa confundiria a National Gallery com a National Portrait Gallery, e que não era *ela* quem passara o dia inteiro tomando chuva (o que, na opinião dele, era tão divertido quanto andar em qualquer uma das tais galerias até os pés doerem), mas se segurou.

— Eu te encontro na sua casa — disse Jessica. — Podemos ir para lá a pé, juntos.

— Certo, Jess. Jessica. Desculpe.

— Você confirmou *mesmo* a nossa reserva, né?

— Confirmei — mentiu ele, em tom solene. A outra linha do telefone começou a tocar. — Jessica, olha, eu...

— Ótimo — disse ela, e desligou o telefone. Richard atendeu a outra linha.

— Oi, Dick. Aqui é o Gary.

Gary se sentava a algumas mesas de distância de Richard. Ele acenou com a mão e continuou:

— E aí, vamos beber? Lembra? Você disse que a gente podia falar sobre a conta Merstham.

— Larga esse telefone, Gary. Claro que está de pé.

Richard desligou. Havia um número de telefone no rodapé do post-it. Ele havia escrito o lembrete para si mesmo, semanas antes. E *tinha* feito a reserva, era quase certeza. Mas não havia confirmado. Ele sempre pensava em confirmar, mas havia tantas coisas a fazer... e sabia que daria tempo. Mas os acontecimentos sempre vêm era matilha...

Sylvia agora estava de pé a seu lado.

— E o relatório Wandsworth, Dick?

— Quase pronto, Sylvia. Olha, espera só um segundinho, tá?

Ele terminou de teclar os números e soltou um suspiro de alívio quando alguém respondeu do outro lado da linha:

— Ma Maison, boa tarde. Pois não?

— Por favor, uma mesa para três, para hoje à noite. Acho que fiz reserva. Se fiz, estou confirmando. E se não fiz, gostaria de saber se posso reservar agora, por favor.

Não, eles não tinham nenhuma reserva para aquela noite em nome de Mayhew. Nem de Stockton. Nem de Bartram (o sobrenome de Jessica). E quanto a reservar uma mesa...

Não foram as palavras que Richard achou desagradáveis, mas o tom de voz usado por quem deu a informação. Uma mesa para *hoje* sem dúvida precisaria ter sido reservada muito tempo atrás — talvez, pelo jeito, pelos pais de Richard. Era impossível achar uma mesa para *hoje*. Se o papa, o primeiro-ministro e o presidente da França chegassem sem reserva confirmada, até mesmo eles seriam postos para fora, com aquele escárnio bretão típico.

— Mas é para o chefe da minha noiva. Eu sei que deveria ter ligado antes. São só três pessoas, será que você não poderia, *por favor*...

A pessoa já tinha desligado.

— Richard? O chefe está esperando.

— Você acha que eu teria chance de conseguir a mesa se ligasse de volta e oferecesse dinheiro?

* * *

No sonho, todos estavam juntos dentro da casa — seus pais, seu irmão, sua irmãzinha. Estavam de pé no salão, olhando para ela. Todos tão pálidos, tão sisudos. Portia, sua mãe, tocou seu rosto e disse que ela corria perigo. No sonho, Door riu e disse que já sabia. Sua mãe fez que não com a cabeça: não, não... ela corria perigo *naquele instante. Agora.*

Abriu os olhos. A porta se abria, bem devagarinho. Ela prendeu a respiração. Ouviu passos sobre o chão de pedra. *Talvez ele não me veja,* pensou. *Talvez vá embora.* E então pensou, desesperada: *Estou com fome.*

Os passos pararam. Ela sabia que estava bem escondida, sob uma pilha de trapos e jornais. E talvez o intruso não quisesse lhe fazer mal. *Será que ele consegue ouvir meu coração batendo?* Os passos se aproximaram. Door sabia o que precisava fazer, mas tinha medo. Uma mão puxou as coisas que a cobriam, e ela olhou para cima: um rosto inexpressivo, completamente sem pelos, que deu um sorriso perverso. Ela rolou e se contorceu, e a lâmina da faca, pronta para atingir seu peito, cortou-lhe o braço.

Até aquele momento, ela nunca pensara que conseguiria. Nunca achou que pudesse sentir tanta coragem, ou tanto medo, ou tanto desespero para fazer aquilo. Mas ela ergueu uma mão até o peito dele e *abriu*...

Ele arfou e caiu sobre ela. Sua mão estava molhada, morna, escorregadia. Arrastando-se, ela saiu de baixo do homem e fugiu aos tropeços daquele lugar.

Do lado de fora, havia um túnel estreito e baixo. Ali, apoiada na parede, enquanto engasgava e chorava, recuperou o fôlego. Suas últimas energias se foram. Estava esgotada. O ombro começou a pulsar. *A faca,* pensou. Mas agora estava a salvo.

— Ora, ora, ora — disse uma voz na escuridão, à sua direita. — Ela sobreviveu ao senhor Ross. Eu nunca imaginaria uma coisa dessas, senhor Vandemar.

A voz *escorria.* Soava gotejante e desagradável, como muco cinzento.

— Nem eu, senhor Croup — respondeu uma voz monótona à sua esquerda. Uma chama se acendeu e tremulou.

— Seja como for — continuou o senhor Croup, com os olhos brilhando na escuridão —, não sobreviverá a nós.

Door lhe deu uma joelhada bem forte na virilha e pulou para a frente, com a mão direita sobre o ombro esquerdo. E correu.

* * *

— Dick?

Richard fez um sinal com a mão para que a pessoa não o interrompesse. A vida já estava quase de volta aos eixos, agora. Só mais um minutinho...

Gary repetiu:

— Dick, já são seis e meia.

— *Quê?*

Havia papéis, canetas, planilhas e trasgos caídos sobre a pasta de Richard. Ele a fechou e saiu correndo.

Enquanto saía, pegou o casaco. Gary o seguia.

— A gente vai tomar aquela, então?

Richard parou um instante. Pensou que, se desorganização virasse esporte olímpico, ele poderia competir pela Inglaterra.

— Gary, desculpe. Mancada minha. Preciso ver a Jessica hoje. Vamos jantar com o chefe dela.

— O senhor Stockton? Da Stocktons? O senhor Stockton *em pessoa?*

Richard assentiu com a cabeça. Desceram correndo pela escada.

— Você vai se divertir — disse Gary, mentindo. — E como vai o Monstro da Lagoa Negra?

— Na verdade, Jessica é de Ilford, Gary. E, sim, ela continua sendo o amor da minha vida. Obrigado pela atenção.

Os dois chegaram à entrada, e Richard correu para a porta automática, que se recusava a abrir.

— Já passa das seis, senhor Mayhew — disse o senhor Figgis, segurança do prédio. — Você precisa assinar aqui.

— Era só o que me faltava — resmungou Richard. — Mesmo.

O senhor Figgis tinha um leve cheiro de unguento. Corria o boato de que tinha uma coleção enciclopédica de pornografia light. Ele vigiava aquelas portas com um cuidado que beirava a loucura, e mal conseguiu sobreviver à noite em que os computadores de um andar inteiro tiveram que ser enviados para cima, junto com dois vasos de palmeiras e o tapete Axminster do diretor.

— Não vamos mais beber, né?

— Desculpe, Gary. Pode ser na segunda?

— Claro, segunda está ótimo. A gente se vê.

O senhor Figgis checou as assinaturas e ficou satisfeito por eles não carregarem consigo nenhum computador, vaso de palmeira ou tapete. Pressionou o botão sob a mesa e a porta se abriu.

— Essas portas! — reclamou Richard.

* * *

O subsolo se dividia cada vez mais. Ela escolhia o caminho a esmo, andando abaixada pelos túneis, correndo, tropeçando, esgueirando-se. Atrás dela vinham calmamente o senhor Croup e o senhor Vandemar, tão serenos quanto dois vitorianos ilustres visitando a grande exposição de 1851 no Crystal Palace. Quando chegavam a uma encruzilhada, o senhor Croup se ajoelhava e procurava a mancha de sangue cujo rastro seguiriam. Agiam como hienas, cansando a presa. Eles podiam esperar. Tinham todo o tempo do mundo.

* * *

Por milagre, Richard estava com sorte. Pegou um táxi preto dirigido por um homem idoso, que o levou para casa por uma rota incomum, por ruas que ele nunca vira antes, tagarelando (Richard descobrira que todos os taxistas de Londres desembestavam a falar se houvesse alguém no carro que respirasse e falasse inglês) sobre os problemas do trânsito da cidade, como lidar com o crime e os delicados assuntos políticos do dia. Richard desceu do carro, deixou uma gorjeta e sua pasta. Conseguiu pará-lo antes que saísse rua afora, pegou de volta a pasta e subiu correndo as escadas de seu apartamento. Já chegou tirando as roupas. A pasta voou pela sala e caiu sobre o sofá. Ele pegou as chaves do bolso e as colocou estrategicamente sobre a mesinha da entrada, para não esquecê-las.

Voou para o banheiro. O interfone tocou. Richard, já quase todo dentro de seu melhor terno, correu para atender.

— Richard? É a Jessica. Espero que já esteja pronto.

— Ah, sim. Estou descendo.

Pegou um casaco e saiu apressado, batendo a porta atrás de si. Jessica estava esperando lá embaixo, na escada. Sempre esperava por ele ali. Ela não gostava do apartamento de Richard: era feminina demais para o lugar. Havia sempre a possibilidade de achar uma cueca em algum canto, isso sem falar nos pedaços de pasta de dente endurecida sobre a pia do banheiro. Não, não era o tipo de lugar que ela apreciava.

Jessica era muito bonita, tanto que às vezes Richard a olhava e pensava *o que deu nela, pra ficar comigo?* À noite, depois do sexo — que acontecia no apartamento dela, no luxuoso bairro de Kensington, em uma cama de bronze com lençóis de linho (os pais de Jessica diziam que edredons eram decadentes) —, ela o abraçava bem forte no escuro, e seus longos cachos castanhos caíam sobre o peito dele. Ela sussurrava o quanto o amava, e ele dizia que a amava e que queria sempre ficar com ela, e ambos acreditavam que aquilo era verdade.

* * *

— Puxa vida, senhor Vandemar. Ela está ficando mais lenta.

— Bem mais lenta, senhor Croup.

— Ela deve estar perdendo muito sangue, senhor V.

— Bastante sangue, senhor C. Um sangue belo, úmido.

— Falta pouco.

Um clique: o som de um canivete se abrindo. Um som vazio, solitário, escuro.

* * *

— O que você está fazendo, Richard?

— Nada, Jessica.

— Você não esqueceu as chaves de novo, né?

— Não, Jessica.

Richard parou de bater nos bolsos do casaco e enfiou as mãos neles.

— Bom, daqui a pouco, quando você conhecer o senhor Stockton, tenha em mente que ele não é apenas um homem muito importante. Ele é, por si só, uma entidade empresarial.

— Mal posso esperar — suspirou ele.

— Como assim, Richard?

— Mal posso esperar — repetiu, agora com entusiasmo.

— Por favor, vamos rápido — pediu ela, que começava a exalar uma aura de algo que, em uma mulher inferior, pareceria nervosismo. — Não podemos deixá-lo esperando.

— Não mesmo, Jess.

— Não me chame assim, Richard. Detesto apelidos. São tão degradantes.

— Dá um trocado?

Era um homem sentado na entrada de uma loja. Tinha uma barba grisalha e amarelada; os olhos eram fundos, escuros. No seu pescoço, presa a um barbante desgastado, estava pendurada uma placa escrita a mão, que ficava apoiada em seu peito. Todos que tivessem olhos para ler saberiam que ele não tinha onde morar e estava com fome. Nem era preciso uma placa, bastava olhar para ele. Richard, já com a mão no bolso, procurou uma moeda.

— Richard, a gente não tem tempo para isso — disse Jessica, que fazia doações e era ética em seus investimentos. — Olha, eu quero que você cause uma boa impressão como meu noivo. É vital que um futuro marido deixe uma boa imagem.

A testa de Jessica se enrugou e ela o abraçou por um instante:

— Ah, Richard. Eu te amo *de verdade.* Você sabe disso, né?

Richard assentiu com a cabeça. Ele sabia.

Jessica viu as horas em seu relógio e começou a andar mais rápido. Richard jogou escondido uma moeda de uma libra na direção do homem, que a pegou com sua mão suja.

— Não houve nenhum problema com a reserva, certo? — perguntou ela. Richard, que não sabia mentir muito bem quando lhe faziam uma pergunta direta, respondeu:

— Hã...

* * *

Ela fizera a escolha errada — o corredor terminava numa parede. Em circunstâncias normais, aquilo não a faria parar, mas estava tão cansada, tão faminta, sentia tanta dor... Apoiou-se na parede, sentindo a aspereza dos tijolos contra o rosto. Resfolegava, soluçava, chorava. Seu braço estava frio; sua mão esquerda, dormente. Não podia continuar e o mundo parecia cada vez mais distante. Tinha vontade de parar, deitar e dormir mil anos.

— Pela minha negra alma, senhor Vandemar! O senhor está vendo o mesmo que eu? — A voz era suave, próxima. Deviam estar mais perto do que ela tinha pensado. — Creio estar vendo uma coisinha que...

— ...estará mortinha daqui a pouco, senhor Croup — disse a voz monótona, acima dela.

— O chefe ficará encantado.

De toda a dor e medo que sentia no fundo da alma, a menina extraiu o resto de força que tinha. Estava cansada, esgotada, exausta. Não tinha para onde ir, sentia-se fraca, não tinha tempo. *Mesmo que seja a última porta que eu abra,* pediu, em silêncio, rogando ao Templo, ao Arco. *Algum lugar... Qualquer lugar... Seguro...* e então pensou, com vontade: *Alguém.*

Quando começou a desmaiar, tentou abrir uma porta.

No momento em que a escuridão a engoliu, pôde ouvir a voz distante do senhor Croup: “Com mil demônios!”.

* * *

Jessica e Richard seguiam pela calçada, de braços dados, em direção ao restaurante. Ela andava o mais rápido que seus sapatos de salto alto permitiam, e ele se apressava para a acompanhar. As luzes da rua e das fachadas das lojas iluminavam o caminho. Passaram por alguns edifícios

grandes e imponentes, abandonados e solitários, envoltos por um muro alto de tijolos.

— É sério que precisou prometer cinquenta libras a mais para conseguir uma mesa? Você é um idiota, Richard — disse Jessica, seus olhos escuros faiscando de raiva.

— Eles perderam a minha reserva. E disseram que todas as outras mesas estavam reservadas.

Seus passos ecoavam no muro alto de tijolos.

— Aposto que vão nos colocar perto da cozinha, ou da porta. Você disse que era uma mesa para o senhor Stockton?

— Sim.

Jessica suspirou. Continuou a puxá-lo, enquanto uma porta se abriu no muro, alguns metros à frente deles. Alguém saiu por lá e ficou em pé, cambaleando por um longo e terrível momento. Por fim, caiu no concreto. Richard estremeceu e parou de andar. Jessica lhe deu um puxão para que não parasse.

— Olhe, quando você estiver conversando com o senhor Stockton, não o interrompa de jeito nenhum, nem discorde dele. Ele não gosta de ser contrariado. Quando ele fizer uma piada, você ri. Se estiver em dúvida se é ou não uma piada, olhe para mim. Eu... hum... vou bater o dedo de leve na mesa.

Eles chegaram até a pessoa caída na calçada. Jessica passou por cima do corpo amarfanhado, como se fosse um obstáculo. Richard parou.

— Jessica?

— É, tem razão. Se eu fizer isso, ele pode achar que estou entediada — disse ela. E completou, radiante: — Já sei! Se ele fizer uma piada, vou tocar o lóbulo da orelha.

— Jessica?

Ele não conseguia acreditar que ela simplesmente ignorava a pessoa caída à sua frente.

— Quê?

Jessica não parecia feliz com a interrupção de seu devaneio.

— Olha!

Ele apontou para a calçada. A pessoa estava com o rosto para baixo, envolta em roupas largas. Jessica pegou o braço de Richard e o puxou para perto dela.

— Ah, tá. Richard, você sabe como é esse povo: se você dá a mão, eles logo querem o braço. Todos eles têm casa, na verdade. Depois que dormir bastante, ela vai ficar bem, tenho certeza.

Ela? Richard olhou. Era *mesmo* uma moça.

— Continuando: eu falei para o senhor Stockton que nós...

Richard se abaixou, apoiando-se em um dos joelhos.

— Richard? O que você está fazendo?

— Ela não está bêbada, está ferida. — Olhou para seus próprios dedos. — E está sangrando.

Jessica se virou para ele, nervosa e confusa.

— Nós vamos nos atrasar.

— Ela está *ferida.*

Jessica olhou para a moça deitada na calçada. Prioridades. Richard não tinha prioridades.

— Richard, nós vamos chegar tarde. Outra pessoa vai aparecer. Outra pessoa vai ajudá-la.

O rosto da moça estava sujo, as roupas, molhadas de sangue.

— Ela está ferida — repetia ele, apenas. Seu rosto tinha uma expressão que Jessica nunca vira antes.

— Richard! — gritou ela, em tom de ameaça. Em seguida, abrandou a voz um pouco e resolveu fazer um acordo. — Então ligue para a emergência e chame uma ambulância. Vai, rápido!

De repente os olhos da menina se abriram, muito brancos no rosto coberto por sujeira e sangue. Com voz fraca, ela disse:

— Pro hospital não, por favor. Eles vão me achar. Me leve pra algum lugar seguro. Por favor.

— Mas você está sangrando — respondeu Richard. Ele tentou ver de onde ela tinha surgido, mas o muro de tijolos estava intacto, sem nenhuma entrada ou saída. Voltou os olhos para o corpo imóvel no chão e perguntou: — Por que não um hospital?

— Por favor, me ajude — sussurrou a menina, fechando os olhos. Ele perguntou mais uma vez:

— Por que você não quer ir para um hospital?

Mas dessa vez não houve resposta.

— Quando você chamar a ambulância, não diga seu nome. Talvez eles queiram que você preste depoimento ou coisa do tipo, e aí vamos nos atrasar... Richard? O que você está fazendo?

Ele tinha pegado a garota no colo, aninhando-a nos braços. Ficou surpreso ao perceber como era leve.

— Vou levá-la para casa, Jess. Não posso deixá-la aqui. Diga ao senhor Stockton que sinto muitíssimo, mas era uma emergência. Tenho certeza de que ele vai entender.

— Richard Oliver Mayhew — disse Jessica, friamente. — Ponha essa garota no chão e volte aqui agora mesmo. Ou nosso noivado acaba neste instante. Estou avisando.

Ele sentiu o sangue morno e pegajoso ensopando sua camisa. *Às vezes,* ponderou, *não há alternativa.* Foi embora, deixando Jessica para trás. Ela ficou lá, de pé na calçada, os olhos cheios d'água.

* * *

Richard não parou para pensar em momento algum. Ele não tinha nenhum controle sobre aquilo. Em algum lugar, na parte sensata de seu cérebro, alguém — um Richard Mayhew normal e sensato — dizia-lhe o quanto estava sendo ridículo; que deveria apenas ter chamado a polícia, ou uma ambulância; que era perigoso levantar uma pessoa ferida; que ele tinha irritado Jessica de verdade; que ele teria que dormir no sofá aquela noite; que ele estava arruinando seu único terno decente; que a menina cheirava muito mal... Mas Richard apenas colocava um pé à frente do outro e, com câibra nos braços e dores nas costas, ignorando os olhares das outras pessoas, continuava a andar. Depois de certo tempo, já tinha chegado ao andar térreo de seu prédio. Subiu a escada e estava à porta de seu apartamento, quando se deu conta de que havia deixado as chaves na mesa da sala, lá dentro...

A menina levou uma mão suja até a porta, e ela se abriu.

Nunca pensei que fosse ficar feliz ao perceber que não tinha fechado a casa direito, pensou Richard, levando a menina para dentro e batendo a porta atrás de si com o pé. Colocou-a sobre a cama. Sua camisa estava ensopada de sangue.

Ela parecia semiconsciente. Suas pálpebras estavam fechadas, mas trêmulas. Richard tirou o casaco de couro que ela usava. Na parte superior do braço havia um corte comprido, que ia até o ombro. Ele recuperou o fôlego e disse, com voz calma:

— Olha, vou chamar um médico. Está me ouvindo?

Os olhos dela se abriram, grandes e assustados.

— Não, por favor! Eu vou ficar bem. Não está tão ruim quanto parece. Só preciso dormir. Nada de médico.

— Mas o seu braço... o seu ombro...

— Eu vou ficar bem. Amanhã. Por favor?

Ela falava quase em um sussurro.

— Hum... Acho que tudo bem, então — concordou Richard. Com a sanidade voltando, perguntou: — Olha, será que você pode me dizer...

Mas ela tinha adormecido. Richard pegou um velho cachecol em seu armário e o amarrou bem apertado sobre o braço e o ombro dela — não queria que ela sangrasse até morrer em sua cama antes de chamar um médico. Saiu do quarto na ponta dos pés, fechando a porta atrás de si. Sentou-se no sofá, em frente à TV, e ficou pensando que diabo havia feito.

DOIS

ELE ESTÁ EM ALGUM lugar no subsolo: talvez num túnel ou no esgoto. A luz é trêmula, e mais expõe a escuridão do que a dissipa. Ele não está só. Há outras pessoas caminhando a seu lado, embora não consiga ver o rosto delas. Correm pelo esgoto, pisando na água lamacenta e suja. Gotas de água caem devagar pelo ar, muito nítidas na escuridão.

Ele vira uma esquina e vê o animal à sua espera.

É enorme. Preenche todo o espaço do canal do esgoto: sua imensa cabeça está abaixada, seu pelo está arrepiado, é possível ver sua respiração quente naquele ar frio. Parece um tipo de javali, ele pensa, mas se dá conta de que nenhum javali podia ser tão grande. Tem o tamanho de um touro, de um tigre, de um boi.

O animal o olha, faz uma pausa que parece durar cem anos, e enquanto isso ele levanta sua lança. Segurando-a, olha para sua própria mão e percebe que não é sua mão: seu braço está coberto por pelos escuros, as unhas são quase garras.

O animal corre para atacá-lo.

Ele joga a lança, mas já é tarde demais: sente as presas afiadas rasgarem seu flanco, sente sua vida se esvair na lama. Sente que caiu de rosto na água, que vai ficando vermelha com as espirais do sangue sufocante. Ele tenta gritar, acordar, mas só consegue respirar lama, sangue, água, só consegue sentir dor...

— Pesadelo? — perguntou a moça.

Richard se sentou no sofá, ofegante. As cortinas ainda estavam fechadas, a luz, acesa, e a TV, ligada, mas ele sabia, por causa da luz pálida que entrava pelas frestas, que já era de manhã. Procurou no sofá o controle remoto, que tinha escorregado para atrás dele durante a noite, e desligou a TV.

— É. Mais ou menos — respondeu.

Esfregando os olhos, livrou-se do que restava de sono e averiguou seu próprio estado: ficou feliz em perceber que pelo menos tirara os sapatos e o paletó antes de adormecer. A frente de sua camisa estava coberta com sangue ressecado e sujeira. A menina de rua não dizia nada. Ela não parecia bem: seu corpo pálido e pequeno estava imundo, envolto em sangue ressecado. Vestia várias roupas, uma por cima da outra — peças estranhas, veludo sujo, rendas enlameadas, rasgões e buracos através dos quais era possível ver outras roupas, de diferentes estilos. Para Richard, era como se ela tivesse assaltado a seção de História da Moda do Victoria and Albert Museum durante a madrugada e estivesse usando tudo que conseguira roubar. Seus cabelos curtos estavam emporcalhados, mas pareciam ter uma cor avermelhada e escura por baixo de toda aquela sujeira.

— Você acordou — disse Richard.

— A quem pertence esta baronia? Quem é o senhor destas terras?

— Ahm... quê?

Ela olhou em volta, desconfiada.

— Onde estou?

— Newton Mansions, Little Comden Street...

Ele parou de falar. Ela tinha aberto as cortinas e piscava à luz fria da manhã. A garota contemplava admirada a vista absolutamente comum da janela de Richard, observando com olhos arregalados os carros, os ônibus e as poucas lojas lá embaixo — uma padaria, uma drogaria e uma adega.

— Estou na Londres-de-Cima — disse ela, em voz baixa.

— Sim, você está em Londres — respondeu Richard. *Em cima do quê?* perguntou-se. — Acho que você entrou em choque ontem à noite, ou algo assim. Está com um corte bem feio aí no braço.

Esperou que ela respondesse ou explicasse alguma coisa. Ela olhou de relance para ele, mas logo voltou aos ônibus e às lojas. Richard continuou:

— Eu, hã, te encontrei na calçada. Você estava toda ensanguentada.

— Não se preocupe — ela disse, séria. — A maior parte do sangue não era minha, era de outra pessoa.

Ela deixou a cortina cair, cobrindo a janela. Começou a desenrolar o cachecol do braço, agora coberto de sangue ressecado. Examinou o corte e fez uma careta.

— Acho que preciso cuidar disso. Me ajuda?

Richard começou a se sentir meio incompetente.

— Eu não tenho muita prática com primeiros socorros.

— Bom, se você for muito fresco, só precisa segurar as ataduras e amarrar as pontas onde eu não conseguir alcançar. Tem ataduras aí, não tem?

— Ah, sim. No kit de primeiros socorros. No banheiro, embaixo da pia.

E então ele entrou no banheiro e trocou de roupa, pensando se seria possível remover toda aquela sujeira da camisa (sua melhor camisa, um presente de — ai, meu Deus — Jessica. Ela teria um *ataque* se visse aquilo).

* * *

A água com sangue o lembrou de algo, algum sonho que tivera, talvez. Esforçou-se, mas não conseguia lembrar exatamente o que era. Puxou a tampa da pia, esperou a água descer e encheu-a novamente com água limpa, à qual acrescentou uma gota de água sanitária, formando uma mistura turva: o cheiro pungente e antisséptico tinha algo de sisudo e terapêutico. Era um remédio para curar a estranheza da situação e de sua hóspede. A moça se debruçou sobre a pia, e ele jogou água morna no braço e no ombro dela.

Richard nunca era tão enjoado quanto pensava ser. Na verdade, ele sentia enjoo quando via sangue em filmes: um bom filme de zumbis ou até mesmo um seriado de hospital com cenas fortes era capaz de deixá-lo encolhido num canto, ofegante, as mãos sobre os olhos, murmurando coisas como "Me avise quando terminar". Mas, quando o assunto era sangue real, dor de verdade, ele apenas agia. Limparam o corte (que era bem menos profundo do que ele se lembrava da noite anterior) e colocaram uma atadura. A moça se esforçou para não fazer caretas. Ele ficou imaginando que idade ela teria, como seria por baixo daquela sujeira toda, por que estava morando na rua e...

— Qual o seu nome? — perguntou ela.

— Richard. Richard Mayhew. Dick.

Ela balançou a cabeça, como se estivesse memorizando as palavras. A campainha tocou. Richard olhou para a bagunça do banheiro e para a garota, e imaginou o que alguém de fora pensaria sobre aquilo, como, por exemplo...

— Ai, meu Deus — disse ele, dando-se conta da situação. — É a Jess! Ela vai me matar. — *Redução de danos. Redução de danos.* — Escuta, você espera aqui.

Ele fechou a porta do banheiro atrás de si e caminhou pelo corredor. Abriu a porta da frente e soltou um profundo suspiro de alívio. Não era Jessica. Eram... Mórmons? Testemunhas de Jeová? Policiais? Ele não fazia ideia. O que quer que fossem, eram dois.

Usavam ternos pretos, um pouco sujos e rotos, e até mesmo Richard, que se considerava disléxico em termos de moda, achou que havia algo de estranho no corte dos paletós. Pareciam ter sido feitos há 200 anos, por um alfaiate que se baseou na descrição de um terno moderno, sem nunca ter visto um. As linhas e os detalhes eram bastante estranhos.

Uma raposa e um lobo, pensou, sem querer. O homem à frente, a raposa, era um pouco mais baixo do que Richard. Tinha cabelo liso, oleoso, de uma cor laranja surreal, e a pele pálida. Quando Richard abriu a porta, ele deu um largo sorriso, alguns segundos mais tarde do que seria o esperado. Seus dentes lembravam um acidente num cemitério.

— Um belo dia para o senhor, meu bom homem — disse ele —, nesta manhã tão linda.

— Hã... Olá — respondeu Richard.

— Estamos fazendo uma busca pessoal, de natureza delicada, digamos, de porta em porta. Importa-se se adentrarmos vosso recinto?

— Bom... agora não é a melhor hora — disse Richard. E acrescentou: — Vocês são da polícia?

O outro homem, alto, que Richard achou parecido com um lobo, tinha cabelo grisalho, cortado bem curto. Estava um pouco atrás do primeiro, segurando uma pilha de papéis contra o peito. Ele não falara nada até aquele momento — apenas esperara, imponente, apático. E então riu, só uma vez, um riso baixo e imoral. Havia algo doentio naquela risada.

— A polícia? Ai de nós! — exclamou o homem mais baixo. — Não temos tal felicidade. Uma carreira no ofício da lei, embora sem dúvida atraente, não estava nas cartas que a Dama da Fortuna deu a mim e a meu irmão. Não, somos apenas cidadãos comuns. Permita que nos apresentemos. Eu sou o senhor Croup, e este cavalheiro é o meu irmão, senhor Vandemar.

Eles não pareciam irmãos. Na verdade, não se pareciam com nada que Richard já tivesse visto.

— Seu irmão? — perguntou ele. — Mas então vocês não deveriam ter o mesmo sobrenome?

— Estou impressionado. Que cérebro, senhor Vandemar. Seria pouco dizer que é um cavalheiro de inteligência sagaz, de raciocínio afiado. Algumas pessoas são tão afiadas — comentou ele, enquanto chegava mais perto de Richard, ficando na ponta dos pés até chegar à altura de seu rosto — que até poderiam se cortar acidentalmente.

Richard deu um passo involuntário para trás.

— Poderíamos, por obséquio, entrar? — perguntou o senhor Croup.

— O que vocês querem?

O senhor Croup suspirou de uma forma que lhe pareceu muito melancólica. Então disse:

— Estamos procurando nossa irmã. Uma criança excêntrica, obstinada e teimosa, que quase partiu o coração de nossa querida mãe, uma viúva.

— Ela fugiu — explicou o senhor Vandemar, calmo. Colocou uma das folhas de papel na mão de Richard. — Ela é meio... estranha — acrescentou, girando o dedo perto da têmpora, no gesto que todos usam para indicar problemas mentais.

Richard olhou para o papel, onde estava escrito:

VOCÊ VIU ESTA MOÇA?

Abaixo da frase havia a fotografia (acinzentada pela cópia) de uma moça que pareceu a Richard uma versão mais limpa e com cabelos mais compridos

da que estava em seu banheiro.

Sob a foto, liam-se as palavras:

ELA SE CHAMA DOREEN.

MORDE E CHUTA. FUGIU DE CASA.

INFORME-NOS CASO A TENHA VISTO.

NÓS A QUEREMOS DE VOLTA.

PAGA-SE RECOMPENSA.

E, abaixo de tudo isso, um número de telefone. Richard olhou de novo a foto. Sem dúvida era a moça que estava no banheiro.

— Não. Não vi essa moça. Sinto muito.

O senhor Vandemar, no entanto, não estava prestando atenção: esticando o pescoço, farejava o ar como alguém que tenta descobrir de onde vem um cheiro ruim. Richard lhe devolveu o papel, mas o homem o empurrou e simplesmente passou por ele, entrando no apartamento, como um lobo farejando a presa. Richard correu atrás.

— O que você pensa que está fazendo? Pare com isso! Saia! Olha, você não pode entrar aí...

O homem foi direto para o banheiro. Richard esperava que a moça — Doreen? — tivesse a presença de espírito de trancar a porta. Mas ela se escancarou com um empurrão do senhor Vandemar. Ele entrou, e Richard, sentindo-se como um pequeno e inofensivo cão que late aos pés de um carteiro, seguiu-o.

Não era um banheiro grande. Havia uma banheira, um vaso, uma pia, alguns frascos de xampu, um sabonete e uma toalha. Quando Richard saíra dali, alguns minutos antes, havia também uma moça suja e ensanguentada, uma pia mais ensanguentada ainda e um kit de primeiros socorros aberto. Agora, o banheiro estava completamente limpo.

E não havia lugar onde a moça pudesse ter se escondido. O senhor Vandemar saiu do banheiro, abriu a porta do quarto de Richard, entrou e olhou ao redor.

— Não sei o que você acha que está fazendo, mas vou chamar a polícia se os dois não saírem do meu apartamento neste exato momento!

Então o senhor Vandemar, que estava examinando a sala de estar de Richard, virou-se para ele. Richard constatou que nunca sentira tanto medo de uma pessoa em sua vida.

Mas o senhor Croup, o que parecia uma raposa, disse:

— Ora, o que houve com você, senhor Vandemar? Imagino que a tristeza causada por nossa doce irmãzinha o tenha deixado meio desequilibrado. Peça desculpas ao cavalheiro.

O lobo meneou a cabeça e pensou por um instante.

— Achei que precisasse usar o banheiro. Mas não precisava. Desculpe.

O senhor Croup começou a andar pelo corredor, empurrando o senhor Vandemar.

— Pronto. Espero que possa perdoar os maus modos e a indelicadeza de meu irmão. Acredito que a preocupação com nossa pobre e viúva mãe, e também com nossa irmã, que no exato momento em que confabulamos deve estar andando sozinha pelas ruas de Londres, desamparada, sem cuidados, o tenha deixado um tanto perturbado. Mas apesar disso ele é um bom sujeito, cuja companhia é valiosa. Não é mesmo, meu robusto camarada?

Eles já estavam fora do apartamento de Richard, descendo as escadas. O senhor Vandemar não dizia nada. Não parecia transtornado pela tristeza. Croup se virou para Richard e ensaiou outro sorriso de raposa.

— Avise-nos se a vir — disse.

— Adeus — respondeu Richard. E trancou a porta. Pela primeira vez desde que se mudara, colocou também a corrente de segurança.

* * *

O senhor Croup, que havia cortado o telefone de Richard assim que ele ameaçara chamar a polícia, começou a imaginar se tinha cortado o fio certo. A tecnologia da telecomunicação do século XX não era o seu forte. Pegou uma das cópias com Vandemar e apoiou-a sobre uma das paredes da escada.

— Cuspa! — ordenou.

Vandemar puxou um bocado de catarro do fundo da garganta e deu uma cusparada certeira no verso do papel. O senhor Croup o pressionou bem forte contra a parede, perto da porta de Richard. O papel ficou imediatamente grudado.

Nele lia-se: VOCÊ VIU ESTA MOÇA?

O senhor Croup virou-se para o senhor Vandemar:

— Você acredita nele?

Viraram-se e desceram as escadas.

— Acredito coisa nenhuma. Eu senti o cheiro dela.

* * *

Richard esperou perto da porta até ouvir o portão de entrada do prédio bater, vários andares abaixo. Virou-se e seguiu pelo corredor, em direção ao banheiro, quando o telefone tocou muito alto, dando-lhe um susto. Correu de volta e atendeu.

— Alô? Alô?

Não havia som algum. Em vez disso, ouviu um clique, e a voz de Jessica surgiu da secretária eletrônica ao lado do telefone.

— Richard? Aqui é a Jessica. Pena você não estar em casa, porque essa seria a nossa última conversa, e eu queria falar diretamente com você.

Ele se deu conta de que o telefone não estava funcionando. Seguiu o fio uns trinta centímetros, até que encontrou um corte entre o gancho e o aparelho.

— Você me envergonhou muito na noite passada, Richard — continuava a voz na secretária. — Por mim, nosso noivado acabou. Não tenho intenção de devolver o anel nem de vê-lo novamente. Adeus.

A fita parou de girar, houve outro clique e a luzinha vermelha começou a piscar.

— Problemas? — perguntou a garota. Ela estava em pé logo atrás dele, na cozinha, com o braço bem enfaixado, pegando saquinhos de chá e os colocando nas canecas. Havia água fervendo na chaleira.

— Sim. Problemas bem graves.

Ele foi até ela e deu-lhe o cartaz que dizia VOCÊ VIU ESTA MOÇA?

— É você, não é? — perguntou. Ela ergueu uma sobrancelha.

— É uma foto minha, sim.

— E você se chama... Doreen?

Ela fez que não com a cabeça.

— Eu me chamo Door, Richardrichardmayhewdick. Aceita leite e açúcar?

Ele estava completamente confuso. Disse:

— Richard. Só Richard. Sem açúcar. Olha, se não for uma pergunta muito íntima, o que aconteceu com você?

Door derramou a água fervente nas canecas.

— Não interessa — respondeu ela, simplesmente.

— Ah, bom, desculpe se eu...

— Não, Richard. De verdade, *não te interessa.* Não serviria para nada. Você já fez mais do que deveria.

Ela retirou os saquinhos e lhe entregou a caneca com chá. Quando pegou a caneca, ele se deu conta de que ainda estava segurando o fone.

— Bom, sei lá... eu não poderia ter te deixado caída no chão.

— Poderia, mas não deixou.

Ela se encostou na parede e espiou pela janela. Richard foi até lá e olhou também. Do outro lado da rua, o senhor Croup e o senhor Vandemar estavam saindo da padaria, e a frase VOCÊ VIU ESTA MOÇA? aparecia com destaque na vitrine.

— Eles são mesmo seus irmãos?

— Ah, claro que não!

Ele tomou um gole do chá e tentou fingir que tudo estava normal.

— E então, onde você estava até agora há pouco?

— Estava aqui. Olha, com esses dois andando por aí, precisamos enviar uma mensagem para... — ela fez uma pausa. — Para alguém que possa ajudar. Não posso sair daqui.

— Bom, não existe algum lugar para onde você possa ir? Alguém para quem possa ligar?

Ela pegou o telefone mudo da mão dele, olhou para o fio solto, e fez que não com a cabeça.

— Meus amigos não têm telefone.

Colocou o fone de volta no suporte, e ele ficou lá, solitário e inútil. Então ela sorriu, um sorriso rápido e travesso:

— Migalhas!

— Hã?

Havia uma pequena janela no fundo do quarto, virada para uma área onde se viam telhados e calhas. Door subiu na cama de Richard, abriu a janela e espalhou as migalhas de pão.

— Não estou entendendo — disse Richard.

— Claro que não está — concordou ela. — Agora, quieto.

Ouviu-se um bater de asas, e logo em seguida um brilho roxo-cinza-esverdeado confirmou a chegada de uma pomba. A ave ficou ciscando as migalhas, e Door a agarrou. A pomba olhou para ela com curiosidade, mas não se debateu.

Sentaram-se na cama. Door pediu a Richard que segurasse o pássaro enquanto ela amarrava uma mensagem em sua perna, utilizando um elástico de azul intenso, que Richard até então usara para manter as contas de luz juntas. Ele não ficava muito entusiasmado com a ideia de segurar pombos, mesmo nos melhores dias.

— Não vejo sentido nisso. Quer dizer, ele não é um pombo-correio, é só um pombo comum de Londres, daqueles que fazem cocô na estátua de Lord Nelson.

— Isso mesmo — respondeu Door. A bochecha dela estava esfolada, e seu cabelo avermelhado e sujo estava embaraçado, mas não totalmente emaranhado. E os olhos... Richard percebeu que não saberia dizer de que cor eram. Não eram azuis, nem verdes, nem castanhos, nem cinzentos. Pareciam opalas brilhantes: havia aqui e ali um tom de verde e azul, e até tons vermelhos e amarelos, que desapareciam e cintilavam quando ela se mexia. Door pegou o pássaro das mãos dele com cuidado e olhou em seus olhos. O pombo inclinou a cabeça para um lado e a olhou de volta, com seus olhos redondos e negros.

— Pronto — disse ela, e fez um barulho que parecia o sibilar dos pombos. — Pronto, *Crrpllrr,* procure o marquês de Carabas. Entendeu?

A pomba respondeu com outro sibilar.

— Boa menina. É muito importante, então é melhor você... — a pomba a interrompeu com um ruído que soava impaciente.

— Desculpe — continuou Door. — É claro que você sabe o que está fazendo.

Então levou o pássaro até a janela e o soltou.

Richard testemunhou tudo aquilo com certo espanto.

— Quase acreditei que ela entendeu você, sabia? — disse, enquanto a pomba diminuía no céu e desaparecia entre os telhados.

— Pois é. Bom, agora, nós esperamos.

Ela caminhou até a estante de livros que ficava no canto do quarto, achou uma edição de *Mansfield Park,* que Richard ignorava possuir, e foi para a sala. Richard a seguiu. Door se acomodou no sofá e abriu o livro.

— Então é um apelido para "Doreen"? — perguntou ele.

— O quê?

— O seu nome.

— Não. Só Door mesmo.

— E como se escreve?

— D-o-o-r. Que nem “porta”.

— Ah. — Ele precisava dizer alguma coisa, então disse: — Mas que tipo de nome é esse, “Door”?

Encarando-o com seus olhos de cor estranha, ela retrucou:

— É o meu nome.

E voltou a ler Jane Austen.

Richard pegou o controle remoto e ligou a televisão. Mudou o canal. Mudou de novo. Suspirou. Mudou mais uma vez.

— E aí? O que estamos esperando?

Door virou uma página. Não olhou para ele.

— Uma resposta.

— Que tipo de resposta?

Ela encolheu os ombros.

— Hum. Tá — disse Richard.

Reparou que a pele dela era muito branca, agora que parte do sangue e da sujeira tinha saído. Ficou imaginando se era daquela cor porque estava doente, porque tinha perdido muito sangue, se não saía muito ao sol, ou se era anêmica. Talvez ela tivesse passado um tempo na prisão, embora parecesse nova demais para isso. Talvez o grandalhão tivesse sido sincero ao dizer que ela era louca.

— Escuta, aqueles homens que vieram aqui...

— Homens?

Os olhos cor de opala cintilaram.

— Croup e... hã... Vanderbilt.

— Vandemar — corrigiu ela, rindo um pouco e depois concordando com a cabeça. — Acho que podemos chamá-los de homens. Cada um tem dois

braços, duas pernas, uma cabeça.

Richard continuou a falar.

— Quando eles vieram aqui... *onde* você estava?

Ela lambeu o dedo e virou outra página.

— Eu estava *aqui.*

— Mas... — ele não tinha o que dizer. Não havia nenhum lugar no apartamento onde ela pudesse ter se escondido. Mas ela não tinha saído de lá. No entanto...

Ouviu-se o barulho de algo raspando no chão, e um vulto escuro, maior do que um camundongo, saiu correndo do meio das fitas de vídeo embaixo da TV.

— Deus do céu! — exclamou Richard, jogando o controle remoto na coisa com toda a força. O controle caiu no meio das fitas com um estrondo. Mas não havia sinal do vulto.

— Richard! — gritou Door.

— Está tudo bem. Acho que era só um rato ou algo assim.

Ela o fuzilou com o olhar.

— Claro que era um rato! Agora você o assustou, coitadinho.

Door procurou pela sala, assoviando de leve entre os dentes da frente.

— Ei! — chamou ela. Ajoelhou-se no chão, deixando *Mansfield Park* abandonado. — Ei!

Ela voltou os olhos para Richard.

— Ah, se você o machucou... — ameaçou, e então, com uma voz suave, disse para a sala em geral: — Desculpe. Ele é um idiota. Alguém aí?

— Eu não sou idiota.

— Xiu! Tem alguém aí?

Um nariz rosa e dois pequenos olhos negros apareceram embaixo do sofá, seguidos do resto da cabeça, e o rato examinou tudo ao redor, desconfiado. Richard teve certeza de que era grande demais para ser só um camundongo.

— Oi! — disse Door, alegre. — Você está bem?

Ela estendeu a mão. O animal subiu até se abrigar na dobra do braço. Door o acariciou com o dedo. Ele era marrom-escuro e tinha um longo rabo cor-de-rosa. Havia algo parecido com um pedaço de papel dobrado preso a seu corpo.

— É um rato! — disse Richard.

— Sim, é um rato. Você não vai pedir desculpas?

— Quê?

— Peça desculpas.

Talvez ele não tivesse ouvido direito. Talvez fosse ele o louco.

— Pedir desculpas a um rato?

Door não respondeu nada, mas seu silêncio dizia tudo.

— Desculpe se o assustei — disse Richard para o rato, com ar muito digno. O rato olhou para Door.

— Não, ele está pedindo desculpas de verdade. Não está dizendo só por dizer. E então? O que você trouxe para mim?

Ela passou os dedos pelo corpo do rato e puxou um pedaço de papel marrom, dobrado diversas vezes. Estava preso com algo que, para Richard, parecia um elástico de azul intenso.

Door abriu o papel: tinha as bordas gastas e estava escrito em tinta preta, com caligrafia angulosa. Ela leu e meneou a cabeça.

— Obrigada — disse ao rato. — Obrigada por tudo.

O bicho disparou para o sofá, olhou Richard por um instante e desapareceu nas sombras.

A garota chamada Door passou o papel para Richard.

— Tome. Leia.

* * *

Era fim de tarde no centro de Londres e, com o outono chegando, já estava ficando escuro. Richard pegou o metrô para a Tottenham Court Road e agora estava caminhando na direção oeste, descendo a Oxford Street, segurando um pedaço de papel. A Oxford Street era o centro comercial de Londres, e mesmo naquela hora as calçadas estavam cheias de turistas e compradores.

— É uma mensagem do marquês de Carabas — disse ela, dando-lhe o papel.

Richard já tinha ouvido falar naquele nome.

— Legal. Mas ele não podia ter mandado um cartão-postal?

— Assim é mais rápido.

Passou pela barulhenta e iluminada megastore da Virgin, pela loja que vendia chapéus de policiais londrinos e pequenos ônibus vermelhos como suvenires, pela lanchonete que servia pizza em pedaços e virou à direita.

— Você precisa obedecer às instruções escritas. Tente não ser seguido — ela suspirou e completou: — Eu não devia te envolver nisso desse jeito.

— *Se eu seguir as instruções... você vai sair da minha casa mais rápido?*

— *Sim.*

Richard virou na Hanway Street. Embora tivesse dado apenas alguns passos além do burburinho iluminado da Oxford Street, era como se ele estivesse em outra cidade. A Hanway Street estava vazia, esquecida: uma rua escura e estreita, quase um beco, cheia de lojas de discos sombrias e restaurantes fechados. A única luz vinha dos bares meio escondidos nos andares superiores dos prédios. Apreensivo, ele manteve seu percurso.

— *Vire à direita na Hanway Street, depois à esquerda na Hanway Place e depois à direita de novo, na Orme Passage. Pare no primeiro poste...*

— Tem certeza de que isso está certo?

— *Tenho.*

Richard não se recordava de uma Orme Passage, embora já tivesse ido à Hanway Place: lá havia um restaurante indiano no subsolo, um lugar de que seu amigo Gary gostava muito. Até onde conseguia se lembrar, a Hanway Place era um beco sem saída. O restaurante se chamava The Mandeer. Ele passou pela porta do restaurante, muito iluminada, a escada o instigando a descer até o subsolo. Virou à esquerda e...

Ele estava errado. De fato havia uma Orme Passage. Havia uma placa

com o nome, bem alto na parede.

ORME PASSAGE Wl

É claro que ele não notara a passagem antes: era pouco mais do que uma viela estreita entre as casas, sob a luz intermitente de uma lâmpada a gás. Não se vê mais esse tipo de lâmpada por aí, pensou Richard. Segurando o papel com as instruções perto da luz, ele percorreu as palavras.

— *E aí dê três voltas,* widdershins?

— Widdershins *significa no sentido anti-horário, Richard.*

Ele deu três voltas, sentindo-se idiota.

— *Escuta, por que eu preciso fazer tudo isso só para ver o seu amigo? Digo, essa bobagem toda...*

— *Não é bobagem, Richard. De verdade. Só... tenta me agradar um pouco, vai? — e ela sorriu para ele.*

Richard parou de girar e desceu a ruazinha até o fim. Nada. Ninguém. Só uma lata de lixo de metal ao lado de algo que parecia uma pilha de trapos.

— Olá — chamou Richard. — Tem alguém aí? Sou amigo de Door. Alguém?

Não. Não havia ninguém. Richard ficou aliviado. Agora ele podia ir para casa e explicar à moça que nada havia acontecido. Ele chamaria as autoridades competentes, e elas resolveriam o problema. Amassou o papel numa bolinha e jogou na direção da lata de lixo.

O que Richard julgara ser uma pilha de trapos se desdobrou, expandiu-se e ficou de pé em um movimento suave. Uma mão apanhou a bolinha de papel no ar.

— Isto é meu, suponho — disse o marquês de Carabas. Ele vestia um enorme casaco negro, que não era um sobretudo nem uma capa de chuva, mas lhe conferia um toque dândi. Usava também botas pretas de cano alto e, por baixo do casaco, roupas em farrapos. Seus olhos eram muito brancos e seu rosto, muito escuro. Ele sorriu com dentes alvos por um instante, como se tivesse lembrado de algo engraçado, e fez uma reverência a Richard, dizendo:

— De Carabas, a seu dispor. E você se chama...?

— Hã... É... Hum...

— Você é Richard Mayhew, o jovem que resgatou Door quando ela se feriu. Como ela está agora?

— Hã... Ela está bem. Quer dizer, o braço ainda está meio...

— Sua rápida recuperação sem dúvida nos deixará surpresos. A família dela tinha um fantástico poder de se curar. Impressionante que alguém tenha conseguido matá-los, não acha?

O homem que chamava a si próprio de marquês de Carabas caminhava para lá e para cá na viela, inquieto. Richard já tinha percebido que ele era o tipo de pessoa que está sempre em movimento, como um grande felino.

— Alguém matou a família de Door?

— Não chegaremos a lugar nenhum se você ficar repetindo tudo o que eu disser, não é mesmo? — disse o marquês, agora de frente para Richard. — Sente-se — ordenou.

Richard olhou em volta em busca de algo onde pudesse se sentar. O marquês pôs a mão no ombro dele e o empurrou, derrubando-o de costas na calçada.

— Door sabe que meu preço não é baixo. O que exatamente ela oferece em troca?

— Como?

— Qual é o acordo? Ela o enviou aqui para negociar, meu jovem. Meu preço é alto, nunca faço nada de graça.

Deitado no chão, Richard encolheu os ombros o máximo que sua posição permitia.

— Ela me pediu para lhe pedir que a acompanhe até a casa dela, seja lá onde isso for, e arranje um guarda-costas.

Mesmo quando o marquês estava quieto, seus olhos nunca paravam de se mexer — para cima, para baixo, em círculos, como se ele estivesse procurando algo ou pensando em algo, adicionando, subtraindo, avaliando. Richard se perguntou se ele não seria meio louco.

— E o que ela oferece em troca?

— Bom... nada.

O marquês soprou as unhas e as poliu na lapela de seu belo casaco. E então deu as costas a Richard.

— Nada. Ela não está me oferecendo *nada*.

Parecia ofendido.

Richard voltou a ficar de pé.

— Bom, ela não falou em dinheiro, apenas disse que ficaria te devendo um favor.

Os olhos dele brilharam.

— Que tipo de favor, exatamente?

— Um enorme favor. Ela disse que ficaria te devendo um enorme favor.

De Carabas sorriu para si mesmo, como uma pantera faminta que acabou de avistar uma criança perdida no campo. Em seguida, virou para Richard e disse:

— E você a deixou sozinha? Com Croup e Vandemar à solta? Ora, o que está esperando?

O marquês se ajoelhou, pegou no bolso um pequeno objeto metálico e o encaixou na tampa de um bueiro, no canto da viela. Girou. A tampa saiu com facilidade. Colocou de lado o objeto metálico e pegou algo em outro bolso que pareceu a Richard um rojão ou sinalizador. De Carabas segurou o objeto com uma mão e alisou-o com a outra, fazendo surgir uma chama vermelha em sua extremidade.

— Posso fazer uma pergunta? — disse Richard.

— Sem dúvida que não. Você não fará perguntas. Nem obterá respostas. Não saia nunca do caminho. Nem pense sobre o que está acontecendo com você agora. Entendeu?

— Mas...

— O mais importante de tudo: nada de “mas”. E o tempo é muito valioso. Vamos andando.

Ele apontou na direção das profundezas reveladas pelo bueiro aberto. Richard obedeceu, descendo a escadinha de metal acoplada à parede do buraco. Sentiu-se numa situação tão bizarra que perdeu a vontade de fazer perguntas.

* * *

Richard ficou se perguntando onde estariam. Não parecia o esgoto. Talvez fosse um túnel para cabos de telefone ou trens muito pequenos. Ou para... alguma outra coisa. Deu-se conta de que não sabia muito a respeito do que havia sob as ruas de Londres. Caminhava nervoso, com medo de bater o pé em algo, tropeçar e quebrar o tornozelo. De Carabas andava a passos largos na frente, impassível, parecendo não se importar se Richard o seguia ou não. A chama vermelha lançava enormes sombras sobre as paredes do túnel. Richard correu para alcançá-lo.

— Vejamos... — disse de Carabas. — Precisarei levá-la ao Mercado. O próximo vai acontecer em... hum... dois dias, se não me falha a memória, e, é claro, ela nunca falha. Posso escondê-la enquanto isso.

— Mercado?

— O Mercado Flutuante. Mas não te interessa. Chega de perguntas.

Richard olhou em volta.

— Bom, eu ia perguntar onde nós estamos. Mas imagino que não vá me responder.

O marquês sorriu mais uma vez.

— Isso mesmo — disse, em tom de aprovação. — Você já tem problemas demais.

— Nem me fale — suspirou Richard. — Minha noiva me deixou, e eu talvez precise comprar um novo telefone...

— Ah, pelo Templo e o Arco! Um telefone é o menor de seus problemas.

De Carabas colocou o sinalizador no chão, apoiando-o na parede, onde ele continuou a cuspir sua luz, e começou a subir degraus de metal soldados na lateral do túnel. Richard hesitou por um instante, mas o seguiu. Os degraus estavam frios, enferrujados. Ele conseguia sentir o material áspero se desfazendo nas mãos enquanto subia, e pedacinhos de metal enferrujado caíam em seus olhos e sua boca. A luz vermelha lá embaixo tremeluziu e apagou. Eles continuaram a subir, na total escuridão.

— Estamos voltando para encontrar Door?

— Em breve. Preciso fazer uma coisinha antes, como garantia. E, quando vir a luz do dia, não olhe para baixo.

— Por que não?

Foi quando a luz do dia atingiu seu rosto, e ele olhou para baixo.

* * *

Era dia *(mas como era dia?, perguntou baixinho uma voz no fundo de sua*

mente. Não era quase de noite quando ele entrou na ruazinha há, sei lá, uma hora?), e ele estava se segurando a uma escada de metal que percorria a lateral externa de um prédio muito alto *(há alguns segundos ele subia a mesma escada, mas estava na parte de dentro, não era?)* e, lá embaixo, ele podia enxergar...

Londres.

Carros minúsculos. Ônibus e táxis minúsculos. Pequenos prédios. Árvores. Caminhões em miniatura. Pessoas diminutas. Lá embaixo, elas surgiam e desapareciam de foco.

Estaria certíssimo dizer que Richard Mayhew não lidava muito bem com a altura, mas isso não daria uma medida exata da situação. Richard odiava ficar no topo de uma montanha ou de um prédio alto: em algum lugar dentro de si ele sentia o medo — o mais perfeito terror, silenciosamente gritante — de que, se chegasse muito perto da beirada, algo se apossaria dele, fazendo-o seguir até a borda e caminhar para o espaço. Era como se Richard não confiasse totalmente em si próprio, e isso o assustava muito mais do que o simples medo de cair. Então ele dizia que tinha vertigem, odiava a sensação e a si mesmo, e nunca ia a lugares altos.

Richard ficou imóvel na escada. Suas mãos seguravam os degraus com firmeza. Sentia dor em algum ponto atrás dos olhos. Começou a respirar de maneira muito rápida e profunda.

— Pelo jeito alguém aqui não estava me ouvindo, não é? — disse uma voz acima dele, em tom jocoso.

— Eu... — a garganta de Richard não funcionava. Ele engoliu seco, tentando umedecê-la. — Não consigo me mexer.

Suas mãos estavam suando. E se elas suassem demais e ele simplesmente escorregasse para o vazio?

— Claro que consegue. Mas, se não conseguir, você pode ficar aqui, pendurado na escada até suas mãos congelarem, suas pernas cederem e você cair para uma morte horrível, uns trezentos metros lá embaixo.

Richard olhou para o marquês. Ele olhava para baixo, em sua direção, e ainda sorria. Quando viu que Richard estava olhando para ele, soltou ambas as mãos dos degraus e agitou os dedos na sua direção.

Richard sentiu uma onda de vertigem tomar conta dele.

— Desgraçado — disse em voz baixa, soltando a mão direita do degrau e movendo-a uns quinze centímetros, até achar o degrau de cima. Avançou a perna e, depois, a mão esquerda. Passado algum tempo, viu que estava na beira de um telhado horizontal. Pisou nele e desabou.

Percebeu que o marquês andava a passos largos no telhado, afastando-se dele. Richard apalpou o chão, sentindo a estrutura sólida embaixo de si. Seu coração estava disparado.

A certa distância, uma voz grosseira gritou:

— Você não é bem-vindo aqui, de Carabas. Vá embora. Dê o fora.

Richard ouviu de Carabas responder:

— Old Bailey! Mas você está com uma aparência ótima.

Nisso ouviu passos em sua direção e sentiu um dedo o cutucando de leve nas costelas.

— Tudo bem com você, moço? Estou fazendo um ensopado. Você quer? É de estorninho.

Richard abriu os olhos.

— Não, obrigado.

Primeiro viu as penas. Não sabia se era um casaco, uma capa ou algum tipo de cobertura estranha sem nome — o que quer que fosse estava completamente coberto por uma camada espessa de penas. Um rosto gentil e enrugado, com suíças, olhava para ele acima das penas. O corpo a que pertencia o rosto, onde não estava coberto por penas, estava envolto por cordas. Richard se lembrou de uma apresentação teatral de *Robinson Crusoé* que vira quando criança — Robinson Crusoé teria aquela aparência se estivesse preso num telhado em vez de perdido numa ilha deserta.

— Me chamam de Old Bailey, meu jovem — disse o homem.

Ele remexeu nos óculos velhos que estavam presos ao pescoço por um barbante e os colocou, observando Richard através deles.

— Não o reconheço. A que baronato você deve lealdade? Qual seu nome?

Richard se sentou. Estavam sobre o telhado de um prédio velho, construído com pedras marrons, com uma torre acima deles. Gárgulas envelhecidas pelo tempo, sem asas, membros — e em alguns casos até sem cabeça —, projetavam-se de forma melancólica dos cantos da torre. Richard podia ouvir lá embaixo uma sirene de polícia e o barulho emudecido do trânsito. Do outro lado do telhado, na sombra da torre, havia algo que parecia ser uma cabana, uma velha cabana marrom bastante remendada, com manchas brancas de cocô de pássaros. Richard abriu a boca para se apresentar ao velho.

— Você aí, cale a boca! Não diga mais uma palavra! — ordenou o marquês de Carabas.

Virando-se para Old Bailey, continuou:

— Quem põe o nariz onde não é chamado às vezes acaba ficando sem ele — disse, estalando os dedos com um barulho alto debaixo do nariz do velho, que se assustou. — Pois bem, você me deve um favor há vinte anos, Old Bailey, um grande favor. E agora vim cobrá-lo.

— Eu fui um tolo — murmurou o velho, pestanejando.

— Um velho tolo é o maior dos tolos — concordou o marquês.

Pôs a mão no bolso interno de sua casaca e de lá tirou uma caixa de prata, maior que uma caixa de rapé e menor que uma cigarreira, mas bem mais ornamentada que qualquer uma das duas.

— Você sabe o que é isto aqui? — perguntou ao velho.

— Quem me dera não saber.

— Você vai guardá-la para mim.

— Mas não quero.

— Você não tem escolha.

O velho do telhado pegou a caixa prateada e a segurou de um jeito estranho, com ambas as mãos, como se fosse algo que pudesse explodir a qualquer momento. O marquês empurrou Richard de levinho com o bico quadrado de sua bota preta.

— Bom. É melhor irmos andando, não?

Atravessou o telhado a passos largos. Richard ficou de pé e o seguiu, mantendo-se bem longe da beirada. O marquês abriu uma porta na lateral da torre, entre várias chaminés altas, todas muito juntas, e eles desceram uma escada em espiral mal iluminada.

— Quem era aquele homem? — perguntou Richard, tentando enxergar na luz fraca. Os passos dos dois ecoavam e reverberavam na escada de metal.

— Humpf. Não prestou atenção em nada que eu te disse, não é? Você já tem problemas demais. Tudo que fizer, disser e ouvir só vai piorar as coisas. É melhor rezar para que não tenha ido longe demais.

Agora a escuridão era absoluta. Richard tropeçou enquanto buscava os últimos degraus com os pés e descobriu que não havia mais nenhum.

— Cuidado com a cabeça — avisou o marquês, abrindo uma porta. Richard bateu a cabeça em algo duro e disse “ai”. Protegendo os olhos da luz, viu que estava do lado de fora de uma porta pequena. Esfregou a testa e depois os olhos. A porta por que tinham passado era do armário que ficava na escada do seu prédio. Lá dentro havia vassouras, um esfregão velho e uma grande variedade de produtos de limpeza, sabão em pó e cera. Ele não via nenhuma escada no fundo daquele armário, somente uma parede enfeitada por um calendário velho e manchado, sem razão para estar ali — a não ser que o ano de 1979 fosse acontecer de novo.

O marquês examinava o cartaz com a frase VOCÊ VIU ESTA MOÇA? que estava grudado do lado de fora da porta de Richard.

— Não é o melhor ângulo dela — observou.

Richard fechou a porta do armário de vassouras, pegou as chaves no bolso de trás, destrancou a porta da frente e entrou em casa. Ficou bastante aliviado ao ver, através das janelas da cozinha, que era noite de novo.

— Richard! Você conseguiu! — exclamou Door.

Ela havia tomado banho enquanto ele estivera fora, e as camadas de roupa que a cobriam davam a entender que pelo menos tentara tirar o grosso da sujeira e do sangue. As crostas de sujeira no rosto e nas mãos haviam desaparecido. O cabelo, depois de lavado, tinha um tom vermelho-escuro, com reflexos cor de bronze e cobre. Richard se perguntou que idade ela teria. Quinze? Dezesseis? Não saberia dizer.

Ela colocara o casaco de couro marrom que usava quando Richard a encontrara, que era grande e a envolvia inteira, como um casaco de aviador. Ele a fazia parecer menor do que já era, e até mais frágil.

— É, pois é — respondeu Richard.

O marquês de Carabas se ajoelhou numa perna e abaixou a cabeça.

— Milady — disse.

Ela parecia constrangida.

— Ah, por favor, levante-se, de Carabas. Fico feliz que tenha vindo.

Com um movimento suave, ele se pôs de pé.

— Pelo que sei, as palavras *favor* e *enorme* foram pronunciadas. Em conjunto.

— Mais tarde.

Ela foi até Richard e pegou suas mãos.

— Richard... Obrigada. Fico muito agradecida por tudo que fez. Eu troquei o lençol da sua cama. Queria retribuir o favor de algum jeito.

— Você já está indo embora?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Agora ficarei segura. Ou quase. Espero que sim. Pelo menos por um tempo.

— Para onde você vai?

Door sorriu suavemente e balançou a cabeça.

— Nada disso. Vou sair da sua vida. Você foi um anjo.

Ela ficou na ponta dos pés e o beijou no rosto, como amigos beijam amigos.

— Se eu precisar entrar em contato com você...? — começou Richard.

— Não entre. Nunca. E... — ela fez uma pausa. — Olha, eu sinto muito, tá?

Richard olhou para baixo, para seus pés, meio constrangido.

— Não há por que se desculpar — respondeu ele, e acrescentou, meio inseguro: — Foi divertido.

E logo olhou para frente de novo. Mas não havia ninguém.

TRÊS

NA MANHÃ DE DOMINGO, RICHARD ABRIU A ÚLTIMA GAVETA DO ARMÁRIO, pegou o telefone com formato de Batmóvel (presente de Natal dado há muitos anos pela tia Maude) e o conectou à parede. Tentou ligar para Jessica, mas não conseguiu. A secretária dela estava desligada, o celular também. Imaginou que ela tivesse voltado para a casa dos pais no interior, e não tinha vontade nenhuma de telefonar para lá. Os pais dela intimidavam Richard, cada um a sua maneira. Nenhum dos dois o aprovava inteiramente como genro. Na verdade, a mãe de Jessica certa vez mencionou casualmente o quanto eles estavam desapontados com o noivado. Tinha convicção de que Jessica poderia achar alguém bem melhor, se quisesse.

Os pais de Richard estavam mortos. O pai teve um enfarte repentino quando ele ainda era criança. A mãe foi morrendo devagarinho depois disso. Quando Richard saiu de casa, ela simplesmente começou a definhar: seis meses depois de sua mudança para Londres, ele pegou o trem de volta à Escócia para fazer companhia à mãe em seus últimos dois dias de vida, sentado à sua cabeceira em um pequeno hospital. Às vezes ela o reconhecia, em outras o chamava pelo nome do pai de Richard.

Richard estava sentado em seu sofá, pensativo. Os acontecimentos dos últimos dois dias ficavam cada vez menos reais, mais inverossímeis. Real era a mensagem deixada por Jessica em sua secretária eletrônica, dizendo que não queria vê-lo mais. Ele ouviu o recado diversas vezes naquele domingo, esperando sempre que a voz fosse ceder, que ele conseguiria ouvir certa

afeição nela. Mas não conseguiu.

Pensou em sair e comprar o jornal de domingo, mas desistiu. O chefe de Jessica, Arnold Stockton — a perfeita caricatura do homem de queixo quadrado que subiu na vida —, era dono de todos os periódicos de domingo que Rupert Murdoch não conseguira adquirir. Seus próprios jornais falavam dele, assim como os outros. Richard suspeitou que ler só o faria lembrar o jantar a que não comparecera na noite de sexta. Então, em vez disso, ele tomou um demorado e quente banho de banheira, comeu alguns sanduíches e bebeu várias xícaras de chá. Viu um pouco de TV, à tarde, e ensaiou conversas com Jessica em sua cabeça. Ao término de cada diálogo imaginário, eles se abraçavam e faziam sexo de um jeito selvagem, apaixonado, furioso, cheio de lágrimas, e tudo ficava bem.

* * *

Na manhã de segunda-feira, o despertador de Richard não tocou. Ele saiu às pressas, às dez para as nove, a pasta chacoalhando em sua mão, olhando para os dois lados da rua como um maluco e rezando para que um táxi aparecesse. Suspirou aliviado quando viu um grande carro preto descendo a rua, em sua direção, com o sinal de “táxi” amarelo aceso. Acenou e gritou.

O táxi passou suavemente ao lado dele, ignorando-o por completo. Virou uma esquina e foi embora.

Outro táxi. Outra luz amarela, dando a entender que estava disponível. Desta vez ele foi até o meio da rua sinalizar para o carro. O motorista o contornou e continuou seu rumo. Richard começou a xingar baixinho e resolveu correr para a estação de metrô mais próxima.

Tirou um monte de moedas do bolso. Na máquina de passagens, pressionou o botão de bilhete unitário para Charing Cross e colocou as moedas na fenda. Toda moeda que ele colocava atravessava direto a máquina e ia parar, tilintante, sobre a bandeja de troco. Nada de bilhete. Tentou outra máquina, com o mesmo resultado. E mais outra. O vendedor de bilhetes estava falando ao telefone quando Richard foi até ele reclamar e comprar sua passagem, mas, apesar de Richard gritar "Ei!" e "Com licença!" (ou por causa disso) e de bater desesperadamente na divisória plástica com uma moeda, o homem continuava impassível ao telefone.

— Ah, foda-se — praguejou Richard, pulando por cima da catraca. Ninguém o impediu, ninguém parecia se importar. Correu, sem fôlego e suando, suando, pela escada rolante, até alcançar a plataforma, lotada, no momento em que o metrô estava chegando.

Quando criança, Richard tinha sonhos nos quais ele simplesmente não existia — pesadelos em que, por mais barulho que fizesse, não importava o que fizesse, ninguém o notava. Começou a se sentir assim quando as pessoas se espremeram à sua frente. Foi esmurrado pela multidão, empurrado para lá e para cá por gente que saía e entrava.

Ele insistiu, empurrando e se enfiando também, até quase conseguir entrar no trem — um de seus braços já estava do lado de dentro —, e foi aí que as portas começaram a se fechar. Puxou a mão, mas a manga de seu casaco ficou presa. Começou a gritar e bater com força na porta, esperando que o condutor ao menos a abrisse um pouco para ele tirar a manga de lá. Mas, em vez disso, o trem começou a se mover, e ele teve que correr pela plataforma, tropeçando, cada vez mais rápido. Derrubou a pasta no chão e puxou desesperadamente a manga com a mão livre. A manga se rasgou e ele caiu para a frente, ralando a mão no piso e rasgando a calça na altura do joelho. Cambaleando, Richard se levantou e voltou até onde sua pasta havia

caído.

Olhou para a manga danificada, a mão machucada e as calças rasgadas. Subiu as escadas e saiu da estação. Ninguém lhe pediu o bilhete na saída.

* * *

— Desculpe o atraso — disse Richard para ninguém específico no escritório cheio de gente. O relógio na parede marcava 10h30. Ele jogou a pasta numa cadeira e enxugou o suor do rosto com um lenço.

— Vocês nem acreditam no quanto foi difícil chegar aqui. Um pesadelo — continuou.

Olhou para sua mesa de trabalho. Estava faltando alguma coisa — aliás, tudo.

— Onde estão as minhas coisas? — perguntou para a sala, um pouco mais alto. — Cadê meu telefone? E os meus trasgos?

Verificou as gavetas da mesa. Estavam vazias também: não havia nem uma embalagem de chocolate ou um clipe de papel retorcido para mostrar que ele estivera ali. Sylvia vinha em sua direção, conversando com dois cavalheiros bastante corpulentos. Richard foi até ela.

— Sylvia? O que está acontecendo?

— Pois não? — respondeu ela de maneira educada, enquanto fazia um gesto para que os homens corpulentos levassem a mesa. Cada um pegou o móvel de um lado e ele foi sendo carregado para fora do escritório.

— Com cuidado — advertiu Sylvia.

— Minha mesa! Para onde é que estão levando?

Sylvia ficou olhando para ele, um pouco confusa.

— O senhor é quem mesmo...?

Era só o que me faltava, pensou Richard.

— Richard. Richard Mayhew — respondeu, sarcástico.

— Ah.

A atenção dela se desviou de Richard como a água se desvia de um pato coberto de óleo:

— Não, por aí não, pelo amor de Deus — pediu Sylvia aos carregadores, e os seguiu enquanto levavam a mesa de Richard.

Ele ficou olhando enquanto ela ia embora. Depois caminhou pelo escritório até chegar à mesa de Gary, que estava respondendo um e-mail. Richard olhou para a tela: o e-mail, sexualmente explícito, não era endereçado à namorada do colega. Constrangido, Richard foi para o outro lado da mesa.

— Gary, o que está acontecendo? Isso é uma brincadeira?

Gary olhou em volta, como se tivesse escutado alguma coisa. Por meio do teclado, ativou o protetor de tela com hipopótamos dançarinos, balançou a cabeça, como se quisesse se livrar de algum pensamento, pegou o telefone e começou a discar. Richard bateu o fone no gancho com a mão de Gary junto, cortando a linha.

— Escuta aqui, não tem graça. O que é que vocês estão tramando?

Afinal, para seu grande alívio, Gary olhou para ele. Richard continuou:

— Se eu fui despedido, é só me dizer. Mas ficar fingindo que não estou aqui...

Gary sorriu e disse:

— Opa! Meu nome é Gary Perunu. Posso ajudá-lo?

— Acho que não — respondeu Richard com frieza, e saiu do escritório, deixando a pasta para trás.

* * *

O escritório de Richard ficava no terceiro andar de um edifício grande, antigo, do outro lado da Strand. Jessica trabalhava mais ou menos no andar do meio de um prédio alto, recoberto de espelhos cristalinos, no centro de Londres. Quinze minutos a pé dali.

Ele subiu correndo a rua. Chegou ao edifício Stockton em dez minutos, passou direto pelos seguranças uniformizados do térreo, entrou no elevador e subiu. Ficou se observando nos espelhos enquanto subia. Sua gravata estava torta e meio frouxa, o casaco e as calças, rasgados, o cabelo, desarrumado e suado... Deus do céu, ele estava horrível.

Após um som melódico, a porta do elevador se abriu. O andar em que Jessica trabalhava era opulento, mas de um jeito meio despojado. Havia uma recepcionista perto do elevador, uma criatura elegante e cheia de compostura, que aparentava ganhar muito mais do que Richard. Estava lendo uma revista *Cosmopolitan.* Ela não ergueu o olhar quando ele se aproximou.

— Preciso falar com Jessica Bartram — disse Richard. — É importante. Preciso falar com ela.

Preocupada com as próprias unhas, a recepcionista o ignorou. Richard caminhou pelo corredor até o escritório de Jessica. Abriu a porta e entrou. Ela estava de pé em frente a três grandes pôsteres, nos quais se lia "Anjos pela Inglaterra — Uma Exposição Itinerante", cada um com uma imagem de um anjo diferente. Ela se virou quando ele entrou e sorriu de forma amigável.

— Jessica... Graças a Deus. Olha, acho que estou ficando louco ou algo assim. Tudo começou quando eu não consegui pegar um táxi hoje de manhã, e depois o metrô e o escritório e... É como se eu tivesse virado uma não-pessoa — disse, mostrando a manga rasgada.

Ela sorriu para ele mais uma vez, encorajando-o a continuar. Ele continuou:

— Olha, me desculpa pelo que aconteceu na noite passada. Não pelo que eu fiz, mas por ter deixado você chateada e... olha, desculpa, está tudo uma loucura, eu nem sei o que fazer.

Jessica assentiu com a cabeça e continuou a sorrir com ar solidário. Então disse:

— Você vai me achar péssima, mas sou um fracasso com fisionomias. Me dê só um segundinho, já me lembro de você.

E, naquele momento, Richard soube que era tudo verdade. Sentiu um vazio horrível no fundo do estômago. A loucura daquele dia era real, seja lá o que fosse. Não era nenhuma brincadeira ou piada.

— Tudo bem — disse, resignado. — Esquece.

Virou-se, saiu pela porta e caminhou pelo corredor. Estava quase no elevador quando ela chamou seu nome.

— Richard!

Ele se virou. Era *mesmo* uma brincadeira, afinal. Algum tipo de vingança mesquinha. Algo que tinha explicação.

— Richard... Maybury? — ela parecia estar orgulhosa por ter se lembrado ao menos daquilo.

— Mayhew — corrigiu Richard, entrando no elevador. As portas emitiram um som melódico e triste quando se fecharam atrás dele.

* * *

Richard voltou a pé para o apartamento, chateado, confuso, revoltado. Às vezes acenava para os táxis, mas não tinha nenhuma esperança de que eles fossem parar — e nenhum parou. Seus pés doíam e os olhos ardiam, mas ele sabia que aquele dia acabaria logo e ele acordaria numa segunda-feira normal, um dia decente e verdadeiro.

Quando chegou ao apartamento, encheu a banheira com água quente, deixou as roupas sobre a cama e, nu, caminhou pelo corredor e entrou na água relaxante. Estava quase cochilando quando ouviu uma chave virar na fechadura. Em seguida, ouviu o barulho da porta abrindo e fechando, acompanhado de uma voz masculina suave:

— Claro que vocês são os primeiros a ver o apartamento hoje, mas temos uma lista enorme de pessoas interessadas.

— Não é tão grande quanto parecia na descrição que a corretora nos mandou — comentou uma mulher.

— É compacto, sem dúvida. Mas gosto de pensar nisso como uma qualidade.

Richard não havia se preocupado em trancar a porta do banheiro. Ele era

a única pessoa que morava ali, afinal. Uma voz masculina mais rouca disse:

— Achei que não fosse decorado. Você não tinha dito isso? Está bastante decorado pro meu gosto.

— O inquilino anterior deve ter deixado algumas de suas posses. Engraçado, não me informaram nada a respeito.

Richard ficou em pé na banheira. Como estava nu, e as pessoas poderiam entrar ali a qualquer momento, sentou-se de novo. Um tanto desesperado, procurou em volta por uma toalha.

— Ah, olha, George — observou a mulher no corredor. — Alguém esqueceu uma toalha na cadeira.

Richard avaliou e rejeitou alguns péssimos substitutos para a toalha: uma bucha vegetal de banho, um frasco de xampu pela metade e um pequeno pato amarelo de borracha.

— Como é o banheiro? — perguntou a mulher.

Richard agarrou a toalha de rosto e a esticou na frente dos quadris. Em seguida, levantou-se, com as costas para a parede, preparando-se para ficar com muita vergonha. Alguém abriu a porta do banheiro. Três pessoas entraram: um jovem com casaco de pelo de camelo e um casal de meia-idade. Richard se perguntou se estariam tão constrangidos quanto ele.

— É meio pequeno — opinou a mulher.

— Compacto — corrigiu o pelo de camelo, gentilmente. — Fácil de limpar.

A mulher passou o dedo na lateral da pia e torceu o nariz.

— Acho que já vimos tudo — disse o homem de meia-idade, e todos saíram do banheiro.

— Seria bem prático, sem dúvida — comentou a mulher.

A conversa continuou em um tom mais baixo. Richard saiu da banheira e foi até a porta. Viu a toalha sobre a cadeira no corredor e inclinou-se para pegá-la.

— Vamos ficar com ele — anunciou a mulher.

— Sério? — perguntou o pelo de camelo.

— É exatamente o que a gente quer — explicou ela. — Ou será, assim que o deixarmos mais aconchegante. Na quarta-feira já estará pronto?

— Claro. Amanhã tiramos toda esta tralha daqui, sem problema algum.

Richard, com frio, sentindo a água pingar do seu corpo e envolto pela toalha, lançou um olhar furioso da porta do banheiro.

— Não é tralha! São as minhas coisas — gritou.

— A gente pega as chaves no seu escritório, então.

— Ei! Eu moro aqui! — disse Richard, em tom queixoso. Passaram por ele ao sair pela porta da frente.

— Foi um prazer negociar com vocês — disse o sujeito com casaco de pelo de camelo.

— Ninguém... nenhum de vocês está me ouvindo? Este apartamento é meu. Eu moro aqui.

— Se você enviar os detalhes do contrato pro fax do meu escritório... — dizia o homem de voz rouca, e então a porta se fechou atrás deles. Richard ficou de pé no corredor do que costumava ser seu apartamento. Tremeu, no silêncio, com frio.

— Isto — anunciou ele para o mundo, desafiando os indícios que seus cinco sentidos lhe davam — não está acontecendo.

O Batfone tocou e as luzes piscaram. Richard atendeu, temeroso.

— Alô?

A linha fazia ruídos e chiados como se a chamada fosse feita de uma longa distância. A voz do outro lado não era desconhecida.

— Senhor Mayhew? Richard Mayhew?

— Sim — respondeu, e continuou, maravilhado: — Você pode me ouvir! Graças a Deus. Quem está falando?

— Eu e meu parceiro o conhecemos no sábado, senhor Mayhew. Eu perguntei sobre o paradeiro de uma certa jovem. Lembra-se?

O tom de voz era oleoso e traiçoeiro. Lembrava uma raposa.

— Ah, sim. Você.

— Senhor Mayhew... O senhor disse que Door não estava na sua companhia. Temos motivos para acreditar que o senhor estava floreando a verdade mais do que o necessário.

— Bom, e você disse que era irmão dela.

— Todos somos irmãos, senhor Mayhew.

— Ela não está mais aqui. E não sei onde está agora.

— Já sabemos disso, senhor Mayhew. Estamos plenamente cientes de ambos os fatos. E, para ser muitíssimo franco, senhor Mayhew (estou certo de que o senhor prefere que eu seja franco, não?), se eu fosse o senhor, não me preocuparia mais com a jovem. Os dias dela estão contados, e eles não chegam a ter dois dígitos.

— Por que você está me ligando?

— Senhor Mayhew — continuou o senhor Croup, em tom prestativo —, o senhor sabe qual o gosto do seu próprio fígado?

Richard ficou em silêncio. Ele prosseguiu:

— Porque o senhor Vandemar me prometeu que irá pessoalmente cortar o seu e colocá-lo na sua boca antes de degolar a sua pobre pessoa. Mas o senhor vai descobrir onde ela está, não é mesmo?

— Vou chamar a polícia. Você não pode me ameaçar desse jeito.

— Senhor Mayhew... O senhor pode chamar quem quiser. Mas odiaria que o senhor pensasse que o estamos ameaçando. Nem eu nem o senhor Vandemar fazemos ameaças, não é mesmo, senhor Vandemar?

— Não? Então *que diabo* você está fazendo agora?

— Estamos fazendo uma promessa — disse o senhor Croup, através da estática, dos chiados e dos ecos. — E sabemos onde o senhor mora.

E desligou.

Richard segurava o telefone com firmeza, olhando para ele, e então pressionou a tecla 9 três vezes: bombeiros, polícia e ambulância.

— Emergência — disse a telefonista. — Qual o serviço desejado?

— Pode me ligar com a polícia, por favor? Um homem acaba de me ameaçar de morte, e eu não acho que ele esteja brincando.

Houve uma pausa. Ele esperava que estivesse sendo transferido para a polícia. Depois de alguns instantes, a voz disse:

— Serviço de Emergência. Alô? Alguém na linha? Alô?

E então Richard pôs o fone no gancho, foi para o quarto e se vestiu, porque estava nu, assustado e com frio, e não havia nada que pudesse fazer.

* * *

Finalmente, depois de pensar um pouco, pegou sua mala preta de ginástica debaixo da cama e colocou meias nela. Cuecas. Algumas camisetas. O passaporte. A carteira. Ele vestia jeans, tênis e um suéter grosso. Lembrou-se de como a moça que dizia chamar-se Door tinha se despedido, da pausa que fizera, de como havia dito que sentia muito...

— Você sabia — disse para o apartamento vazio —, sabia que isso ia acontecer.

Foi até a cozinha, pegou algumas frutas da fruteira e colocou-as na mala.

Fechou o zíper e saiu para a rua escura.

* * *

O caixa eletrônico engoliu seu cartão com um som de “rrrrr”. POR FAVOR, DIGITE SUA SENHA, apareceu na tela. Richard digitou sua senha secreta (D-I-C-K). A tela ficou em branco. POR FAVOR, AGUARDE. E ficou novamente em branco. Algo nas entranhas da máquina roncou e rugiu.

CARTÃO INVÁLIDO. POR FAVOR ENTRE EM CONTATO COM O BANCO. Ouviu-se um barulho metálico e o caixa eletrônico cuspiu de volta o cartão.

— Tem um trocado aí? — perguntou uma voz cansada atrás de Richard.

Ele se virou. Havia um homem baixinho, velho e calvo, com barba desgrenhada e embaraçada, amarelada e cinzenta. As rugas em seu rosto estavam cheias de sujeira. Vestia um casaco imundo sobre a ruína do que fora um suéter cinza-escuro. Seus olhos também eram cinzentos e gelatinosos.

Richard deu ao homem seu cartão.

— Toma. Pode ficar com ele. Tem mais ou menos 1.500 libras, se você conseguir sacar.

O homem pegou o cartão com suas mãos enegrecidas de sujeira, olhou,

— virou o verso e agradeceu, desinteressado:

— Ah, claro. Com isto aqui e mais uns 60 *pence* eu posso comprar uma xícara de café.

Ele devolveu o cartão e começou a descer a rua. Richard pegou a mala, foi atrás do homem e disse:

— Ei... espere aí. Você consegue me ver.

— Não tem nada de errado com os meus olhos — retrucou o homem.

— Você já ouviu falar de um lugar chamado Mercado Flutuante? Preciso ir para lá. Uma moça chamada Door...

Mas o homem começou a dar passos para trás, apreensivo.

— Olha, eu realmente preciso da sua ajuda. Por favor.

O homem olhou para ele sem piedade nos olhos. Richard suspirou.

— Tá bem... Desculpe se te incomodei.

Virou-se para ir embora e, segurando bem firme as alças da mala com ambas as mãos, para que ela não balançasse, começou a descer a High Street.

— Ei! — sussurrou o homem.

Richard olhou para trás. Ele estava acenando para que o seguisse.

— Vem aqui, rápido!

O homem desceu correndo uma pequena escada nas casas abandonadas do lado da rua — degraus cheio de lixo, que levavam a prédios de apartamentos abandonados. Richard foi atrás dele. No fim da escada havia uma porta, que foi aberta pelo homem. Ele esperou até Richard a atravessar e fechou-a. Ficaram na completa escuridão. Ouviu-se um som de algo raspando e o ruído da chama consumindo um fósforo: o homem o levou até o pavio de uma velha lamparina, cuja luz era um pouco menos intensa que a do fósforo. Assim, eles caminharam por aquele lugar escuro.

Havia no ar um cheiro de mofo, de umidade e tijolos molhados, de podridão e escuridão.

— Onde estamos? — sussurrou Richard.

Seu guia fez “xiu!”. Chegaram a outra porta, em uma parede. O homem bateu nela, com ritmo. Houve uma pausa e em seguida ela se abriu.

Durante um segundo, Richard foi cegado pela luz repentina. Ele estava de pé num enorme salão abobadado, subterrâneo, cheio de fogueiras e de fumaça. Chamas queimavam aqui e ali pela sala, assando pequenos animais em espetos. Pessoas corriam de fogo em fogo. O lugar lembrava o Inferno — ou melhor, como ele achava que deveria ser o Inferno quando era criança. A fumaça irritava seus pulmões, e ele tossiu. Então uma centena de olhos se viraram e o observaram fixamente: uma centena de olhos que não piscavam nem pareciam muito amistosos.

Um homem foi até eles com passos rápidos. Tinha cabelos compridos, uma barba castanha irregular e suas roupas puídas tinham uma pele de animal costurada nas mangas e na gola — uma pele laranja, branca e preta, como se fosse de um gato malhado. Ele talvez fosse mais alto do que Richard, mas caminhava bastante encurvado, as mãos próximas do peito, os dedos juntos.

— Quê? O que é? O que que foi? — perguntou ao guia de Richard. — Quem você nos trouxe, Iliaster? Fala-fala-fala!

— Ele vem lá de cima — respondeu o guia. *(Iliaster?,* pensou Richard.)

— Ele me perguntou sobre a senhora Door e sobre o Mercado Flutuante. Então eu trouxe ele pro senhor, Lorde Falante de Ratês. Imaginei que o senhor saberia o que fazer.

Agora havia várias pessoas com casacos com detalhes em pele em volta deles, mulheres e homens, e até mesmo algumas crianças. Eles se moviam com passinhos ligeiros e pequenos: ficavam parados alguns instantes, depois vinham rápido na direção de Richard.

O Lorde Falante de Ratês enfiou a mão na roupa puída e puxou de lá um pedaço de vidro comprido e fino, de uns vinte centímetros. Enrolada na parte inferior, uma tira de couro mal curado formava um cabo improvisado. A luz do fogo resplandecia na lâmina. O Lorde Falante de Ratês a encostou na garganta de Richard.

— Ah, sim! Sim-sim-sim — disse, com voz chilreante, animado. — Sei *exatamente* o que fazer com ele.

QUATRO

O SENHOR CROUP E o SENHOR VANDEMAR SE ESTABELECERAM NO porão de um hospital vitoriano que estava desativado há dez anos por causa de um corte no orçamento do Ministério da Saúde. Os responsáveis pela propriedade, que anunciaram sua intenção de transformá-la em um magnífico edifício de luxo, desapareceram logo após o hospital ter sido fechado — e então ele ficou lá, ano após ano, cinzento, vazio, um elefante branco, com tábuas nas janelas e cadeados nas portas. O telhado estava podre, e goteiras de chuva espalhavam umidade e deterioração pelo prédio inteiro. Ele fora construído ao redor de um poço, que emitia uma luz cinzenta e um tanto sinistra.

O mundo do porão que ficava abaixo das alas hospitalares vazias tinha mais de uma centena de salinhas pequenas, algumas vazias, outras com material abandonado. Em uma delas havia uma enorme e pesada fornalha de metal, e em outra, chuveiros e vasos sanitários entupidos e sem água. Grande parte do piso do porão estava coberta por uma fina camada de água oleosa de chuva, que refletia a escuridão e a deterioração dos tetos apodrecidos.

Se uma pessoa descesse as escadas do hospital até o fim, passasse pelos lavabos com chuveiros abandonados, pelos banheiros dos enfermeiros e por uma sala cheia de vidro quebrado (onde todo o teto tinha caído, deixando-a aberta para as escadas acima), ela chegaria a uma escada de ferro pequena e enferrujada, cuja tinta branca, amarelada pelo tempo, caía, descascando-se em longas tiras úmidas. E, se a pessoa descesse por ali, atravessasse as poças

no fim da escada e empurrasse uma porta de madeira meio apodrecida, estaria em um andar abaixo do porão, uma enorme sala na qual 120 anos de lixo hospitalar acumulavam-se, abandonados e esquecidos. Era lá que o senhor Croup e o senhor Vandemar estavam morando por um tempo. As paredes eram úmidas e água caía do teto em goteiras. Coisas estranhas, que um dia já tinham sido vivas, criavam fungo nos cantos.

Os dois estavam só matando tempo. O senhor Vandemar arranjou em algum lugar uma centopeia — uma criatura de um laranja avermelhado, com quase vinte centímetros e horríveis presas venenosas — e a deixava correr sobre suas mãos, observando enquanto ela se enroscava entre seus dedos, desaparecendo numa manga e aparecendo na outra alguns instantes depois. O senhor Croup brincava com lâminas de barbear. Ele encontrara, num canto, uma caixa que deveria ter uns cinquenta anos, cheia de lâminas envoltas em papel, e estava pensando no que fazer com elas.

— Se o senhor puder desviar um pouco sua atenção, senhor Vandemar — disse ele —, dê uma olhadinha nisto aqui.

Segurando a cabeça da centopeia com delicadeza entre um enorme polegar e um grosso indicador para fazê-la parar de se mexer, o senhor Vandemar olhou para o amigo.

O senhor Croup colocou sua mão esquerda apoiada na parede, com os dedos afastados. Pegou cinco giletes na mão direita, mirou com cuidado e jogou-as em direção à outra mão. Cada uma delas ficou presa na parede entre seus dedos. Era como uma apresentação de um grande atirador de facas, só que em miniatura. Ele retirou a mão, deixando fincadas as giletes, que delineavam o local onde estiveram seus dedos, e virou-se para ser aplaudido pelo parceiro.

O senhor Vandemar não ficou impressionado.

— O que há demais nisso? — perguntou. — Você não cortou *nenhum* dedo.

O senhor Croup suspirou.

— Não cortei? Ora, macacos me mordam, o senhor tem razão. Como posso ter sido tão tolo?

Puxou as lâminas da parede, uma por uma, e as deixou cair sobre a mesa de madeira.

— Por que o senhor não me mostra como deve ser?

O senhor Vandemar assentiu. Colocou sua centopeia de volta no pote de geleia vazio onde ela ficava. Depois apoiou a mão esquerda contra a parede e afastou o braço direito, cuja mão segurava sua faca, afiada e equilibrada com perfeição. Apertou os olhos e atirou-a. A faca voou pelo ar e atingiu com um barulho o gesso úmido da parede, tendo antes atingido e penetrado a sua mão.

Um telefone começou a tocar.

O senhor Vandemar olhou para Croup, satisfeito, a mão ainda presa à parede.

— É *assim* que se faz — disse ele.

Havia um velho telefone no canto do sala, um aparelho antigo de duas peças, feito de madeira e baquelita, que não era usado no hospital desde a década de 1920. O senhor Croup levantou o fone, que tinha um longo fio coberto por tecido, e falou no receptor, preso à base.

— Croup e Vandemar Associados — disse, suavemente. — Removemos obstáculos, eliminamos chateações, cortamos membros irritantes. Também oferecemos serviços de odontologia.

A pessoa do outro lado da linha disse algo. O senhor Croup fez uma careta. O senhor Vandemar puxava a mão esquerda, mas não conseguia soltá-la da parede.

— Ah... Sim, senhor. Sem dúvida. Permita-me dizer o quanto esta conversa telefônica ilumina e anima um dia que do contrário poderia ser horrível e tedioso.

Outra pausa.

— Sim, claro. Não vou mais ficar adulando ou rastejando. Fico feliz por fazer sua vontade. É uma honra e... o que sabemos? Bom, sabemos que...

Mais uma interrupção. O senhor Croup enfiou o dedo no nariz, paciente e pensativo, e continuou:

— Não, não sabemos onde ela está neste exato momento. Mas não precisamos saber. Ela vai estar no Mercado hoje à noite e...

Comprimiu forte os lábios e completou:

— Não temos nenhuma intenção de violar a trégua que estabeleceram no Mercado. Vamos esperar até que a moça saia de lá para acabar com ela...

Ficou em silêncio, fazendo que “sim” com a cabeça de vez em quando.

O senhor Vandemar tentava tirar a faca da parede com sua mão livre, mas ela estava bem presa.

— Sim, podemos fazer — disse o senhor Croup. — Quero dizer, nós vamos fazer isso. Claro. Sim. Eu sei. E, meu senhor, talvez nós possamos falar sobre...

Mas a pessoa já havia desligado. O senhor Croup ficou olhando para o fone por alguns instantes, depois o colocou no gancho.

— Você se acha tão esperto — sussurrou ele.

E então percebeu o apuro era que se encontrava o senhor Vandemar:

— Pare com isso.

Inclinou-se, puxou a faca da parede, retirando-a do dorso da mão do parceiro, e colocou-a sobre a mesa.

O senhor Vandemar balançou a mão esquerda e flexionou os dedos. Depois limpou os restos de gesso úmido da lâmina.

— Quem era?

— Nosso chefe. Parece que a outra não vai servir. Não tem idade suficiente. Precisa ser a Door.

— Então não podemos mais matá-la?

— Isso, senhor Vandemar. Seria mais ou menos esse o resumo da ópera, de fato. Mas parece que a senhorita Door anunciou que vai contratar um guarda-costas. No Mercado. Hoje à noite.

— E daí?

O senhor Vandemar cuspiu no dorso e na palma da mão, onde a faca tinha entrado e saído. Esfregou o cuspe com seu grosso polegar. A carne se fechou, cicatrizada: a mão estava curada.

O senhor Croup pegou do chão seu velho casaco, pesado, negro e brilhante de tão velho. Vestiu-o.

— E daí, senhor Vandemar, que deveríamos contratar um guarda-costas para nós também, não?

O senhor Vandemar deslizou a faca de volta para o estojo que ficava em sua manga. Também vestiu seu casaco, enfiou as mãos bem fundo nos bolsos e ficou agradavelmente surpreso por encontrar lá um camundongo quase inteiro. Que bom. Estava com fome. Então pensou na última frase do senhor Croup, com o cuidado de um anatomista que disseca o corpo de seu único e verdadeiro amor. E, dando-se conta da falha no raciocínio do parceiro, concluiu:

— Mas nós não precisamos de um guarda-costas, senhor Croup. Nós ferimos pessoas. Nunca somos feridos.

O senhor Croup apagou as luzes.

— Ah, senhor Vandemar... — disse ele, saboreando o som das palavras, como costumava saborear o som de todas as palavras. — “Se alguém nos corta, nós não sangramos?”

O senhor Vandemar pensou por um instante, no escuro. E então respondeu, certeiro:

— Não.

* * *

— Um espião do Mundo de Cima, hein? Eu deveria rasgá-lo da garganta à barriga e adivinhar o futuro com suas entranhas — disse o Lorde Falante de Ratês.

— Olha... — disse Richard, com as costas contra a parede e a lâmina de vidro pressionada contra seu pomo de Adão. — Acho que vocês estão meio enganados. Meu nome é Richard Mayhew. Posso provar quem eu sou. Tenho meu cartão da biblioteca aqui, cartões de crédito... Um monte de coisas — acrescentou, desesperado.

Richard percebeu, com a clareza impassível que só surge quando um lunático está prestes a cortar sua garganta com um pedaço de vidro, que do outro lado da sala as pessoas estavam se jogando no chão, em reverência. Um pequeno vulto negro vinha na direção deles.

— Acho que se vocês pensarem um pouco vão perceber que é tudo um grande engano — disse Richard.

Ele não tinha nenhuma ideia do que estava falando: sabia apenas que palavras saíam de sua boca e, enquanto falasse, pelo menos não estava morto.

— Então por que você não põe isso pra lá e... ei, essa mala aí é minha!

Esta última frase foi dita para uma adolescente magra e desgrenhada que havia pegado a mala de Richard e estava jogando tudo o que ele tinha no chão, de forma muito rude.

As pessoas na sala continuavam no chão, enquanto a pequena coisa se aproximava. Ela chegou até o grupo que estava em volta de Richard, embora ninguém tivesse percebido. Todos estavam olhando para ele.

Era um rato. Olhou para Richard, curioso. Ele teve a impressão bizarra e momentânea de que o bicho *piscou* para ele com um de seus pequenos olhinhos, que mais lembravam gotas de petróleo. E então o rato guinchou alto.

O homem com a adaga de vidro se ajoelhou. Assim também fizeram as pessoas ao redor deles e, depois de hesitar um pouco e com menos jeito, o mendigo, que chamavam de Iliaster. Em poucos instantes, Richard era o único que continuava em pé. A menina magricela o puxou pelo cotovelo, e ele também se abaixou.

O Lorde Falante de Ratês fazia tamanha reverência que seu longo cabelo roçava o chão. Ele guinchou de volta ao rato, enrugando o nariz, mostrando os dentes, fazendo “qüi-qüi” e chiando, como se ele mesmo fosse um enorme rato.

— Será que alguém pode me dizer... — murmurou Richard.

— Quieto! — ordenou a magricela.

O rato subiu (com o que parecia ser um certo ar de desdém) na mão suja do Lorde Falante de Ratês, e o homem o segurou, de forma respeitosa, na frente do rosto de Richard. O roedor balançou a cauda com languidez enquanto examinava seus traços.

— Este é o senhor Caudalonga, do clã Cinza — explicou o Lorde Falante de Ratês. — Ele está dizendo que seu rosto lhe é bastante familiar e deseja saber se já o encontrou antes.

Richard olhou para o rato. O rato olhou para Richard.

— Talvez sim — admitiu.

— Ele diz que estava despachando uma mensagem para o marquês de Carabas.

Richard observou o animal mais de perto.

— É *aquele* rato? Sim, nós já nos encontramos. Na verdade, eu joguei o controle da TV nele.

Algumas das pessoas que estavam em volta do grupo pareciam chocadas. A magricela até soltou um gritinho. Richard nem ligava. Pelo menos havia um rosto conhecido naquela loucura toda.

— Olá, ratinho. É bom vê-lo de novo. Você sabe onde Door está?

— "Ratinho"! — exclamou a garota, entre algo que parecia um gritinho e o ato de engolir seco, horrorizada. Grudado em suas roupas esfarrapadas havia um grande adesivo vermelho de papel, meio manchado, do tipo que vem preso aos cartões de aniversário. Nele estava escrito, em letras amarelas: TENHO 11 ANOS.

O Lorde Falante de Ratês moveu a adaga de vidro de um jeito ameaçador, na direção de Richard.

— Você não deve dirigir a palavra ao senhor Caudalonga, senão por meu intermédio.

O rato fez "qüi-qüi", dando uma ordem. O homem pareceu desolado.

— Ele? — perguntou, olhando Richard com desdém. — Mas não posso poupar ninguém. E se eu só cortar o pescoço dele e mandá-lo lá pra baixo, para o Povo do Esgoto...

O rato guinchou mais uma vez, num tom imperativo, e então pulou do ombro do homem para o chão e desapareceu em algum dos muitos buracos nas paredes.

O Lorde Falante de Ratês ficou de pé. Havia cerca de cem olhos fixos nele. Virou as costas para a parede e olhou para seus súditos, debruçados ao lado das fogueiras.

— Não sei o que vocês estão olhando — gritou. — Quem é que está virando os espetos, hein? Vocês querem que essa gororoba queime? Não há nada para ver aqui. Continuem! Sumam da minha frente!

Richard se levantou, ansioso. Sua perna esquerda estava formigando, e ele tentava reativar a circulação massageando-a. O Lorde Falante de Ratês olhou para Iliaster.

— Ele precisa ser levado ao Mercado. Ordens do senhor Caudalonga.

Iliaster fez que não com a cabeça e cuspiu no chão.

— Bom, eu é que não vou levá-lo. É uma viagem muito perigosa. Vocês falantes de ratês sempre foram bons para mim, mas eu não posso voltar lá. Vocês sabem disso.

O Lorde Falante de Ratês assentiu. Guardou a adaga em seu robe e então sorriu para Richard com seus dentes amarelados.

— Você não sabe a sorte que teve.

— Sim, eu sei — respondeu Richard. — Sei sim.

— Não, não sabe. Não mesmo.

Então balançou a cabeça e disse para si mesmo, zombeteiro:

— “Ratinho”!

O Lorde Falante de Ratês pegou Iliaster pelo braço e os dois se afastaram um pouco, só o suficiente para não serem ouvidos, e começaram a falar, lançando olhares para Richard enquanto conversavam.

A magricela estava engolindo uma das bananas de Richard na demonstração menos erótica que ele jamais vira de alguém comendo uma banana.

— Sabe, isso aí ia ser o meu café-da-manhã.

Ela lançou para ele um olhar de culpa.

— Meu nome é Richard. E o seu?

A menina (que, ele percebeu, já tinha comido grande parte de suas frutas) engoliu o restante da banana e hesitou. Então, deu um meio sorriso e

disse algo que se parecia bastante com “Anestesia”.

— Eu estava com fome.

— Eu também — disse Richard.

Ela lançou um olhar para as pequenas fogueiras ao longo do salão. E se voltou para Richard, sorrindo de novo.

— Você gosta de gato? — perguntou.

— Sim. Gosto.

A menina parecia aliviada com a resposta. Continuou:

— Você prefere peito ou coxa?

* * *

A moça chamada Door caminhou pela praça, seguida do marquês de Carabas. Havia mais uma centena de pequenas praças, vielas e becos como aquela em Londres, pequenas ramificações de um tempo antigo, imutáveis há trezentos anos. Mesmo o cheiro de mijo ali era o mesmo da época de Pepys, três séculos antes. Ainda faltava uma hora para o amanhecer, mas o céu já começava a clarear, assumindo uma cor cinzenta e lúgubre. Fiapos de névoa pairavam como fantasmas lívidos no ar.

A porta estava lacrada sem cuidado, com tábuas, e coberta com pôsteres manchados de bandas esquecidas e casas noturnas há tempo fechadas. Os dois pararam e o marquês olhou a porta, cheia de tábuas, pregos e pôsteres, e não pareceu muito impressionado — mas ele nunca se impressionava com nada mesmo.

— Então a entrada é aqui? — perguntou.

Ela assentiu.

— Uma delas.

Ele cruzou os braços.

— E aí? Diga “Abre-te Sésamo”, ou sei lá o que você costuma dizer.

— Será que devo? Não sei se estamos fazendo a coisa certa.

— Muito bem — disse o marquês, descruzando os braços. — Vejo você por aí, então.

Deu meia-volta e começou a retornar pelo caminho por onde vieram. Door o pegou pelo braço.

— Você vai me abandonar? Assim, sem mais nem menos?

Ele sorriu, mas sem bom humor.

— Claro. Sou um homem muito ocupado. Tenho coisas pra ver, pessoas que preciso encontrar.

— Espera um pouco.

Ela soltou sua manga e mordeu o lábio inferior. Continuou:

— Na última vez em que eu estive aqui... — e sua voz sumiu.

— Na última vez em que esteve aqui, você viu sua família morta. Pronto. Não precisa mais explicar. Se não entrarmos, não poderei te ajudar.

Ela olhou para cima, para ele, o rosto pálido e élfico à luz do alvorecer.

— Só isso?

— Bom, eu poderia desejar toda a sorte do mundo para o seu futuro, mas receio que você não viva o suficiente para ter um futuro.

— Você é um caso sério, não?

Ele não respondeu. Ela voltou até a porta e disse:

— Bom... Vamos lá. Vou abrir.

Door colocou a mão esquerda sobre a porta e, com a direita, pegou a grande mão morena do marquês. Seus pequenos dedos estavam entrelaçados nos grandes dedos dele. Fechou os olhos.

... algo sussurrou, estremeceu, transformou-se...

... e a porta se despedaçou na escuridão.

* * *

A cena ainda estava fresca na memória, pois acontecera havia poucos dias: Door movia-se pela Casa Sem Portas dizendo "Cheguei!" e "Tem alguém em casa?". Ela passava suavemente da antessala para a sala de jantar, a biblioteca, a sala de estar; mas ninguém respondia. Foi até outro aposento.

A piscina era interna, de estrutura vitoriana, feita de mármore e ferro fundido. O pai dela encontrara a piscina quando era mais jovem, abandonada e prestes a ser destruída, e então a entrelaçou à Casa Sem Portas. Talvez no mundo exterior, na Londres-de-Cima, aquela sala tivesse sido demolida e esquecida. Door não tinha a menor ideia de onde ficavam os aposentos de sua casa no mundo físico. Seu avô a construíra pegando uma sala ali, outra acolá, em toda a Londres, aquela cidade à parte e sem portas, e seu pai adicionara mais aposentos.

Caminhou pela lateral da velha piscina, satisfeita por estar em casa, mas intrigada pela ausência de sua família. Foi quando olhou para baixo.

Havia alguém flutuando, rodeado por duas nuvens de sangue, suspensas na água — uma saindo do pescoço e outra, da virilha. Era seu irmão, Arch. Os olhos dele estavam abertos, mas não enxergavam nada. Door percebeu que sua própria boca estava aberta. Ela podia ouvir-se gritando.

* * *

— Isso doeu — disse o marquês. Ele esfregou a testa com força e virou o pescoço, como se estivesse tentando aliviar um torcicolo repentino.

— As memórias — explicou ela — estão impregnadas nas paredes.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Você podia ter me avisado.

Os dois estavam em uma grande sala branca. Todas as paredes tinham diversos quadros, cada um retratando uma sala diferente. A sala branca não tinha portas: nenhuma abertura de nenhum tipo.

— Decoração interessante — reconheceu o marquês.

— Este é o salão de entrada. Podemos ir daqui para qualquer aposento na casa. Estão todos ligados.

— Onde estão os outros aposentos?

Ela balançou a cabeça.

— Não sei. A quilômetros de distância, imagino. Estão todos espalhados pelo Submundo.

O marquês conseguira percorrer toda a sala com vários passos largos e apressados.

— Notável. Uma casa associativa, em que cada aposento está em outro lugar. Muito criativo. Seu avô era um homem de grande visão, Door.

— Eu não o conheci.

Ela engoliu em seco e continuou, falando mais para si mesma do que para ele.

— A ideia era que ficássemos seguros aqui. Ninguém poderia nos machucar. Só minha família era capaz de circular por aqui.

— Espero que o diário do seu pai nos dê alguma pista. Por onde começamos a procurar?

Door encolheu os ombros.

— Você tem certeza de que ele tinha um diário? — continuou ele. Ela fez que sim e disse:

— Ele costumava ir para o escritório e manter as ligações entre os cômodos fechadas até terminar de ditar.

— Vamos começar pelo escritório, então.

— Mas eu já procurei lá. Mesmo. Procurei em todos os lugares. Quando eu estava limpando o corpo...

Nisso Door começou a chorar, soluços baixos, violentos, que pareciam estar sendo arrancados de dentro dela.

— Calma, calma — disse o marquês, sem jeito, dando leves tapinhas em seu ombro. Acrescentou mais um, só para garantir:

— Calma...

Ele não era muito bom em confortar os outros.

Os olhos de Door, de uma cor estranha, estavam cheios d'água.

— Será que... você pode me dar licença um instantinho? Eu vou ficar bem.

Ele fez que sim e foi até o outro canto da sala. Quando olhou, Door ainda estava lá, em pé, sozinha, sua silhueta delineada na sala branca cheia de quadros de aposentos, abraçando a si mesma, tremendo e chorando como uma menininha.

* * *

Richard continuava chateado por não ter mais sua mala.

O Lorde Falante de Ratês se mantinha impassível. Afirmou, num tom grosseiro, que o rato — o senhor Caudalonga — nada dissera sobre devolver as coisas de Richard. Era só levá-lo ao Mercado. Então o Lorde disse a Anaesthesia que ela estava incumbida de fazer isso e que, sim, era uma ordem. E para ela parar de choramingar e ir logo. Disse a Richard que se ele, o Lorde Falante de Ratês, o visse de novo, ele estaria em apuros. Reiterou que Richard não tinha ideia da própria sorte e, ignorando os pedidos para que devolvesse suas coisas (ou pelo menos sua carteira), levou-os até uma porta. Quando Richard e a menina a atravessaram, trancou-a.

Richard e Anaesthesia caminhavam lado a lado na escuridão.

Ela levava uma lamparina improvisada, feita com uma vela, uma lata, uns fios e uma garrafa de vidro de boca larga. Ele ficou surpreso com a rapidez com que seus olhos se acostumaram à escuridão. Parecia que estavam atravessando uma sucessão de salas e porões subterrâneos. Às vezes, ele achava que via algo se mover nos cantos das salas, mas, fosse humano, rato, ou algo completamente diferente, sempre sumia quando chegavam ao local onde o vulto estivera. Se tentava falar com Anaesthesia sobre o assunto, ela só fazia “xiu!”.

Sentiu uma brisa fria no rosto. A menina-rato se agachou de repente, colocou no chão a lamparina improvisada e puxou com força uma grade de metal que estava numa parede. A grade cedeu subitamente, deixando a menina estatelada no chão. Ela fez um gesto para que Richard passasse por ali. Ele se agachou e passou. Quando deu mais um passo, viu que não havia mais chão.

— Ei — sussurrou —, tem um buraco aqui.

— Não é muito alto — respondeu ela. — Pode continuar.

Anaesthesia atravessou a parede e fechou a abertura atrás de si com a grade. Estava perto demais de Richard.

— Toma — disse, dando a ele a pequena lamparina. Então desceu pela abertura e caiu na escuridão.

— Pronto. Não foi difícil, foi?

O rosto dela estava um pouco abaixo dos pés de Richard, sentado na beirada do buraco.

— Me dá aqui a lamparina.

Quando ele a abaixou, ela teve que pular para pegá-la.

— Agora desça — sussurrou.

Richard foi um pouco mais para a frente, meio nervoso, ficou bem na beirada, esperou um instante e se soltou. Pousou sobre as mãos e os pés no chão, coberto por uma lama fofa e úmida. Limpou as mãos no suéter. Mais alguns passos à frente, Anaesthesia abria outra porta. Atravessaram e ela fechou a porta atrás deles.

— Agora podemos falar — disse ela. — Não em voz alta, mas podemos. Se você quiser.

— Ah. Obrigado.

Ele não conseguia pensar em nada para dizer.

— Então... hã... Você é um rato, certo?

Ela deu uma risada de japonesinha, cobrindo o rosto com as mãos.

— Ah, não tenho tanta sorte. Quem me dera. Não, sou uma falante de ratês. Nós falamos com os ratos.

— Então... vocês só conversam com eles?

— Ah, não. Nós fazemos coisas por eles. Quer dizer... — e o tom de voz dela parecia indicar que aquilo era algo que Richard jamais poderia imaginar se ninguém lhe tivesse dito — *existem* certas coisas que os ratos *não conseguem* fazer, sabe? Quer dizer, eles não têm dedos, polegares, essas coisas. Espera...

Ela pressionou Richard contra a parede de repente, cobrindo sua boca com uma mão suja. Então soprou a chama da vela.

Nada aconteceu.

Ele ouviu vozes ao longe. Os dois ficaram imóveis, na escuridão e no frio. Richard tremia.

Algumas pessoas passaram por eles, falando baixo. Quando não podiam ouvir mais nada, Anaesthesia tirou a mão da boca de Richard, acendeu a vela

de novo, e eles continuaram a andar.

— Quem eram? — perguntou Richard. Ela encolheu os ombros.

— Sei lá — respondeu.

— Então por que a gente se escondeu deles?

Ela o olhou com um ar triste, como uma mãe que tenta explicar para o filho que, sim, aquele fogo *também* queimava. Todo fogo queima. Confie no que a mamãe diz, sim?

— Vamos. Eu conheço um atalho. Podemos passar por um trecho da Londres-de-Cima.

Subiram alguns degraus e a menina empurrou uma porta. Assim que os dois passaram, ela se fechou atrás deles.

Richard olhou em volta, confuso. Estavam no Embankment, a longa via construída pelos vitorianos ao longo da margem norte do rio Tâmisa, que cobria o sistema de drenagem e a recém-criada District Line do metrô, substituindo as bordas lamacentas e malcheirosas que apodreceram em volta do rio nos quinhentos anos anteriores. Ainda era noite — ou talvez fosse a noite do dia seguinte. Ele não sabia ao certo quanto tempo tinham andado no escuro, no subterrâneo.

A lua não aparecia, mas o céu era uma festa de estrelas brilhantes e claras de outono. Também havia as luzes da rua, e as dos prédios e das pontes, que pareciam estrelas terrestres — seu reflexo brilhava e cintilava na água do rio. *É um mundo encantado,* pensou ele.

Anaesthesia soprou a vela. Richard perguntou:

— Tem certeza de que este é o caminho certo?

— Sim. Certeza.

Caminharam e aproximaram-se de um banco de madeira. Assim que pôs os olhos nele, Richard teve a sensação de que aquele banco era o que ele mais queria na vida.

— Posso sentar? Só um pouquinho?

Ela deu de ombros. Sentaram-se cada um em uma ponta.

— Na sexta-feira eu trabalhava para uma das melhores firmas de análise de investimento de Londres.

— O que é uma firma de análise de investimento?

— Era onde eu trabalhava.

Ela assentiu com a cabeça, satisfeita.

— Certo. E...?

— Ah, só estou lembrando, só isso. Ontem... foi como se eu não existisse mais para ninguém aqui em cima.

— É porque você não existe — explicou Anaesthesia.

Um casal que andava lentamente de mãos dadas pelo Embankment chegou ao banco e sentou-se entre Richard e Anaesthesia. A mulher e o homem começaram a se beijar com paixão.

— Ei, com licença — disse Richard para eles.

A mão do homem estava dentro do suéter da mulher, movimentando-se com entusiasmo, como se fosse um viajante solitário descobrindo um continente inexplorado.

— Eu quero a minha vida de volta — disse Richard ao casal.

— Eu te amo — murmurou o homem para a mulher.

— Mas a sua mulher... — respondeu ela, lambendo o rosto dele.

— Ah, foda-se ela.

— Foda-se ela nada! — retrucou a mulher, com uma risadinha meio bêbada. — Foda-me você!

E colocou a mão no meio das pernas dele, rindo mais.

— Vamos embora — disse Richard para Anaesthesia, sentindo que o banco tinha se tornado um lugar não muito aprazível. Levantaram-se e saíram caminhando. Anaesthesia olhou para trás, curiosa, para o casal no banco, cada vez mais na horizontal.

Richard não disse nada.

— Tudo bem? — perguntou Anaesthesia.

— Nada bem. Você sempre morou lá embaixo?

— Não. Eu nasci aqui em cima — contou ela, e hesitou. — Você quer mesmo saber a minha história?

Richard percebeu, quase surpreso, que queria muito saber.

— Quero sim. De verdade.

Ela remexeu com os dedos as contas rústicas de quartzo do colar que tinha no pescoço e engoliu em seco.

— Éramos eu, minha mãe e as gêmeas... — disse ela, e parou de falar. Comprimiu os lábios.

— Continue. Pode falar, está tudo bem. De verdade.

A menina assentiu com a cabeça. Respirou fundo e recomeçou, sem olhar para ele, os olhos fixos no chão.

— Bom, a minha mãe teve a mim e minhas irmãs, mas aí ficou meio maluca. Um dia eu voltei da escola e ela estava chorando muito, pelada e quebrando tudo. Pratos, tudo. Mas ela não machucou a gente. Ela nunca machucava a gente. A moça do serviço social veio e levou as gêmeas embora. Eu tive que ficar com a minha tia. Ela morava com um homem. Eu não gostava dele. E quando ela saía de casa...

A menina fez uma pausa tão longa que Richard pensou que ela havia parado de falar. Mas ela recomeçou:

— Bom, de qualquer maneira, ele me machucava. Fazia outras coisas também. No fim eu contei pra minha tia e ela começou a me bater. Disse que eu estava mentindo. Disse que ia me entregar pra polícia. Mas eu não estava mentindo. Então eu fugi. Era o meu aniversário.

Eles passavam pela Albert Bridge, ponte que vai de um lado ao outro do Tâmisa, ligando Battersea e a extremidade do Embankment que fica em Chelsea — uma ponte com milhares de luzinhas brancas.

— Eu não tinha pra onde ir. E estava tão frio — Anaesthesia fez outra pausa. — Dormia na rua, de dia, quando estava um pouco mais quente, e ficava andando de noite, só pra me movimentar. Tinha 11 anos. Eu roubava leite e pão que deixavam na porta das casas pra comer. Odiava fazer aquilo, então comecei a pegar as maçãs e as laranjas podres que as pessoas jogavam fora nas feiras. Mas aí fiquei muito doente. Morava embaixo de um viaduto em Notting Hill. Quando acordei, estava na Londres-de-Baixo. Os ratos tinham me achado.

— Você já tentou voltar pra cá, pra tudo isso? — perguntou ele, fazendo um gesto para indicar o mundo ao redor. Casas calmas, aquecidas, habitadas. Carros. O mundo real...

Ela balançou a cabeça. *Todo fogo queima, filho. Você vai aprender.*

— Não dá. É um ou o outro. Ninguém tem as duas coisas ao mesmo tempo.

* * *

— Desculpa — disse Door, meio hesitante. Seus olhos estavam vermelhos e ela tinha cara de quem há pouco estivera assoando o nariz bem forte e esfregando as lágrimas dos olhos e das bochechas.

Enquanto esperava ela se recuperar, o marquês havia se distraído, brincando de passar algumas moedas e ossos velhos que tinha em um dos muitos bolsos de sua casaca para lá e para cá sobre os nós dos dedos. Ele lançou um olhar frio.

— Mesmo?

Ela mordeu o lábio inferior.

— Não, não de verdade. Não estou triste. Eu ando correndo, me escondendo e fugindo tanto que... Essa foi minha primeira chance de... — e parou de falar.

O marquês colocou as moedas e os ossos de volta no bolso.

— Você primeiro — disse ele.

Ele a seguiu até uma das paredes com quadros. Ela colocou uma mão sobre a pintura do escritório de seu pai e pegou a enorme mão morena do marquês com a outra.

...a realidade se contorceu...

***

Estavam na estufa, regando as plantas. Primeiro vinha Portia, direcionando o fluxo de água para a terra na base da planta, protegendo as folhas e as flores. "Molhe os sapatos", dizia ela à filha mais nova. "Nunca as roupas."

Ingress tinha seu próprio regadorzinho. E se orgulhava dele. Era igualzinho ao da mãe, feito de aço e pintado de um verde bem brilhante. Quando sua mãe terminava de molhar as plantas, Ingress as molhava com seu pequeno regador. "Nos sapatos", disse ela à mãe. Daí Ingress começou a rir, uma risada espontânea de menininha.

E a mãe riu também, até que o astuto senhor Croup puxou o cabelo dela, num tranco repentino, e cortou sua pálida garganta de orelha a orelha.

***

— Oi, papai — disse Door, baixinho.

Tocou o busto do pai com os dedos, acariciando a lateral do rosto. Um homem fino, contemplativo, quase careca. *César como Próspero,* pensou o marquês de Carabas. Sentia-se meio mal. A última imagem *doera.* Mas, pelo menos, ele estava no escritório de Lorde Portico[2]. Já era um avanço.

O marquês observou a sala, percorrendo com os olhos todos os detalhes. O crocodilo empalhado pendurado no teto, os livros com capa de couro, um astrolábio, espelhos côncavos e convexos, instrumentos científicos estranhos... Havia mapas nas paredes, de terras e cidades das quais de Carabas jamais ouvira falar, e uma mesa cheia de cartas escritas a mão. A parede branca atrás da mesa estava manchada de marrom avermelhado. Havia um pequeno retrato da família de Door sobre a mesa. O marquês olhou para ele.

— Sua mãe, sua irmã, seu pai, seus irmãos. Todos mortos. Como *você* conseguiu escapar?

Ela abaixou a mão.

— Tive sorte. Eu tinha saído para explorar por uns dias... Você sabia que ainda há soldados romanos acampados perto do rio Kilburn?

O marquês não sabia, e isso o irritou.

— Hum. Quantos?

Ela encolheu os ombros.

— Algumas dezenas. Eram desertores da 19ª Legião, eu acho. Meu latim é meio ruim. De qualquer maneira, quando eu voltei pra cá...

Ela fez uma pausa e engoliu em seco. Os olhos cor de opala se encheram d'água.

— Componha-se — disse ele, abruptamente. — Precisamos do diário do seu pai. Temos que descobrir quem fez isso.

Ela contraiu o rosto, olhando para ele.

— Mas nós sabemos quem fez isso. Croup e Vandemar...

Ele abriu uma mão e sacudiu os dedos enquanto falava.

— Eles são só braços, mãos, dedos. Há uma cabeça por trás, que ordenou a coisa, e que quer ver você morta também. Não são só esses dois.

O marquês olhou em volta, pelo escritório entulhado de coisas.

— E o diário dele? — perguntou.

— Não está aqui, eu te disse. Eu procurei.

— Eu achava que a sua família era hábil em localizar portas. Tanto as visíveis como as ocultas.

Ela o fitou com raiva. Então fechou os olhos e colocou o indicador e o polegar nas laterais do osso do nariz. Enquanto isso, o marquês examinava os objetos sobre a mesa de Portico. Um tinteiro, uma peça de xadrez, um dado feito de osso, um relógio de bolso de ouro, várias penas e...

Interessante.

Uma pequena estátua de um javali, um urso acocorado, ou talvez um touro. Era difícil dizer. Tinha o tamanho de uma peça grande de xadrez, e fora esculpida de modo meio grosseiro em obsidiana. A estátua lembrava algo, mas ele não sabia o quê exatamente. Pegou-a, como quem não quer nada, revirou-a, fechou seus dedos sobre ela.

Door abaixou a mão que estava no rosto. Parecia confusa, perturbada.

— O que houve? — perguntou o marquês.

— Está aqui — ela respondeu. Começou a caminhar pelo escritório, virando a cabeça para um lado e para o outro. Com discrição, o marquês fez a estátua escorregar para um de seus bolsos internos.

Door parou em frente a um armário alto.

— Ali — disse.

Ela esticou a mão: ouviu-se um clique e um pequeno painel na lateral do armário se abriu. Door enfiou a mão naquele local escuro e tirou de lá algo que parecia uma pequena bala de canhão. Passou-a para o marquês. Era uma esfera feita de latão envelhecido e madeira envernizada, adornada com cobre polido e lentes de vidro. Ele pegou o objeto.

— É isto?

Ela assentiu com a cabeça.

— Muito bem.

Ela parecia séria.

— Não sei como não consegui ver antes.

— Você estava triste — consolou o marquês. — Eu tinha certeza de que estava aqui. E quase nunca me engano. E agora...

Ergueu o globo de madeira. A luz refletia sobre o vidro polido e resplandecia sobre o latão e o cobre. O marquês odiava admitir a própria ignorância sobre qualquer coisa, mas teve que perguntar:

— Como isso funciona?

* * *

Anaesthesia levou Richard para um pequeno parque do lado sul da ponte, e depois desceu com ele alguns degraus de pedra, na lateral de um muro. Reacendeu a vela na garrafa, abriu uma porta de marcenaria e a fechou atrás deles. Desceram alguns degraus, na escuridão.

— Existe uma moça chamada Door. Ela é um pouco mais nova que você. Conhece ela?

— Lady Door. Sei quem ela é.

— Então, hã, a que baronato ela pertence?

— Nenhum. Ela é da Casa do Arco. A família dela era bem importante.

— Era? Por que não é mais?

— Porque alguém os matou.

Richard lembrou que o marquês havia dito algo a respeito. Um rato passou por eles. Anaesthesia parou e fez uma profunda reverência. O rato também parou.

— Meu senhor — disse ela ao roedor.

— Oi — disse Richard.

O rato olhou para eles por um segundo e seguiu correndo escada abaixo.

— Então — continuou Richard —, o que é esse Mercado Flutuante?

— É bem grande. Mas os falantes de ratês raramente precisam ir lá. Para falar a verdade... — ela hesitou por um instante. — Ah, não. Você vai rir de mim.

— Não vou — disse Richard, sendo sincero.

— Bom — continuou a menina —, eu estou com um pouco de medo.

— Medo? Do Mercado?

Chegaram ao fim da escada. Anaesthesia hesitou por um momento e virou para a esquerda.

— Ah, não. Tem uma trégua no Mercado. Se alguém fosse ferido lá, toda a Londres-de-Baixo cairia sobre o culpado como uma tonelada de esgoto.

— Então está com medo de quê?

— De chegar até lá. O Mercado acontece cada vez num lugar diferente. Ele se movimenta. E para chegar ao local onde vai acontecer hoje... — ela mexeu nas contas de quartzo em volta do pescoço, em um gesto nervoso — ...

a gente vai ter que passar por um lugar bem terrível.

Anaesthesia parecia estar com medo *mesmo*.

Richard reprimiu a vontade de colocar seu braço em volta dela.

— E onde vai ser? — perguntou.

Ela se virou para ele, tirou o cabelo que caía nos olhos e lhe disse onde seria.

— Knightsbridge — repetiu Richard, e começou a rir discretamente. A moça saiu andando.

— Viu? Eu disse que você ia rir.

* * *

Os túneis do subsolo tinham sido cavados no começo da Segunda Guerra Mundial. As tropas ficavam alojadas ali, milhares de homens, e seus dejetos precisavam ser impulsionados por ar comprimido para o esgoto, que ficava muito acima. Ambas as laterais dos túneis tinham beliches de metal, onde os soldados dormiam. Foram feitos planos para fundir os túneis e transformá-los num trecho de alta velocidade do sistema de metrô, mas nunca deram em nada. Quando a guerra acabou, os beliches continuaram nos túneis, e sobre seus estrados de arame ficaram caixas de papelão, cheias de cartas, arquivos, papéis — os segredos mais desinteressantes do mundo, guardados bem abaixo do solo, esquecidos. A administração municipal fechou aqueles túneis em definitivo no começo da década de 1990. As caixas repletas de segredos foram levadas embora. Seu conteúdo foi escaneado e gravado em computadores, passado por picotadeiras, ou então queimado.

Varney morava no mais profundo dos túneis, bem abaixo da estação Camden Town. Empilhara beliches de metal abandonados em frente à única entrada. E então decorou o lugar. Ele gostava de armamento. Fazia suas próprias armas com o material que conseguia encontrar, pegar ou roubar — peças de carro ou pedaços de maquinários, que transformava em ganchos ou canivetes, bestas ou balistas, manganelas e trabucos para arrebentar paredes, porretes, espadas e cassetetes. Ficavam expostas nas paredes ou distribuídas pelos cantos, ameaçadoras.

Varney tinha a aparência de um touro sem pelos e chifres. Tinha o corpo coberto de tatuagens, e seus dentes estavam completamente destruídos. A lamparina a óleo que ficava perto de sua cabeça estava no nível mínimo. Ele dormia sobre uma pilha de trapos, roncando e fungando, com uma espada caseira de dois cortes no chão, ao lado da mão.

Alguém aumentou a intensidade da luz da lamparina.

Varney já segurava a espada e estava de pé quase antes de abrir os olhos. Piscou. Olhou em volta. Não havia ninguém: a pilha de beliches que bloqueava a porta permanecia intacta. Começou a baixar a espada.

Uma voz fez “Psiu!”.

— Hã? — disse Varney.

— Surpresa! — exclamou o senhor Croup, aparecendo na luz.

Varney deu um passo para trás, o que foi um erro. Havia uma faca em sua têmpora, e a ponta da lâmina estava perto de seu olho.

— Não é recomendável fazer mais nenhum movimento — observou o senhor Croup, com ar prestativo. — Senão pode haver algum acidente com a velha faca de matar sapos do senhor Vandemar. A maioria dos acidentes ocorre dentro de casa, não é mesmo, senhor Vandemar?

— Não confio nas estatísticas — disse a voz monótona do senhor Vandemar. Uma mão enluvada saiu de trás de Varney, esmagou sua espada e jogou o metal retorcido no chão.

— Como vai você, Varney? — perguntou o senhor Croup. — Bem, imagino. Em forma, leve e faceiro para o Mercado hoje à noite? Você sabe quem somos?

Varney fez um gesto que se aproximava ao máximo de assentir com a cabeça sem na verdade mover nenhum músculo. Ele sabia quem Croup e Vandemar eram. Seus olhos buscavam algo na parede. Sim, lá estava: a *morning-star,* uma bola de madeira cheia de espinhos feitos de pregos, presa a uma corrente, no canto mais distante da sala...

— Estão dizendo que uma certa mocinha vai procurar um guarda-costas esta noite. Você já pensou em se candidatar? — indagou o senhor Croup, tirando sujeira dos dentes (que mais pareciam túmulos) com o dedo. — Responda alto.

Com o poder da mente, Varney pegou a *morning-star*. Era seu Dom. Com cuidado... devagar... Tirou-a do gancho e a levantou até o teto do túnel. Depois disse:

— Varney é o melhor assassino e guardião do Submundo. Dizem que sou o melhor desde a época de Hunter.

Ele posicionou a *morning-star* nas sombras, acima do senhor Croup. *Primeiro ele esmagaria o crânio dele, e então cuidaria de Vandemar...*

A *morning-star* voou na direção da cabeça do senhor Croup. Varney se jogou no chão, longe da faca que estava perto de seu olho. O senhor Croup não olhou para cima. Não se virou. Ele simplesmente mexeu a cabeça, com uma rapidez absurda, e a *morning-star* passou por ele e foi bater no chão, esparramando lascas de concreto e tijolos. O senhor Vandemar levantou Varney com apenas uma mão.

— É pra machucar? — perguntou ao parceiro.

O senhor Croup balançou a cabeça: *ainda não.* E disse para Varney:

— Nada mau. Então, “melhor assassino e guardião”, queremos que você vá ao Mercado hoje à noite. Queremos que faça o que for preciso para ser o guarda-costas dessa tal moça. E então, quando conseguir o emprego, não se esqueça de uma coisa. Você pode protegê-la do resto do mundo, mas quando nós dois a quisermos, vamos pegá-la. Entendeu?

Varney percorreu seus cacos de dentes com a língua.

— Você está me chantageando?

O senhor Vandemar pegou a *morning-star* do chão. Estava despedaçando a corrente, com a mão livre, elo por elo, e jogando os pedaços de metal retorcido no chão. *Clinc*.

— Não — respondeu o senhor Vandemar. — *Clinc* — Nós estamos te intimidando. — *Clinc* — E, se você não fizer o que o senhor Croup mandou, nós vamos — *clinc* — te machucar — *clinc* — de um jeito horrível, antes de — *clinc* — te matar.

— Ah... — respondeu Varney. — Então vou trabalhar para vocês, é isso?

— Sim, é isso — disse o senhor Croup. — É uma pena, mas não temos nenhuma qualidade boa para compensar.

— Sem problema.

— Ótimo — respondeu o senhor Croup. — Bem-vindo ao clube.

* * *

Era uma máquina de porte considerável, mas elegante, feita de nogueira e carvalho polidos, latão, vidro, cobre, espelhos, marfim esculpido, prismas de quartzo e roldanas, molas e engrenagens de latão. A coisa era bem maior que uma televisão grande, embora sua tela não tivesse mais de seis polegadas. Uma lente de aumento colocada sobre ela ampliava a imagem. Havia uma enorme corneta de latão saindo de uma das laterais — daquelas que adornavam os antigos gramofones. A geringonça parecia uma mistura de televisão e videocassete, se essas coisas tivessem sido inventadas trezentos anos antes por Isaac Newton. E era mais ou menos isso mesmo.

— Observe — disse Door. Ela colocou a bola de madeira sobre uma plataforma. Luzes brilharam da máquina para dentro da bola. Ela começou a girar.

Um rosto aristocrático surgiu na pequena tela, com cores vívidas. Meio fora de sincronia, uma voz falha saía da corneta: "... que duas cidades pudessem estar tão próximas", dizia, "e ainda assim tão distantes; os que possuem tudo acima de nós e os que nada possuem; nós, que habitamos o mundo subterrâneo e o intermediário, que habitamos as fendas e as fissuras".

Door olhava fixamente para a tela, o rosto inescrutável.

"... mesmo assim", dizia o pai dela, "acredito que o problema do nosso povo — os habitantes do Submundo — são nossas picuinhas partidárias. O sistema de baronatos e feudalismo é sectário e tolo". Lorde Portico estava usando um smoking gasto e um solidéu. Sua voz parecia vir de séculos atrás, não de dias ou semanas. Ele tossiu. "Não estou sozinho nessa crença. Há aqueles que veem as coisas como elas são. Outros querem que a situação piore. E há aqueles..."

— Você não pode acelerar? — perguntou o marquês. — Achar a última gravação?

Door fez um gesto positivo com a cabeça. Mexeu em uma alavanca de marfim na lateral: a imagem se desfez em fragmentos e reapareceu em seguida, diferente.

Dessa vez Portico estava sem solidéu e vestia um longo casaco. Havia um corte profundo na lateral de sua cabeça, e ele não estava mais sentado à sua mesa. Falava num tom apressado, em voz baixa. "Não sei quem verá esta mensagem ou quem vai achá-la. Mas, quem quer que seja, por favor, leve-a para minha filha, Lady Door, se ela sobreviver..." Um pouco de estática surgiu na tela e abafou o som. A voz continuou: "Door? Filha, as coisas estão péssimas. Não sei quanto tempo tenho antes que eles encontrem esta sala. Acho que sua mãe e seus irmãos estão mortos". O som e a imagem começaram a piorar.

O marquês lançou um olhar para Door. O rosto dela estava molhado: as lágrimas brotavam de seus olhos, brilhando enquanto escorriam pela face. Ela parecia não se dar conta de que estava chorando. Sem limpar o rosto, ficava apenas olhando a imagem do pai, ouvindo suas palavras. *Crack. Zip. Crack.* "Escute o que estou dizendo. Procure Islington... você pode confiar em Islington... Você precisa confiar nele..." A imagem saiu de foco. Sangue caía de sua testa para seus olhos. Ele o limpou com a mão. "Door? Nos vingue. Vingue sua família."

O gramofone fez um barulho alto. Portico virou a cabeça para o lado, confuso, nervoso. “O que...?” E saiu do recorte da câmera. Por um instante, a imagem permaneceu igual: a mesa, a parede branca atrás dela. E então um arco de sangue vívido espirrou, manchando a parede. Door torceu de leve uma maçaneta na lateral da máquina, desligando a tela, e virou-se.

— Tome — disse o marquês, passando-lhe um lenço.

— Obrigada.

Ela limpou o rosto e assoou o nariz com força. Ficou olhando o vazio, até que disse:

— Islington.

— Eu nunca negociei com ele — comentou o marquês.

— Pensei que fosse só uma lenda.

— De jeito nenhum.

Ele se inclinou sobre a mesa, pegou o relógio de bolso dourado e o abriu com o dedo.

— Belo objeto — observou. Ela assentiu.

— Era do meu pai.

O marquês fechou o relógio com um “clique”.

— É hora de ir para o Mercado. Logo vai começar. E o senhor Tempo não está do nosso lado.

Ela assoou o nariz mais uma vez e enfiou as mãos nos bolsos de seu casaco de couro. Virou-se para ele, seu delicado rosto contorcido, os olhos de cor estranha muito brilhantes.

— Você acredita mesmo que podemos achar um guarda-costas capaz de dar conta de Croup e Vandemar?

O marquês sorriu, mostrando seus dentes brancos.

— Não há ninguém desde Hunter que teria a mínima chance. Não... É melhor apostarmos em alguém que pelo menos lhe dê tempo para fugir.

Prendendo o gancho da corrente do relógio em seu colete, deixou-o deslizar para dentro do bolso.

— O que você está fazendo? Esse é o relógio do meu pai.

— Ele não vai mais usá-lo, não é? — ele respondeu, ajustando a corrente de ouro. — Pronto. Fica bem elegante.

O marquês observou as emoções percorrerem o rosto de Door: uma raiva contida seguida de resignação.

— É melhor irmos. — foi tudo o que ela disse.

* * *

— A Ponte não está muito longe — comentou Anaesthesia.

Richard esperava que fosse verdade. A terceira vela já queimava, e sua luz dava um aspecto assustador às paredes. A passagem parecia ser interminável. Ele ficou impressionado com o fato de ainda estarem sob Londres — tinha a impressão de já terem andado até o País de Gales.

— Estou morrendo de medo — continuou ela. — Nunca atravessei essa ponte.

— Mas você disse que já foi até esse Mercado — disse ele, intrigado.

— É o Mercado *Flutuante,* bobo. Eu já falei, ele se mexe. Fica em lugares diferentes. O último a que eu fui aconteceu naquela torre grande com o relógio. Big... alguma coisa. E o outro foi no...

— Big Ben? — sugeriu ele.

— É, pode ser. A gente ficou lá dentro, onde estavam todas as engrenagens, e foi lá que eu consegui isto.

Ela ergueu seu colar. A luz da vela jogou um brilho amarelo sobre o quartzo cintilante. Ela sorriu, feito criança.

— Você acha legal? — perguntou.

— É lindo. Foi caro?

— Eu troquei por algumas coisas. É assim que se vive aqui embaixo. A gente troca coisas.

Viraram uma esquina e viram uma ponte. Poderia ser uma daquelas que existiam sobre o Tâmisa há quinhentos anos, pensou Richard. Era uma enorme ponte de pedra sobre um grande abismo negro, levando para o vazio da noite. Mas não havia nenhum céu acima nem água abaixo — ela se erguia na escuridão. Richard ficou se perguntando quem a teria construído, e quando. Ficou pensando como algo assim poderia existir sob Londres sem que ninguém soubesse. Sentiu um frio na boca do estômago. Deu-se conta, então, de que estava morrendo de medo da ponte.

— A gente precisa atravessar essa ponte? — perguntou. — Não dá para ir por outro caminho?

Eles já estavam numa das extremidades da ponte, e Anaesthesia fez que não com a cabeça.

— A gente pode chegar ao lugar onde vai ser o Mercado, mas ele não estaria lá.

— Como é que é? Isso é absurdo! Uma coisa pode estar ou não num lugar. Ponto final.

Ela balançou a cabeça. Ouvia-se um murmurinho atrás dele, e alguém empurrou Richard para o chão. Ele olhou para cima: um homem grande, com tatuagens grosseiras, vestido com roupas improvisadas feitas de couro e borracha, que pareciam ser restos de interiores de automóveis, olhava para ele, impassível. Atrás estavam dezenas de homens e mulheres: pessoas que pareciam estar indo para uma festa a fantasia com roupas improvisadas.

— Tem alguém no meu caminho — reclamou Varney, que não estava de

muito bom humor. — Alguém precisa ver por onde anda.

Certa vez, voltando da escola quando era criança, Richard encontrara um rato numa vala perto da rua. Quando o rato o viu, ergueu-se sobre as patas traseiras, pulando e sibilando, o que deixou o garoto muito assustado. Richard recuou, surpreso com o fato de que um ser tão pequeno tivesse tamanha disposição para enfrentar algo muito maior do que ele. Agora, Anaesthesia estava entre Richard e Varney. Ela parecia uma verdadeira anã perto daquele homem enorme, mas mesmo assim o encarou com coragem, mostrando os dentes e sibilando como um ratinho zangado e encurralado. Varney deu um passo para trás e cuspiu nos sapatos de Richard. Virou-se e, levando consigo a multidão, atravessou a ponte, até sumir no escuro.

— Tudo bem? — perguntou Anaesthesia, ajudando Richard a se levantar.

— Tudo. Você foi bem corajosa.

Ela olhou para baixo, encabulada.

— Eu não sou corajosa de verdade, ainda tenho medo da ponte. Até eles estavam com medo. É por isso que foram todos juntos. É mais seguro com mais gente.

— Se vocês forem atravessar a ponte, eu vou junto — disse uma voz feminina, saborosa como mel, atrás deles. Richard não conseguiu identificar o sotaque. Virou-se e viu ali, em pé, uma mulher alta, com cabelos castanhos compridos e pele cor de caramelo. Usava roupas de couro colorido, malhado de cinza e marrom. Carregava uma surrada bolsa de couro em um ombro. Tinha ainda um cajado, uma faca no cinto e uma lanterna presa ao pulso. Ela era, sem a menor dúvida, a mulher mais linda que Richard vira na vida.

— Quanto mais gente, mais seguro. Você é bem-vinda, se quiser — disse ele, depois de hesitar um instante. — Meu nome é Richard Mayhew. Esta é a Anaesthesia. É ela quem sabe o que temos que fazer.

A menina-rato se encheu de orgulho.

A mulher vestida de couro olhou para Richard de alto a baixo:

— Você vem da Londres-de-Cima.

— É.

Por mais perdido que se sentisse naquele estranho mundo, ele pelo menos estava aprendendo a jogar de acordo com as regras. Sua mente estava muito confusa para entender que lugar era aquele, ou por que estava ali, mas pelo menos era capaz de seguir as regras.

— Estou viajando com uma falante de ratês. Palavra de honra.

— Sou a guardiã dele — disse Anaesthesia, de um jeito meio desafiador. — Quem é você? A quem deve lealdade?

A mulher sorriu.

— Não devo lealdade a ninguém, menina-rato. Algum de vocês já cruzou a Ponte da Noite[3] antes?

Anaesthesia fez que não.

— Bem — continuou a mulher —, deve ser divertido, não?

Andaram na direção da ponte. Anaesthesia deu a Richard a lamparina feita de vela.

— Toma.

— Obrigado.

Richard olhou para a mulher vestida de couro e perguntou:

— Existe mesmo algo a temer na ponte?

— Só a escuridão.

A pequena mão de Anaesthesia procurou a de Richard. Ele a segurou

firme. Ela sorriu para ele, apertando mais sua mão. Eles colocaram os pés sobre a Ponte da Noite, e Richard começou a entender a escuridão como algo sólido, real, muito mais do que a simples ausência de luz. Sentia a escuridão tocar sua pele, movendo-se, explorando, deslizando por sua mente. Escorregou por sua boca, por trás de seus olhos, para dentro de seus pulmões...

A cada passo que davam a luz da vela ficava mais fraca. Ele se deu conta de que o mesmo acontecia com a lanterna da mulher. Não era exatamente como se as luzes estivessem se apagando, e sim como se a escuridão estivesse se acendendo. Richard piscou e abriu bem os olhos, olhando para o nada — nada além da mais completa escuridão. *Sons.* Um som de algo correndo pelo chão, algo se contorcendo. Ele piscou, cegado pela noite. Os sons ficavam mais terríveis, mais famintos. Richard tinha impressão de que estava ouvindo vozes, como se viessem de uma multidão de trasgos deformados, embaixo da ponte... Algo deslizou por eles no escuro.

— O que foi isso? — gritou Anaesthesia. Sua mão puxava a de Richard.

— Silêncio! — sussurrou a mulher. — Não o atraia para cá.

— O que está acontecendo? — murmurou Richard.

— A escuridão — respondeu a mulher de couro. — A noite está acontecendo. Todos os pesadelos surgidos quando o sol se punha, desde o tempo das cavernas, quando os homens ficavam amontoados juntos, em busca de segurança e calor, estão acontecendo. E agora é a hora de ter medo do escuro.

Richard sabia que algo estava prestes a tocar seu rosto. Fechou os olhos, mas não fazia diferença para o que ele sentia ou via. A noite havia chegado

por completo. Foi aí que as alucinações começaram.

* * *

Ele viu um vulto vindo em sua direção na escuridão da noite, queimando, as asas e os cabelos em chamas.

Colocou as mãos para cima: não havia nada lá.

Jessica olhou-o com desprezo. Ele queria gritar, pedir desculpas.

Um passo depois do outro.

Ele era criança, indo da escola para casa, à noite, por uma estrada escura. Não importava quantas vezes passasse por ali — nunca ficava mais fácil, nunca ficava melhor.

Estava nas profundezas do esgoto, perdido num labirinto. A Besta aguardava por ele. Podia ouvir uma goteira pingando lentamente. Sabia que ela estava à espera. Pegou sua lança... E então ouviu um rugido ensurdecedor, bem do fundo

da garganta, atrás de si. Virou-se. Devagar, devagarzinho, a Besta partia para o ataque na escuridão.

E atacou.

Ele morreu.

Continuava a andar.

Devagar, devagarzinho, a Besta corria em sua direção, repetidas vezes, no escuro.

* * *

Uma faísca e um brilho tão claro que doía na vista surgiram. Richard Semicerrou os olhos e cambaleou um pouco. Era a chama da vela dentro da garrafa. Nunca imaginara que uma única vela pudesse emitir uma luz tão forte. Ergueu a lamparina improvisada, tossindo e tentando recuperar o fôlego, trêmulo de alívio. Seu coração batia feito um tambor.

— Parece que conseguimos — disse a mulher vestida de couro.

O coração de Richard batia tão forte que, por alguns instantes, ele não conseguiu falar. Forçou-se a respirar lentamente, a se acalmar. Estavam numa grande antessala, exatamente igual àquela que havia do outro lado. Richard tinha a estranha sensação de que era a mesma sala que tinham acabado de deixar, mas a escuridão era mais forte. Havia imagens flutuando nas suas retinas, como as provocadas por um flash de câmera fotográfica.

— Acho que não passamos por nenhum perigo real... Foi como um trem fantasma. Alguns ruídos no escuro... e a imaginação fez o resto. Não havia nada de verdade a temer, certo? — perguntou ele, hesitante.

A mulher lhe lançou um olhar quase de pena, e Richard se deu conta de que ninguém segurava sua mão.

— Anaesthesia?

Na escuridão, do topo da ponte, veio um ruído suave, como um suspiro. Várias contas irregulares de quartzo rolaram até eles. Richard pegou uma delas. Era uma das contas do colar da menina-rato. Abriu a boca, mas não conseguiu emitir som nenhum. Então reencontrou sua voz.

— É melhor... A gente precisa voltar. Ela...

A mulher ergueu a lanterna, iluminando a ponte. Richard pôde ver toda sua extensão. Não havia ninguém.

— Onde ela está? — perguntou Richard.

— Ela se foi — respondeu a mulher, sem emoção na voz. — A escuridão a levou.

— Precisamos fazer alguma coisa — disse ele, agoniado.

— Como o quê?

Richard abriu a boca de novo. Só que, dessa vez, ele não tinha palavras. Fechou a boca. Mexeu na conta de quartzo com o dedo, olhou para as outras no chão.

— Ela se foi — repetiu a mulher. — A ponte faz suas vítimas. Agradeça por não ter te levado também. Agora, se você quer ir ao Mercado, é por aqui, subindo.

Ela apontou para uma passagem estreita e escura à frente deles, mal iluminada pelo feixe de luz da lanterna.

Richard não se mexeu. Sentia-se entorpecido. Não conseguia acreditar que a moça-rato havia desaparecido (que estava perdida, fora capturada, perambulava por aí, ou...) e menos ainda que a mulher vestida de couro agia como se nada de anormal tivesse acontecido — como se aquilo fosse completamente comum. Anaesthesia não podia estar morta...

Completou o raciocínio. Anaesthesia não podia estar morta porque, se estivesse, seria culpa dele. Ela não tinha pedido para acompanhá-lo. Segurou a conta de quartzo bem firme na mão, tão firme que machucou a palma, pensando no orgulho com que Anaesthesia mostrara o colar para ele, no quanto ele tinha se afeiçoado a ela nas poucas horas que passaram juntos.

— Você vem?

Richard ficou ali na escuridão, ouvindo seu coração bater por alguns segundos, e então colocou a conta de quartzo com cuidado no bolso da calça jeans. Seguiu a mulher, que estava alguns passos à frente. Enquanto a seguia, percebeu que não sabia o nome dela.

CINCO

AS PESSOAS PASSAVAM COMO SE DESLIZASSEM PELA ESCURIDÃO QUE as envolvia, segurando lamparinas, tochas, lanternas e velas. Richard se lembrava daqueles documentários sobre cardumes de peixes brilhando e nadando rápido nas águas profundas do oceano, habitadas por seres que já não precisavam de olhos.

Ele subiu uma pequena escada, seguindo a mulher de couro. Os degraus eram feitos de pedra e enfeitados com metal. Estavam numa estação de metrô. Juntaram-se a uma fila de pessoas que esperavam para passar por uma abertura de uns trinta centímetros em uma grade onde havia uma porta que levava até a calçada.

Bem na frente deles havia dois meninos, cada um com um barbante preso no pulso. Um homem careca, pálido e cheirando a formol segurava os fios. Logo atrás deles estava um homem de barba cinzenta, com um gatinho preto-e-branco sobre o ombro. O gato ora se lambia, ora lambia a orelha do dono. Depois, aconchegou-se e dormiu. A fila andava devagar, enquanto as pessoas passavam, uma a uma, pelo buraco na grade e saíam para a noite.

— Por que você está indo para o Mercado, Richard Mayhew? — perguntou a mulher de couro, em voz baixa.

Richard ainda não sabia de onde era seu sotaque, mas começava a suspeitar que fosse da África ou da Austrália — ou talvez a mulher viesse de um lugar ainda mais exótico e sombrio.

— Espero encontrar alguns amigos meus lá. Bom, na verdade, só uma amiga. Não conheço muita gente deste mundo. Estava começando a conhecer a Anaesthesia, mas... — parou de falar. E fez a pergunta que não ousara fazer até aquele momento: — Ela morreu?

A mulher encolheu os ombros.

— Sim. Ou algo do tipo. Mas acho que sua ida ao Mercado vai fazer com que essa perda tenha valido a pena.

Richard estremeceu.

— Acho que não.

Sentia-se vazio e completamente sozinho. Estavam chegando ao primeiro lugar da fila.

— O que você faz da vida? — perguntou ele. Ela sorriu.

— Vendo serviços físicos particulares.

— Ah. Que tipo de serviços físicos?

— Alugo o meu corpo.

Ela não deu mais detalhes.

— Ah.

Ele estava cansado demais para pressioná-la a explicar o que queria dizer com aquilo, mas fazia uma ideia do que era. Quando saíram na noite, Richard olhou para trás. A placa na estação dizia KNIGHT'S BRIDGE. Ele não sabia se sorria ou ficava triste. Parecia ser o começo da madrugada. Richard olhou para seu relógio de pulso e não ficou surpreso ao perceber que o mostrador digital estava completamente apagado. Talvez a bateria tivesse acabado, pensou ele, mas era mais provável que o tempo na Londres-de-Baixo tivesse somente uma leve semelhança com o tempo a que estava acostumado. Mas ele não se importou. Tirou o relógio do pulso e jogou-o na lata de lixo mais próxima.

Aquelas pessoas estranhas atravessavam juntas a rua e passavam pelas portas duplas à sua frente.

— Ali? — perguntou Richard, com receio. A mulher assentiu.

— Ali.

O prédio era grande, coberto de milhares e milhares de luzes acesas. Brasões ostensivos na parede anunciavam com orgulho que ali se vendia todo tipo de Mercadoria, por recomendação de diversos membros da Família Real Britânica. Richard, que já tinha passado vários fins de semana com os pés doloridos, seguindo Jessica por todas as lojas sofisticadas de Londres, reconheceu o lugar imediatamente, mesmo sem a grande placa que o identificava como...

— Harrods?

A mulher fez um gesto com a cabeça.

— Mas só esta noite. O próximo Mercado pode ser em qualquer lugar.

— Mas... mas... é a Harrods — balbuciou Richard. Parecia quase um sacrilégio ir àquele lugar à noite.

Entraram pela porta lateral. O local estava escuro. Passaram pelo *bureau de change,* pela seção de pacotes, por uma sala com óculos de sol e chegaram à Sala Egípcia. As cores e as luzes atingiram Richard como uma onda atinge a praia. Sua companheira se virou para ele. Ela bocejou, tapando o rosa vivido da boca com o dorso da mão cor de caramelo. E então sorriu:

— Bom... aqui estamos. Mais ou menos sãos e salvos. Eu preciso fazer umas coisas. Tchau.

Fez um gesto cortês e solene com a cabeça e desapareceu na multidão.

Richard ficou lá parado, sozinho em meio às pessoas, tentando entender. Era uma completa loucura, disso não havia a menor dúvida. A multidão falava alto, impetuosa, insana — e tudo aquilo era, em muitos aspectos, uma maravilha. As pessoas discutiam, pechinchavam, gritavam, cantavam. Apregoavam e mostravam seus produtos, proclamavam alto o quanto suas Mercadorias eram superiores às outras. Havia música — dezenas de tipos diferentes, tocadas de dezenas de modos diferentes, com diversos instrumentos, a maioria deles improvisados, impossíveis, impagáveis. Richard sentia cheiro de comida. Vários tipos de comida — o cheiro de curry e outros temperos parecia predominar, mas era possível sentir carnes e cogumelos sendo grelhados. Havia vendinhas erguidas em toda a loja, perto de balcões (ou até mesmo sobre eles) que durante o dia expunham perfumes, relógios, pedras de âmbar ou echarpes de seda. Todo mundo comprava. Todo mundo vendia. Richard podia ouvir os gritos assim que começou a perambular pela multidão.

— Sonhos fresquinhos, maravilhosos! Pesadelos de primeira classe! Aqui você acha! Pesadelos maravilhosos só aqui!

— Armas! Tenha sua própria arma! Defenda seu porão, sua caverna, seu buraco! Quer acertar alguém? Temos a solução! Venham, venham!

— Lixo! — gritou uma mulher velha e gorda, perto da orelha de Richard, enquanto ele passava pela barraca fedorenta. — Porcaria! Nojeiras! Sobras! Dejetos! Podem vir que aqui tem! Nada inteiro, tudo com defeito! Restos, entranhas, montes de bagulho inútil! Você sabe que precisa!

Um homem de armadura batia em um pequeno tambor e cantava:

— Bens perdidos. Venham ver, venham ver com seus próprios olhos! Objetos perdidos! Não temos nenhum achado. Garanto que são objetos perdidos!

Richard andava pelas grandes salas da loja como se estivesse em transe. Ele nem sequer conseguia imaginar quantas pessoas havia ali no Mercado. Mil? Duas mil? Cinco mil?

Uma barraca tinha garrafas cheias e vazias, de todas as formas e tamanhos, desde vasilhames de bebida até uma grande e de brilho fosco que só poderia ter sido o lar de um gênio. Outra vendia lamparinas com velas feitas de vários tipos de cera e gordura animal. Um homem enfiou à frente de Richard, enquanto ele passava, o que parecia ser uma mão de criança decepada segurando uma vela, e resmungou:

— Mão da Glória, senhor? Põe qualquer um para correr até chegar em Bedfordshire. Garanto que funciona.

Richard se afastou dele bem rápido, sem querer saber o que era nem como funcionava a Mão da Glória. Passou por uma tenda que vendia joias brilhantes de ouro e prata, outra que comercializava joias feitas com o que parecia ser válvulas e fios de rádios antigos. Havia barracas que vendiam todo tipo de livros e revistas; outras expunham roupas — velhas roupas remendadas, costuradas e estranhas; diversos tatuadores; algo que (ele tinha quase certeza) era um pequeno mercado de escravos (e saiu logo dali); uma cadeira de dentista, com uma broca de operação manual e uma fila de pessoas infelizes ao lado dela, esperando para ter seus dentes arrancados ou obturados por um jovem que parecia estar se divertindo muitíssimo; um homem velho e curvado vendendo coisas inimagináveis, que poderiam ter sido chapéus ou até artigos de arte moderna; algo que se parecia muito com um chuveiro portátil...

A cada barraca por que passava, sempre havia alguém vendendo comida. Em algumas as pessoas cozinhavam sobre fogueiras improvisadas: curry, batatas, castanhas, enormes cogumelos, pães exóticos. Richard ficou se perguntando como toda aquela fumaça não acionava o *sprinkler* do prédio. Depois se pegou imaginando por que ninguém estava roubando os artigos da loja. Por que montavam suas próprias barraquinhas? Por que simplesmente não pegavam as coisas que já existiam na Harrods? Aquela altura ele estava esperto o suficiente para não perguntar isso a ninguém... Ou ficaria sempre marcado como um homem que vinha da Londres-de-Cima e em quem, portanto, não se podia confiar.

Existia algo muito tribal naquela gente, concluiu Richard. Ele tentou delimitar os grupos mais distintos: havia aqueles que pareciam ter saído de uma peça de teatro de época; os que lembravam hippies; pessoas albinas em roupas cinzentas e óculos escuros; homens chiques, vestindo ternos e luvas pretas que lhes davam um ar ameaçador; mulheres enormes e quase idênticas que andavam juntas em grupos de duas ou três e se cumprimentavam com a cabeça sempre que se viam; indivíduos de cabelo desgrenhado que provavelmente moravam no esgoto e tinham um cheiro horrível; e centenas de outros tipos...

Richard ficou se perguntando como a Londres normal — a *sua* Londres — seria vista por um estrangeiro, e isso o fez adotar uma postura mais ousada. Começou a perguntar às pessoas que passavam:

— Com licença, estou procurando um homem conhecido por marquês de Carabas e uma moça chamada Door. Sabe onde posso encontrá-los?

As pessoas balançavam a cabeça, desculpavam-se por não saber a resposta, desviavam os olhos, iam embora.

Richard deu um passo para trás e pisou no pé de alguém. A coisa media mais de dois metros de altura e estava coberta de tufos de pelo arruivado.

Seus dentes tinham sido lixados para ficar pontudos. Richard foi levantado por uma mão que era do tamanho da cabeça de uma ovelha e seu rosto ficou tão próximo daquela boca que ele quase vomitou.

— Desculpe — balbuciou. — Estou procurando uma moça chamada Door. Você sabe...

Mas a coisa o jogou no chão e continuou andando.

Outra brisa cheirando a comida passou por ali, e Richard, que tinha conseguido esquecer a fome desde que recusara carne de gato de primeira (não saberia dizer há quantas horas isso ocorrera), estava com água na boca e sem conseguir raciocinar direito.

A mulher de cabelo escuro da barraca de comida a que ele se dirigiu não chegava à sua cintura. Quando Richard tentou falar, ela balançou a cabeça e colocou um dedo sobre os lábios. Ela não podia, não queria ou apenas não ia falar. Richard teve então que negociar com sinais uns sanduíches de alface com queijo *cottage* e um copo do que parecia ser limonada. A refeição lhe custou uma caneta esferográfica e uma caixinha de fósforos de hotel, da qual ele nem se lembrava mais. A mulherzinha deve ter achado que levou grande vantagem na troca, porque, quando ele pegou a comida, ela acrescentou alguns biscoitos pequenos de nozes.

Richard ficou parado no meio da multidão, ouvindo a música — alguém cantava, sabe-se lá por quê, uma música que tinha a letra de “Greensleaves” com o ritmo de “Yakkety-Yak” —, observando aquele bazar bizarro se desdobrar à sua frente, enquanto comia seus sanduíches.

Quando terminou o último, deu-se conta de que não tinha a menor ideia do gosto do que acabara de comer. Decidiu ir mais devagar, mastigando os

biscoitos lentamente. Tomou a limonada em pequenos goles, para fazê-la durar.

— O senhor precisa de um pássaro? — perguntou uma voz alegre, bem próxima. — Tenho gralhas, corvos e estorninhos. Pássaros ótimos e inteligentes. Inteligentes e *saborosos.* Uma maravilha.

— Não, obrigado — respondeu Richard, e virou-se. A placa pintada à mão sobre a barraca anunciava:

OLD BAILEY — PÁSSAROS E INFORMAÇÕES

Havia outras placas menores espalhadas: A GENTE SABE QUE VOCÊ QUER E NÃO VAI ACHAR EM LUGAR NENHUM UM ESTORNINHO TÃO GORDINHO! e também QUANDO CHEGOU A HORA DE TER UMA GRALHA, CHEGOU A HORA DE FALAR COM OLD BAILEY! Aquilo fez Richard lembrar o homem que vira na primeira vez que fora a Londres: ele ficava de pé do lado de fora da estação Leicester Square, vestindo uma daquelas placas de homem-sanduíche pintadas à mão, com o seguinte conselho: “Sinta menos volúpia comendo menos proteína, ovos, carne, feijão, queijo e evitando ficar muito tempo sentado”.

Pássaros pulavam e batiam as asas em pequenas gaiolas, que pareciam ter sido feitas com antenas de TV retorcidas.

— Deseja informações, então? — continuou Old Bailey, satisfeito com sua própria voz de vendedor. — Mapas de telhados? História? Conhecimentos secretos e misteriosos? Se eu não sei, então é porque a coisa se perdeu no tempo. Palavra de honra.

O velho ainda usava o casaco com penas, ainda estava envolto em cordas e cordões. Piscou para Richard, colocando os óculos pendurados no pescoço com um barbante. Observou-o atentamente.

— Espere aí... Eu te conheço. Você estava com o marquês de Carabas. No telhado. Lembra? Hein? Eu sou o Old Bailey. Lembra de mim?

Ergueu a mão para cumprimentá-lo em um aperto vigoroso.

— Puxa, na verdade eu estou procurando o marquês. E uma moça chamada Door. Talvez eles estejam juntos — disse Richard.

O velho deu uma dançadinha, fazendo com que várias penas se soltassem do casaco. Isso provocou um coro de desaprovação ruidosa por parte dos diversos pássaros em volta dele.

— Informação! Informação! — anunciou ele para a sala apinhada de gente. — Viu? Bem que eu disse. É preciso diversificar. *Diversificar!* Não dá para vender gralhas para fazer cozido o resto da vida. Elas têm gosto de sapato. O cozido fica grosso feito mingau. Você já comeu gralha?

Richard fez que não com a cabeça. Disso ele tinha certeza absoluta.

— O que você vai me dar? — perguntou Old Bailey.

— Como? — Richard sentia-se como se estivesse pulando de lá para cá, tentando manter o ritmo do raciocínio louco do velho.

— Se eu te der a informação. O que você me dá em troca?

— Não tenho dinheiro. E acabo de trocar minha caneta.

O velho começou a puxar o que havia no bolso de Richard.

— Ahá! Isto aqui!

— Meu lenço?

Não era um lenço muito limpo. Fora um presente da tia Maude no seu último aniversário. Old Bailey pegou o lenço e o agitou sobre a cabeça, feliz.

— Não se acanhe, meu amigo — cantou ele, triunfante. — Sua busca chegou ao fim. Vá por ali, por aquela porta. Não tem como não achar os dois. Eles estão fazendo testes.

Old Bailey apontou para a enorme praça de alimentação da Harrods. Uma gralha grasnou, maliciosa.

— Não é da tua conta — disse Old Bailey para a gralha. E para Richard:

— Obrigado pela bandeirinha.

E dançou em volta da sua barraca, maravilhado, sacudindo o lenço para lá e para cá.

Fazendo testes?, pensou Richard. E sorriu. Não importava: sua busca, como dissera o velho maluco do telhado, havia chegado ao fim. Caminhou em direção à praça de alimentação.

* * *

O estilo, para os guarda-costas, parecia ser o mais importante. Todos tinham um Dom de algum tipo e estavam ansiosos para mostrá-lo ao mundo. Naquele momento, Ruislip estava de frente para o Dândi Sem Nome.

O Dândi Sem Nome parecia um libertino do começo do século XVIII, alguém que, sem as roupas de Casanova, teve que se virar com o que conseguira achar na loja do Exército da Salvação. Seu rosto estava branco de pó de arroz, e seus lábios, pintados de vermelho. Ruislip, o oponente, parecia saído do pesadelo de alguém que tivesse dormido assistindo a lutas de sumô na TV com um disco do Bob Marley tocando. Era um sujeito enorme, de cabelo rastafári, e lembrava um grande e obeso bebê.

Estavam em pé, um de frente para o outro, no meio de um círculo de espectadores, outros guarda-costas e gente curiosa. Ninguém movia nem um músculo sequer. O Dândi era mais ou menos uma cabeça mais alto que Ruislip. Por outro lado, este parecia ter o peso de quatro Dândis, cada um segurando uma mala cheia de banha de porco. Os dois se encaravam, sem desviar os olhos.

O marquês de Carabas bateu com os dedos de leve no ombro de Door e apontou. Algo estava prestes a acontecer.

Em um momento, havia dois homens em pé, impassíveis, apenas se olhando, e então a cabeça do Dândi foi para trás, como se ele tivesse sido golpeado no rosto. Um pequeno machucado vermelho apareceu na sua bochecha. Ele comprimiu os lábios e piscou, fazendo tremer os cílios.

— *Ha* — exclamou ele, e esticou seus lábios pintados, em uma macabra imitação de sorriso.

O Dândi fez um movimento. Ruislip cambaleou e se dobrou ao meio, agarrando o estômago.

O Dândi Sem Nome sorriu de modo afetado e escandaloso, estalou os dedos e mandou beijos para os espectadores. Ruislip o olhou com raiva, reforçando seu ataque mental. Sangue começou a escorrer dos lábios do Dândi. Seu olho esquerdo já estava inchado. Ele cambaleou. A multidão cochichava, deleitando-se.

— Não é tão impressionante quanto parece — sussurrou o marquês para Door.

Sem mais nem menos, o Dândi Sem Nome ficou de joelhos, como se tivesse sido forçado a ir para o chão, e caiu, desajeitado. Ele se sacudiu abruptamente, como se alguém tivesse lhe dado um chute bem forte na barriga. Ruislip parecia triunfante. Os espectadores aplaudiram, em reconhecimento. O Dândi se contorceu e cuspiu. Foi levado para um canto por alguns amigos e vomitou.

— Próximo! — chamou o marquês.

O outro aspirante a guarda-costas era também mais magro que Ruislip (e tinha o tamanho de apenas dois Dândis e meio, ambos carregando uma única mala de banha de porco entre eles). Estava coberto de tatuagens e vestia roupas que pareciam remendadas com partes de assentos velhos e tapetes de borracha de carro. Tinha a cabeça raspada e sorria com dentes podres e desprezo para o mundo.

— Meu nome é Varney — disse, e ergueu os braços, exibindo-se. Cuspiu algo esverdeado e caminhou para o meio do ringue.

— Assim que estiverem prontos, cavalheiros — avisou o marquês.

Batendo os pés nus no chão, como um lutador de sumô — um, dois, um, dois —, Ruislip encarava o adversário. Um pequeno corte apareceu sobre a testa de Varney e o sangue começou a cair em um de seus olhos. Ele ignorou o ferimento. Parecia estar concentrado em seu braço direito. Ergueu-o devagar, como quem está lutando contra uma enorme pressão, e deu um violento murro no nariz de Ruislip, que começou a cuspir sangue. Ele aspirou o ar com dificuldade e caiu no chão com o som de meia tonelada de fígado jogada em uma banheira. Varney deu uma risadinha.

Ruislip se levantou devagar. O sangue caía do nariz e molhava sua boca e seu peito, pingando sobre a serragem. Varney limpou o sangue da testa e mostrou sua horrível dentição para o mundo em um sorriso pavoroso.

— Anda, seu gordo. Me acerta de novo — disse.

— Esse aí promete — comentou o marquês em voz baixa. Door ergueu uma sobrancelha.

— Mas ele não parece ser uma pessoa muito legal.

— Um guarda-costas "legal" é tão útil quanto um que regurgite lagostas. Ele parece ser *perigoso*.

Pessoas sussurravam na plateia em aprovação e, em seguida, Varney deu um golpe muito rápido e doloroso em Ruislip, enfiando seu pé envolto em couro nos testículos do adversário. Os espectadores se calaram e houve um aplauso desanimado, do tipo que se ouve na Inglaterra em tardes monótonas e ensolaradas de domingo, em um jogo de críquete de rua. Seguindo a multidão, o marquês também bateu palmas, de modo educado.

— Muito bom, senhor — disse ele.

Varney olhou para Door e piscou, transmitindo um sentimento quase de posse, antes de voltar sua atenção para Ruislip. Ela estremeceu.

* * *

Richard ouviu as palmas e seguiu o som.

Cinco jovens pálidas, usando quase as mesmas roupas, passaram por ele. Trajavam longos vestidos feitos de veludo, verde, marrom, azul, cor de sangue e preto, todos tão escuros quanto a noite. Elas tinham cabelos pretos e bem penteados, exibiam joias de prata e estavam impecavelmente arrumadas e maquiadas. Moviam-se sem fazer barulho algum: Richard só ouvia o som do veludo pesado enquanto elas passavam, que mais parecia um suspiro. A última delas, vestida de preto, a mais pálida e mais bonita, sorriu para Richard. Ele sorriu de volta, com cautela. E com isso retomou seu caminho em direção aos testes para guarda-costas.

Os testes estavam sendo realizados no setor de Carnes e Peixes, na área aberta do andar, abaixo da escultura de peixe da Harrods. A plateia estava de costas para ele, e havia duas ou três fileiras de pessoas rodeando o ringue. Richard percebeu que não seria fácil achar Door e o marquês, mas então a multidão se dividiu, e ele viu os dois, sentados sobre o tampo de vidro de um balcão onde se vendia salmão defumado. Abriu a boca para gritar o nome de Door, e, quando fez isso, deu-se conta do motivo pelo qual a multidão havia se afastado: um homem enorme, com *dreadlocks* no cabelo, completamente nu, exceto por um pano amarelo, vermelho e verde amarrado feito uma fralda, era arremessado sobre a plateia como se tivesse sido jogado por um gigante — e foi cair bem em cima de Richard.

* * *

— Richard?

Ele abriu os olhos. O rosto ia e vinha, fora de foco. Olhos cor de opala, avermelhados, olhavam dentro dos seus. O rosto era pálido, delicado como o de um elfo.

— Door?

Ela parecia furiosa; mais até.

— Pelo Templo e o Arco, Richard! Não acredito! O que você está fazendo aqui?

— Ah, também é ótimo rever você — ironizou ele, com voz fraca. Sentou-se e ficou pensando se não teria sofrido uma concussão. Como poderia saber se estava realmente bem? E por que havia pensado que Door ficaria feliz em revê-lo? Ela olhava com atenção para as próprias unhas, as narinas dilatadas, como se estivesse reprimindo-se para não dizer mais nada.

O homem grande, com dentes horríveis, aquele que tinha derrubado Richard na ponte, estava lutando com um anão. Usavam pés de cabra, e a disputa não estava tão desequilibrada quanto se poderia imaginar. O anão era inacreditavelmente rápido: rolava, golpeava, quicava, jogava-se... Cada movimento dele fazia Varney parecer pesado e desengonçado.

Richard se virou para o marquês, que estava observando a luta atentamente.

— O que está acontecendo? — perguntou.

O marquês lhe lançou um olhar rápido, e logo voltou a observar o combate.

— *Você* está em apuros e, imagino, a algumas horas de uma morte horrenda, com certeza. *Nós,* por outro lado, estamos selecionando guarda-costas.

Varney bateu com seu pé de cabra no anão, que no mesmo instante parou de quicar e saltar, e caiu no chão, inconsciente.

— Acho que já vimos o bastante — anunciou o marquês, em voz alta. — Obrigado a todos. Senhor Varney, poderia esperar um pouco?

— Por que você tinha que vir para cá? — perguntou Door a Richard, com frieza.

— Eu não tinha escolha.

Ela soltou um suspiro. O marquês caminhava pelo ringue e se despedia de diversos guarda-costas que já tinham feito o teste, distribuindo alguns elogios aqui e conselhos acolá. Varney esperava paciente. Richard ensaiou um sorriso na direção de Door, mas foi ignorado.

— Como você chegou ao Mercado? — perguntou ela.

— As pessoas-rato... — começou ele.

— Pessoas falantes de ratês — corrigiu ela.

— Pois é, e o rato que trouxe para nós a mensagem do marquês...

— O Senhor Caudalonga.

— Bom, então, ele disse pra eles que precisavam me trazer até aqui.

Ela ergueu uma sobrancelha e inclinou a cabeça um pouco para o lado.

— Um falante de ratês trouxe você até aqui?

Ele fez que sim.

— Durante grande parte do caminho. O nome dela era Anaesthesia. Ela... bom, algo aconteceu com ela. Na ponte. Outra moça me trouxe até aqui. Acho que ela era... ah, você sabe... — hesitou, então disse: — Uma prostituta.

* * *

O marquês retornou. Ficou na frente de Varney, que parecia muito satisfeito consigo mesmo.

— Qual sua experiência com armas? — perguntou de Carabas.

— Bem — respondeu Varney —, vamos colocar da seguinte maneira: se uma coisa pode cortar alguém, explodir a cabeça de alguém, quebrar o osso de alguém, ou fazer um buraco enorme em alguém, então Varney sabe como usar.

— E quais suas referências? Clientes anteriores que gostaram do seu trabalho?

— Olympia, a Rainha dos Pastores, os moradores de Crouch End... Fui segurança no Mercado de Maio também.

— Bom, estamos todos bem impressionados com a sua habilidade.

Então uma voz de mulher disse:

— Ouvi falar que vocês estão procurando um guarda-costas, não um amador entusiasmado.

A pele dela era caramelo e seu sorriso seria capaz de pôr fim a uma revolução. Estava vestida dos pés à cabeça com roupas de couro malhadas de cinza e marrom. Richard a reconheceu imediatamente.

— É ela — sussurrou para Door. — A prostituta.

— Varney — disse o próprio, ofendido — é o melhor guarda-costas e assassino de aluguel do Submundo. Todos sabem disso.

A mulher olhou para o marquês e perguntou:

— Os testes já terminaram?

— Sim — respondeu Varney.

— Talvez não — emendou o marquês.

— Então eu gostaria de me candidatar.

Passou-se um segundo antes que o marquês de Carabas dissesse “Tudo bem” e desse alguns passos para trás.

“Perigoso” era um eufemismo para Varney. Ele era um homem opressor, sádico e sem dúvida nocivo para a saúde de todos à sua volta. O que lhe faltava, contudo, era rapidez para entender as coisas. Ele ficou olhando para o marquês até a ficha cair. Sem acreditar naquilo, perguntou:

— Eu vou lutar com *ela?*

— Sim — disse a mulher vestida de couro. — A não ser que você queira tirar um cochilo antes.

Varney começou a rir: uma risada maníaca. E parou um segundo depois, quando a mulher deu um chute forte no seu estômago, e ele foi ao chão como uma árvore.

Perto de sua mão, no chão, estava o pé de cabra que usara na luta com o

anão. Pegou-o e bateu com ele no rosto da mulher — ou teria batido, se ela não tivesse se abaixado. Ela golpeou as orelhas dele, bem rápido, com as mãos abertas. O pé de cabra voou pela sala. Ainda sacudido pela dor nos ouvidos, Varney puxou uma faca da bota. Não saberia dizer ao certo o que aconteceu depois: só que o chão desaparecera sob seus pés, que estava deitado de cara na serragem, com sangue saindo das orelhas e sua própria faca encostada na garganta, e que o marquês dizia:

— Chega!

A mulher ergueu o olhar, ainda segurando a faca perto do pescoço dele.

— E então? — perguntou ela.

— Impressionante — comentou o marquês. Door meneou a cabeça em aprovação.

Richard estava estupefato: era como assistir a uma mistura de Emma Peel, Bruce Lee, um terrível furacão e um mangusto matando uma cobra. Era assim que ela se movia. Foi assim que ela lutou.

Richard costumava ficar nervoso com demonstrações de violência na vida real. Mas ficou impressionado ao ver aquela mulher em ação, como se ela tivesse despertado nele uma parte de si até então desconhecida. Parecia absolutamente correto, naquele espelho irreal da Londres que ele conhecia, que ela estivesse ali e que lutasse de maneira tão perigosa, tão bem.

Ela fazia parte da Londres-de-Baixo. Ele entendia agora. E, enquanto pensava nisso, lembrou-se da Londres-de-Cima, um mundo onde ninguém

lutava daquele jeito — onde ninguém precisava lutar daquele jeito —, um mundo seguro, sensato, e, por um instante, sentiu uma profunda saudade de casa.

A mulher olhou para Varney.

— Obrigada — disse, educada. — Receio que não vamos precisar dos seus serviços, afinal.

Ela saiu de cima dele e colocou a faca em seu próprio cinto.

— E o seu nome é? — quis saber o marquês.

— Hunter.

Ninguém disse nada. Então Door perguntou, hesitante:

— Hunter? Você é a famosa caçadora?

— Sim, isso mesmo — respondeu ela, espanando a poeira em suas calças de couro. — Eu voltei.

Em algum lugar um sino tocou duas vezes, um som profundo que fez os dentes de Richard vibrarem.

— Cinco minutos — murmurou o marquês. E anunciou, para o resto da multidão: — Acho que já achamos o nosso guarda-costas. Obrigado a todos. Não há mais nada para se ver aqui.

Hunter foi até Door e a olhou de cima a baixo.

— Você pode mesmo impedir que me matem? — perguntou Door. Hunter inclinou a cabeça na direção de Richard e disse:

— Eu salvei a vida *dele* três vezes hoje, quando cruzamos a ponte, na vinda para o Mercado.

Varney, que tinha ficado em pé com dificuldade, pegou o pé de cabra com o poder da mente. O marquês o observou fazer isso, mas não disse nada. Um meio-sorriso pairou sobre os lábios de Door.

— Que engraçado! — comentou. — Richard achou que você fosse uma...

Hunter nunca soube o que Richard achara que ela fosse. O pé de cabra veio voando na direção de sua cabeça. Ela ergueu uma mão e o pegou no ar: o objeto apenas fez um “tump!”. A mulher foi até Varney.

— Isso é seu?

Ele lhe mostrou os dentes, amarelos, pretos e marrons.

— Neste momento, estamos sob a Trégua do Mercado. Mas se você tentar algo do tipo mais uma vez, vou esquecer a trégua, arrancar os seus dois braços e fazer você carregá-los para casa nos dentes. Agora — continuou Hunter, torcendo o pulso de Varney atrás das costas dele — peça desculpas, direitinho.

— Ai! — gemeu Varney.

— E então? — disse ela, em tom de encorajamento.

Ele cuspiu a palavra como se estivesse sufocando:

— Desculpe.

Ela o soltou. Furioso e assustado, Varney andou de costas até tomar certa distância, observando Hunter. Quando chegou à porta da Praça de Alimentação, hesitou um pouco e gritou:

— Você está morta! Morta, ouviu? — Sua voz indicava que ele estava à beira das lágrimas. Ele se virou e correu dali.

— Ah, esses amadores — disse Hunter, com um suspiro.

* * *

Voltaram pelo mesmo caminho que Richard percorrera. O sino que ele tinha ouvido batia forte, sem parar. Quando chegaram perto dele, viu que era um grande sino de latão, suspenso numa estrutura de madeira, com uma corda pendendo do badalo. Quem batia o sino era um enorme homem negro, usando as roupas escuras de um monge dominicano. O sino tinha sido colocado perto do estande de doces da Harrods.

Por mais impressionante que fosse o Mercado, Richard achou que a velocidade com que tudo era desmontado, quebrado e retirado era ainda mais incrível. Todos os traços de que houvera algo ali desapareciam: as barracas eram desmontadas e viravam carga nas costas das pessoas ou eram jogadas na rua. Richard viu Old Bailey, os braços carregados de gaiolas e placas, cambaleando para fora da loja. O velho acenou alegremente e desapareceu na noite.

A multidão se dispersou, o Mercado desapareceu e quase instantaneamente o andar térreo da Harrods parecia o de sempre: tão sóbrio, elegante e limpo como nas tardes de sábado em que ele andava por ali seguindo Jessica. Era como se o Mercado jamais tivesse existido.

— Hunter... — disse o marquês — eu já ouvi falar de você, é claro. Onde é que você estava todo esse tempo?

— Caçando — respondeu ela, com simplicidade. Em seguida perguntou para Door: — Você é do tipo que obedece ordens?

Door fez que sim.

— Se for preciso.

— Bom. Então talvez *eu possa* proteger a sua vida... Isso se eu aceitar o emprego.

O marquês parou. Seus olhos piscaram, desconfiados.

— Você disse *se* aceitar o emprego?

Hunter abriu a porta. Eles saíram e pararam na calçada. Era noite, tinha chovido enquanto estavam no Mercado, e as luzes das ruas cintilavam sobre o asfalto molhado

— Já aceitei.

Richard olhou para a rua que brilhava com a água da chuva. Tudo parecia tão normal, tão silencioso, tão sensato. Por um momento sentiu que era só chamar um táxi, pedir ao motorista que o levasse para casa e teria sua vida de volta. E assim ele dormiria a noite inteira em sua cama. Mas os táxis

não o viam nem paravam para ele, e ele não tinha para onde ir.

— Estou cansado — desabafou.

Ninguém disse nada. Door não olhava em seus olhos, o marquês o ignorava de forma solene e Hunter o tratava como se ele fosse algo irrelevante. Sentiu-se como uma criança pequena e indesejada, seguindo os colegas mais velhos, e isso o irritou.

— Olha — disse ele, pigarreando —, eu sei que vocês são pessoas muito ocupadas... Mas e quanto a mim?

O marquês se virou e ficou olhando para ele, seus olhos grandes e brancos no rosto escuro.

— Você? O que tem você?

— Como é que eu volto a ser normal? Tenho a impressão de estar num pesadelo. Na semana passada tudo estava em seu lugar, e agora nada faz sentido... — parou de falar. Engoliu em seco. — Quero saber como faço para ter minha vida de volta.

— Você não vai conseguir sua vida de volta ficando com a gente, Richard — disse Door. — E, de qualquer jeito, não vai ser fácil. Eu... eu sinto muito, de verdade.

Hunter, à frente do grupo, ajoelhou-se no asfalto. Pegou uma pequena alavanca de metal em seu cinto e a usou para destravar a tampa de um bueiro. Puxou-a, avaliou o local com cuidado, desceu e chamou Door para o esgoto.

A menina não olhou para Richard quando desceu. O marquês coçou a lateral do nariz.

— Meu jovem, você precisa entender uma coisa. Existem duas Londres: a Londres-de-Cima — onde você morava — e a Londres-de-Baixo, o Submundo, habitada pelas pessoas que caíram pelas fissuras do mundo. Agora você é uma delas. Tenha uma boa noite.

Começou a descer a escada do bueiro. Richard gritou:

— Esperem!

Pegou a tampa antes que pudessem fechá-la, seguindo o marquês. A parte superior do esgoto tinha mesmo cheiro de bueiro — um cheiro morto, meio de sabão, meio de repolho. Esperava que aquele odor ficasse pior à medida que descesse, mas em vez disso ele se dissipou assim que Richard chegou ao fim da escada. Uma água suja corria, rasa e rápida, pelo chão do esgoto. Quando pisou na água, pôde ver as luzes dos outros mais à frente, e correu até alcançá-los.

— Vá embora — ordenou o marquês.

— Não.

Door lhe lançou um olhar.

— Eu sinto muito, Richard — disse ela. O marquês ficou entre os dois.

— Você não pode mais voltar para a sua casa, seu emprego ou a vida que tinha — disse ele para Richard, num tom quase gentil. — Nenhuma dessas coisas existe. Lá em cima, *você* não existe.

Tinham chegado a um cruzamento de três túneis. Door e Hunter começaram a percorrer um deles, o que não tinha água, e não olharam para trás. O marquês esperou um pouco.

— Você vai ter que se virar com o que tem aqui embaixo, nos esgotos, no encanto, no escuro — continuou.

E então o marquês deu um grande e branco sorriso: um sorriso que brilhava no escuro, escandaloso de tão insincero. Continuou:

— Bom... foi ótimo revê-lo. Desejo-lhe toda a sorte do mundo. Se você conseguir sobreviver pelos próximos um ou dois dias, talvez dure um mês inteiro.

Ele se virou e caminhou com passos largos pelo esgoto, seguindo Door e Hunter.

Richard se encostou em uma parede. Ficou ouvindo os passos ecoando ao longe e o esgoto correndo na direção das estações de água do leste de Londres.

— Droga — disse ele.

Então, para sua surpresa, pela primeira vez desde a morte de seu pai, Richard Mayhew começou a chorar, sozinho no escuro.

* * *

A estação de metrô estava vazia e escura. Varney a atravessou, mantendo-se próximo às paredes, lançando olhares nervosos ao redor, à frente, aos lados. Escolheu aquela estação de forma aleatória. Tinha ido para lá pelos telhados, escondido, certificando-se de que não estava sendo seguido. Não tinha intenção de voltar para sua toca nos túneis mais profundos de Camden Town. Era arriscado demais. Havia outros lugares onde Varney tinha comida e armas guardadas. Ele ficaria na superfície por algum tempo, até que tudo tivesse terminado.

Parou ao lado de uma máquina de bilhetes de metrô e ficou ouvindo atento, na escuridão. Silêncio absoluto. Certo de que estava sozinho, permitiu-se relaxar um pouco. Parou no começo da escada em espiral e

respirou fundo.

Uma voz molenga a seu lado disse, em tom casual:

— Varney é o melhor assassino de aluguel e guarda-costas do Submundo. Todos sabem disso. Pois foi o próprio senhor Varney que nos disse.

E outra voz, do outro lado, respondeu, entediada:

— Mentir não é legal, senhor Croup.

Na escuridão total, o senhor Croup continuou a falar.

— Não é mesmo, senhor Vandemar. Considero isso uma traição pessoal, e fiquei bastante magoado. E desapontado. Quando a pessoa não tem nenhuma qualidade para compensar, é difícil não ligar para esse tipo de chateação, não é, senhor Vandemar?

— Muito difícil, senhor Croup.

Varney se jogou para a frente e correu, no escuro, descendo a escada em espiral. Uma voz veio do topo da escada. Era do senhor Croup:

— E, na verdade, devemos pensar que matá-lo será um favor.

O som dos pés de Varney ecoava nos corrimões de metal por toda a escada. Ele bufava, resfolegava, seus ombros roçando as paredes, tropeçando cegamente no escuro. Chegou até o fim da escada, perto da placa que avisava aos viajantes dos 259 degraus até o topo, e que apenas pessoas saudáveis deveriam pensar em subir por ali. A placa sugeria que todas as outras pessoas usassem o elevador.

Elevador?

Com um barulho metálico, as portas do elevador se abriram, esplendidamente lentas, inundando o lugar com sua luz. Varney se apalpou em busca de sua faca, e soltou um palavrão quando percebeu que aquela vadia da Hunter a havia tomado dele. Tentou pegar o facão da bainha nas costas. Mas não estava lá.

Ouviu alguém tossir educadamente atrás de si e virou.

O senhor Vandemar estava sentado nos degraus da escada em espiral. Limpava as unhas com o facão de Varney.

Nisso o senhor Croup caiu sobre ele. Ele era todo dentes, garras, pequenas lâminas. Varney nem sequer teve a chance de gritar.

— Adeus — disse o senhor Vandemar, impassivo, limpando as unhas.

Depois disso o sangue começou a jorrar: úmido, vermelho, em

quantidades enormes — pois Varney era um homem grande. Contudo, quando o senhor Croup e o senhor Vandemar terminaram o trabalho, seria difícil perceber até mesmo a única pequena manchinha deixada no chão ao fim da escada em espiral.

Quando o chão foi lavado, a mancha saiu para sempre.

* * *

Hunter liderava o grupo. Door caminhava no meio. O marquês de Carabas ia por último. Nenhum deles disse uma palavra sequer desde que deixaram Richard, uma hora e meia atrás. De repente, Door parou:

— Não podemos fazer isso! — exclamou, categórica. — Não podemos deixá-lo sozinho.

— Claro que podemos. E já deixamos — retrucou o marquês.

Ela balançou a cabeça. Estava se sentindo culpada e idiota desde que vira Richard quase esmagado sob Ruislip nos testes para guarda-costas. E estava cansada de se sentir assim.

— Não seja tola — disse o marquês.

— Richard salvou a minha vida. Ele poderia ter me deixado lá na calçada, mas não deixou.

Era culpa dela. Ela sabia disso. Havia aberto uma porta para alguém que pudesse ajudá-la, e a pessoa a ajudara. Richard a levara para um lugar seguro, aquecido, cuidara dela e buscou auxílio. Isso tudo fizera com que ele passasse do seu mundo para o dela.

A simples ideia de pensar em levá-lo junto com eles era absurda. Não podiam arriscar trazer alguém. Ela nem mesmo tinha certeza de que os três conseguiriam tomar conta de si próprios na jornada que os aguardava.

Ficou pensando por um instante se teria sido somente aquela porta — que ela abrira e que a levara até ele — a responsável pelo fato de ele a ter notado, ou se haveria algo mais.

O marquês ergueu uma sobrancelha: era um homem desprendido, distante, uma criatura de ironia pura.

— Minha cara senhorita, não podemos trazer um convidado nesta expedição.

— Não use esse tom superior comigo, de Carabas — disse Door. Ela se sentia tão cansada... — Acho que posso muito bem decidir quem vem

conosco. Você está *trabalhando* para mim, não? Ou é o contrário?

A tristeza e a exaustão sugaram toda sua paciência. Ela precisava do marquês — não podia se dar ao luxo de mandá-lo embora —, mas também havia chegado a seu limite.

De Carabas olhou para ela, frio e com raiva.

— Ele *não* virá conosco — afirmou, categórico. — Mesmo porque já deve estar morto.

* * *

Richard não estava morto. Estava sentado no escuro, em uma saliência ao lado de uma boca-de-lobo, pensando no que fazer, se seria possível ficar numa situação ainda pior do que aquela. Sua vida até aquele momento o tinha preparado para ter um emprego no mercado financeiro, fazer compras no supermercado, assistir ao jogo de futebol na TV nos fins de semana, girar o termostato do aquecedor caso ficasse com frio — mas com certeza não para ser uma não-pessoa, habitando os telhados e os esgotos de Londres, e para uma vida no frio, na umidade, no escuro.

Viu o brilho fraco de uma luz. Ouviu passos em sua direção. Se, decidiu, fosse um bando de assassinos, canibais ou monstros, ele nem mesmo resistiria. Que acabassem com tudo — ele próprio já estava farto da sua vida. Olhou para baixo, no escuro, para o local onde seus pés deveriam estar. Os passos ficaram mais próximos.

— Richard?

Era a voz de Door. Ele levou um susto. Mas a ignorou, de propósito. *Se não fosse por sua causa...,* pensou.

— Richard?

Ele não olhou para cima. Só perguntou: — Quê?

— Olha, você não estaria nesta confusão toda se não fosse por minha causa.

Ah, não me diga, pensou. Ela continuou:

— Não acho que você vá ficar mais seguro conosco. Mas... é... — ela parou de falar e deu um suspiro profundo. — Eu sinto muito. De verdade. Você vem com a gente?

Ele olhou para ela: uma pequena criatura, com olhos enormes, olhando de volta para ele de um jeito insistente, com um rosto delicado e pálido. Tudo

bem, disse para si mesmo, acho que ainda não estou pronto para desistir de tudo e morrer.

— Bom, não há nenhum lugar em que eu precise estar agora — disse ele, com um tom despreocupado que beirava a histeria. — Então... por que não?

O rosto dela se transformou. Jogou os braços em volta do peito dele e lhe deu um abraço apertado.

— A gente vai tentar fazer você voltar para casa. Prometo. Assim que eu achar o que estou procurando.

Ele ficou pensando se ela falava sério, e suspeitou, pela primeira vez, que a oferta dela era impossível. Mas tratou de se livrar logo desse pensamento. Começaram a andar. Richard podia ver Hunter e o marquês, com a cara de alguém que foi forçado a engolir um limão, esperando por eles no fim do túnel.

— Mas o *que* você está procurando, afinal? — perguntou Richard, um pouco mais alegre.

Door respirou fundo e respondeu depois de uma longa pausa.

— É uma longa história — disse, em tom solene. — Neste momento estamos procurando um anjo chamado Islington.

Foi aí que Richard começou a rir — ele não podia evitar. Havia certa histeria no riso, sem dúvida, mas também toda a exaustão de alguém que conseguira, de alguma maneira, acreditar em várias coisas impossíveis nas últimas vinte e quatro horas — e isso sem tomar um café-da-manhã decente. Sua risada ecoava pelos túneis.

— Um anjo? — perguntou, rindo incontrolavelmente. — Chamado Islington?[4]

— Temos um longo caminho a percorrer — disse Door. E Richard balançou a cabeça, esgotado, vazio, dolorido.

— Um anjo — sussurrou ele, de um jeito meio histérico, para os túneis e para a escuridão. — Um anjo!

* * *

Havia velas em todo o Salão Principal: perto dos pilares de ferro que sustentavam o teto, próximas à cascata que descia por uma parede e desembocava no pequeno lago artificial de pedras, agrupadas nas laterais da parede de pedra, amontoadas no chão, e em candelabros junto à enorme porta localizada entre dois pilares escuros de ferro. A porta era feita de sílex negro e polido, sobre uma base de prata que havia escurecido com o passar dos séculos, até ficar quase negra. As velas estavam apagadas, mas, quando a enorme figura passou por elas, acenderam. Ninguém as tocou, nenhum fogo

se aproximou dos pavios.

A túnica da pessoa era simples e branca — ou mais do que branca. Uma cor (ou uma ausência de todas as cores) tão clara que causava espanto. Seus pés estavam descalços, nus sobre o frio chão de pedra do Salão Principal. O rosto era pálido, sábio, suave e talvez um pouco solitário.

Sua beleza era indescritível.

Logo todas as velas do Salão estavam acesas. A figura parou perto do lago de pedras, ajoelhou-se, mergulhou as mãos em concha na água cristalina, ergueu-as e bebeu. A água era fria, mas muito pura. Quando parou de beber, fechou os olhos por um instante, como numa oração. Então se levantou e foi embora, voltando pelo mesmo caminho que fizera. As velas se apagavam à medida que passava, como sempre ocorrera, por dezenas de milhares de anos. Não tinha asas mas era, sem dúvida, um anjo.

Islington saiu do Salão Principal. A última vela se apagou e a escuridão retornou.

SEIS

RICHARD ESCREVEU MENTALMENTE EM UM DIÁRIO IMAGINÁRIO. *Querido Diário,* começou ele. *Na sexta-feira eu tinha um emprego, uma noiva, uma casa e uma vida normal (bom, pelo menos até o ponto em que a vida consegue ser normal). Então eu achei uma moça sangrando na calçada e tentei bancar o Bom Samaritano. Agora não tenho mais noiva, casa ou emprego, fico andando a esmo a uns sessenta metros abaixo das ruas de Londres e minha expectativa de vida é tão longa quanto a de uma drosófila suicida.*

— Por aqui — disse o marquês, fazendo um gesto elegante, com o punho de renda de sua camisa, sujo, à mostra.

— Vocês não acham que esses túneis parecem todos iguais? — perguntou Richard, suspendendo sua anotação mental por um instante. — Como sabem qual túnel é o certo?

— Não sabemos — respondeu o marquês, num tom triste. — Estamos irremediavelmente perdidos. Ninguém nunca nos achará. Em dois dias, mais ou menos, estaremos matando uns aos outros para poder comer.

— Sério? — perguntou Richard. Ele se odiou por morder a isca, no exato momento em que fez a pergunta.

— Não.

O marquês fez cara de quem achava que torturar aquele pobre idiota era fácil demais para ser divertido. Richard, contudo, descobriu que se importava cada vez menos com o que aquelas pessoas pensavam dele. Com exceção de Door, talvez.

Voltou a escrever em seu diário mental. *Há centenas de pessoas nessa outra Londres, talvez milhares. Elas são daqui mesmo ou de alguma maneira caíram por buracos na Londres verdadeira. Eu estou andando por aí com uma moça chamada Door, a guarda-costas dela e um grande vizir psicótico. Na noite passada dormimos num pequeno túnel que Door disse que já tinha feito parte do esgoto de Regency. A guarda-costas estava acordada quando eu fui dormir e continuava assim quando me acordaram. Acho que ela nunca dorme. Comemos um bolo de frutas no café-da-manhã, o marquês tinha um pedaço bem grande no seu bolso. Por que alguém teria um pedaço de bolo de frutas no bolso? Meus sapatos quase secaram enquanto eu dormia.*

Quero ir pra casa. E sublinhou mentalmente essa frase três vezes, escreveu-a de novo em letras garrafais, em tinta vermelha, circulou-a e colocou vários pontos de exclamação depois dela, na margem mental do seu diário.

Pelo menos o túnel por onde passavam estava seco. Era um túnel moderno: cheio de canos prateados e paredes brancas. Door e o marquês andavam juntos, na frente. Richard os seguia com alguns passos de distância. Hunter ficava mudando de lugar — às vezes estava atrás deles, às vezes ao lado de um ou de outro, às vezes mais à frente, escondida nas sombras. Não fazia nenhum barulho ao se mover, o que Richard achava meio perturbador.

Uma luz apareceu.

— Cá estamos — proclamou o marquês. — Bank Station. Um bom lugar para começar a procurar.

— Vocês estão loucos — disse Richard. Não tinha a intenção de que ninguém o ouvisse, mas até a mais *sotto* das vozes ecoava naquela escuridão.

— Ah, é? — perguntou de Carabas. O chão começou a tremer: um metrô estava passando perto dali.

— Richard, pare com isso, sim? — pediu Door. Mas as palavras saíam de sua boca:

— Mas vocês dois estão agindo feito loucos. Anjos não existem.

O marquês assentiu com a cabeça e disse:

— Ah, sim. Agora estou entendendo você. Anjos não existem. Assim como não existe uma Londres-de-Baixo, nem falantes de ratês, nem pastores em Shepherd's Bush.

— Mas *não* existem pastores em Shepherd's Bush. É em Londres! Já estive lá. Há casas, lojas, ruas e a BBC. E só — corrigiu Richard, categórico.

— Existem pastores lá — interveio Hunter, na escuridão, bem perto da orelha de Richard. — E é bom você rezar para que nunca os encontre.

Seu tom de voz era bem sério.

— Mesmo assim, eu ainda não acredito que exista um bando de anjos voando aqui embaixo.

— Mas não existe mesmo. Só um — concluiu o marquês.

Chegaram ao fim do túnel. Havia uma porta trancada à frente deles. O marquês encostou na parede.

— Queira passar, minha cara — disse para Door.

Por um instante, ela pousou uma mão sobre a porta, que se abriu silenciosamente.

— Talvez — continuou Richard, insistente — a gente esteja pensando em coisas diferentes. Na minha cabeça, anjos têm asas, halos, trombetas, são seres bem paz-na-terra-aos-homens-de-boa-vontade.

— É isso mesmo — disse Door. — Você entendeu.

Anjos. Atravessaram a porta. Richard fechou os olhos, sem perceber, por causa da luz intensa e repentina que penetrava sua cabeça como se fosse uma enxaqueca. Quando seus olhos se acostumaram, ele descobriu, para sua surpresa, que conhecia aquele lugar: estavam no comprido túnel para pedestres que liga as estações Monument e Bank. Havia pessoas passando pelos túneis, e nenhuma delas sequer olhou para eles. O alegre som de um saxofone ecoou. Alguém tocava, até que bem, "I'll Never Fall in Love Again", de Burt Bacharach e Hal David. O grupo caminhou na direção da Bank Station.

— Quem estamos procurando, então? — perguntou Richard, com um ar mais ou menos inocente. — O anjo Gabriel? Rafael? Miguel?

Passaram por um mapa do metrô, e o marquês indicou a Angel Station, batendo no guia com seu comprido e escuro dedo: Islington.

Richard estivera centenas de vezes na Angel Station. Ficava em Islington, um bairro badalado, cheio de lojas de antiguidades, bares e restaurantes. Ele não sabia muita coisa sobre anjos, mas tinha quase certeza de que a estação de metrô em Islington recebera seu nome por causa de um pub ou de algum ponto de referência. Mudou de assunto:

— Sabe, não consegui pegar metrô quando tentei, há uns dois dias.

— Você precisa mostrar quem é que manda, só isso — sussurrou Hunter, atrás dele.

Door mordeu o lábio inferior e disse:

— O trem que estamos buscando vai nos deixar entrar. Se nós o acharmos. Suas palavras quase foram abafadas pela música, que vinha de algum lugar ali perto. Desceram alguns degraus e viraram uma esquina.

O saxofonista deixara um casaco à sua frente, no chão do túnel. Sobre ele havia algumas moedas, que pareciam ter sido colocadas pelo próprio homem para indicar aos passantes que as pessoas contribuíam pelo menos um pouco. Mas ninguém era enganado pelo truque.

O saxofonista era bem alto, tinha cabelos pretos até o ombro e uma barba escura, comprida, dividida ao meio. Tudo isso servia de moldura para olhos fundos e um nariz sisudo. Usava uma camiseta esfarrapada e jeans manchados de óleo. Quando se aproximaram, ele parou de tocar, tirou a saliva do bocal do instrumento, recolocou-o no lugar e emitiu as primeiras notas de “Cry Me a River”, de Julie London.

Now, you say you’re sorry...

Richard percebeu, surpreso, que o homem podia vê-los — e também que ele estava fazendo o máximo para fingir que não podia. O marquês parou na frente dele. O saxofone foi deixando de tocar até dar um guincho nervoso. De Carabas sorriu com frieza.

— Você se chama Lear, não é? — perguntou.

O homem assentiu, temeroso. Seus dedos acariciavam as teclas do saxofone.

— Estamos procurando Earl's Court — continuou o marquês. — Você por acaso teria o horário dos trens aí?

Richard começava a entender. Supôs que a Earl's Court a que ele se referia não era a estação de metrô em que ele esperara o trem diversas vezes, lendo o jornal ou sonhando acordado. O homem que se chamava Lear umedeceu os lábios com a ponta da língua.

— Não é impossível. O que ganho, se tiver?

De Carabas enfiou as mãos bem no fundo dos bolsos de sua casaca. E sorriu, como um gato a quem fosse confiada a chave de uma casa cheia de canários obstinados e gordinhos.

— Dizem — começou ele, com tranquilidade, como se estivesse apenas matando tempo — que Blaise, o mestre de Merlin, escreveu uma música tão encantadora que atraía as moedas dos bolsos de todos que a ouviam.

Lear estreitou os olhos.

— Isso aí deve valer bem mais do que um papel com os horários do trem. Se é que você tem mesmo.

O marquês fingiu com perfeição ter se dado conta disso apenas naquela hora ("nossa, deve mesmo, não é?"):

— Bom, então — disse ele, generoso — acho que você vai ficar me devendo uma, certo?

Lear assentiu, meio relutante. Remexeu no bolso de trás, puxou um pedaço de papel todo dobrado e o ergueu. O marquês esticou a mão. Lear afastou a sua.

— Deixa eu ouvir a música primeiro, seu trapaceiro. E é melhor ela funcionar.

O marquês ergueu uma sobrancelha. Enfiou rápido a mão em um de seus bolsos internos e retirou de lá uma flauta irlandesa e uma pequena bola de cristal. Olhou para a bola de cristal, fez "humm", como se dissesse "ah, então foi aí que ela foi parar", e a guardou de novo. Estalou os dedos, colocou a flauta nos lábios e começou a tocar uma musiquinha estranha e alegre, um som que pulava, contorcia-se, embalava. A música fez Richard se sentir como se tivesse 13 anos de idade de novo, ouvindo as "Vinte Mais" no rádio portátil de seu melhor amigo na hora do almoço, na escola, naquela época em que a música pop era a coisa mais importante do mundo. A melodia do marquês era tudo que ele sempre quisera ouvir em uma canção...

Um punhado de moedas caiu tilintando sobre o casaco de Lear, jogadas pelos transeuntes, que passavam por ali caminhando alegremente e com um sorriso no rosto. De Carabas entregou a flauta.

— E, então fico te devendo uma, seu patife — disse Lear, balançando a cabeça.

— Fica.

O marquês pegou o papel — o horário dos trens —, deu uma olhada rápida e fez um movimento afirmativo com a cabeça.

— Mas uma advertência: não use demais. Um pouquinho já basta.

E, ouvindo o som do saxofone e o tilintar de moedas caindo sobre o casaco, os quatro foram embora pelo corredor comprido, repleto de pôsteres que anunciavam filmes e roupas íntimas, e de um ou outro aviso do governo pedindo que os músicos que tocavam por dinheiro saíssem da estação.

O marquês os levou até uma plataforma da linha central. Richard foi até a beirada e olhou para baixo. Ficou pensando, como sempre pensava, qual seria o trilho que dava a descarga elétrica, e decidiu, como sempre decidia, que era o que ficava mais distante da plataforma, com os isolantes de porcelana esbranquiçada entre ele e o chão. Depois sorriu, sem querer, ao ver um pequeno ratinho cinza-escuro corajoso que perambulava por ali em busca de sanduíches ou salgadinhos perdidos.

Uma voz saiu pelos alto-falantes, aquela voz formal e artificial que adverte: “Cuidado com o vão”, para avisar aos passageiros distraídos que não pisem no espaço existente entre o trem e a plataforma. Richard, como grande parte dos habitantes de Londres, já nem prestava mais atenção ao aviso. Mas, de repente, sentiu a mão de Hunter sobre seu braço.

— Cuidado com o vão — avisou, com urgência. — Fique mais para trás. Perto da parede.

— O quê?

— Eu disse para ter cuidad...

Nesse instante a coisa surgiu na lateral da plataforma. Era transparente, parecia vinda de um sonho, meio fantasmagórico, da cor de fumaça preta, e fluía como seda na água. Deslocando-se com uma rapidez absurda, e ao mesmo tempo parecendo mover-se quase como se estivesse em câmera lenta, enrolou-se bem firme ao redor do tornozelo de Richard. Apesar da grossura da calça jeans, a coisa o picou, puxando-o para a beirada da plataforma, e ele perdeu o equilíbrio.

Richard percebeu, como se estivesse longe, que Hunter pegara seu cajado e golpeava com força o tentáculo, diversas vezes.

Ouviu-se um grito ao longe, fino e débil, como o de uma criança idiota que acaba de ter seu brinquedo tomado. O tentáculo de fumaça soltou o tornozelo de Richard, deslizou de volta pela beirada da plataforma e desapareceu. Hunter pegou Richard pela nuca e o empurrou contra a parede, sobre a qual ele desabou. Estava tremendo — o mundo de repente parecia completamente irreal. No ponto em que a coisa havia tocado sua calça, a cor tinha sumido, como se alguém tivesse descolorido o jeans sem muito cuidado. Puxou a perna da calça para cima: pequenas marcas roxas surgiam sobre a pele, no tornozelo e na panturrilha.

— O que... — tentou falar, mas nada saía. Engoliu em seco e recomeçou: — O que era aquilo?

Hunter lhe lançou um olhar impávido. Seu rosto parecia ter sido esculpido em madeira marrom.

— Não acho que tenha um nome. São coisas que vivem no vão. Eu te avisei.

— Eu... nunca vi uma dessas antes.

— Mas você não fazia parte do Submundo antes. Espere perto da parede. É mais seguro.

O marquês verificava as horas em um grande relógio de bolso dourado. Colocou-o de volta no seu colete, consultou o papel que Lear havia lhe dado e fez um movimento de cabeça, satisfeito.

— Estamos com sorte. O trem para Earl's Court deve chegar em mais ou menos meia hora.

— A estação de Earl's Court não fica na linha central — corrigiu Richard. O marquês olhou para ele, entretido.

— Mas que mente fantástica você tem, meu jovem. Nada como a ignorância, não é mesmo?

A brisa morna começou a soprar. Um trem parou na estação. Pessoas entravam e saíam, vivendo suas vidas, e Richard as observava, com inveja.

— Cuidado com o vão — disse a voz gravada. — Mantenham-se longe das portas. Cuidado com o vão.

Door olhou para Richard. Transtornada pelo que via, foi até ele e pegou sua mão. Ele estava ofegante e muito pálido.

— Cuidado com o vão — ecoou a voz mais uma vez.

— Eu estou bem — mentiu Richard, corajoso, para ninguém específico.

* * *

O pátio central do hospital em que o senhor Croup e o senhor Vandemar estavam era um lugar sem vida, úmido. O mato crescia entre mesas abandonadas, pneus e restos de móveis de escritório. A impressão que se tinha da área era que uma década antes (talvez por não terem o que fazer, ou por estarem frustradas, ou ainda até como algum ato rebelde ou artístico) várias pessoas jogaram tudo o que havia em seus escritórios pela janela, lá do alto, e deixaram ali no térreo para apodrecer.

Também havia bastante vidro quebrado e vários colchões, alguns parecendo ter sido queimados. O mato crescia no meio das molas. Todo um

sistema ecológico tinha surgido em volta da fonte ornamental no centro do fosso — a qual, por um bom tempo, não tinha sido nem muito ornamental nem mesmo uma fonte. Um cano de água rachado, vazando, que ficava ali perto, com o auxílio de um pouco da água da chuva, transformou-a num criadouro de rãzinhas, que pulavam na água alegremente, desfrutando da liberdade de um lugar sem predadores naturais alados. Contudo, corvos e melros, e até umas gaivotas de vez em quando, consideravam o local uma rotisseria especializada em rãs.

Lesmas se espalhavam, indolentes, sob as molas dos colchões queimados. Caramujos deixavam trilhas de gosma sobre o vidro quebrado. Grandes besouros negros passavam para lá e para cá, muito ocupados, sobre telefones cinzas arrebentados e bonecas Barbie misteriosamente mutiladas.

O senhor Croup e o senhor Vandemar tinham subido para esfriar a cabeça. Caminhavam lentamente em volta do pátio central, o som de vidro sendo esmagado sob seus pés. Com seus ternos pretos e gastos, pareciam sombras. O senhor Croup sentia uma fúria gélida. Andava duas vezes mais rápido que o outro, em círculos, quase dançando de tanta raiva. Às vezes, por não conseguir conter o ódio que sentia, ele se jogava em uma das paredes do hospital e começava a atacá-la fisicamente, com os pés e as mãos, como se ela fosse uma pessoa de verdade. O senhor Vandemar, por outro lado, simplesmente caminhava. Locomovia-se de um jeito consistente, firme e persistente demais para que aquilo fosse apenas um leve caminhar descompromissado — a Morte sem dúvida andava como o senhor Vandemar. Impassível, ele observava o senhor Croup chutar uma vidraça que estava apoiada na parede. O vidro se espatifou, com o som gratificante de algo se quebrando.

— Eu, senhor Vandemar — disse o senhor Croup, olhando para o vidro quebrado —, de minha parte, já agüentei quase tudo que posso. Quase. Aquele sapo dissimulado, insignificante, vagabundo, vacilão... Dá vontade de arrancar os olhos dele com os dedos...

O senhor Vandemar balançou a cabeça.

— Ainda não. Ele é o nosso chefe. Neste trabalho. Depois que ele nos pagar, talvez possamos nos divertir.

O senhor Croup cuspiu no chão.

— Ele é um tolo, inútil, ardiloso... A gente deveria é matar aquele desgraçado. Anulá-lo. Cancelá-lo. Sepultá-lo. Eliminá-lo.

Um telefone começou a tocar, bem alto. Os dois olharam em volta, intrigados. Por fim, o senhor Vandemar achou o aparelho, meio enterrado numa pilha de detritos sobre uma pequena montanha de fichas médicas manchadas. Os fios soltos do telefone ficavam pendurados. Pegou o gancho e o passou para o senhor Croup.

— É pra você.

O senhor Vandemar não gostava de telefones.

— Aqui é o Croup.

Depois, com um tom mais educado:

— Ah, é você, meu senhor... — uma pausa. — No momento, como havia

pedido, ela está andando por aí, livre como um passarinho. Acho que a sua ideia do guarda-costas acabou não dando certo... Varney? Sim, ele está morto, bem morto mesmo.

Outra pausa. Continuou:

— Meu senhor, começo a ter certa dificuldade para entender o papel que eu e meu parceiro desempenhamos em tais peripécias.

Houve uma terceira pausa, e aí o senhor Croup ficou mais branco que papel.

— Pouco profissionais? — perguntou, em tom cordial. — Nós? — Fechou a mão e esmurrou uma parede de tijolos. Não houve mudança em seu tom de voz, contudo, quando ele continuou a falar.

— Meu senhor. Permita-me por favor lembrá-lo de que eu e o senhor Vandemar destruímos a Cidade de Troia. Levamos a Peste Negra até Flandres. Assassinamos uma dezena de reis, cinco papas, cerca de cinquenta heróis e dois deuses. Nossa última missão, antes desta, foi torturar até a morte todos os monges de um mosteiro na Toscana, no século XVI. Nós somos profissionais *ao extremo*.

O senhor Vandemar, que estava se divertindo pegando pequenas rãs e vendo quantas conseguia colocar na boca de uma vez só, disse, com a boca cheia:

— Eu gostei de fazer isso aí...

— O que eu quero provar com isso? — perguntou o senhor Croup, enquanto espanava a poeira imaginária de seu terno preto e gasto, ignorando a poeira de verdade. — Que nós somos assassinos. Nós cortamos gargantas. Nós matamos.

Fez outra pausa, ouvindo o que a outra pessoa dizia, e perguntou:

— Bom, e quanto ao homem que veio do Mundo de Cima? Não podemos matá-lo?

O senhor Croup se contraiu, cuspiu mais uma vez e chutou a parede, segurando o telefone enferrujado e quebrado.

— Dar um *susto* nela? Mas nós somos assassinos, não espantalhos. — Uma pausa. Respirou fundo. — Sim, eu compreendo, mas não gosto disso.

A pessoa do outro lado havia desligado. O senhor Croup olhou para o telefone. Depois o segurou com uma mão e começou a arrebentá-lo metodicamente em pedaços, batendo-o contra a parede.

O senhor Vandemar foi até ele. Tinha encontrado uma grande lesma preta e cor-de-laranja brilhante, e a estava mastigando, como se fosse um gordo charuto. Ela tentava fugir, arrastando-se pelo queixo dele.

— Quem era?

— Quem você acha que era?

O senhor Vandemar mastigou, pensativo, e então sugou a lesma para dentro da boca.

— Um espantalho?

— Nosso chefe.

— Ia ser meu próximo chute.

— Espantalhos — cuspiu o senhor Croup, enojado. Passava sem pressa de um estado de raiva exasperada para um de mau humor e conformidade.

O senhor Vandemar engoliu o que tinha na boca e limpou os lábios na manga.

— A melhor maneira de espantar corvos — disse o senhor Vandemar — é ir de mansinho atrás deles, colocar a mão em volta de seus pequenos pescocinhos e apertar até pararem de se mexer. Isso faz eles morrerem de medo.

Com isso ficou em silêncio. Lá em cima, ouviu o som de corvos voando,

gralhando, zangados.

— Corvos. Família *Corvidae.* Substantivo coletivo: assassinato — recitou, deliciando-se com o som da última palavra.

* * *

Richard esperava perto da parede, junto de Door. Ela não falava quase nada. Roía as unhas, passava as mãos por entre o cabelo avermelhado até ele ficar armado em todas as direções e depois tentava colocá-lo de volta no lugar. Ela sem dúvida não se parecia com ninguém que ele já vira. Quando percebeu que ele a olhava, Door se encolheu e se perdeu dentro de suas camadas de roupas, ficando ainda mais escondida em seu casaco de couro. Lá de dentro, seu rosto olhava para o mundo. Sua expressão lembrava Richard de uma bela criança desamparada que ele vira uma vez, no inverno anterior, atrás de Covent Garden: ele não sabia ao certo se era um menino ou uma menina. Sua mãe pedia esmolas às pessoas que passavam para alimentar a criança e o bebê que carregava nos braços. Mas a criança olhava para o mundo, sem dizer nada, embora fosse certo que estivesse com fome e com frio. Ficava lá, parada, olhando.

Hunter estava perto de Door, olhando para os dois lados da plataforma. O marquês lhes dissera onde deveriam esperar e logo desaparecera. Richard ouviu um bebê começar a chorar em algum lugar. De Carabas apareceu em uma porta e foi até eles. Mastigava um pedaço de doce.

— Está se divertindo? — perguntou Richard.

Um trem se aproximava. Sua chegada era anunciada por uma brisa morna.

— Só resolvendo umas coisas — explicou o marquês.

Consultou o pedaço de papel e seu relógio. Apontou para um ponto na plataforma.

— Este deve ser o trem que vai para Earl's Court. Fiquem atrás de mim, vocês três.

Enquanto o trem do Submundo — Richard percebeu, desapontado, que era um trem normal, de aparência banal — chegava à estação, barulhento, o marquês se debruçou sobre Richard para falar com Door:

— Minha cara, existe algo que talvez eu devesse ter dito antes.

Ela voltou para ele seus olhos de cor estranha.

— Sim?

— Bom... pode ser que o conde não fique muito satisfeito em me ver.

O trem diminuiu a velocidade e parou. O vagão que tinha parado na frente de Richard estava bem vazio: as luzes, apagadas, o interior desolado, escuro. Algumas vezes Richard já tinha reparado nesses vagões, fechados e escuros, nos metrôs, e ficava se perguntando para que serviam. As outras portas do trem sibilaram e abriram, os passageiros entravam e saíam. As do vagão escuro continuavam fechadas. O marquês bateu na porta, uma batida ritmada, complicada. Nada aconteceu. Richard estava começando a pensar se o trem partiria sem eles quando alguém abriu a porta do vagão pelo lado de dentro. A abertura era só uma fresta, e o rosto de uma pessoa idosa, com óculos, saiu.

— Quem bate?

Através da fresta, Richard via algumas chamas queimando, pessoas e fumaça dentro do vagão. Através dos vidros, no entanto, só via um vagão vazio e escuro.

— Lady Door e seus acompanhantes — anunciou o marquês, com educação.

A porta se abriu por completo, e agora eles estavam dentro de Earl's Court, a Corte do Conde.

SETE

HAVIA PALHA ESPALHADA PELO CHÃO, SOBRE UMA CAMADA DE juncos. Havia uma grande lareira acesa, crepitando e espalhando sua luz. Havia algumas galinhas ciscando pelo chão. Havia cadeiras com almofadas bordadas a mão e tapeçarias cobrindo as janelas e as portas.

Richard oscilou um pouco para a frente quando o trem saiu da estação. Tentou se segurar na pessoa mais próxima, até recuperar o equilíbrio. A pessoa mais próxima era um guarda idoso, grisalho e baixinho, que (avaliou Richard) pareceria um velhinho recém-aposentado não fosse o capacete, a sobrecasaca, a armadura de malha de metal meio malfeita e a lança. Na verdade, ele parecia um velhinho aposentado do exército que fora convocado para atuar numa peça amadora em que, um pouco a contragosto, desempenharia o papel de guarda.

O homenzinho grisalho piscou, meio míope, para Richard quando ele o agarrou, e lhe disse, com voz lúgubre:

— Sinto muito.

— Não, foi culpa minha — emendou Richard.

— Eu sei.

Um cão, um enorme *wolfhound* irlandês, caminhou pelo corredor e parou ao lado de um músico de alaúde, que estava sentado no chão, tentando tocar uma melodia de um jeito meio indolente. O cachorro olhou para Richard, bufou com desdém, deitou-se e foi dormir. Na outra extremidade do vagão, um falcoeiro idoso, com um falcão usando uma carapuça pousado no braço, falava de amenidades com várias damas de idade avantajada. Alguns passageiros, é claro, olhavam para os quatro viajantes; outros, é claro, ignoravam sua presença. Richard pensou que era como se alguém tivesse transportado, do modo mais fiel possível, uma pequena corte medieval para um vagão do metrô.

Um arauto ergueu a corneta aos lábios e tocou uma nota sem ritmo quando um homem idoso e enorme, vestido com uma túnica coberta de pele e sapatos baixos de tecido, veio andando pela porta que levava ao outro vagão, o braço apoiado no ombro de um bobo da corte que trajava roupas esfarrapadas, feitas de retalhos. O velho era grande em todos os sentidos e usava um tapa-olho do lado esquerdo, o que o fazia ter uma aparência um tanto indefesa e desajeitada, como um falcão com um olho só. Havia pedaços de comida em sua barba vermelha e cinzenta, e suas calças pareciam um pijama, visíveis sob a barra de sua surrada túnica de pele.

Este deve ser o conde, pensou Richard (e estava certo).

O bobo da corte era um homem mais velho, com uma boca fina, mal-humorada, e um rosto pintado. Levou o conde até um assento de madeira, esculpido como se fosse um trono — e lá sentou-se o conde, de um jeito meio desengonçado. O *wolfhound* se levantou, atravessou o vagão e pôs-se aos pés do conde.

Earl's Court: A Corte do Conde. Mas é claro, pensou Richard. E começou a imaginar se haveria um barão na estação Barons Court, um corvo na Ravenscourt, um...

O velho guarda tossiu uma tosse asmática, e pronunciou:

— Pois então, vocês aí. Digam a que vieram.

Door deu um passo para a frente. Ia de cabeça erguida, parecendo de repente mais alta e mais à vontade do que Richard vira antes, e disse:

— Gostaríamos de ter uma audiência com Sua Graça, o Conde.

O conde acenou para alguém do outro lado do vagão.

— O que essa mocinha disse, Halvard?

Richard ficou pensando que ele talvez fosse surdo. Halvard, o guarda velhinho, remexeu-se e pôs a mão em concha perto da boca.

— Eles querem ter uma audiência, Sua Graça — gritou, sua voz mais alta que o barulho do trem.

O conde tirou seu capuz de pele e coçou a cabeça, pensativo. Dava para ver que estava ficando careca.

— Ah, é? Uma audiência? Que maravilha. E quem são eles, Halvard?

Halvard voltou-se para eles.

— Ele quer saber quem são vocês. Mas sejam breves, não falem muito.

— Sou Lady Door. O Lorde Portico era meu pai.

O conde ficou radiante com isso. Debruçou-se para a frente e tentou enxergar através da fumaça com seu olho bom.

— Ela disse que é a filha mais velha de Portico? — perguntou ao bobo da corte.

— Sim, Sua Graça.

O conde fez um gesto para que Door se aproximasse.

— Venha cá. Venha, venha, venha! Deixe-me olhar para você.

Ela caminhou pelo vagão que chacoalhava, agarrando os apoios pendurados no teto para não perder o equilíbrio. Quando ficou de frente para o trono de madeira do conde, fez uma reverência. Ele coçou a barba e olhou para ela.

— Ficamos todos devastados com a notícia de seu pai e sua terrível... — disse o conde, e depois parou. Continuou: — Bom, toda a sua família, foi uma... — outra pausa — Você sabe que eu gostava muito dele e que já negociamos, eu e seu pai... o bom e velho Portico... sempre cheio de ideias...

E parou. Deu um leve tapinha no ombro do bobo da corte e sussurrou, numa voz retumbante e rabugenta, alta o suficiente para ser ouvida, apesar do barulho do trem:

— Vá fazer graça para eles, Tooley. Seja útil.

O bobo da corte veio cambaleando pelo corredor, andando como se tivesse artrite. Parou na frente de Richard.

— E você, quem é? — perguntou.

— Eu? Hã... eu? Meu nome? É Richard. Richard Mayhew.

— *Eu?* — disse o bobo, imitando o sotaque escocês de Richard com voz fina e afetada. — *Eu? Hã... Eu? La, nuncle*[5]. Eis aqui um palerma que usa saia xadrez, não um homem.

Os cortesãos deram risinhos meio abafados, só para ajudar a piada.

— E eu — disse de Carabas para o bobo, com um sorriso radiante — sou o marquês de Carabas.

O bobo da corte piscou, incrédulo.

— De Carabas, o ladrão? De Carabas, o que rouba covas? De Carabas, o traidor? — perguntou o bobo.

Virou-se para os cortesãos em volta. E continuou:

— Mas este não pode ser de Carabas. E por quê? Porque de Carabas há muito foi banido da presença do conde. Talvez seja então algum rato que cresceu demais.

Os cortesãos deram risadinhas contidas, meio constrangidos, e um murmúrio percorreu o grupo. O conde não disse nada, mas comprimiu bem os lábios e começou a tremer.

— Eu me chamo Hunter.

E aí os cortesãos ficaram em silêncio. O bobo abriu a boca, como se fosse

dizer algo, olhou para ela e desistiu. Um sorriso ameaçava aparecer no canto dos lábios perfeitos de Hunter.

— Vamos — pediu ela —, diga algo engraçado.

O bobo ficou olhando para baixo, para seus pés. E então murmurou:

— A senhorita conhece a piada do “não nem eu”?

O conde, que encarava o marquês de Carabas todo esse tempo, com chamas nos olhos, ficou de repente em pé como um vulcão de barba cinzenta, como um bárbaro envelhecido. Sua cabeça roçava o teto do vagão. Apontou para de Carabas e gritou, cuspindo:

— Isso é algo que não tolerarei, de jeito nenhum! Façam-no vir adiante.

Halvard sacudiu, meio desanimado, sua lança na direção do marquês, que foi andando com calma até a parte posterior do vagão, até ficar ao lado de Door, diante do trono do conde. O *wolfhound* grunhiu sem abrir a boca.

— Você! — disse o conde, apontado para ele um dedo enorme, nodoso. — Eu reconheço você, de Carabas. Não me esqueci. Posso estar velho, mas não me esqueci.

O marquês fez uma reverência.

— Permita-me lembrar Sua Graça — começou ele, educado — que tínhamos um acordo, recorda-se? Negociei o tratado de paz entre o seu povo e a Corte do Corvo. E, como recompensa, o senhor concordou em fazer-me um pequeno favor.

Ah, então a Corte do Corvo, Ravenscourt, existe mesmo, pensou Richard. Ficou imaginando como seriam as coisas por lá.

— Um pequeno favor? — repetiu o conde. Ficou vermelho de raiva. — Você chama isso de um pequeno favor? Perdi uns dez homens por causa de sua insensatez ao bater em retirada da Cidade Branca. Perdi um olho.

— E, se me permite, Sua Graça, devo dizer que este é um tapa-olho muito elegante. É perfeito para o seu rosto.

— Eu jurei... — dizia o conde, espumando de raiva, sua barba se eriçando — Eu jurei que... se você colocasse os pés mais uma vez em meus domínios, eu... — e parou de falar. Balançou a cabeça, confuso, sem conseguir se lembrar. E continuou: — Eu vou me lembrar. Não me esqueço dessas coisas.

— Então talvez ele não ficasse muito satisfeito em revê-lo, não é? — sussurrou Door para de Carabas.

— Bom, ele não está mesmo — sussurrou ele de volta. Door deu mais um passo à frente.

— Sua Graça — disse ela, em voz alta e clara —, de Carabas veio comigo como meu convidado e acompanhante. Em nome da ligação que havia entre a sua família e a minha, em nome da amizade entre meu pai e...

— Ele abusou de minha hospitalidade — ralhou o conde, com voz grossa. — Eu jurei que... se ele entrasse mais uma vez em meus domínios, eu mandaria tirarem-lhe as tripas e o deixaria secando ao sol... como se fosse... como alguma coisa que é estripada e deixada... como...

— Talvez... como um salmão defumado, meu senhor? — sugeriu o bobo da corte.

O conde deu de ombros.

— Não importa. Guardas, peguem-no!

E os guardas foram até ele. Embora muitos já tivessem passado dos 60 anos de idade, cada um segurava uma arma, apontada para o marquês, e suas mãos não tremiam, nem de medo, nem de velhice. Richard olhou para Hunter. Ela não parecia estar preocupada com aquilo: observava a cena como se estivesse se divertindo, como alguém que assiste a uma peça de teatro.

Door cruzou os braços e levantou mais a cabeça, erguendo seu queixo pontudo. Não parecia mais um duendezinho que morava na rua, e sim alguém acostumado a fazer valer sua vontade. Seus olhos de opala faiscavam.

— Sua Graça, o marquês é meu acompanhante em minha busca. Nossas

famílias são amigas há muito tempo...

— Sim, são — interrompeu o conde. — Há centenas e centenas de anos. Eu conheci o seu avô também. Sujeito engraçado. Meio cabeça de vento — confidenciou.

— Mas me sinto forçada a dizer que considerarei qualquer ato de violência contra meu acompanhante como uma agressão contra mim e minha casa.

A menina olhou para o velho. Ele era bem mais alto que ela. Ficaram ali parados, congelados por alguns momentos. Ele puxava sua barba avermelhada e cinzenta, nervoso. Fez um bico com o lábio inferior, como se fosse uma criancinha.

— Não tolerarei a presença dele aqui.

O marquês pegou o relógio de bolso dourado que havia encontrado no escritório de Portico. Virou-se para Door e disse, como se nada tivesse acontecido:

— Minha cara senhora, serei mais útil fora do trem do que aqui dentro. Preciso explorar outras coisas.

— Não — disse ela. — Se você for, todos nós iremos.

— Acho melhor não. Hunter tomará conta de vocês enquanto estiverem na Londres-de-Baixo. Encontro vocês no próximo Mercado. Não faça nenhuma besteira neste meio-tempo.

O trem estava chegando a uma estação.

Door olhou fixamente para o conde: havia algo antigo e poderoso naquele olhar, algo que sua jovem idade não deixava transparecer. Richard percebeu que todos ali ficavam em silêncio sempre que ela falava.

— Então o senhor o deixará ir em paz, Sua Graça? — perguntou ela.

O conde passou as mãos pelo rosto, esfregou o olho bom e o tapa-olho e voltou-se para ela.

— Apenas tirem ele daqui — ordenou. Olhou para o marquês e disse: — Da próxima vez... — e fez um gesto com o dedo velho e grande sobre seu pomo de Adão — ... feito um salmão defumado.

O marquês fez uma reverência.

— Eu sei onde fica a saída — comunicou aos guardas, e passou por uma porta aberta do vagão. Halvard ergueu sua arma e a apontou para as costas do marquês. Hunter esticou a mão e empurrou a extremidade da arma, apontando-a de novo para o chão. De Carabas saiu para a plataforma, virou-se e despediu-se com uma reverência cheia de salamaleques. A porta sibilou e se fechou.

O conde sentou em seu enorme trono, na outra ponta do vagão. Não disse nada. O trem chacoalhou e partiu túnel adentro.

— Onde estão os meus bons modos? — murmurou o conde para si mesmo. Olhou para eles com seu único olho. E disse de novo, com uma voz retumbante, num tom insistente que Richard conseguiu sentir no seu estômago como um acorde grave de contrabaixo.

— *Onde estão os meus bons modos?*

Fez um gesto para que um dos guardas idosos fosse até ele.

— Eles devem estar com fome após a jornada que fizeram, Dagvard. E com sede também, imagino.

— Sim, Sua Graça.

— Parem o trem! — clamou o conde. As portas abriram-se e Dagvard saiu. Richard observava as pessoas na plataforma. Ninguém entrou no vagão. Ninguém parecia notar nada de diferente.

Dagvard foi até uma máquina de lanches que havia por ali. Tirou seu elmo. E bateu com sua luva de malha de metal na lateral da máquina.

— Ordens do conde — disse ele. — Chocolates.

Ouviu-se um zunido mecânico nas entranhas da máquina, e ela começou a cuspir dezenas de barras de chocolate, uma após a outra. Dagvard posicionou seu elmo na abertura para as recolher. As portas do vagão começaram a se fechar, mas Halvard as bloqueou com sua lança. Elas se abriram de novo e começaram a se fechar e abrir repetidas vezes sobre a lança. *"Por favor, mantenham-se afastados das portas",* disse uma voz pelos alto-falantes. *"O trem não pode partir com as portas abertas"*

O conde estava olhando para Door de um jeito meio torto, com o único olho que enxergava.

— E então... o que a traz até mim? — perguntou.

Ela Umedeceu os lábios e disse:

— Bom, de forma indireta, Sua Graça, foi a morte de meu pai.

Ele assentiu com a cabeça, um movimento lento.

— Sim. Você busca vingança. O que é certo.

Ele tossiu, e então recitou, com voz profunda e grave:

— *Brava batalha esbravejante, flameja o fogo furioso, lâmina lapidada cravada em coração cruel, vermelho é o... o...* alguma coisa. Sim.

— Vingança? — Door ficou pensativa por um instante. — É. Foi o que meu pai disse. Mas quero mais é entender o que aconteceu e me proteger. Minha família não tinha inimigos.

Dagvard voltou cambaleante para o trem, o elmo cheio de barras de chocolate e latas de refrigerante. As portas então foram fechadas e o trem partiu.

* * *

O casaco de Lear, ainda estirado no chão do túnel, estava coberto de notas, moedas, e sapatos — chutando as moedas, sujando e destruindo as notas, rasgando o casaco. Lear começou a chorar.

— Por favor... Por que vocês não me deixam em paz?

Estava com as costas contra a parede. Sangue escorria por sua face e

pingava na barba. Amassado e arranhado, o saxofone pendia, meio torto, sobre seu peito.

Havia um pequeno grupo de pessoas em volta dele — mais de 20, menos de 50 —, todas se empurrando, uma turba descontrolada, os olhos vazios, fixos, homens e mulheres lutando e se contorcendo desesperadamente para dar dinheiro a Lear. Os azulejos da parede onde havia batido a cabeça estavam manchados de sangue. Ele se debatera contra uma mulher de meia-idade que tentava dar-lhe um punhado de notas de cinco libras tirado da bolsa, esquecida aberta no furor da confusão. Ela arranhou seu rosto, ansiosa para lhe entregar o dinheiro. Ele se desviou para evitar as unhadas e acabou caindo no chão.

Alguém pisou em sua mão. Sentiu no rosto uma cascata de moedas. Começou a choramingar e xingar.

— Eu disse para não usar demais — disse uma voz elegante, ali por perto. — Mas que coisa!

— Me ajude — pediu Lear, ofegante.

— Bom, de fato *existe* uma mágica contrária — admitiu a voz, quase relutante.

O grupo de pessoas estava cada vez mais perto. Alguém jogou em Lear uma moeda, que fez um corte em seu rosto. Ele ficou em posição fetal, abraçado a si mesmo, escondendo o rosto entre os joelhos.

— Toque logo, desgraçado — choramingou ele. — O que você quiser...

só faça eles pararem...

O marquês começou a tocar. As primeiras suaves notas da flauta ecoaram pelo túnel. Uma sequência simples, repetida diversas vezes, um pouco diferente a cada vez — "as variações de Carabas". Dava para ouvir os passos se afastando de Lear, incertos no começo, depois mais rápidos. Ele abriu os olhos. O marquês de Carabas estava encostado na parede, tocando a flauta. Quando viu Lear olhando para ele, guardou o instrumento de volta no bolso da casaca e jogou para o músico um lenço de linho remendado, com bordas de renda. Lear limpou o sangue da testa e do rosto.

— Eles podiam ter me matado — exclamou, em tom acusatório.

— Mas eu *avisei* — retrucou de Carabas. — Sorte a sua eu ter voltado pelo mesmo caminho.

Ele ajudou Lear a se sentar.

— Agora acho que você me deve outro favor — disse o marquês.

Lear apanhou seu casaco do chão: estava todo rasgado e sujo de lama e marcas de sapatos. De repente, sentiu muito frio e jogou o casaco arruinado por cima dos ombros. Moedas e notas caíam. Deixou tudo lá mesmo.

— Sou uma pessoa de sorte ou você armou isso para cima de mim?

De Carabas pareceu ofendido.

— Não sei como você pode pensar uma coisa dessas.

— Porque eu sei bem como você é. E, então, o que você quer que eu faça desta vez? Roube alguém? Incendeie alguma coisa? — A voz de Lear soava resignada e um pouco triste. — Mate alguém?

O marquês esticou o braço e pegou de volta seu lenço.

— Receio que você precisará roubar alguém. Pela primeira vez na vida, você está certo — respondeu ele, sorrindo. — Necessito urgentemente de uma escultura da dinastia T'ang.

Lear estremeceu. Mas depois, devagar, assentiu.

* * *

Deram a Richard uma barra de chocolate de nozes com frutas e uma enorme taça de prata — decorada com pedras que ele imaginou serem safiras

— cheia de refrigerante. O bobo da corte, cujo nome parecia ser Tooley, pigarreou alto, limpando a garganta.

— Gostaria de propor um brinde a estes nossos três convidados, tão diferentes em entre si: um infante, um matador e um tolo. Que cada um encontre o que merece.

— Qual desses sou eu? — sussurrou Richard para Hunter.

— O tolo, é claro.

— Antigamente — disse Halvard, com tristeza, depois de dar um golinho no seu refrigerante — tínhamos vinho. Prefiro vinho. Não é tão pegajoso.

— Toda as máquinas dão as coisas para vocês desse jeito? — quis saber Richard.

— Ah, sim — respondeu o velho. — Eles ouvem o que o conde diz, entende? Ele domina o Submundo. A parte dos trens. É senhor da Central, da Circle, da Jubilee, da Victorious, da Bakerloo... bom, de todas, com exceção da Linha do Submundo.

— O que é a Linha do Submundo? — perguntou Richard.

Halvard balançou a cabeça e retorceu a boca. Hunter roçou os dedos de leve no ombro de Richard e disse:

— Lembra quando eu te falei sobre os pastores de Shepherd's Bush?

— Você disse que eu não iria querer encontrá-los e que havia algumas coisas que era melhor eu não saber.

— Isso. Então você pode adicionar a Linha do Submundo a essas coisas.

Door voltou para o fim do vagão, na direção deles. Estava sorrindo.

— O conde concordou em nos ajudar. Vamos. Ele está nos esperando na biblioteca.

Richard foi, e percebeu que a pergunta "Que biblioteca?" não tinha saído de sua boca. Quanto mais tempo passava ali, menos ele achava tudo estranho. Em vez de perguntar, seguiu Door, que ia na direção do trono vazio do conde. Rodearam-no e entraram por uma porta atrás dele. A biblioteca era uma enorme sala de pedra com um teto bem alto, de madeira. As paredes estavam cheias de prateleiras, que por sua vez estavam repletas de objetos. Havia livros, é claro, mas as prateleiras tinham também outras coisas: raquetes de tênis, tacos de hóquei, guarda-chuvas, uma pá, um *notebook,* uma perna-de-pau, diversas canecas, dezenas de sapatos, vários binóculos, uma pequena tora de madeira, seis fantoches de mão, uma lâmpada de lava, muitos CDs e vinis (LPs e discos de 45 e 78 rotações), fitas cassete e super 8, dados, carrinhos de brinquedo, inúmeras dentaduras, relógios de pulso, lanternas, quatro modelos diferentes de gnomos de jardim (dois pescando, um mostrando a bunda e o outro fumando um charuto), pilhas de jornais, revistas, livros de mágica, banquinhos de três pernas, uma caixa de charutos, um pastor alemão de plástico com uma mola no lugar de pescoço, meias... a sala era um pequeno império dos achados e perdidos.

— Este é o verdadeiro domínio dele — murmurou Hunter. — Coisas perdidas. Esquecidas.

Havia janelas na parede de pedra. Através delas, Richard podia ver a mais absoluta escuridão e as luzes do túnel do metrô passando rápido. Sentado no chão, com as pernas esticadas, o conde acariciava o cão, coçando-lhe o queixo. O bobo estava ao lado dele, e parecia meio constrangido. O anfitrião ficou de pé quando os viu. Franziu a testa.

— Ah! Aí estão vocês. Bom, há um motivo para eu ter pedido que vocês viessem aqui... Vou me lembrar...

Puxou sua barba cinzenta e vermelha, um gesto pequeno em um homem enorme.

— O anjo Islington, Sua Graça — disse Door, de maneira educada.

— Ah, sim! O seu pai tinha um monte de ideias para mudanças, sabe? E pediu a minha opinião sobre elas. Eu não gosto de mudanças. Por isso o mandei para Islington. — Fez uma pausa. Piscou o olho. — Eu já te contei isso?

— Sim, Sua Graça. E como nós podemos chegar até ele?

O conde assentiu com a cabeça, como se Door tivesse dito algo muito profundo.

— Do jeito rápido, só uma vez. Depois disso vocês precisam ir pelo caminho mais longo. É perigoso.

E Door perguntou, pacientemente:

— E o jeito rápido seria...?

— Não, não. Vocês precisariam de alguém capaz de abrir. Só funciona para a família de Portico.

Colocou sua enorme mão sobre o ombro dela. Então a tocou no rosto.

— Melhor ficar aqui comigo. Para aquecer um velho durante a noite. Que tal?

Lançou-lhe um olhar malicioso e tocou seus cabelos embaraçados com os dedos envelhecidos. Hunter deu um passo na direção de Door. A menina fez um gesto com a mão: *Não. Ainda não.*

Door olhou para o conde e disse:

— Sua Graça, eu sou a filha mais velha de Portico. Como posso chegar até o anjo Islington?

Richard ficou admirado com o fato de que Door conseguia ficar calma perante a batalha que o conde travava, em vão, para driblar as mudanças trazidas pelo tempo.

O conde piscou seu único olho, um piscar solene — um abutre velho, a cabeça inclinada para o lado. Depois tirou sua mão do cabelo dela.

— Sim, sem dúvida. Sem dúvida. A filha de Portico. Como vai o seu pai? Bem, espero. Um ótimo homem. Um bom homem.

— Como fazemos para chegar até o anjo Islington? — repetiu Door, mas dessa vez com a voz um pouco trêmula.

— Hum? Ah, use o Angelus, é claro.

Richard imaginou o conde há sessenta, oitenta, quinhentos anos: um grande guerreiro, excelente estrategista, adorador das mulheres, um ótimo amigo, um terrível inimigo. A carcaça daquele homem ainda estava ali, em algum lugar. Era isso o que fazia dele uma pessoa tão assustadora e tão triste. O conde remexeu nas prateleiras, tirando do lugar canetas, cachimbos, revólveres de brinquedo, pequenas estátuas de gárgulas e folhas secas. E logo, como um gato velho tentando pegar um rato, agarrou um pergaminho pequeno e enrolado e o deu para a menina.

— Aqui está, mocinha. Está tudo aí. E acho que é melhor deixar vocês no lugar onde precisam ir.

— Você vai nos deixar num lugar? Mas com um trem?

O conde olhou em volta, procurando quem havia dito aquilo, olhou para Richard e deu um enorme sorriso.

— Ah, mas não é nada... — disse ele, com sua voz poderosa. — Fazemos qualquer coisa pela filha de Portico.

Door segurava firme o pergaminho, com um ar de triunfo.

Richard sentia a velocidade do trem começando a diminuir, e então ele, Door e Hunter saíram da sala de pedra e voltaram ao vagão. Richard olhou para a plataforma enquanto o trem parava.

— Desculpem-me, mas onde estamos? — perguntou.

O trem havia parado em frente a uma placa com o nome da estação: BRITISH MUSEUM. De alguma maneira, aquela era uma coisa ainda mais estranha do que as outras. Ele aceitava "Cuidado com o vão" e a Corte do Conde, e até mesmo aquela biblioteca estranha. Mas, puxa vida, como todos os habitantes de Londres, ele conhecia muito bem o mapa do metrô, e aquilo já estava indo longe demais.

— Não existe uma estação no Museu Britânico — disse ele, categórico.

— Não existe? — perguntou o conde com seu vozeirão. — Hum, então vocês têm que tomar muito cuidado ao sair do trem. — Deu uma gargalhada e tocou o bobo da corte no ombro. — Viu, Tooley? Eu sou tão engraçado quanto você.

O bobo deu o sorriso mais triste do mundo.

— Estou explodindo, minhas costelas estão se partindo de tanto riso incontido, Sua Graça.

As portas se abriram. Door sorriu para o conde:

— Obrigada.

— Vão, vão logo — disse o enorme velho, fazendo um gesto para que Door, Richard e Hunter saíssem do vagão quente e fumacento e fossem para a plataforma vazia. E, quando as portas se fecharam e o trem foi embora, Richard estava olhando para uma placa que — por mais que ele piscasse, olhasse para o outro lado e de novo para ela de repente, como se quisesse pegá-la de surpresa — persistia em mostrar as seguintes palavras, de forma obstinada:

BRITISH MUSEUM

OITO

ERA O COMEÇO DA NOITE, E O CÉU SEM NUVENS PASSAVA DO AZUL VIVO A um violeta intenso, com manchas laranja e verde, sobre Paddington, uns seis quilômetros para oeste, onde, pelo menos da perspectiva de Old Bailey, o sol havia acabado de se pôr.

O céu, pensou, satisfeito. Nunca há um céu igual ao outro, nem de dia, nem de noite. Old Bailey era quase um especialista em céus, e aquele ali era ótimo. O velho montara sua cabana para passar a noite na laje do prédio em frente à St. Paul's Cathedral, no centro de Londres.

Ele gostava da catedral. Pelo menos ela havia mudado pouco nos últimos trezentos anos. Fora construída com pedras Portland brancas, as quais, antes mesmo de concluída a obra, começaram a escurecer com toda a fuligem e poeira de Londres, e, depois da limpeza da cidade, na década de 1970, quase voltaram à sua cor original — mas ainda era a mesma catedral. Old Bailey não sabia se poderia dizer o mesmo sobre o resto da cidade: imerso em seu amado céu, ficou olhando de cima do telhado lá para baixo, para o asfalto iluminado pelas luzes. Podia ver câmeras de segurança afixadas a uma parede, alguns carros e um executivo que saía tarde do trabalho trancando uma porta e indo em direção ao metrô. *Irc!* Só de pensar em descer ao subsolo Old Bailey já se sentia mal. Ele era um homem que vivia em telhados e se orgulhava disso — havia muito tempo fugira do mundo que ficava lá embaixo.

Old Bailey se lembrou de quando as pessoas realmente *viviam* na cidade, não apenas trabalhavam — época em que desejavam coisas, riam, construíam casas decrépitas que ficavam inclinadas umas sobre as outras, todas cheias de gente fazendo barulho. Pois bem, o barulho, a sujeira, o fedor e a cantoria da viela próxima dali (então conhecida, pelo menos coloquialmente, como Viela da Bosta) eram notórios naquele tempo, mas agora ninguém vivia na cidade. Era um lugar frio e sem graça, cheio de escritórios, de pessoas que trabalhavam de dia e iam para casa à noite, em locais distantes um do outro. A cidade não era mais um lugar apropriado para viver. Ele até sentia saudade do mau cheiro.

O último borrão do sol alaranjado desapareceu na cor roxa da noite. O velho cobriu as gaiolas para que os pássaros dormissem e acordassem vistosos no dia seguinte. Eles resmungaram um pouco, mas em seguida se acalmaram. Old Bailey coçou o nariz, depois entrou em sua cabana e pegou uma panela enegrecida, um pouco de água, algumas cenouras e batatas, sal e dois estorninhos que estavam pendurados, mortos e já depenados. Saiu para o telhado e acendeu uma pequena fogueira numa lata de café escurecida pela fuligem. Estava colocando seu ensopado para cozinhar quando percebeu que alguém o observava da sombra ao lado de uma chaminé.

Pegou seu garfo comprido de carne e o balançou, ameaçador, na direção da chaminé.

— Quem está aí?

O marquês de Carabas saiu das sombras, fez uma pequena reverência e deu um sorriso triunfante. Old Bailey abaixou seu garfo.

— Ah, é você. O que você quer? Saber mais? Ou quer um pássaro?

De Carabas caminhou até ele, pegou um pedaço de cenoura crua de dentro do ensopado e começou a mastigá-la.

— Quero uma informação, na verdade.

Old Bailey caiu na gargalhada.

— Rá! Sempre tem a primeira vez, não é?

E depois, inclinando-se na direção do marquês:

— E o que você me dá em troca?

— Do que você precisa?

— Talvez eu deva fazer o que você faz: pedir outro favor. Um investimento para o futuro, quem sabe.

Old Bailey sorriu.

— A longo prazo é caro demais — disse o marquês, mal-humorado.

Old Bailey concordou. O sol já tinha se posto, e o frio estava chegando bem rápido.

— Então quero sapatos. E uma balaclava.

Examinou suas luvas sem dedos: havia mais buraco nelas do que tecido.

— E luvas novas. O inverno vai ser terrível.

— Muito bem. Vou trazer pra você.

O marquês de Carabas colocou a mão em um bolso interior e retirou de lá, como um mágico que tira uma rosa do nada, uma estatueta negra de animal, que havia pegado no escritório de Portico.

— E agora... o que você pode me dizer a respeito disto aqui? — perguntou ao velho.

Old Bailey colocou os óculos e pegou o objeto da mão do marquês. Era frio ao toque. Sentou-se sobre a máquina do ar-condicionado e, revirando a estátua de obsidiana em sua mão diversas vezes, anunciou:

— É a Grande Besta de Londres.

De Carabas nada disse. Seus olhos iam da estatueta para o velho, impacientes.

Desfrutando do pequeno desconforto que o marquês sentia, Old Bailey continuou, no mesmo ritmo.

— Bom, dizem que na época do primeiro Rei Charles (cortaram a cabeça dele, coitado), antes do incêndio e da peste, havia um açougueiro que vivia na Fleet Ditch engordando um bicho para o Natal. Tem gente que diz que era um leitão, gente que diz que não era, e gente que diz (e eu estou no meio deles) que nunca se soube ao certo. Uma noite, em dezembro, o bicho fugiu, correu pra dentro da Fleet Ditch e desapareceu nos esgotos. A coisa se alimentava lá e foi crescendo cada vez mais. Ficou mais feroz e perigoso. De tempos em tempos, eles mandavam caçadores pra pegar o bicho.

O marquês retorceu a boca.

— Deve ter morrido uns trezentos anos atrás.

Old Bailey balançou a cabeça.

— Bichos assim são horríveis demais pra morrer. São muito velhos, grandes e terríveis.

De Carabas suspirou.

— Eu achei que fosse só uma lenda. Como os crocodilos que vivem no esgoto de Nova York.

Old Bailey assentiu, com um ar de sábio.

— Ah, aqueles bichos enormes? Eles estão lá embaixo. Um amigo meu teve a cabeça comida por um deles.

Houve um pequeno silêncio. Old Bailey devolveu a estatueta para de Carabas. Depois ergueu a mão e fez um gesto como se fosse a cabeça de um crocodilo mordendo, na direção do marquês.

— Mas tudo bem — sorriu o velho, um sorriso terrível. — Ele tinha outra cabeça.

O marquês fez "humpf", sem saber ao certo se Old Bailey estava só fazendo graça, e guardou a estátua mais uma vez na casaca.

— Espere aí — disse Old Bailey. Entrou na cabana marrom e retornou segurando a caixa prateada, toda ornamentada, que de Carabas lhe dera da última vez em que se encontraram. Esticou-a na direção do marquês.

— E quanto a isto aqui? Já posso devolver? Me dá calafrios ter esse negócio comigo.

De Carabas foi até a beirada do telhado e pulou para o edifício ao lado, que ficava uns dois metros abaixo.

— Eu pego de volta quando tudo estiver terminado — gritou. — Espero que você não precise usá-la.

Old Bailey se debruçou e perguntou:

— Como vou saber se preciso usar?

— Ah, você saberá. E os ratos vão dizer o que você deve fazer.

E escorregou para a lateral do prédio, usando as calhas e os parapeitos como apoio.

— Espero que eu nunca precise saber, é só o que digo — murmurou Old Bailey para si mesmo. Foi quando um pensamento lhe ocorreu de repente.

— Ei! — gritou para a noite e para a cidade. — Não se esqueça dos sapatos e das luvas!

* * *

As propagandas nas paredes anunciavam bebidas maltadas refrescantes e saudáveis, excursões diurnas para o litoral que custavam dois xelins, arenque defumado, pomada para alisar os pelos do bigode e serviço de engraxate. Eram relíquias do fim da década de 1920 e do começo da de 1930, enegrecidas pela fumaça. Richard olhava para elas, espantado. O lugar parecia completamente abandonado, esquecido.

— Esta *é* mesmo a estação do Museu Britânico — admitiu ele. — Mas... mas nunca *houve* uma estação do Museu Britânico. Está tudo errado.

— Ela foi fechada em 1933 e lacrada — contou Door.

— Que bizarro! — exclamou Richard.

Era como viajar no tempo. Podia ouvir os trens ecoando pelos túneis perto dali, sentia o ar sendo impulsionado quando eles passavam.

— Existem muitas estações como esta?

— Umas cinquenta — respondeu Hunter. — Mas nem todas são acessíveis. Nem mesmo para nós.

Algo se movimentou nas sombras, na beirada da plataforma.

— Olá — disse Door. — Como vai você?

Ela se agachou. Um rato marrom surgiu na área iluminada e cheirou sua mão.

— Obrigada — agradeceu Door, com voz alegre. — Também fico feliz por *você* não estar morta.

Richard foi até eles.

— Hã... Door? Será que você poderia dizer uma coisa para o rato por mim?

O rato virou a cabeça na direção dele.

— A senhorita Bigode me falou que, se você quer dizer alguma coisa para ela, que diga você mesmo — disse Door.

— Senhorita Bigode?

Door encolheu os ombros.

— É uma tradução literal. Soa melhor em ratês.

Sem dúvida que sim, pensou Richard.

— Hã... oi... senhorita Bigode... olha, tinha uma pessoa, uma falante de ratês, uma moça chamada Anaesthesia. Ela estava me levando para o Mercado. A gente estava atravessando a ponte, no escuro, e ela não chegou até o outro lado.

O rato o interrompeu com um guincho agudo. Door começou a falar, aos poucos, como se fosse uma tradutora simultânea.

— Ela diz que... os ratos não o culpam pela perda. A sua guia foi... hum... levada pela noite... como um tributo.

— Mas...

O rato guinchou de novo.

— Às vezes as pessoas voltam... Ela agradece sua preocupação.

O rato fez um movimento de cabeça para Richard, piscou seus olhinhos de contas negras, pulou para o chão e correu de volta para o escuro.

— Ela é uma rata legal — comentou Door.

A menina parecia estar mais bem-humorada, agora que tinha o pergaminho.

— É para lá — disse, indicando um arco que emoldurava uma porta de ferro.

Foram até o local. Richard empurrou a porta de metal, mas estava trancada.

— Parece que a passagem está fechada — disse ele. — Precisaremos de ferramentas.

De repente Door sorriu, e sua face se iluminou. Por um instante, aquele rosto de elfo pareceu muito bonito.

— Richard, a minha família... Nós abrimos portas. É o nosso Dom. Observe...

Ela esticou a mão suja e tocou a porta. Durante longos instantes, nada aconteceu, mas logo se ouviu um estrondo muito alto do outro lado, seguido de um barulho metálico. Door empurrou a porta, que se abriu com um chiado

de dobradiças enferrujadas. Ela empinou a gola do casaco de couro e enfiou as mãos nos bolsos. Hunter direcionou o feixe de luz da lanterna para a escuridão: era possível ver uma escada de pedra que levava para cima.

— Hunter, fique atrás, sim? — pediu Door. — Eu vou na frente. O Richard fica no meio.

Ela subiu alguns degraus. Hunter não se moveu.

— Minha senhora — chamou —, estamos indo para a Londres-de-Cima?

— Isso mesmo. Estamos indo ao Museu Britânico.

Hunter mordeu o lábio inferior e balançou a cabeça.

— Eu preciso ficar na Londres-de-Baixo.

Sua voz tinha um certo tremor. Richard notou que aquela era a primeira vez que via Hunter demonstrar algo além da exímia competência ou, às vezes, um certo senso de humor irônico.

— Hunter — disse Door, perplexa —, você é a minha guarda-costas.

A mulher parecia constrangida.

— Sou sua guarda-costas na Londres-de-Baixo. Não posso ir com você até a Londres-de-Cima.

— Mas você precisa ir.

— Minha senhora, não posso. Pensei que você entendesse. O marquês sabe.

Hunter tomará conta de vocês enquanto estiverem na Londres-de-Baixo, lembrou-se Richard.

— Não — disse Door, o queixo pontudo erguido, os olhos semicerrados. — Não entendo. Qual o problema? — perguntou, com desdém. — Algum tipo de maldição ou algo assim?

Hunter hesitou, umedeceu os lábios e apenas assentiu com a cabeça. Era como se ela estivesse admitindo ser portadora de alguma doença estigmatizada pela sociedade.

Richard ouviu sua própria voz dizer:

— Escute, Hunter, não seja boba.

Por um segundo, ele achou que ela estivesse prestes a agredi-lo, o que teria sido péssimo, ou até mesmo a chorar, o que teria sido muito, muito pior. Então ela respirou fundo e disse, em um tom comedido:

— Estarei ao seu lado enquanto estiver na Londres-de-Baixo e guardarei a sua vida de todo o mal que possa cair sobre a senhora. Mas não me peça para segui-la até a Londres-de-Cima. Não posso.

Cruzou os braços e ficou com as pernas plantadas firmemente, meio separadas: parecia uma estátua de mulher, feita de cobre, latão e caramelo.

— Certo. Venha, Richard — disse Door, subindo a escada.

— Ei, por que não ficamos aqui embaixo? — perguntou ele. — Podemos achar o marquês, e aí vamos todos juntos e...

Door já estava desaparecendo na escuridão. Hunter permanecia imóvel ao pé da escada.

— Vou esperar aqui até ela voltar — disse Hunter para ele. — Você pode ir ou ficar, como preferir.

Richard começou a subir a escada o mais rápido que podia, no escuro. Logo viu a lamparina de Door mais acima.

— Espere! — gritou, ofegante. — Por favor!

Ela parou. Quando a alcançou, Richard estava em um degrau pequeno e claustrofóbico. Door esperou até ele recuperar o fôlego.

— Você não pode sair correndo desse jeito — reclamou Richard.

Door não disse nada. Seus lábios se comprimiram levemente e seu queixo se ergueu um pouco.

— Ela é sua guarda-costas — argumentou.

Door recomeçou a subir a escada. Richard a seguiu.

— Bom, nós voltaremos logo. Daí ela vai poder me proteger.

O ar ali era sufocante, úmido, abafado. Richard se perguntou se seria possível saber quão insalubre era aquele ambiente sem um canário em mãos e se contentou em ter esperança de que não fosse tão prejudicial quanto parecia.

— Acho que o marquês sabia dessa maldição, qualquer que seja ela — disse Richard.

— Acho que sim.

— O marquês... Olha, para ser honesto, ele não me parece muito confiável.

Door parou. Os degraus acabavam num beco sem saída, uma parede rústica de tijolos.

— Hum-hum — concordou ela. — Se ele é digno de confiança, então os ratos não têm pelos.

— Mas então por que pediu a ajuda dele? Não tinha mais ninguém?

— Depois falamos sobre isso.

Ela abriu o pergaminho que o conde lhe dera, passou os olhos na caligrafia rebuscada e o enrolou de novo.

— Nós vamos ficar bem — disse Door, segura de si. — Está tudo aqui. Temos que chegar até o Museu Britânico. Achamos o Angelus e saímos. Fácil. Nada demais. Feche os olhos.

Richard fechou os olhos, obediente.

— Nada demais — repetiu ele. — Sempre que as pessoas dizem isso nos

filmes, alguma coisa horrível acontece.

Ele sentiu uma brisa contra o rosto. Percebeu que a qualidade do ar havia mudado.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Door.

A acústica no lugar também era diferente: estavam numa sala maior.

— Pode abrir os olhos.

Ele abriu. Estavam do outro lado da parede, no que parecia ser um depósito. Mas não era um depósito qualquer — havia algo de incomum e especial naqueles objetos. Eram peças magníficas, raras, estranhas e caras, do tipo que só seria possível ver em algum lugar como...

— O Museu Britânico? — perguntou ele.

Ela franziu a testa, como se estivesse avaliando ou tentando ouvir alguma coisa.

— Não. Mas estamos bem perto. Acho que aqui deve ser um depósito ou algo do tipo.

Ela esticou a mão e tocou uma roupa antiga, exposta num manequim de cera.

— Eu queria que a gente tivesse ficado lá com a guarda-costas.

Door inclinou a cabeça e o encarou, séria.

— E você precisa de proteção contra o quê, Richard Mayhew?

— Nada.

Viraram num corredor e ele completou:

— Bom... talvez contra eles.

E, ao mesmo tempo que ele, Door resmungou:

— Droga.

O senhor Croup e o senhor Vandemar estavam cada um sobre uma coluna baixa para vasos, uma de cada lado do corredor.

Richard se lembrou de uma horrível exposição de arte contemporânea a que Jessica o levara certa vez: um jovem e entusiasmado artista anunciara que quebraria todos os tabus da arte e, para esse fim, começou uma campanha de assaltos a covas, exibindo em caixas de vidro os trinta espécimes mais interessantes de seu vandalismo. Cancelaram o evento depois que o artista vendeu o *Cadáver Roubado Número 25* para uma agência de publicidade por uma quantia qualquer de seis dígitos e os parentes do *Cadáver Roubado Número 25,* ao ver uma foto da escultura no jornal *The Sun,* processaram o artista e a agência, com duas exigências: receberiam parte dos lucros e o nome da peça deveria ser mudado para *Edgar Fospring, 1919-1987, saudoso marido, pai e tio, descanse em paz.* Richard ficara olhando horrorizado para os cadáveres protegidos por vidro, com seus vestidos em decomposição e ternos manchados. Odiava-se por isso, mas não conseguia parar de olhar.

O senhor Croup sorriu feito uma cobra com uma lua crescente colada na cara, o que o deixou ainda mais parecido com os *Cadáveres Roubados Números 1 a 30.*

— Ora, vejam! — disse o sorridente senhor Croup. — Nada do senhor "Sou tão esperto que sei de tudo"? Nada da senhorita "Ah, eu não te disse? Ops! Não posso ir lá em cima"?

Fez uma pausa dramática. Continuou:

— Ah, me pintem de cinza e me chamem de lobo se não temos aqui dois carneirinhos perdidos, sozinhos no escuro.

— Você também pode me chamar de lobo, senhor Croup — disse o senhor Vandemar, solidário.

O senhor Croup desceu da coluna.

— Deixe-me dizer algo gentil para suas orelhinhas de lã, meus carneirinhos.

Richard olhou em volta. Tinha que haver algum lugar para onde pudessem correr. Pegou bem firme na mão de Door e olhou ao redor, desesperado.

— Não... por favor. Fiquem exatamente onde estão — disse o senhor Croup. — Gostamos de vocês assim. E não queremos ser obrigados a machucá-los.

— Queremos sim — corrigiu o senhor Vandemar.

— Bom, é verdade, senhor Vandemar. Se pensarmos bem, nós queremos machucar vocês dois. E muito. Mas não é para isso que estamos aqui agora. Estamos aqui para deixar as coisas mais interessantes. É que, vocês sabem, quando as coisas ficam chatas, é ruim para mim e meu parceiro e, por mais que vocês custem a acreditar numa coisa dessas, não ficamos alegres e saltitantes como uma brisa de verão.

Para provar que estava alegre feito uma brisa de verão, o senhor Vandemar mostrou os dentes. Era sem dúvida a coisa mais horrível que Richard já vira na vida.

— Deixe a gente em paz — disse Door.

Sua voz era firme, clara. Richard apertou a mão dela. Se Door podia ser corajosa, ele também podia.

— Para machucá-la, você vai ter que me matar primeiro — anunciou. O senhor Vandemar pareceu muito satisfeito com aquilo.

— Ah, tudo bem. Obrigado.

— E nós vamos machucar você também — disse o senhor Croup.

— Mas não ainda — completou Vandemar.

— Sabe — explicou o senhor Croup, com uma voz que parecia manteiga rançosa —, só estamos aqui agora para deixar vocês preocupados.

A voz do senhor Vandemar era como um vento noturno soprando sobre um deserto feito de ossos. Ele confirmou:

— É. Para fazer vocês sofrerem. Estragar o dia de vocês.

O senhor Croup se sentou na base da coluna do senhor Vandemar.

— Vocês visitaram a Corte do Conde hoje — disse ele num tom que Richard suspeitou que fosse cordial.

— E daí? — respondeu Door, afastando-se deles. O senhor Croup sorriu.

— E como sabíamos disso? Como sabíamos onde vocês estavam?

— A gente pode chegar a vocês na hora que quiser — disse o senhor Vandemar, quase sussurrando.

— Vocês foram traídos, menininha — disse Croup para Door (e, Richard percebeu, somente para ela). — Há um traidor entre vocês.

— Vamos! — gritou ela, e começou a correr. Richard a seguiu pelo corredor cheio de quinquilharias, na direção de uma porta. Door a tocou e ela se abriu.

— Diga adeus a eles, senhor Vandemar — disse a voz de Croup.

— Adeus! — exclamou o senhor Vandemar.

— Ah, não, não assim — corrigiu o senhor Croup. — *Au revoir.*

E então emitiu um som — o ruído que um cuco faria se tivesse 1,60 m de altura e gostasse de carne humana — enquanto o senhor Vandemar, mais de acordo com sua natureza, jogou para trás a cabeça e uivou como um lobo —

um som sobrenatural, selvagem, insano.

* * *

Estavam do lado de fora, ao ar livre, à noite, correndo pela calçada da Russell Street, em Bloomsbury. Richard achava que seu coração ia pular do peito, de tanto que batia. Um grande carro preto passou por ali. O Museu Britânico ficava do outro lado de uma grade alta, pintada de preto. Luzes discretas iluminavam o exterior do enorme prédio vitoriano, os grandes pilares da fachada, os degraus que levavam até a porta de entrada. Ali era o depósito de diversos tesouros do mundo, roubados, achados, resgatados e doados durante séculos e séculos.

Chegaram a um portão na grade. Door o agarrou com as duas mãos e o empurrou. Nada aconteceu.

— Você não consegue abrir?

— O que você acha que eu estou tentando fazer? — respondeu ela, com certo desespero na voz.

A uns cinquenta metros, na calçada perto do portão principal, grandes

carros estacionavam, casais bem vestidos desciam e caminhavam para o museu.

— Por aqui — disse Richard. — O portão principal.

Door assentiu. Olhou para trás.

— Acho que aqueles dois não estão seguindo a gente.

Correram até o portão principal.

— Você está bem? O que aconteceu agora há pouco? — perguntou Richard.

Ela se encurvou e sumiu ainda mais em seu casaco de couro. Parecia mais branca do que de costume, o que significa que estava mesmo muito pálida, e havia olheiras debaixo de seus olhos.

— Estou cansada — disse. — Abri muitas portas hoje. Exige muito de mim, toda vez. Preciso de um tempo para me recuperar. Preciso comer alguma coisa, e aí vou ficar bem.

Havia um guarda no portão. Ele examinava com atenção os convites que aqueles homens bem barbeados e aquelas mulheres perfumadas, todos vestidos a rigor, apresentavam. Depois marcava nomes numa lista, antes de deixá-los entrar. Um policial uniformizado ao lado dele revistava, implacável,

todos os convidados. Richard e Door passaram pelo portão e ninguém os notou. Havia uma fila de pessoas esperando nos degraus de pedra que levavam até as portas do museu, e os dois entraram nela. Um senhor de idade, com cabelos brancos, e uma mulher que corajosamente usava um casaco de pele verdadeira entraram na fila bem atrás deles. Richard pensou uma coisa.

— Eles podem nos ver?

Door virou-se para o cavalheiro. Olhou para cima, para ele.

— Olá — cumprimentou ela.

O homem olhou em volta, intrigado, como se não soubesse ao certo o que tinha chamado sua atenção. Então vislumbrou Door, parada na sua frente.

— Olá... — respondeu o homem.

— O meu nome é Door. Esse é o Richard.

— Ah... — e então mexeu num bolso interno, puxou de lá um charuto e os ignorou por completo.

— Viu? — disse Door.

— Acho que sim — respondeu Richard.

Não falaram nada por algum tempo, enquanto a fila andava devagar na direção da única porta de vidro, que era a entrada do museu. Door passou rapidamente os olhos sobre o texto do pergaminho, como se estivesse certificando-se de alguma coisa. Richard perguntou:

— Um traidor?

— Eles só estavam tentando nos enganar. Tentando nos deixar preocupados.

— É. E fizeram um excelente trabalho, viu?

Eles atravessaram a porta e entraram no Museu Britânico.

* * *

O senhor Vandemar estava com fome, eles voltaram pela Trafalgar Square.

— Dar um susto nela — murmurou o senhor Croup, enojado. — Um *susto*. Veja a que ponto chegamos.

O senhor Vandemar tinha achado metade de um sanduíche de alface e camarão numa lata de lixo e o partia suavemente em pedaços pequenos, os quais jogava sobre as pedras da calçada à sua frente, atraindo um pequeno bando de pombos famintos.

— A gente devia ter seguido o meu plano — disse o senhor Vandemar.

— Ela teria ficado muito mais assustada se de repente eu tivesse arrancado a cabeça do rapaz e enfiasse minha mão pelo pescoço dele, agitando meus dedos lá dentro. As pessoas sempre gritam quando veem os olhos pular pra fora — confidenciou, demonstrando o movimento com a mão direita.

O senhor Croup não aceitava aquilo.

— Por que ficar tão escrupuloso a esta altura do campeonato? — perguntou.

— Eu não tenho escrúpulos, senhor Croup. Eu gosto quando os olhos pulam pra fora. Os olhos e os bagos.

Mais pombos cinzentos pousaram para ciscar os pedaços de pão e camarão, ignorando a alface.

— Não, não você. O chefe. Matar, seqüestrar, dar um susto. Por que ele não se decide?

O sanduíche que o senhor Vandemar usava de isca tinha acabado, e por isso ele mergulhou rapidamente no bando de pombos, que alçaram voo fazendo um ruído alto, alguns arrulhando.

— Muito bem, senhor Vandemar — disse o senhor Croup, aprovando o gesto rápido.

O senhor Vandemar segurava um pombo assustado, que arrulhava e se debatia em suas mãos, beliscando em vão seus dedos. O senhor Croup deu um suspiro teatral.

— Bom... de qualquer maneira, já soltamos o gato no meio dos pombos — disse, contente.

O senhor Vandemar aproximou a ave do rosto. Ouviu-se um barulho de algo crocante quando ele arrancou a cabeça do animal e começou a mastigá-la.

* * *

Os seguranças dirigiam os convidados do museu para um recinto que parecia funcionar como sala de espera. Door ignorou os guardas e se dirigiu aos salões do museu, com Richard atrás dela. Passaram pelas salas egípcias, subiram diversos lances de escada e entraram onde havia uma placa escrito: "Inglês Antigo".

— De acordo com este pergaminho, o Angelus está em algum lugar aqui.

Door olhou mais uma vez para o pergaminho e procurou pela sala, com mais cuidado. Fez uma careta.

— Xiii — disse, e desceu pela escada por onde vieram.

Richard tinha uma sensação de *déjà vu* muito forte, antes de se dar conta de que, sim, claro que aquilo tudo era familiar: era ali que ele passava os fins de semana na época de Jessica. E isso já começava a parecer que tinha acontecido a outra pessoa, há muito, muito tempo.

— Então o Angelus não estava naquela sala? — perguntou Richard.

— Não, não estava — respondeu Door, com uma hostilidade um tanto exagerada para a pergunta, avaliou Richard.

— Ah. Só queria saber.

Entraram em outra sala. Ele começou a pensar se não estava tendo uma alucinação.

— Estou ouvindo uma música — disse. Parecia um quarteto de cordas.

— É da festa.

Certo. Aquelas pessoas bem vestidas na fila. Não, o Angelus também não devia estar ali. Door entrou na próxima sala, e Richard a seguiu. Queria ser mais útil.

— Esse Angelus. Como é?

Por um momento, Richard pensou que ela fosse repreendê-lo por perguntar. Mas Door parou e esfregou a testa.

— Aqui só diz que tem uma figura de um anjo em cima. Mas não deve ser tão difícil assim de achar. Afinal, quantas coisas com anjos existem aqui?

NOVE

JESSICA ESTAVA PASSANDO POR UM MOMENTO MUITO TENSO. VIVIA preocupada, nervosa, agitada. Ela catalogou a coleção, combinou que o Museu Britânico se encarregaria do evento, organizou a restauração do objeto principal, ajudou a decorar e a dispor a coleção e organizou a lista de convidados para a maravilhosa estreia. Não via nenhum problema em não ter namorado, dizia ela aos amigos. Não teria tempo para ele se tivesse. Mesmo assim, *seria* legal — pensou num momento de excitação — se houvesse alguém com quem ela pudesse visitar galerias nos fins de semana. Alguém que...

Não. Ela não pensava nessas coisas. Evitar esses pensamentos era tão fácil quanto tirar uma bala de uma criança, e portanto voltou sua atenção para a exposição. Mesmo no último minuto, havia tantas coisas que poderiam dar errado... Inúmeros cavalos de guerra caíram perante o último obstáculo. Incontáveis generais confiantes demais viram a vitória garantida se transformar em derrota nos minutos finais de uma batalha. Jessica faria de tudo para que nada saísse errado. Estava usando um vestido de seda verde, como um general de tomara-que-caia comandando suas tropas e fingindo de forma estoica que o senhor Stockton não estava trinta minutos atrasado.

Suas tropas consistiam em um maître, uma dezena de pessoas servindo os convidados, três mulheres do bufê, um quarteto de cordas, e seu assistente, um jovem chamado Clarence.

Jessica examinou a mesa de bebidas.

— Temos champanhe suficiente, certo?

O maître apontou para uma caixa de garrafas de champanhe embaixo da mesa.

— E água com gás?

O homem fez que sim mais uma vez. Outra caixa. Jessica retorceu a boca.

— E quanto a água *sem gás?* Nem todo mundo gosta das bolhinhas, você sabe.

Tinham bastante água sem gás. Ótimo.

O quarteto de cordas estava se aquecendo. O som que faziam não era alto o bastante para abafar o barulho que vinha da sala de espera, causado por uma pequena multidão abastada: o ruído feito por senhoras em casacos de pele e homens que, não fosse pelo aviso de NÃO FUME nas paredes — e talvez pelo conselho dado por seus médicos —, estariam fumando charutos; a algazarra de jornalistas e celebridades que podiam sentir o cheiro dos canapés, *vol-au-vents,* petiscos variados e champanhe de graça.

Clarence falava com alguém em seu celular, uma engenhoca dobrável e tão fina que fazia os comunicadores de *Jornada nas Estrelas* parecerem grandes, desajeitados e antiquados. Desligou o telefone, empurrou a antena, colocou-o de volta no bolso de seu terno Armani, onde o aparelho não fazia volume nenhum e deu um sorriso tranquilizador.

— Jessica, o motorista do senhor Stockton ligou do carro. Ainda vão se atrasar uns minutinhos. Mas nada demais.

— Nada demais — repetiu Jessica.

Arruinada. *Arruinada.* Tudo ia ser um grande desastre. Um desastre que *ela* causara. Pegou uma taça de champanhe da mesa, bebeu e a devolveu vazia para o garçom que levava o vinho.

Clarence inclinou a cabeça, prestando atenção na reverberação do barulho na sala ao lado. A multidão queria entrar. Olhou para seu relógio e depois para Jessica, com ar de dúvida, como um capitão à espera das ordens do general. *E então, vamos todos mergulhar no Vale da Morte, chefe?*

— O senhor Stockton já está chegando, Clarence — disse ela, com calma. — Ele pediu para ver a exposição sozinho antes do evento.

— Você acha que devo sair um pouco e ver como estão as coisas lá fora?

— Não — respondeu, categórica. Em seguida, com a mesma decisão na voz, emendou: — Sim.

Com a comida e a bebida organizadas, Jessica se voltou para o quarteto de cordas e perguntou pela terceira vez o que planejavam tocar.

Clarence abriu as portas duplas para examinar a multidão. Era pior do que ele imaginava: certamente havia mais de cem pessoas ali. E não eram só pessoas. Eram *Pessoas.* Algumas eram até *Celebridades.*

— Com licença — chamou o chefe do Conselho de Artes. — Os convites dizem que a exposição abriria às 20 h. Já são 20h20.

— Só vai demorar mais uns minutinhos — afirmou Clarence, com educação. — Estamos organizando a segurança.

Uma mulher de chapéu foi para cima dele. Tinha uma voz forte, mandona, com um tom parlamentar.

— Meu jovem, você sabe quem eu sou?

— Na verdade, não — mentiu Clarence, que sabia muito bem quem eram todos eles. — Espere um pouco, vou ver se alguém aqui sabe.

Fechou a porta atrás de si.

— Jessica, eles estão ficando nervosos.

— Não exagere, Clarence.

Ela se movia pela sala como um redemoinho verde, colocando em posição os garçons com suas bandejas de canapés e bebidas em cantos estratégicos do salão e verificando o sistema de som, o palco, a cortina e a corda que a puxava.

— Já até vejo a manchete — disse Clarence, desdobrando um jornal imaginário. — "Noite de horrores: Velhos bilionários pisoteiam musa do marketing em exposição no museu".

Começaram a bater na porta. O barulho na sala de espera começou a aumentar. Alguém dizia, bem alto:

— Com licença! Com licença!

Outra pessoa dizia que aquilo era um absurdo, um absurdo completo, não havia outra palavra.

— Decisão executiva — disse Clarence. — Vou deixá-los entrar.

Jessica gritou:

— Não! Se você...

Mas já era tarde demais. As portas foram abertas e a horda começou a se empurrar para entrar no salão. A expressão no rosto de Jessica se transformou: foi da cara de horror para sorridente e encantadora. Ela caminhou, cintilante, até a porta.

— Baronesa! — disse, com um sorriso feliz. — Não tenho como expressar minha alegria com sua presença em nossa pequena exposição. O senhor Stockton teve um imprevisto urgente e se atrasou, mas logo estará aqui. Por favor, sirva-se de alguns canapés...

Por cima do ombro envolto em pele da baronesa, Clarence piscou para ela, alegremente. Jessica pensou em todos os palavrões que conhecia. Assim que a senhora saiu em direção aos *vol-au-vents,* Jessica foi até Clarence e sussurrou, ainda sorrindo, vários deles.

* * *

Richard congelou de repente. Um segurança estava vindo na direção deles, o feixe de luz da lanterna indo de um lado para o outro. Richard olhou em volta, procurando algum lugar para se esconder.

Era tarde demais. Outro guarda, uma mulher, vinha da direção oposta, por trás deles, passando pelas estátuas de deuses gregos esquecidos, balançando o feixe de luz da lanterna para lá e para cá.

— Tudo bem aí? — gritou o primeiro.

A outra continuava a andar e parou bem ao lado de Richard e Door.

— Acho que sim. Eu já tive que impedir dois idiotas de terno que queriam escrever as iniciais dos nomes deles sobre a pedra de Roseta. Odeio esses eventos.

O primeiro guarda direcionou a lanterna bem para os olhos de Richard e depois abaixou o feixe de luz, sacudindo-o nas sombras.

— É como eu sempre digo — pronunciou, com a satisfação de um verdadeiro profeta —, é como aquele conto do Poe, "A Máscara da Morte Vermelha". Há uma festa para uma elite decadente enquanto a civilização desmorona ao redor, e eles nem ligam.

Tirou uma meleca do nariz e limpou o dedo na sola de couro de sua bota preta bem engraxada.

— Ah, como você é fino, Gerald. Muito obrigada. Tá, vamos voltar pra lá.

Os dois saíram da sala juntos.

— No último desses eventos, alguém vomitou em um sarcófago — contou o guarda, fechando a porta.

— Se você faz parte da Londres-de-Baixo — disse Door para Richard, em tom de voz normal, enquanto caminhavam lado a lado para entrar na próxima sala —, eles geralmente nem percebem que você existe, a não ser que fale com eles. E, mesmo assim, eles se esquecem de você bem rápido.

— Mas eu *vi* você — disse Richard.

Aquele pensamento o perturbava havia algum tempo.

— Eu sei. Não é estranho?

— Tudo é estranho — respondeu, categórico.

A música do quarteto de cordas estava ficando mais alta. A ansiedade de Richard piorava na Londres-de-Cima, onde ele era forçado a reconciliar os dois universos. Lá embaixo, pelo menos, podia continuar naquele estado de sonho, colocando um pé na frente do outro como se fosse um sonâmbulo.

— O Angelus deve estar ali — anunciou Door, interrompendo os pensamentos dele, apontando para onde vinha a música.

— Como você sabe?

— Eu sei — respondeu, com muita certeza na voz. — Vem.

Saíram da escuridão para entrar num corredor iluminado. Havia uma enorme placa pendurada no corredor, com os dizeres:

ANJOS PELA INGLATERRA

UMA EXPOSIÇÃO NO MUSEU BRITÂNICO

Patrocinada pela Stocktons PLC

Atravessaram o corredor e uma porta, entrando numa sala enorme, onde era a festa.

Havia um quarteto de cordas. Vários garçons serviam comida e bebida em uma sala cheia de pessoas bem-vestidas. Num canto, via-se um pequeno palco, com um microfone, ao lado de um cortina bem grande.

O recinto estava repleto de anjos.

Estátuas de anjos sobre pequenas colunas. Pinturas de anjos nas paredes. Afrescos de anjos. Anjos grandes e anjos pequenos, anjos severos e clementes, anjos com asas e auréolas e anjos sem nenhuma das duas, anjos hostis e anjos gentis. Havia anjos modernos e anjos clássicos. Centenas e centenas, de todos os tamanhos e formatos. Anjos ocidentais, anjos do Oriente Médio, anjos orientais. Anjos de Michelangelo. Anjos de Joel Peter Witkin, de Picasso, de Warhol. A seleção de anjos do senhor Stockton não fazia "distinção nenhuma entre as obras, chegando a ser cafona, mas sem dúvida, de um ecletismo impressionante" (de acordo com a *Time Out)*.

— Você vai achar que sou chato se eu disser que encontrar um anjo aqui é o mesmo que tentar achar uma agulha num ai meu Deus é a Jessica!

Richard ficou branco. Até aquele momento, ele acreditava que isso fosse apenas uma figura de linguagem. Não achava que pudesse acontecer de verdade. Mas podia sentir o sangue saindo do seu rosto.

— Alguém que você conhecia? — perguntou Door. Richard assentiu.

— Ela era minha... bom, a gente ia casar. Ficamos juntos quase dois anos. Ela estava comigo quando encontrei você. É a pessoa na... Ela deixou aquela mensagem. Na secretária eletrônica.

Ele apontou para o outro lado da sala: Jessica estava em uma conversa animada com Sir Andrew Lloyd Webber, Bob Geldof e um cavalheiro de óculos que parecia muito alguém da família Saatchi. A intervalos de poucos minutos olhava para o relógio e para a porta.

— Ela? — perguntou Door, reconhecendo a mulher. Logo, sentindo que devia fazer um comentário gentil sobre alguém que tinha sido importante para Richard, disse: — Bom, ela é muito... — fez uma pausa, pensou e continuou: — ...limpa.

Richard estava olhando fixamente na direção de Jessica.

— Será que... ela vai ficar chateada por estarmos aqui?

— Duvido. Sério, a não ser que você faça algo idiota, como falar com ela, acho que ela não vai nem perceber que você está aqui.

Depois, mais entusiasmada, disse:

— Comida!

Caiu sobre os canapés como uma garotinha de nariz sujo vestindo um casaco de couro grande demais e que não se alimentava direito havia algum tempo. Enfiou de imediato uma enorme quantidade de comida na boca, mastigou e engoliu, enquanto enrolava sanduíches maiores em guardanapos e os colocava nos bolsos. Em seguida, carregando um prato descartável de papel com uma montanha de coxas de galinha, fatias de melão, *vol-au-vents* de cogumelo, tortinhas de caviar e pequenas salsichas de carne de caça, começou a circular pela sala, observando com atenção cada peça da exposição de anjos.

Richard a seguiu, com um sanduíche de erva-doce e queijo Brie e um copo de suco de laranja.

* * *

Jessica estava muito intrigada. Ela tinha visto Richard e, em seguida, Door. Havia algo de familiar neles: era como uma coceirinha irritante ao extremo na garganta, da qual não conseguia se livrar de jeito nenhum.

Isso fez com que Jessica se lembrasse de algo que sua mãe lhe dissera uma vez, sobre como ela tinha, certa noite, encontrado em uma festa uma mulher que conhecera a vida toda — alguém que havia frequentado a mesma escola que ela, que tinha ido às mesmas reuniões da comunidade local — e naquele momento se dera conta de que não conseguia se lembrar do nome dela, apesar de saber que o seu marido trabalhava em uma editora e se chamava Eric e que eles tinham um labrador chamado Major. Aquilo tinha deixado a mãe de Jessica bastante decepcionada.

E aquilo estava desviando a atenção de Jessica.

— Quem são eles? — perguntou a Clarence.

— Eles ali? Bom, *ele* é o novo editor da *Vogue,* e ela é correspondente de artes do *New York Times.* Acho que a moça no meio deles é a Kate Moss, não sei bem...

— Não, não eles. *Eles.* Ali.

Clarence olhou para o lugar para onde ela apontava. Hum? Ah! *Eles.* Não entendia como não os vira antes. Era a idade, pensou — logo ele completaria 23 anos.

— Sei lá... jornalistas? — disse, sem muita convicção. — Eles parecem bem modernosos. Mas o que é isso, estilo *grunge chic?* Pelo amor de Deus, né? Eu sei que convidei o pessoal da *The Face*...

— Eu *conheço* ele — disse Jessica, frustrada.

O chofer do senhor Stockton ligou, de Holborn, para dizer que estavam quase chegando ao Museu Britânico. Richard saiu do foco de atenção de Jessica como areia passando entre os dedos.

— E aí? Achou alguma coisa? — perguntou Richard.

Door balançou a cabeça e engoliu uma coxa de galinha mal mastigada.

— É como brincar de achar um pombo na Trafalgar Square — comentou. — Não tem nada aqui que me faça *sentir* que é o Angelus. O documento diz que eu saberia assim que o visse.

E ela continuou a andar, observando os anjos, empurrando de leve O Chefão do Comércio, O Vice-Líder da Oposição ao Governo e A Garota de Programa Mais Bem Paga do Sul da Inglaterra.

Richard se virou e deu de cara com Jessica. Ela estava com os cabelos penteados para cima, fazendo uma moldura perfeita de cachos castanhos para seu rosto. Estava linda. E sorria para ele. Foi culpa do sorriso.

— Oi, Jessica. Como você está?

— Oi. Você não vai acreditar, mas meu assistente esqueceu de registrar o nome do seu jornal, senhor hã...

— Jornal?

— Eu falei jornal? — disse Jessica, com uma risadinha doce como um sininho e autodepreciativa. — Revista... canal de TV. O senhor *é* da imprensa, não é?

— Você está linda, Jessica.

— Ah, então o senhor me conhece — respondeu ela, sorrindo com malícia.

— O seu nome é Jessica Bartram. Você trabalha com marketing na Stocktons. Tem 26 anos, faz aniversário em 23 de abril e, nos momentos mais

íntimos, tende a cantarolar “I’m a Believer”, dos Monkees...

Jessica parou de sorrir.

— Isso é alguma brincadeira de mau gosto? — perguntou, fria.

— Ah, sim, e estávamos noivos nos últimos dezoito meses.

Jessica deu um sorriso nervoso. Talvez fosse mesmo alguma brincadeira de mau gosto, uma daquelas que todo mundo parece entender, menos ela.

— Acho que eu saberia se tivesse sido noiva de alguém por um ano e meio, senhor... hã...

— Mayhew. Richard Mayhew. Você me deixou, e agora eu não existo mais.

Jessica acenou, desesperada, para alguém do outro lado da sala.

— Já estou indo — disse, e começou a se afastar dele.

— *“I’m a believer, I couldn’t leave her if l tried”*... — cantou Richard, com voz alegre.

Jessica pegou uma taça de champanhe de uma bandeja que passava por ali e bebeu tudo de uma vez. Na outra extremidade da sala, viu o chofer do senhor Stockton — e se lá estava o chofer do senhor Stockton, então...

Caminhou em direção à porta.

— E então, quem é ele? — perguntou Clarence, aproximando-se.

— Quem?

— O homem misterioso.

— Não sei — admitiu. — Olha, talvez seja melhor você chamar os seguranças.

— Tudo bem. Mas por quê?

— Não sei... só chame os seguranças, sim?

E então o senhor Arnold Stockton entrou na sala, e ela se esqueceu de todo o resto.

* * *

Era um homem grande, com mais de 60 anos, exalando dinheiro. Parecia uma pintura de Hogarth: tinha queixo duplo e uma enorme barriga. Seu cabelo era grisalho e comprido atrás, porque isso incomodava as pessoas, e o senhor Stockton gostava de desagradá-las. Comparado a Arnold Stockton, o magnata Rupert Murdoch parecia um pobre coitado sem graça, e o falecido Robert Maxwell, uma baleia encalhada. Arnold Stockton era um pit bull, e era assim que os caricaturistas gostavam de representá-lo. Os Stocktons atuavam nos mais variados ramos de negócios, sempre como proprietários: satélites, jornais, gravadoras, parques de diversão, livros, revistas, HQs, canais de TV, produtoras de cinema.

— Vou fazer o discurso agora — disse o senhor Stockton para Jessica, em vez de cumprimentá-la. — E aí vou dar o fora daqui. Volto outra hora, quando essa gente esnobe tiver ido embora.

— Certo. Sim. Discurso agora. Claro.

Ela o acompanhou até o microfone instalado no pequeno palco. Bateu com a ponta da unha contra uma taça, para pedir silêncio. Mas ninguém a ouviu, então ela disse, no microfone:

— Com licença.

Dessa vez a conversa parou.

— Senhoras e senhores, ilustres convidados, quero dar as boas-vindas a todos que vieram ao Museu Britânico para prestigiar a exposição Anjos pela Inglaterra, patrocinada pela Stockton. Gostaria de apresentar-lhes agora o homem que está por trás de tudo isso, o presidente da empresa e chefe do conselho administrativo, senhor Arnold Stockton.

Os convidados aplaudiram: nenhum deles tinha dúvidas a respeito de quem havia colecionado todos aqueles anjos ou desembolsado o dinheiro para o champanhe.

O senhor Stockton pigarreou.

— Bem... serei breve. Quando eu era criança, costumava vir para o Museu Britânico aos sábados, porque a entrada era gratuita e minha família não tinha muito dinheiro. Eu subia os grandes degraus até a porta do museu, descia até esta sala e olhava para este anjo. Era como se ele soubesse o que eu estava pensando.

Naquele exato momento, Clarence voltou, com dois seguranças atrás dele. Apontou para Richard, que estava parado, ouvindo o discurso do senhor Stockton. Door continuava a examinar as peças.

— Não, *ele* — Clarence sussurrava para os guardas. — Não, ali, olha! Está vendo? *Ele.*

— Enfim. Como tudo aquilo que não recebe os devidos cuidados — continuou o senhor Stockton —, o anjo se deteriorou e acabou sofrendo os percalços da vida moderna. Apodreceu. Bem, gastei dinheiro *pra caramba* — fez uma pausa, para a informação ser bem absorvida por todos (e se ele, Arnold Stockton, achava que era dinheiro pra caramba, então sem dúvida era pra caramba) — para que diversos profissionais passassem um bom tempo restaurando a peça. Depois dessa exposição, ela vai para os Estados Unidos e em seguida visitará outros lugares do mundo, para que talvez inspire alguma outra criança pobre a dar início a seu próprio império das comunicações.

Olhou em volta. Virou-se para Jessica e murmurou:

— E agora, o que eu faço?

Ela apontou para a corda ao lado da cortina. O senhor Stockton a puxou. A cortina se ondulou e abriu, revelando uma porta antiga.

Houve mais uma certa tensão no canto em que estava Clarence.

— Não, *ele!* — dizia Clarence. — Pelo amor de Deus, você é cego?

Parecia que, em algum momento, a obra havia sido a porta de uma catedral. Tinha a altura de dois homens e era larga o suficiente para um pônei passar. Esculpido na madeira da porta, pintado em vermelho e branco e ornamentado com folhas de ouro, havia um anjo extraordinário. Mirava o mundo com olhos medievais e inexpressivos. Ouviu-se certo murmúrio de admiração por parte dos convidados, que começaram a aplaudir.

O *Angelus.* Door puxou a camisa de Richard.

— É esse! Vem, Richard.

E correu para o palco.

— Com licença, senhor — disse um dos guardas para Richard.

— Podemos ver o seu convite? — disse outro, pegando-o pelo braço em um gesto firme, mas discreto. — Você pode nos mostrar um documento de identidade?

— Não — respondeu.

Door estava no palco. Richard tentou libertar-se e segui-la, na esperança de que os seguranças se esquecessem dele — mas não se esqueceram. Agora que eles o haviam percebido, iriam tratá-lo como tratariam qualquer outro penetra maltrapilho, sujo e mal barbeado. O guarda que segurava seu braço o apertou um pouco mais e disse:

— Nada disso.

Door parou no palco, tentando imaginar como fazer os guardas largarem

Richard. Fez a única coisa que lhe veio à cabeça. Foi até o microfone, ficou na ponta dos pés e gritou, o mais alto que conseguia. Ela tinha um grito e tanto: entrava pelos ouvidos como uma furadeira ligada a uma serra elétrica. E amplificado pelos alto-falantes... era algo sobrenatural.

Uma garçonete derrubou a bandeja de bebidas. Pessoas viravam a cabeça, cobriam as orelhas com as mãos, olhavam para o palco, assombradas e confusas. Todas pararam de conversar. E aí Richard resolveu correr.

— Desculpe — disse para o segurança aturdido, enquanto se soltava, e fugiu. — Entrei na Londres errada.

Chegou até o palco, pegou a mão que Door lhe oferecia. Sua outra mão tocou o Angelus, a enorme porta de catedral. Com o toque, ela se *abriu.*

Dessa vez, ninguém derrubou nenhuma taça. Ficaram todos petrificados, com o olhar fixo, completamente maravilhados — e, por um segundo, cegos. O Angelus tinha sido aberto, e uma luz, vinda do outro lado da porta, inundara o recinto. As pessoas cobriram os olhos e, depois, hesitantes, abriram de novo. Continuaram a olhar. Era como se alguém tivesse soltado fogos de artifício na sala. Não aqueles fogos de artifício usados em casa — as bombinhas que estouram e deixam um cheiro horrível — nem os que soltamos no quintal, mas aqueles industriais, utilizados ao fim do dia na Disney World, que sobem tanto a ponto de apresentar certa ameaça ao espaço aéreo ou provocam dor de cabeça a quem os solta nos shows do Pink Floyd. Era um momento mágico.

A plateia olhava, extasiada, em transe. O único barulho que se ouvia era o suave “Oh!” de admiração que saída da boca dos convidados, o murmúrio de assombro que as pessoas emitem quando veem uma demonstração de fogos de artifício. E então um jovem desmazelado e uma moça de rosto sujo, usando um grande casaco de couro, penetraram na luz e desapareceram. A porta se fechou atrás deles. O show tinha chegado ao fim.

E tudo voltou ao normal. Os convidados, os guardas e os garçons piscaram, balançaram a cabeça e, depois de terem presenciado algo sobrenatural, concordaram, de modo intuitivo, que aquilo nunca acontecera. O quarteto de cordas recomeçou a tocar.

O senhor Stockton saiu do palco, cumprimentando com um movimento de cabeça diversos conhecidos pelo caminho. Jessica foi até Clarence.

— O que aqueles seguranças estão fazendo aqui? — perguntou, com calma. Os seguranças de que ela falava estavam de pé, entre os convidados, olhando em volta como se nem eles mesmos soubessem por que se encontravam no meio da sala. Clarence ia explicar o que eles estavam fazendo ali, mas se deu conta de que também não tinha a menor ideia.

— Pode deixar que eu resolvo — disse, demonstrando competência. Jessica concordou. Olhou para a festa que havia organizado e deu um sorriso de satisfação. Tudo estava indo tão bem!

* * *

Richard e Door entraram na luz. Ficou escuro e frio. Richard piscava, tentando desvencilhar-se da claridade impregnada em suas retinas. Aquela luz

quase o deixara cego — via diversos borrões fantasmagóricos, em tons verdes e alaranjados, desaparecendo devagar à medida que seus olhos se acostumavam com a escuridão à sua volta.

Estavam num Salão Principal feito de pedra. Pilares de ferro que seguravam o teto, negros e enferrujados, sumiam nas sombras acima — deviam ter centenas de metros de altura. De algum lugar se ouvia o barulho suave de água: talvez uma fonte ou um riacho. Door ainda segurava a mão de Richard, com bastante força. Ao longe, uma pequena chama crepitava. E depois outra, e mais outra: Richard percebeu que eram diversas velas se acendendo. Caminhando na direção deles, em meio às velas, vinha alguém muito alto, vestido numa túnica branca simples.

Parecia mover-se lentamente, mas sem dúvida andava bem rápido, porque segundos depois já estava ao lado deles. Tinha cabelos loiros e um rosto pálido. Não era muito mais alto que Richard, mas o fazia se sentir feito uma criança. Não era homem nem mulher, mas sua beleza era estonteante, e a voz, suave. Disse:

— Lady Door, acertei?

— Sim — respondeu ela.

Um sorriso suave. Assentiu com a cabeça, um movimento quase humilde.

— É uma honra finalmente conhecê-los, você e seu acompanhante. Sou o anjo Islington.

Tinha olhos claros e grandes. Sua túnica não era branca, como Richard

achara no começo: parecia ser feita de *luz*.

Richard não acreditava em anjos, nunca acreditou. E não era agora que ia começar a acreditar. Mesmo assim, era mais fácil não acreditar em alguma coisa quando ela não estava olhando diretamente para você e dizendo o seu nome.

— Richard Mayhew. Você também é bem-vindo a meus domínios.

Virou-se.

— Por favor, sigam-me — pediu o anjo.

Richard e Door o seguiram pela caverna. As velas se apagaram atrás deles.

* * *

O marquês de Carabas andava a passos largos pelo hospital vazio, esmagando pedacinhos de vidro e seringas velhas com suas botas pretas de

motociclista, de bico quadrado. Passou por uma porta dupla que levava a uma escada aos fundos. Desceu-a e chegou ao porão.

Pisando de forma meticulosa nas montanhas de lixo embolorado, caminhou pelas salas de banho e pelos banheiros, desceu uma velha escada de ferro, passou por um local úmido, que parecia um pântano, empurrou uma porta de madeira meio apodrecida e entrou. Ao examinar o ambiente, observou, com enorme desdém, o gatinho meio comido e a pilha de lâminas de barbear. Limpou os detritos que cobriam uma cadeira, sentou-se confortável, com muita pompa, em meio à umidade do porão, e fechou os olhos.

Depois de algum tempo, a porta do porão se abriu e alguém entrou.

O marquês de Carabas abriu os olhos e bocejou. Depois deu um grande sorriso para o senhor Croup e o senhor Vandemar.

— Olá, rapazes. Achei que já era hora de vir aqui embaixo e falar com vocês pessoalmente.

DEZ

— VOCÊS BEBEM VINHO? — PERGUNTOU O ANJO. Richard fez que sim.

— Eu tomei vinho algumas vezes — disse Door, hesitante. — Meu pai... ele deixava a gente provar um pouquinho no jantar.

Islington levantou a garrafa: parecia um tipo de decanter. Richard ficou pensando se ela seria mesmo feita de vidro — refratava e refletia a luz das velas de um jeito muito diferente. Talvez fosse um tipo de cristal ou um diamante enorme. Parecia que o vinho dentro dela emitia um brilho próprio, como se fosse feito de luz.

O anjo destampou o cristal e colocou mais ou menos um dedo do líquido em uma taça. Era um vinho branco, mas não se assemelhava a nada que Richard já tinha visto. Lançava feixes de luz nas paredes da caverna, como o sol na superfície de uma piscina.

Sem dizer nada, Door e Richard se sentaram em enormes cadeiras de madeira, ao redor de uma mesa do mesmo material, enegrecida pelo tempo.

— É a última garrafa deste vinho. Um de seus ancestrais me deu uma dúzia delas — contou Islington.

Passou a taça para Door e começou a servir mais um dedo do vinho brilhante em outra. Fazia tudo com reverência e amor, como um padre desempenhando um ritual.

— Foi um presente de boas-vindas, há uns trinta ou quarenta mil anos. Há muito tempo, enfim.

Passou a taça para Richard e disse:

— Imagino que poderiam me acusar de estar desperdiçando algo que eu deveria guardar como um tesouro. Mas raramente recebo convidados. A vinda para cá é difícil.

— O Angelus... — murmurou Door.

— Sim, vocês chegaram até aqui usando o Angelus. Mas ele só funciona uma vez para cada pessoa.

O anjo pegou a taça, observando a luz.

— Bebam com cuidado. É um vinho muito forte.

Sentou-se à mesa, entre Door e Richard.

— Quando o provamos — continuou, com melancolia na voz, — gosto de imaginar que estamos na verdade degustando a luz do sol de eras passadas.

Ergueu a taça e disse:

— Brindemos às antigas vitórias.

— Às antigas vitórias — repetiram juntos Richard e Door. E então, com cuidado, deram alguns golinhos.

— É maravilhoso — comentou Door.

— Sem dúvida — concordou Richard. — Eu achava que os vinhos muito velhos viravam vinagre quando expostos ao ar.

O anjo balançou a cabeça.

— Este aqui não. Tudo depende da uva e do lugar onde ela foi cultivada. É uma pena, mas esse tipo de uva desapareceu quando a água cobriu o

vinhedo.

— É mágico! — exclamou Door, sorvendo aquela luz líquida. — Nunca provei nada parecido.

— E nunca provará — completou Islington. — Não existe mais nenhum vinho de Atlântida.

Uma voz lá no fundo de Richard lembrou que Atlântida nunca existiu e, ousada, continuou dizendo que anjos também não existiam e que, além disso, a maioria das experiências pelas quais ele havia passado nos últimos dias eram impossíveis. Richard a ignorou. Era estranho, estava aprendendo a confiar em seus instintos e a se dar conta de que as explicações mais simples e mais prováveis para o que ele tinha visto e presenciado nos últimos dias eram as que recebia dos outros — por mais absurdas que parecessem. Abriu a boca e provou um pouco mais do vinho. A bebida o deixava *feliz*. Fazia com que ele pensasse em céus maiores e mais azuis do que jamais vira... um sol dourado, enorme, pairando no céu... tudo muito mais simples, muito mais *jovem* do que o mundo que ele conhecia.

Havia uma cachoeira à esquerda de onde estavam — água cristalina descia pela pedra e ia dar em um pequeno laguinho. A direita, entre dois pilares de ferro, havia uma porta, feita de sílex polido sobre um metal quase todo enegrecido.

— Você afirma mesmo que é um anjo? De verdade? — perguntou Richard. — Quer dizer, você encontrou Deus e tudo o mais?

Islington sorriu.

— Não afirmo nada, Richard. Mas sou um anjo.

— É uma honra para nós — disse Door.

— Não. A honra é minha por recebê-los aqui. O seu pai era um bom homem, Door, um amigo meu. Fiquei muito triste com sua morte.

— Ele disse... no diário... ele disse que eu deveria vir até você. Que eu podia confiar em você.

— Espero ser digno de sua confiança — respondeu o anjo, sorvendo de leve o vinho. — A Londres-de-Baixo é a segunda cidade com que me importo. A primeira foi submersa e eu não pude fazer nada para impedir tal destino. Eu sei o que é a dor, a perda. Portanto, sei pelo que você passa. O que deseja saber?

Door fez uma pausa.

— A minha família... Croup e Vandemar mataram minha família. Mas... quem ordenou? Eu quero... quero saber *por quê*.

O anjo assentiu.

— Muitos segredos chegam até mim. Muitos rumores, meias-verdades,

ecos.

E se virou para Richard.

— E você? O que você deseja, Richard Mayhew?

Richard encolheu os ombros.

— Quero voltar pra minha vida normal. Pro meu apartamento, meu emprego.

— Isso é possível.

— Tá. Sei — disse Richard, sem ânimo.

— Você duvida de mim, Richard Mayhew? — perguntou Islington. Richard olhou direto nos olhos do anjo. Eram de uma cor cinzenta luminosa, tão antigos quanto o universo, olhos que tinham visto galáxias se formando a partir de poeira estelar milhões de anos antes. Richard balançou a cabeça para os lados. Islington sorriu para ele, gentil.

— Não vai ser fácil. Você e seus companheiros enfrentarão grandes dificuldades nessa empreitada e na viagem de volta. Mas talvez exista uma solução, uma chave para todos os nossos problemas.

Levantou-se, foi até uma prateleira de pedra e de lá tirou uma dentre as várias estatuetas. Era uma pequena estátua negra de algum tipo de animal, feita de vidro vulcânico. Entregou-a para Door.

— Isto irá trazê-la de volta para mim a salvo. O restante fica a cargo de vocês.

— O que precisamos fazer?

— Os Monges Negros são guardiões de uma chave. Tragam-na para mim.

— E então você vai poder usar a chave para descobrir quem matou minha família?

— Espero que sim.

Richard tomou o restante do vinho. Sentia a bebida aquecendo-o por dentro, percorrendo suas veias. Teve a estranha sensação de que, se olhasse para seus dedos, conseguiria ver o vinho brilhando através da pele, como se ele também fosse feito de luz...

— Boa sorte — sussurrou o anjo Islington.

Ouviu-se um farfalhar, como um vento passando pelas folhas de uma

floresta perdida, ou o som de grandes e poderosas asas.

* * *

Richard e Door estavam sentados no chão de uma das salas do Museu Britânico, olhando para a figura de um anjo esculpida na porta de uma catedral. A sala estava escura e vazia. A festa tinha acabado havia muito tempo. O céu lá fora começava a clarear. Richard ficou de pé, depois se debruçou para ajudar Door a se levantar.

— Monges Negros? Seria então... *Black Friars?* — perguntou ele. Door fez que sim.

Ele já tinha cruzado a Blackfriars Bridge na cidade de Londres muitas e muitas vezes, e em várias delas passara pela estação Blackfriars, mas já sabia que não deveria pressupor coisa alguma.

— Então são pessoas.

Richard foi até o Angelus. Correu o dedo pela túnica pintada do anjo.

— Você acha que ele pode mesmo devolver a minha vida?

— Nunca ouvi falar de algo assim. Mas não acho que ele teria mentido pra gente. Ele é um anjo.

Door abriu a mão e olhou para a estatueta do animal.

— Meu pai tinha uma dessas — contou, com voz triste.

Colocou o objeto em um dos bolsos de seu casaco de couro marrom.

— Bom... não vamos conseguir pegar a chave se ficarmos de bobeira por aqui, né?

Começaram a andar pelos corredores vazios do museu.

— E aí, o que você sabe sobre essa chave?

— Nada.

Chegaram até a porta principal do museu.

— Já ouvi falar dos Monges Negros — continuou ela —, mas nunca entrei em contato com eles.

Pressionou os dedos contra uma porta de vidro bem trancada, que se abriu com seu toque.

— Monges... — disse Richard, pensativo. — Aposto que se a gente disser que é encomenda para um anjo, um anjo de verdade, eles vão nos dar a chave sagrada e... ainda de brinde o abridor de latas mágico e o fantástico saca-rolhas que assovia.

Começou a rir. Ficou pensando se o vinho já estava fazendo efeito.

— Você está de bom humor — disse Door. Ele concordou, entusiasmado.

— Eu vou pra casa. Tudo vai ser normal de novo. Chato de novo. Maravilhoso de novo.

Richard olhou para os degraus de pedra que levavam até o Museu Britânico e decidiu que eles haviam sido feitos para que Fred Astaire e Ginger Rogers dançassem neles. E, como nenhum dos dois estava ali disponível, começou a descê-los dançando e solfejando uma melodia que ficava entre “Puttin’ on the Ritz” e “Top Hat, White Tie, and Tails”.

— Lá-lá-lá-lá-lá-lá-lá — cantarolou ele, sapateando enquanto descia e subia os degraus.

Door ficou no topo da escada, observando-o, abismada. Depois, sem querer, começou a rir. Richard olhou para ela e jogou sua cartola de seda branca imaginária para o alto. Pegou-a no ar e a colocou de volta na cabeça.

— Seu bobo — disse Door, sorrindo.

Como resposta, Richard agarrou sua mão e continuou a dançar, subindo e descendo os degraus. Door hesitou por um instante, mas logo entrou na brincadeira. Dançava bem melhor do que Richard. Chegaram ao fim dos degraus e caíram, exaustos e rindo, abraçados.

Richard sentia o mundo girar.

Percebeu o coração dela batendo contra seu peito. Aquele instante começou a ter um clima diferente e ele ficou pensando se não deveria fazer alguma coisa, se não deveria beijá-la. Pensou se queria beijá-la, e então se deu conta de que não sabia. Olhou dentro de seus olhos fantásticos. Door inclinou a cabeça para um lado e se soltou dele. Ergueu a gola de seu casaco de couro marrom e o ajustou no corpo: sua armadura, sua proteção.

— Vamos achar a nossa guarda-costas — disse ela.

E foram embora juntos, descendo pela calçada, na direção da estação do Museu Britânico, cambaleando um pouco.

* * *

— O que você deseja? — perguntou o senhor Croup.

— O que qualquer pessoa deseja? — retrucou o marquês de Carabas, retórico.

— Coisas mortas. Ter mais dentes — sugeriu o senhor Vandemar.

— Achei que talvez pudéssemos fazer um acordo — disse o marquês.

O senhor Croup começou a rir. A risada parecia o som de uma lousa sendo arranhada por muitas unhas.

— Ah, meu caro marquês. Acho que posso dizer, sem o risco de ser contestado por nenhum dos presentes, que a sua suposta lucidez se foi. Se me perdoa a expressão, o senhor perdeu completamente a cabeça.

— É só pedir e em um segundo ela estará fora do pescoço — avisou o senhor Vandemar, atrás da cadeira ocupada pelo marquês.

De Carabas soprou as unhas e as poliu na lapela da casaca:

— Eu sempre considerei a violência o último refúgio dos incompetentes e as ameaças vazias o último abrigo dos ineptos sem salvação.

O senhor Croup o fuzilou com o olhar.

— O que você está fazendo aqui?

O marquês de Carabas se espreguiçou feito um felino selvagem. Quando terminou, estava em pé, com as mãos nos bolsos de sua magnífica casaca.

— Sei que o senhor coleciona estatuetas da dinastia T'ang, senhor Croup, não é verdade? — disse ele, em tom casual.

— Como você ficou sabendo disso?

— Ah, as pessoas me contam essas coisas. É fácil falar comigo.

O sorriso do marquês era puro, tranquilo, sincero — o sorriso de um homem que tenta vender uma Bíblia usada.

— Mesmo se eu colecionasse...

— Então teria interesse nisto aqui.

Tirou uma das mãos do bolso e mostrou um objeto para o senhor Croup. Até algumas horas antes, ele estava dentro de uma caixa de vidro no cofre-forte de um dos maiores bancos de arte de Londres. Alguns catálogos se referiam à peça como *O Espírito do Outono (Estatueta de Túmulo)*. Mal chegava a vinte centímetros de altura: era uma estátua de cerâmica vidrada que fora esculpida e pintada quando a Europa ainda estava na Baixa Idade Média, seiscentos anos antes da primeira viagem de Colombo.

O senhor Croup assobiou de prazer, involuntariamente, e esticou a mão para pegá-la. De Carabas recolheu o braço, protegendo a estatueta perto do peito.

— Não, não... Não é tão fácil assim.

— Não? — perguntou o senhor Croup. — Mas o que vai nos impedir de pegar a estatueta e deixar você em frangalhos, espalhando seus pedaços pelo Submundo? Acho que nunca despedaçamos um marquês antes.

— Já, sim — disse Vandemar. — Em York. No século XIV. Na chuva.

— Não era um marquês, era o conde de Exeter — corrigiu o senhor Croup.

— E marquês de Westmorland também — completou o senhor Vandemar, satisfeito por se lembrar do fato.

O senhor Croup torceu o nariz.

— E então, o que nos impedirá de deixar você em pedacinhos, assim como fizemos com o marquês de Westmorland?

De Carabas tirou a outra mão do bolso. Segurava um martelinho. Jogou-o para cima, pegou-o pelo cabo e terminou o malabarismo com a cabeça do martelo sobre a estatueta de porcelana.

— Ah, por favor, senhores, chega dessas ameaças tolas. Acho que eu me sentiria melhor se vocês fossem um pouco para trás.

O senhor Vandemar olhou para o comparsa, que assentiu de maneira quase imperceptível. Houve uma certa tensão no ar, e então ele se aproximou do senhor Croup, que mostrava um sorriso amarelo.

— Sim, eu já comprei algumas peças T'ang — admitiu ele. — Essa aí está à venda?

— Não é muito comum comprar e vender no Submundo, senhor Croup. Escambo. Trocas. É isso que buscamos. Mas, sim, de fato esta magnífica peça está à disposição.

O senhor Croup fez um biquinho. Cruzou os braços. Descruzou-os. Passou a mão pelo cabelo oleoso. E disse:

— Diga o seu preço.

De Carabas soltou um longo suspiro, aliviado, quase audível. Era bem possível que ele conseguisse levar a cabo sua grandiosa artimanha, afinal.

— Primeiro, três respostas para três perguntas.

Croup assentiu e disse:

— De ambas as partes. Nós também queremos três respostas.

— Tudo bem. E, em segundo lugar, quero salvo-conduto para sair daqui. E vocês devem concordar em me dar pelo menos uma hora de vantagem.

Croup fez que sim, balançando a cabeça.

— Combinado. Faça a primeira pergunta.

Tinha o olhar fixo sobre a estatueta.

— Para quem vocês estão trabalhando?

— Ah, essa é fácil. A resposta é simples. Estamos trabalhando para o nosso cliente, que deseja permanecer anônimo.

— Humpf. Por que vocês mataram a família de Door?

— Ordens do nosso cliente — respondeu o senhor Croup, com um sorriso cada vez mais maquiavélico.

— Por que não mataram Door quando tiveram a chance?

Antes que o senhor Croup pudesse responder, o senhor Vandemar disse:

— Tínhamos que deixar ela viva. Ela é a única que pode abrir a porta.

O senhor Croup fuzilou seu sócio com o olhar.

— Ah, claro, senhor Vandemar. Diga logo tudo pra ele.

— É que eu queria falar também — murmurou.

— Certo... Você já tem suas três respostas, e espero que faça bom proveito delas. Minha primeira pergunta é: por que você a está protegendo?

— O pai dela salvou minha vida e eu nunca tinha retornado o favor — respondeu o marquês, sendo franco. — Prefiro que os outros me devam favores.

— Eu tenho uma pergunta — disse o senhor Vandemar.

— Eu também tenho. O habitante do Mundo Superior, Richard Mayhew... Por que ele está com ela? Por que ela permite?

— Sentimentalismo da parte dela — respondeu o marquês.

E, enquanto respondia, ficou pensando se era apenas aquilo. Tinha começado a achar que talvez existisse algo mais a respeito do habitante do Mundo Superior que ele não havia percebido.

— Agora é minha vez — disse Vandemar. — Em que número eu estou pensando?

— Como?

— Em que número estou pensando? — repetiu o senhor Vandemar. — É um número entre um e sei lá quantos — acrescentou, prestativo.

— Sete — respondeu o marquês. Vandemar ficou impressionado.

— Onde está o... — começou o senhor Croup, mas de Carabas balançou a cabeça.

— Agora vocês já estão querendo demais.

Houve uma pausa do mais profundo silêncio naquele porão úmido. As gotas de água mais uma vez começaram a pingar e os vermes a se arrastar, e o marquês disse:

— Lembrem-se: vocês vão me dar uma hora de vantagem.

— Mas é claro — respondeu o senhor Croup.

De Carabas jogou a estatueta para o senhor Croup, que a agarrou como um viciado que pega um saquinho plástico cheio de um pó branco e ilegal. Em seguida, sem olhar para trás, saiu do porão.

O senhor Croup examinou a estatueta com cuidado, revirando-a diversas vezes, como se fosse um curador em um romance de Dickens do Museu dos Amaldiçoados contemplando uma peça rara. Sua língua saía da boca de vez em quando, como a de uma cobra. Suas bochechas pálidas ficaram mais

rosadas.

— Ah, ótimo, ótimo — sussurrou. — Da dinastia T'ang, sem dúvida: mil e duzentos anos de idade. As estatuetas mais belas já feitas. Esta foi moldada por Kai Lung, o melhor dos ceramistas. Não existe nenhuma igual no mundo. Veja só a cor na superfície, as proporções, a vida...

Ele sorria feito um bebê. Aquele sorriso inocente parecia perdido e confuso, destoava do rosto sombrio do senhor Croup.

— Esta estatueta dá um pouco mais de beleza e deslumbramento ao mundo — continuou.

E então sorriu, um sorriso enorme. Baixou a cabeça até se aproximar da peça e esmagou sua cabecinha entre os dentes, mastigando loucamente, engolindo os pedaços. Seus dentes trituravam a cerâmica até ela se tornar um pó fino, que sujou a parte inferior de seu rosto.

Ficou extasiado com a destruição da estátua. Entregava-se àquilo com a mesma intensidade e a sede de sangue de uma raposa em um galinheiro. Depois, quando nada restava dela além de pó, virou-se para o senhor Vandemar. Parecia estranhamente tranquilo, quase lânguido.

— Quanto tempo a gente disse que daria a ele?

— Uma hora.

— Hum. E quanto tempo se passou?

— Seis minutos.

O senhor Croup abaixou a cabeça. Percorreu o dedo pelo queixo e lambeu o pó da cerâmica.

— Siga-o, senhor Vandemar. Preciso de um pouco mais de tempo para saborear este momento.

* * *

Hunter podia ouvi-los descendo a escada. Estava de pé, no escuro, com os braços cruzados, na mesma posição em que se encontrava quando eles a deixaram ali. Richard cantarolava alto. Door ria sem parar, daí parava e pedia para Richard ficar quieto. E depois começava a rir de novo. Passaram por Hunter sem vê-la.

Ela saiu das sombras e disse:

— Faz oito horas que vocês saíram daqui.

Era só uma afirmação. Não havia curiosidade ou reprovação em sua voz. Door olhou para ela, piscando.

— Nossa, não pareceu tanto tempo assim.

Hunter não fez nenhum comentário.

Richard olhou para ela, lacrimejando de tanto rir.

— Você não quer saber o que aconteceu? Bom, a gente caiu numa emboscada do senhor Croup e do senhor Vandemar. Como a nossa guarda-costas não estava por perto, eu mesmo tive que dar um jeito neles.

Hunter ergueu uma das sobrancelhas perfeitas.

— Fico impressionada com suas habilidades — disse, com frieza. Door riu.

— Ele não está falando sério. Na verdade... eles mataram a gente.

— Como especialista na eliminação das funções corporais, preciso contradizê-la. Nenhum de vocês dois morreu. E acho que estão bem bêbados.

Door lhe mostrou a língua.

— Ah, que nada. Não bebemos nada. Só um *pouquinho assim.* Esticou a mão e indicou com dois dedos quanto era um “pouquinho assim”.

— Fomos numa festa. Vimos Jessica e um anjo de verdade, recebemos um porquinho preto e voltamos pra cá — contou Richard.

— Só um pouquinho mesmo — continuou Door, determinada. — Bem pouquinho. Quase nada de bebida. Bem pouco. Quase nada mesmo.

Começou a soluçar. E riu de novo. Um soluço interrompeu seu riso e ela se sentou de repente na plataforma.

— Acho que estamos mesmo um pouco bêbados — disse, com voz sóbria. Depois fechou os olhos e começou a roncar.

* * *

O marquês corria pelos túneis subterrâneos como se todos os cães do Inferno sentissem seu cheiro e estivessem em seu encalço. Corria por um riacho cinzento de quinze centímetros de profundidade, o Tyburn, o rio do carrasco, guardado na escuridão de um túnel de tijolos abaixo da Park Lane, na direção do Palácio de Buckingham. Já fazia dezessete minutos que ele estava correndo.

Parou, uns dez metros abaixo do Marble Arch. O esgoto se bifurcava ali. De Carabas pegou o túnel da esquerda.

Vários minutos depois, o senhor Vandemar caminhava por ali. Quando chegou à bifurcação, parou por uns instantes, farejando o ar. E também escolheu o túnel da esquerda.

* * *

Com um grunhido, Hunter colocou o corpo inconsciente de Richard sobre uma pilha de feno. Ele rolou, disse algo parecido com “Quarf em blunfaf boblem magff” e voltou a dormir. Em seguida, fez o mesmo com Door, com mais cuidado. E se postou ao lado dela, no escuro do estábulo subterrâneo, ainda em guarda.

* * *

De Carabas estava exausto. Encostou-se na parede do túnel e olhou para os degraus acima. Tirou o relógio dourado do bolso para ver as horas. Já tinham se passado 35 minutos desde que fugira do porão do hospital.

— Já se passou uma hora? — perguntou o senhor Vandemar.

Estava sentado nos degraus, à frente do marquês, limpando as unhas com uma faca.

— Ainda falta muito — respondeu de Carabas, sem fôlego.

— Pareceu uma hora — disse Vandemar, prestativo.

Houve um movimento no ar e o senhor Croup surgiu atrás do marquês de Carabas. Ainda tinha pó da estatueta no queixo. De Carabas olhou fixamente para o senhor Croup, virou-se para olhar o senhor Vandemar, quando, de repente, começou a rir. O senhor Croup sorriu.

— Você nos acha engraçados, não é verdade, meu caro marquês? Acha

que somos uma piada. Não é isso? Com nossas belas roupas, nossas circunlocuções confusas...

O senhor Vandemar murmurou:

— Eu não tenho nenhuma circunloc...

— ...nossos maneirismos e nosso comportamento. E talvez nós sejamos *mesmo* engraçados.

Então o senhor Croup ergueu um dedo e o balançou próximo do marquês.

— Mas não pense que só porque algo é engraçado, meu caro colega, significa que não seja perigoso.

E o senhor Vandemar jogou sua faca na direção do marquês, com força e precisão: o cabo, e não a lâmina, atingiu-lhe a têmpora. Os olhos do marquês sumiram nas órbitas e seus joelhos fraquejaram.

— Circunlocução é uma maneira de não ir direto ao ponto. Uma digressão. Tagarelice — explicou o senhor Croup ao senhor Vandemar.

O senhor Vandemar pegou de Carabas pelo cinto e o puxou escada acima, a cabeça batendo em cada degrau enquanto subiam, e disse:

— Ah. Imaginei.

* * *

Observando os seus sonhos, enquanto dormem.

Hunter dorme em pé.

Em seu sonho, ela está na cidade abaixo de Bangkok. É uma mistura de labirinto e floresta, pois toda a natureza da Tailândia encontrou refúgio no subsolo, sob o aeroporto, os hotéis, as ruas. Aquele mundo cheira a condimento e manga seca, e também a sexo — mas não é um cheiro desagradável. O ar é úmido e Hunter transpira. Está escuro, mas as trevas são quebradas por manchas fosforescentes nas paredes, fungos cinza-esverdeados que emitem luz suficiente para enganar o olhar, para poder caminhar por ali.

Em seu sonho, Hunter se movimenta em silêncio, como um fantasma, passando pelos túneis úmidos, empurrando a vegetação. Ela segura um pesado tacape na mão direita, e um escudo de couro cobre seu antebraço esquerdo.

Ela sente o cheiro acre e animalesco. Para ao lado de uma parede de pedra destruída e espera, como se fosse parte das sombras, como se fosse a escuridão. Quando acordada, Hunter acredita que caçar é espreitar. Em seu sonho, contudo, não espera. Quando ela chega, o animal vem atravessando o matagal, um ser em fúria, marrom e branco, ondulando com suavidade, como uma cobra peluda e úmida, os olhos vermelhos brilhantes, sondando a escuridão, dentes como agulhas — um assassino, um carnívoro. A criatura está extinta no mundo acima. Pesa quase 140 quilos e mede cerca de cinco metros do nariz até a cauda.

Quando ele passa, Hunter sibila feito uma cobra, e, num átimo de segundo, os instintos falando mais alto, o animal para. E logo salta sobre ela, um ser feito apenas de ódio e dentes afiados. De repente, ela se lembra, em seu sonho, de que isso já aconteceu antes, e que quando aconteceu ela tinha enfiado o escudo de couro na boca do animal e esmagado seu crânio com o pesado tacape, tomando cuidado para não estragar a pele. Ela havia dado a pele da Grande Doninha a uma moça que lhe chamara a atenção, e que ficara bastante grata.

Mas agora, em seu sonho, não era assim que acontecia. Em vez disso, a doninha estica uma de suas patas. Hunter larga o tacape e agarra essa pata. Assim, ali, na cidade subterrânea, embaixo de Bangkok, as duas dançam juntas, uma dança complicada e sem fim. Hunter observa a cena como se estivesse fora de seu corpo, e admira os movimentos elaborados que fazem. Cauda, pernas, braços, dedos, olhos, cabelo — tudo criando movimento e girando de forma vigorosa e estranha, no meio do matagal e para longe, para sempre.

Ouve-se um pequeno ruído no mundo desperto, um murmurar da jovem Door em seu sono, e Hunter começa um caminhar fluido e instantâneo. Ela está mais uma vez alerta, mais uma vez de guarda. E se esquece completamente de seu sonho.

* * *

Door está sonhando com seu pai.

Em seu sonho, ele está mostrando como abrir as coisas. Ele pega uma laranja e faz um gesto. Num movimento suave, a fruta se retorce e se inverte: a polpa está agora do lado de fora e a casca na parte de dentro. *É sempre imprescindível manter a paridade,* diz seu pai, retirando um gomo da laranja para ela. *Paridade, simetria, topologia: essas são os temas que vamos estudar nos próximos meses, Door. Mas o mais importante é entender que todas as coisas querem se abrir. Você precisa sentir essa necessidade e usá-la a seu favor.* O cabelo de seu pai é espesso, castanho, como era uma década antes de sua morte. Ele sorri bastante, e ela se lembra disso. Mas ele deixou de sorrir desse jeito à medida que os anos passaram.

No sonho, ele lhe entrega um cadeado. As mãos de Door têm o mesmo formato e tamanho de suas mãos atuais, embora ela saiba que na verdade aquilo aconteceu quando era uma criança, e que ela está pegando momentos, conversas e lições de mais de doze anos atrás e resumindo em uma única lição. *Abra,* ele lhe diz.

Ela segura o cadeado, sentindo o metal frio, o peso em suas mãos. Alguma coisa a perturba. Há algo que ela precisa saber. Door aprendeu a abrir pouco depois de aprender a andar. Ela se lembra de sua mãe a segurando bem firme, enquanto abria uma porta que ia do seu quarto para o quarto de brinquedos; lembra-se de ver seu irmão, Arch, separando anéis de prata que estavam unidos e depois os juntando de novo.

Door tenta abrir o cadeado. Ela o revira entre os dedos, concentra-se nele. Nada acontece. Ela o joga no chão e começa a chorar. Seu pai pega o objeto e o coloca de novo em suas mãos. Seu dedo comprido enxuga uma lágrima do rosto de Door.

Lembre-se, explica, *o cadeado quer se abrir. Tudo o que você precisa fazer é deixá-lo fazer o que ele quer.*

O cadeado está lá, em sua mão, frio, inerte, pesado. De repente, ela compreende, e em algum lugar em seu coração deixa o cadeado ser o que quer ser. Ouve-se um "clique" bem alto e o cadeado abre. Seu pai sorri.

Pronto, ela diz.

Boa menina, elogia seu pai. *Abrir é isso. Todo o resto é só técnica.*

Ela se dá conta do que a está perturbando. *Pai? O seu diário. Quem o escondeu? Quem poderia ter feito isso?* Mas ele está se afastando dela e ela já está se esquecendo. Door o chama, mas ele não pode ouvi-la, e, embora ela possa ouvir sua voz à distância, não consegue mais entender o que ele está dizendo.

No mundo desperto, Door murmura baixinho. Rola para o lado, cobre o rosto com o braço, ronca uma, duas vezes, e volta a dormir um sono sem sonhos.

* * *

Richard sabe que o animal está a espera deles. A cada túnel, a cada curva, a cada bifurcação, a sensação aumenta, fica mais intensa. Ele sabe que está lá, na tocaia, e a sensação de perigo iminente piora a cada passo. Richard sabe que deveria sentir alívio quando chega na última curva e vê o animal lá, parado, emoldurado pelo túnel, esperando por ele. Mas, em vez disso, ele sente apenas horror. Em seu sonho, o animal tem o tamanho do mundo: não há nada além daquela Besta, seus flancos fortes com lanças partidas e pedaços de velhas armas fincados. Há sangue ressecado em seus chifres e presas. É um ser repugnante, enorme, maléfico. E ele ataca.

Richard ergue a mão (mas não é a sua mão) e joga a lança na direção da criatura.

Ele vê os olhos, úmidos, cruéis, famintos, pairando sobre ele, tudo em uma fração de segundo que é como um momento eterno. A fera cai sobre ele...

A água estava fria e atingiu o rosto de Richard como um tapa. Seus olhos se abriram e ele tentou recuperar o fôlego. Hunter olhava, de pé, para ele. Segurava um balde de madeira vazio. Richard ergueu a mão: seu cabelo estava encharcado; o rosto, molhado. Esfregou a água dos olhos e tremeu de frio.

— Você não precisava fazer isso — reclamou.

Sua boca estava com um gosto horrível, como se diversos animaizinhos a tivessem usado como banheiro. Tentou ficar em pé, mas se sentou de repente.

— Uuuhhh... — murmurou ele.

— Como está a sua cabeça? — perguntou Hunter, em tom profissional.

— Já esteve melhor.

Ela pegou outro balde de madeira, cheio d'água, e lançou-a pelo chão do estábulo.

— Eu não sei o que vocês beberam, mas era forte — comentou. Hunter molhou a mão no balde e respingou água no rosto de Door. Suas pálpebras estremeceram.

— Não me admira Atlântida ter sido inundada — disse Richard. — Se era assim que eles se sentiam no dia seguinte, sem dúvida foi um alívio. Onde estamos?

Hunter respingou um pouco mais de água no rosto de Door.

— Nos estábulos de uma amiga.

Richard olhou em volta. O lugar sem dúvida parecia ser um pequeno estábulo. Ficou se perguntando se seria mesmo para cavalos — e, se fosse, que tipo de cavalo viveria no subsolo. Havia uma figura pintada em uma das paredes: a letra S (ou seria uma cobra? Richard não sabia dizer) com sete estrelas em volta.

Door levou uma mão meio perdida até a própria cabeça e tentou explorá-la, como se não soubesse ao certo o que encontraria.

— Uuuhhh... — gemeu, quase num sussurro. — Pelo Templo e o Arco. Eu morri?

— Não — respondeu Hunter.

— Que pena.

Hunter a ajudou a ficar de pé.

— Bom, ele avisou pra gente que era forte — lembrou Door, sonolenta. Então, ela acordou mesmo, de repente, bem rápido. Agarrou o ombro de Richard, apontou para a gravura na parede, o S em forma de cobra com as estrelas em volta. Engasgou.

— Serpentine! — disse ela a Richard e Hunter. — É a insígnia da Serpentine! Richard, levanta! Precisamos fugir antes que ela descubra que estamos aqui...

— E você acha — perguntou uma voz vinda da porta — que você conseguiria entrar na casa de Serpentine sem que ela percebesse, minha criança?

Door se jogou contra a parede do estábulo. Estava tremendo. Richard percebeu, apesar de sua cabeça estar latejando, que nunca a tinha visto tão amedrontada.

Serpentine estava na soleira da porta. Usava um espartilho e botas compridas, ambos de couro branco, além dos restos rasgados e sujos do que parecia ter sido, muito tempo antes, um vestido de noiva de seda e renda. Era muito mais alta do que todos ali: seu enorme cabelo grisalho roçava a parte superior da porta. Tinha um olhar penetrante, e sua boca era apenas um risco cruel num rosto majestoso. Olhava para Door como se tivesse previsto aquele horror todo, como se estivesse tão acostumada ao medo que provocava que já esperava tal reação, e até gostava dela.

— Calma — disse Hunter.

— Mas ela é a Serpentine! — exclamou Door, com voz chorosa. — Uma das Sete Irmãs.

Serpentine inclinou a cabeça, em um cumprimento cordial. Depois saiu da porta e caminhou na direção deles. Atrás dela havia uma mulher magra, de cintura muito fina, rosto sério e cabelo preto e comprido, usando um vestido negro e justo. A mulher não disse nada. Serpentine se aproximou de Hunter.

— Hunter trabalhou para mim há muito tempo — disse.

Ergueu a mão e com um dedo pálido gentilmente acariciou o rosto moreno da guarda-costas, em um gesto de afeição e posse. Continuou:

— Você conseguiu manter sua beleza melhor do que eu, Hunter.

A caçadora baixou o olhar.

— Os amigos de Hunter são meus amigos, criança. Você é Door?

— Sim — respondeu, com a boca seca.

Serpentine se virou para Richard.

— E você seria...? — perguntou, desinteressada.

— Richard.

— Meu nome é Serpentine — anunciou ela, educadamente.

— Imaginei — disse Richard.

— Temos comida para todos vocês, caso desejem romper seu jejum.

— Ah, não, por favor — choramingou Richard, mas com educação. Door não disse nada. Ainda estava encostada na parede, tremendo um pouco, como uma folha ao vento. O fato de que Hunter só os teria levado até ali se fosse um lugar seguro não servia para acalmá-la.

— O que temos para comer? — perguntou Hunter.

Serpentine olhou para a mulher com cintura de vespa que estava em pé na porta e perguntou:

— E então?

A mulher deu o sorriso mais frio que Richard jamais vira num rosto humano e disse:

— Ovos fritos ovos cozidos ovos em conserva vitela ao curry cebola em conserva arenque em conserva arenque defumado arenque salgado ensopado de cogumelo bacon salgado repolho recheado geleia de mocotó...

Richard abriu a boca para lhe implorar que parasse, mas era tarde demais. Sentiu, de repente, uma ânsia de vômito violenta.

Queria que alguém o segurasse, que lhe dissesse que tudo ficaria bem, que logo ele se sentiria melhor... alguém que lhe desse uma aspirina e um copo d'água e o pusesse na cama. Mas ninguém ali fez nada daquilo, e sua cama existia apenas em outra vida. Lavou o rosto e as mãos com a água do balde para afastar o enjoo. Depois lavou a boca. Assim, cambaleando um pouco, seguiu as quatro mulheres até a mesa de café-da-manhã.

* * *

— Pode me passar a geleia de mocotó? — perguntou Hunter, com a boca cheia.

A sala de jantar de Serpentine ficava no que parecia ser a menor plataforma de metrô que Richard já vira. Tinha mais ou menos 3,5 metros de comprimento, e muito do espaço era tomado pela mesa, coberta por uma tolha branca amarelada. Sobre ela havia um aparelho de jantar de prata. A mesa estava entulhada de alimentos malcheirosos. O pior cheiro, pensou Richard, vinha dos ovos de codorna em conserva.

Sentia a pele úmida, e era como se seus olhos estivessem mal encaixados nas órbitas. Tinha a impressão de que, enquanto dormira, alguém trocara seu crânio por outro bem menor. Um trem do metrô passou a poucos passos dali, e a brisa provocada por ele chegou até a mesa. O barulho atravessou a cabeça de Richard como se fosse uma faca quente cortando seu cérebro. Ele gemeu.

— Pelo jeito o seu herói é meio fraco para bebida — observou Serpentine, com voz fria.

— Ele não é o meu herói — respondeu Door.

— Acho que é sim. A gente aprende a reconhecer o tipo. É alguma coisa nos olhos, talvez.

Serpentine se voltou para a mulher de preto, que parecia ser algum tipo de mordomo, e pediu:

— Traga um tônico revigorante para o cavalheiro.

A mulher deu um leve sorriso e foi embora, sem ruído. Door beliscava um prato de cogumelos.

— Somos muito gratos por tudo isso, Lady Serpentine.

Serpentine franziu o nariz.

— Só Serpentine, criança. Não perco meu tempo com esses títulos honoríficos imaginários e tolos. Enfim... Você é a filha mais velha de Portico, certo?

— Sim.

Serpentine mergulhou o dedo no molho salgado que parecia conter várias enguias pequenas. Lambeu-o e assentiu com a cabeça, em aprovação.

— Eu não tinha muito tempo para o seu pai. Toda aquela besteira de unir o Submundo. Quanta bobagem! Homem tolo! Estava pedindo encrenca. Da última vez que o vi, disse que se ele voltasse aqui eu o transformaria numa cobra-de-vidro.

Virou-se para Door e continuou:

— Aliás, como vai o seu pai?

— Ele morreu.

Serpentine pareceu muito satisfeita.

— Viu só? Bem que eu avisei.

Door não disse nada. Serpentine pegou algo que se mexia em seu cabelo grisalho. Examinou detalhadamente o bichinho, esmagou-o com os dedos e o jogou na plataforma. Em seguida virou-se para Hunter, que estava devorando

uma pequena montanha de arenque em conserva.

— Quer dizer que você vai caçar a Besta...

Hunter fez que sim, com a boca cheia.

— Então é claro que vai precisar da lança.

A mulher com cintura de vespa se aproximou de Richard, segurando uma pequena bandeja onde havia um pequeno copo com um líquido de cor verde-esmeralda muito intensa. Richard arregalou os olhos ao ver o copo e depois olhou para Door.

— O que você está oferecendo a ele? — perguntou ela.

— Nada que vá fazer mal — respondeu Serpentine, com um sorriso gélido. — Vocês são meus convidados.

Richard bebeu de uma vez o líquido verde: tinha gosto de tomilho, hortelã, manhãs de inverno. Sentiu-o descer e preparou-se para tentar evitar que ele voltasse. Mas, em vez disso, deu um profundo suspiro e percebeu, meio surpreso, que sua cabeça não doía mais e que estava morto de fome.

* * *

Old Bailey não era uma daquelas pessoas nascidas para contar piadas. Apesar dessa deficiência, ele tentava. Adorava contar histórias compridas e entediantes, que sempre terminavam com um trocadilho horrível, embora com frequência ele não conseguisse se lembrar do trocadilho quando chegava a hora. Seu único público consistia em alguns pássaros presos, que (principalmente as gralhas) viam aquelas piadas como parábolas profundas e filosóficas para explicar a condição humana. De vez em quando, os pássaros pediam para ele contar mais uma de suas divertidas histórias.

— Está bem, está bem, está bem... — disse Old Bailey. — Se vocês já ouviram essa é só falar. Um homem entrou num bar. Não, não era um homem. A piada é de outro jeito. Desculpem. Era um cavalo. Um cavalo... não... um cubo! Três cubos. Isso. Três cubos entraram num bar.

Uma enorme gralha velha fez uma pergunta. Old Bailey esfregou o queixo e encolheu os ombros.

— Ah, mas eles podiam. É só uma piada. Os cubos sabem andar na piada. Então um cubo pede uma bebida para ele e para cada um de seus amigos. E o *barman* diz: "Só servimos militares aqui". Então ele vai até os outros cubos e diz "Eles só servem militares aqui". E é uma piada, então o cubo do meio também pede e não ganha, e aí o último cubo pega um pincel e faz uma bolinha de um lado, duas do outro, três do outro, quatro do outro, cinco do outro, seis do outro... E também pede uma bebida.

A gralha grasnou de novo, com ar sábio.

— É, isso, três bebidas. E aí o barman diz: “Por um acaso você é militar?”. Daí ele diz, o cubo diz: “Sou dado”. Soldado, entendeu? Sou dado. Um trocadilho. Muito engraçado, muito engraçado.

Os estorninhos fizeram ruídos educados, as gralhas balançaram a cabeça em aprovação. E então a gralha mais velha grasnou para Old Bailey.

— Mais uma? Eu não fui feito só para contar piada, ora... Deixa eu ver...

Então ouviu-se um ruído na cabana, um barulho profundo, intermitente, como um coração pulsando ao longe. Old Bailey correu para lá. O barulho vinha de um baú de madeira velho no qual ele guardava suas coisas mais preciosas. Quando ele abriu o baú, o som vibrante ficou muito mais alto. A pequena caixa prateada estava em cima das preciosidades de Old Bailey. Ele pôs sua mão no baú e pegou a caixa. Dentro dela, uma luz vermelha brilhava e piscava ritmada, como as batidas de um coração, saindo por entre as filigranas, as fendas e os fechos.

— Ele está em apuros — disse Old Bailey.

A gralha mais velha grasnou uma pergunta.

— Não, não é uma piada. É o marquês. Ele está em apuros.

* * *

Richard estava na metade de seu segundo prato quando Serpentine afastou sua cadeira da mesa.

— Acho que já gastei minha dose de hospitalidade — anunciou. — Minha criança, meu jovem, tenham um bom dia. Hunter...

Serpentine fez uma pausa e percorreu um dedo semelhante a uma garra pela linha do queixo da caçadora.

— Você é sempre bem-vinda aqui.

Cumprimentou-os com um movimento de cabeça majestoso, levantou-se e saiu do recinto, seguida pela mulher com cintura de vespa.

— Agora devemos ir embora — disse Hunter, levantando-se. Door e Richard, mais relutantes, imitaram-na.

Caminharam por um corredor muito estreito, onde apenas uma pessoa

passava de cada vez. Subiram alguns degraus de pedra. Atravessaram uma ponte de ferro na escuridão, enquanto os trens do metrô ecoavam abaixo deles. E na sequência entraram no que parecia ser uma infinita rede de catacumbas subterrâneas que cheiravam a mofo, decomposição, tijolos, pedra e tempo.

— Ela era sua chefe, né? Parece simpática — comentou Richard, olhando para Hunter, que não respondeu nada.

Door, que tinha ficado um pouco quieta, contou:

— Quando os pais do Submundo querem que as crianças sosseguem, eles dizem: “Comporte-se, ou a Serpentine vem te pegar”.

— Ah. E você trabalhou para ela, Hunter? — perguntou Richard.

— Eu trabalhei para todas as Sete Irmãs.

— Pensei que elas não se falassem há pelo menos trinta anos — disse Door.

— É bem provável. Mas na época elas ainda se falavam.

— *Quantos anos você tem?* — quis saber Door.

Richard ficou feliz por ela ter perguntado — ele não tinha coragem.

— Sou tão velha quanto minha língua e um pouco mais que meus dentes — respondeu Hunter.

— Bom — começou Richard, no tom de voz despreocupado de alguém cuja ressaca passou e que sabe que, em algum lugar, bem acima deles, outro alguém está tendo um dia excelente —, foi legal. Boa comida. E ninguém tentou matar a gente.

— Tenho certeza de que isso vai mudar até o fim do dia — disse Hunter.

— Para que lado ficam os Monges Negros, minha senhora?

Door parou e concentrou-se.

— Vamos pelo rio. Por aqui.

* * *

— Ele já está acordando? — perguntou o senhor Croup.

O senhor Vandemar cutucou o corpo debruçado do marquês com seu dedo comprido. A respiração estava curta.

— Ainda não, senhor Croup. Acho que acabei com ele.

— Você precisa ter mais cuidado com os seus brinquedos, senhor Vandemar.

ONZE

— ENTÃO... O QUE VOCÊ QUER? — PERGUNTOU RICHARD A HUNTER.

Os três caminhavam com bastante cuidado ao longo de um rio subterrâneo. A margem estava escorregadia. Era um caminho estreito que percorria uma estrada de pedras escuras e talhadas. Richard observou com admiração a água cinzenta que corria e se avolumava, a pouco menos de um metro de distância. Não era o tipo de rio do qual alguém saía.

— O que eu quero?

— Bom... Eu estou tentando voltar para a Londres de verdade, para minha vida antiga. Door quer descobrir quem matou a família dela. E você, o que você quer?

Ela não respondeu. Caminhavam pela beira do rio, sempre atentos, com Door à frente. A água começou a correr mais devagar até desembocar em um pequeno lago. Eles contornaram o lago, as lanternas refletidas na superfície negra. A névoa do rio deixava o reflexo dos viajantes na água impreciso.

— E então? — perguntou Richard. Ele não esperava nenhuma resposta.

A voz de Hunter estava calma, profunda. Ela não perdeu o ritmo de sua caminhada enquanto falava.

— Eu lutei nos esgotos de Nova York com o grande e cego crocodilo-rei branco. Ele tinha nove metros de comprimento, era gordo e muito feroz na batalha. Eu o matei.

Seus olhos pareciam enormes pérolas no escuro. Seu sotaque estranho ecoava no subsolo, enroscava-se na névoa, na noite debaixo da terra.

— Lutei com o urso que caçava na cidade embaixo de Berlim. Ele tinha matado mil homens, e suas garras estavam enegrecidas pelo sangue ressecado de cem anos — mas eu o derrotei. Quando ele morreu, sussurrou palavras em alguma língua humana.

A névoa estava bem baixa sobre o lago. Richard teve a impressão de que conseguia ver aquelas criaturas, formas esbranquiçadas retorcendo-se no vapor.

— Havia um tigre negro na cidade subterrânea de Calcutá. Um devorador de homens, inteligente, melancólico, do tamanho de um pequeno elefante. Um tigre é um adversário digno. Eu o matei usando apenas minhas mãos.

Richard olhou de lado para Door. Ela estava ouvindo com muita atenção: aquilo também era novidade para ela. Hunter continuou:

— E eu vou matar a Besta de Londres. Dizem que a pele dela está coberta de espadas, lanças e adagas dos que tentaram matá-la e fracassaram. Suas presas são como navalhas e seus cascos são rápidos como um relâmpago. Eu vou acabar com ela, ou morrerei tentando.

Seus olhos brilhavam enquanto ela falava de sua presa. A névoa do rio tinha se transformado em uma fumaça espessa e amarelada.

Trazido pela água, o som de um sino ecoou ao longe três badaladas. O mundo começou a clarear. Richard achou que conseguia ver as formas achatadas de alguns prédios em volta deles. A fumaça amarelada ficou mais espessa. Tinha gosto de cinzas, de ferrugem, da sujeira urbana com mil anos de idade. Parecia grudar nas lamparinas, esmorecendo a luz.

— O que é isso? — perguntou ele.

— Fog — respondeu Hunter.

— Mas o nevoeiro não se forma há anos, não é? Com o Clean Air Act, combustíveis que não causam fumaça, e essa coisa toda...

Richard ficou pensando nas histórias de Sherlock Holmes que lia na infância.

— Como era mesmo que chamavam?

— *Pea-souper* — respondeu Door. — *London Particulars.* A névoa espessa e amarelada do rio misturada com a fumaça do carvão e outras porcarias que pairavam no ar nos últimos cinco séculos. Não aparece uma névoa assim lá em cima há, sei lá, uns quarenta anos. Mas nós vemos os fantasmas dela aqui. Hum... Fantasmas não. Ecos.

Richard aspirou um fiapo da névoa amarelo-esverdeada e começou a tossir.

— Não parece ser algo muito bom — comentou Door.

— Tem fumaça na minha garganta — disse Richard.

O chão, que estava ficando mais pegajoso e lamacento, sugava os pés de Richard como ventosas enquanto ele andava.

— Bom — contemporizou ele, para se acalmar —, um pouquinho de fumaça nunca fez mal a ninguém.

Door se virou para ele com seus grandes olhos.

— Fez em 1952, quando matou quatro mil pessoas.[6]

— Pessoas daqui? Da Londres-de-Baixo? — perguntou Richard.

— Não, a sua gente lá de cima — respondeu Hunter.

Richard queria acreditar. Pensou em prender o fôlego, mas a fumaça estava ficando cada vez mais espessa, e o chão, cada vez mais mole, feito mingau.

— Não entendo. Por que vocês têm névoa aqui embaixo se não há mais névoa lá em cima?

Door coçou o nariz.

— Existem certas estufas de tempo passado em Londres, onde as coisas e os lugares permanecem os mesmos, como as bolhas numa pedra de âmbar — explicou ela. — Há tempo demais em Londres, então ele precisa escoar para algum lugar. O tempo não é gasto todo de uma vez só.

— Talvez eu ainda esteja com um pouco de ressaca. Quase vi sentido no que você falou — suspirou Richard.

* * *

O abade já sabia que naquele dia eles receberiam peregrinos. O conhecimento era parte de seus sonhos, cercava-o, como a escuridão. Então foi um dia de espera, o que era, ele sabia, um pecado: os momentos deveriam ser saboreados. A espera era um pecado tanto contra o tempo que ainda estava por vir quanto contra os momentos ignorados. Mesmo assim, ele esperava. Em cada um dos serviços do dia, em cada uma das pequenas refeições, o abade tinha os ouvidos atentos, aguardando que o sino tocasse, esperando saber quem vinha e quantos eram.

Esperava uma morte rápida. O último peregrino durara quase um ano — era um serzinho gaguejante, que gritava. O abade não considerava sua própria cegueira nem uma bênção, nem uma maldição: ele apenas era cego. Apesar disso, sentia-se grato por nunca ter visto o rosto da pobre criatura. O irmão Jet, que tinha cuidado dele, ainda acordava de noite, gritando, vendo aquele rosto distorcido diante de si.

No fim da tarde, o sino tocou três vezes. O abade estava no santuário, ajoelhado, contemplando seu fardo. Levantou-se e correu para o corredor, onde ele esperava.

— Padre?

Era a voz do irmão Fuliginous.

— Quem está guardando a ponte? — perguntou o abade.

Sua voz era surpreendentemente profunda e melodiosa para um homem tão velho.

— Sable — respondeu a voz no escuro.

O abade esticou a mão, segurou no cotovelo do jovem e caminhou a seu lado, devagar, pelos corredores do mosteiro.

* * *

Não havia mais chão sólido, não havia mais lago. Os pés deles pisavam em um tipo de pântano, na fumaça amarela.

— Isso é nojento — comentou Richard.

A substância penetrava em seus sapatos, invadia suas meias e chegava perto demais de seus dedos, além do limite que ele considerava suportável.

Logo à frente deles, passando por cima do pântano, havia uma ponte, onde alguém vestido de preto aguardava. Usava uma túnica negra, como se fosse um monge dominicano. Sua pele era marrom escura, da cor do mogno envelhecido. Era um homem alto, e estava segurando um cajado de madeira da mesma altura.

— Alto lá — disse ele. — Digam-me seus nomes e o que desejam.

— Sou Lady Door, Filha de Portico, da Família Arco.

— Sou Hunter. Guarda-costas.

— Richard Mayhew. Molhado.

— E vocês desejam atravessar a ponte?

Richard deu um passo para a frente.

— Sim, desejamos. Estamos aqui em busca de uma chave.

O monge não disse nada. Levantou seu cajado e, com suavidade, empurrou Richard pelo peito. Ele escorregou e caiu na água lamacenta. O monge esperou alguns instantes, para ver se o rapaz iria levantar e lutar com ele. Richard não se moveu.

Mas Hunter sim.

Richard se levantou da lama e observou, boquiaberto, o monge e Hunter se enfrentando com bastões. Ele lutava bem. Era maior que ela, e Richard suspeitava que até mais forte. Ela, por outro lado, era mais rápida. Os bastões de madeira estalavam e batiam um de encontro ao outro em meio à névoa.

O bastão do monge atingiu o diafragma de Hunter, que caiu na lama. Ele chegou perto — perto demais — e descobriu que o tombo dela fora apenas fingimento. Ela bateu seu cajado, com força e precisão, atrás dos joelhos dele, que não conseguiu mais sustentar seu peso. O homem desabou na lama e Hunter descansou a ponta do cajado na nuca dele.

— Já chega — disse uma voz vinda da ponte.

Hunter deu um passo para trás. Ficou mais uma vez ao lado de Door e Richard. Ela nem sequer havia transpirado. Com o lábio sangrando, o grande monge se levantou da lama. Fez uma profunda reverência na direção da adversária e voltou para a ponte.

— Quem são eles, irmão Sable? — disse a voz.

— Lady Door, a filha de Lorde Portico, da Família Arco, Hunter, sua guarda-costas, e Richard Mayhew, seu acompanhante — respondeu o irmão Sable, com os lábios machucados. — Ela me derrotou numa luta justa, irmão Fuliginous.

— Deixe-os subir — disse a voz.

Hunter foi à frente, e eles subiram a ponte. Quando chegaram ao ápice, outro monge, mais jovem e menor que o primeiro, mas usando as mesmas vestes, estava à espera deles: o irmão Fuliginous. Sua pele tinha um tom marrom intenso. Havia outros vultos vestidos de negro e que mal eram visíveis ao longe, na névoa amarela.

Então esses são os Monges Negros, pensou Richard.

O segundo monge olhou para os três por um segundo e recitou:

Viro a cabeça e você pode se mover.

Viro de novo e você fica preso até morrer.

Não tenho rosto, nem camafeu

Mas tenho dentes — quem sou eu?

Door deu um passo à frente. Umedeceu os lábios e Semicerrou as pálpebras.

— Viro a cabeça... — disse, repetindo a charada. — Tenho dentes... pode se mover...

E então um sorriso iluminou seu rosto. Ela olhou para o irmão Fuliginous e anunciou:

— Uma chave! A resposta é: você é uma chave.

— Muito bom — reconheceu o irmão Fuliginous. — Dois estágios já foram. Falta mais um.

Um homem muito idoso saiu da névoa amarela e caminhou com cuidado até eles, a mão nodosa se apoiando na lateral de pedra da ponte. Parou quando se aproximou do irmão Fuliginous. Seus olhos tinham uma cor azul-esbranquiçada opaca por causa da catarata. Richard simpatizou com ele na hora.

— Quantos são? — perguntou o velho ao homem mais jovem, em uma voz profunda e tranquilizadora.

— São três, padre abade.

— E um deles derrotou o primeiro guardião?

— Sim, padre abade.

— E um deles respondeu corretamente à pergunta do segundo guardião?

— Sim, padre abade.

E o velho disse, com certo lamento na voz:

— Então o terceiro deverá enfrentar a Provação da Chave. Que ele ou ela dê um passo à frente.

— Ah, não! — exclamou Door.

— Deixe-me tomar o lugar dele — pediu Hunter. — Eu passarei pela provação.

O irmão Fuliginous balançou a cabeça.

— Não podemos permitir tal coisa.

Quando Richard era criança, ele fora em uma excursão escolar até um

castelo que havia nas redondezas. Com o resto da turma, subiu os inúmeros degraus até o ponto mais alto do castelo, uma torre meio destruída. Todos ficaram bem juntos no topo, enquanto a professora mostrava para eles o campo lá embaixo. Já naquela idade, Richard não gostava de altura. Ele agarrou o corrimão de segurança, fechou os olhos e tentou não olhar para baixo. A professora tinha dito que do topo da velha torre até a base do morro havia uma altura de uns noventa metros e que, se alguém jogasse uma ficha ou uma moeda do alto, ela cairia com tamanha força que penetraria o crânio de um homem que estivesse lá embaixo feito uma bala. Naquela noite, Richard ficou deitado na cama sem conseguir dormir, imaginando a ficha caindo com a força de um raio. Ainda pareceria uma ficha na queda, mas uma ficha assassina...

Uma provação.

E aí a ficha caiu para Richard. E era uma ficha que caía com a força de um raio. E então disse:

— Espere aí. Vamos voltar um pouco. Uma provação. Alguém precisa passar por uma provação. Alguém que não lutou na lama, nem solucionou a charada...

Ele balbuciava, e podia ouvir a si mesmo balbuciando, mas não estava nem aí.

— Essa tal provação de vocês... É muito difícil? — perguntou ao abade.

— Venha. Por aqui — respondeu o velho.

— Não, ele não. Escolha uma de nós — pediu Door.

— Três vieram. Há três testes. É justo que cada um de vocês enfrente um. Se passar pela provação, ele retornará.

Uma brisa leve dissipou um pouco a névoa. Os vultos escuros ao fundo seguravam armas, apontadas na direção de Richard, Door, ou Hunter. Os monges se postaram em fileiras, separando Richard das duas.

— Nós estamos atrás de uma chave... — disse ao abade, em voz baixa.

— Sim — respondeu ele.

— É para um anjo — explicou Richard.

— Sim — repetiu o abade, estendendo a mão para se apoiar no braço do irmão Fuliginous.

Richard abaixou mais ainda a voz:

— Olha, não se diz “não” para um anjo, ainda mais um homem de Deus como o senhor... Por que a gente não pula essa parte da provação? Vocês podem entregar a chave de uma vez...

O abade começou a descer a ponte. Havia uma porta aberta no fim dela. Richard o seguiu — afinal, o que mais ele podia fazer?

— Quando nossa ordem foi fundada, ficamos encarregados de guardar a chave. É uma relíquia das mais sagradas e poderosas. Devemos passá-la adiante, mas somente para aquele que supera a provação e se mostra digno dela.

Atravessaram corredores tortuosos e estreitos. Richard deixava um rastro de lama atrás de si.

— Se eu não passar pela provação, aí nós não recebemos a chave, não é?

— Não, não recebem, meu filho.

Richard pensou por um instante.

— E eu posso voltar depois para tentar de novo?

O irmão Fuliginous tossiu.

— Na verdade não, meu filho — respondeu o abade. — Se isso acontecer, você sem dúvida vai estar... — ele fez uma pausa, e continuou: — Não haverá nada que possamos fazer. Mas não se preocupe, talvez você consiga ganhar a chave.

Sua voz tentava tranquilizá-lo, e aquilo era apavorante, muito mais apavorante do que qualquer tentativa de amedrontá-lo.

— Vocês vão me matar?

O abade olhou adiante com seus olhos azulados e leitosos. Havia um leve tom de reprovação em sua voz.

— Somos homens santos. É a provação que pode matar você.

Desceram alguns degraus até chegar a uma sala baixa, que parecia uma cripta, com paredes estranhamente decoradas.

— Agora... sorria! — disse o abade.

Ouviu-se o zumbido elétrico de um flash de câmera fotográfica, que cegou Richard por um momento. Quando voltou a enxergar, viu o irmão Fuliginous abaixando uma velha e maltratada Polaroid e tirando de lá a fotografia. O monge esperou até que ela estivesse revelada e a prendeu com uma tachinha à parede.

— Este é o nosso mural daqueles que fracassaram — suspirou o abade. — Assim nenhum deles é esquecido. Também é o nosso fardo, uma recordação dos mortos.

Richard olhou para aqueles rostos. Algumas fotos de Polaroid, vinte ou trinta fotografias reveladas pelo método-padrão, algumas em sépia ou daguerreótipos, e depois delas desenhos a lápis, aquarelas e miniaturas. Cobriam toda a parede. Sem dúvida os monges as colecionavam há tempos.

* * *

Door estremeceu.

— Como eu sou idiota — murmurou. — Eu devia ter desconfiado. Somos três. Eu não devia ter vindo direto para cá.

Hunter olhava de um lado para o outro. Ela avaliou a posição de cada um dos monges, de cada uma das armas, e calculara a probabilidade de pular com Door da ponte, primeiro sem nenhum dano, depois apenas com pequenas escoriações, e por último com grande risco para ela, mas pouco para Door. Agora estava recalculando.

— E o que você teria feito de diferente se soubesse? — perguntou.

— Eu não teria trazido *ele* para cá, pra começo de conversa. Teria tentando encontrar o marquês.

Hunter inclinou a cabeça para um lado:

— Você confia nele?

Door sabia que ela estava se referindo a de Carabas, não a Richard.

— Sim. Confio mais ou menos.

Door tinha completado cinco anos de idade fazia apenas dois dias. O Mercado estava acontecendo no Jardim Botânico de Kew, e seu pai a tinha levado consigo para comemorar o aniversário. Era a primeira vez que ela visitava o Mercado. Estavam na casa das borboletas, cercados de asas muito coloridas, de coisas leves e iridescentes, que a fascinavam e encantavam, quando seu pai se agachou ao seu lado. "Door", disse ele, "vire-se devagarinho e olhe ali."

Ela obedeceu e olhou. Um homem de pele escura, usando uma grande casaca, os cabelos negros amarrados para trás em um longo rabo-de-cavalo, estava de pé na porta, conversando com gêmeos de pele dourada, um homem e uma mulher. A jovem estava chorando, daquele jeito adulto de chorar, tentando segurar o choro ao máximo e odiando quando as lágrimas ainda assim conseguem cair, deixando-os feios e engraçados. Door se voltou para as borboletas. "Você viu?", perguntou seu pai. Ela fez que sim. "Ele se chama marquês de Carabas. É inescrupuloso, trapaceiro, talvez até mesmo um monstro. Se você tiver algum problema, vá até ele. Ele a irá proteger, minha filha. Ele tem a obrigação de protegê-la."

Door olhou de novo para o homem. Cada uma de suas mãos estava sobre um ombro dos gêmeos, e ele os levava para fora da sala, Mas ele olhou de volta, por cima do ombro, enquanto saía. Olhou direto para ela e deu um enorme sorriso. E então piscou.

Os monges que as cercavam eram como fantasmas escuros na névoa. Door ergueu a voz, dirigindo-se ao irmão Sable:

— Com licença, irmão... O nosso amigo, o que foi buscar a chave. Se ele não conseguir, o que vai acontecer conosco?

Ele deu um passo na direção delas, hesitou e disse:

— Nós as acompanharemos até a saída e as deixaremos ir em paz.

— E quanto a Richard?

Ela podia ver a cabeça do monge balançando com melancolia, em sinal negativo, debaixo do capuz.

— Eu devia ter trazido o marquês — disse Door.

E ficou pensando onde ele estaria e o que estaria fazendo.

* * *

O marquês de Carabas estava sendo colocado em um grande aparelho de madeira em forma de X que o senhor Vandemar tinha construído com diversos estrados velhos, parte de uma cadeira e um portão. Ele também usara quase todos os pregos enferrujados que havia encontrado em uma caixa.

Fazia tempo que eles não prendiam ninguém ali.

Os braços e as pernas do marquês estavam abertos, formando um X. Pregos enferrujados atravessavam suas mãos e seus pés. Ele também fora amarrado pela cintura, com uma corda. Depois de passar por dores terríveis, estava mais ou menos inconsciente. Os assassinos haviam suspendido o aparelho no ar com várias cordas, na antiga sala de café dos funcionários do hospital. No chão, o senhor Croup colocou uma grande quantidade de objetos pontiagudos: de lâminas de barbear e facas de cozinha a bisturis e lancetas abandonadas. Havia até mesmo um acendedor, resgatado da sala de fornalhas.

— Por que não verifica como ele está, senhor Vandemar?

O homem cutucou o marquês com seu martelo.

De Carabas não era um bom homem, e ele mesmo sabia muito bem, com absoluta certeza, que não era corajoso. Havia muito ele concluíra que o mundo, tanto o de cima quanto o de baixo, era um lugar que desejava ser enganado, e, para este fim, dera a si mesmo um nome falso, de conto de fadas, e criara a própria imagem (suas roupas, seus trejeitos, sua postura) como se fosse uma grande piada.

Seus pulsos e pés doíam, e ele tinha cada vez mais dificuldade de respirar. O marquês não ganharia mais nada fingindo que estava inconsciente. Ergueu a cabeça, o máximo que conseguia, e cuspiu um monte de sangue no rosto do senhor Vandemar.

Era um ato de coragem, pensou. E também uma estupidez. Talvez eles o deixassem morrer tranquilamente se não tivesse feito aquilo. Agora, ele não tinha a menor dúvida, machucariam-no ainda mais.

E talvez a morte chegasse mais rápido.

* * *

A água na chaleira aberta fervia e soltava um vapor espesso. Richard ficou se perguntando o que iriam fazer com aquilo. Sua imaginação lhe dava diversas respostas, a maioria delas sem dúvida muito dolorosas, mas nenhuma se provou correta.

A água foi colocada em um bule, ao qual o irmão Fuliginous acrescentou três colheres de folhas secas. O líquido resultante foi coado para três xícaras de porcelana. O abade ergueu seus olhos cegos, farejou o ar e sorriu. Disse:

— A primeira parte da Provação da Chave é uma boa xícara de chá. Você gosta com açúcar?

— Não, obrigado — respondeu Richard, com educação.

O irmão Fuliginous adicionou um pouco de leite ao chá e passou o pires com a xícara para Richard.

— Tem veneno? — perguntou ele. O abade pareceu ofendido.

— Por Deus, não!

Richard tomou um golinho e percebeu que se tratava de um chá como qualquer outro.

— Mas *isso* faz parte da provação?

O irmão Fuliginous pegou as mãos do abade e colocou a xícara entre elas.

— De certa forma, sim. Sempre gostamos de dar aos desafiantes uma xícara de chá antes que eles comecem. É parte da nossa provação. Não da sua.

Tomou seu próprio chá, e um sorriso de enlevo iluminou seu velho rosto.

— Está ótimo, apesar de tudo — comentou. Richard descansou sua xícara quase intocada.

— Vocês se importariam se eu começasse já a provação?

— Não, de jeito nenhum — respondeu o abade.

Ficou de pé, e os três andaram em direção a uma porta no fim da sala.

— Existe... — Richard fez uma pausa, tentando decidir o que queria perguntar. E continuou: — Existe alguma coisa que vocês possam me contar a respeito dessa provação?

O abade balançou a cabeça. Não havia nada a dizer. Ele só levava os desafiantes até a porta. E esperava, uma hora, às vezes duas, no corredor do lado de fora. Depois, removia do santuário os restos mortais do indivíduo e os sepultava nas catacumbas. E às vezes (o que era pior) eles não morriam, embora não fosse possível dizer que o que havia restado estivesse *vivo,* e desses infelizes os Monges Negros cuidavam da melhor maneira possível.

— Certo — disse Richard.

Deu um sorriso pouco convincente e acrescentou:

— Sendo assim... *lead on, Macduff.*[7]

O irmão Fuliginous puxou os ferrolhos da porta, que se abriram com um barulho alto, como dois tiros simultâneos. Assim que Richard passou para o outro recinto, o monge tornou a fechá-la, recolocando as trancas. Em seguida, levou o abade até sua cadeira e colocou a xícara nas mãos do velho, que tomou seu chá em silêncio. E então disse, com verdadeira tristeza na voz:

— Na verdade é *"lay on, Macduff",* mas não tive coragem de corrigi-lo. Ele parecia ser um bom rapaz.

DOZE

RICHARD MAYHEW CAMINHOU PELA PLATAFORMA VAZIA DO METRÔ. Era uma estação da District Line: na placa, lia-se BLACKFRIARS. Ao longe, um trem rugia e sacolejava, provocando no ambiente um vento fantasma, que espalhou as páginas de uma edição do tabloide *The Sun* — seios em quatro cores e insultos em preto-e-branco deslizando pela plataforma e caindo por cima dos trilhos.

Richard percorreu toda a sua extensão. E aí se sentou em um banco e esperou que algo acontecesse.

Nada aconteceu.

Esfregou a testa e se sentiu um pouco enjoado. Ouviu passos na plataforma e levantou a cabeça: uma menininha arrumada e empertigada passava por ele, de mãos dadas com uma mulher que parecia uma versão mais velha e maior da garota. Lançaram-lhe um olhar rápido e, sem conseguir disfarçar, desviaram o rosto.

— Não chegue muito perto dele, Melanie — aconselhou a mulher, num

sussurro bastante audível.

Melanie olhou para Richard, fixamente, daquele jeito que as crianças olham, sem vergonha ou inibição. Depois se voltou para a mãe.

— Por que pessoas assim continuam vivas? — perguntou, curiosa.

— Elas não têm coragem de se matar — explicou a mãe. Melanie arriscou olhar mais uma vez para Richard.

— Que dó — disse a menina.

Seus passos ecoaram na plataforma e logo elas já estavam fora de vista. Richard ficou pensando se não teria imaginado aquilo. Tentou se lembrar por que se encontrava ali. Será que estava esperando o metrô? Para onde estava indo? Ele sabia que a resposta jazia em sua cabeça, em algum lugar de fácil acesso, mas não conseguia precisar o que era, não conseguia resgatá-la desse local perdido. Ficou lá, sentado, sozinho e pensativo. Será que estava sonhando? Sentiu com as mãos a dureza do assento plástico vermelho embaixo de si, bateu com os sapatos enlameados no chão (de onde vinha aquela lama?), tocou seu rosto... Não. Não era um sonho. O que quer que fosse era real. Sentia-se estranho: isolado, deprimido, muito triste. Alguém sentou ao seu lado. Richard não levantou o olhar, não virou a cabeça para ver quem era.

— Oi — disse uma voz conhecida. — Tudo bem, Dick? Você está bem?

Ele olhou. Sentiu o próprio rosto formando um sorriso, a esperança voltava como um sopro no peito.

— Gary? — perguntou, com medo. — Você consegue me ver?

Gary sorriu.

— Você sempre foi um palhaço. Muito engraçado, cara.

O homem vestia terno e gravata, estava bem barbeado e não tinha um único fio de cabelo fora de lugar. Richard pensou em como ele devia estar: enlameado, barba por fazer, desgrenhado...

— Gary, eu... olha, eu sei o que isso está parecendo. Eu posso explicar.

Pensou por um instante.

— Não... não dá. Não posso.

— Tudo bem — disse Gary, num tom de encorajamento. — Eu não sei bem como te dizer isso. É meio estranho.

Fez uma pausa. Continuou:

— Olha... Eu não estou aqui de verdade.

— Sim, você está.

Gary balançou a cabeça, compreensivo, e prosseguiu:

— Não. Não estou. Eu sou você, conversando com você mesmo.

Richard pensou vagamente se aquilo não seria uma das brincadeiras de Gary.

— Talvez isso ajude — explicou Gary.

Levou as mãos até o rosto, puxou, moldou, deu forma. Era como massa de modelar.

— E agora? Melhorou? — perguntou a pessoa que antes era Gary, em uma voz que era de uma familiaridade perturbadora.

Richard conhecia aquele rosto: ele o tinha barbeado quase todas as manhãs desde que saíra da escola, tinha escovado aqueles dentes, penteado o cabelo e, de vez em quando, desejara que fosse mais parecido com o rosto de Tom Cruise, John Lennon ou qualquer outra pessoa. Mas era, sem dúvida, seu próprio rosto.

— Você está sentado na estação Blackfriars, na hora do rush — disse o outro Richard, com voz calma. — Está conversando consigo mesmo. E você sabe o que se diz sobre as pessoas que falam sozinhas. Mas você está começando a ficar um pouquinho mais próximo da sanidade agora.

O Richard de roupas úmidas e enlameadas olhou para o rosto do Richard limpo e bem vestido e disse:

— Eu não sei quem você é ou o que está tentando fazer. Mas você nem mesmo é convincente. Nem se parece muito comigo.

Ele sabia que estava mentindo.

Seu outro eu deu um sorriso de encorajamento e balançou a cabeça.

— Eu sou você, Richard. Eu sou o que restou da sua sanidade...

Não era o eco constrangedor de sua voz que ele ouvia nas secretárias eletrônicas, em fitas cassete e vídeos caseiros, aquela paródia horrível que tentava se passar por sua voz: o homem falava com a verdadeira voz de Richard, a voz que ele ouvia em sua cabeça quando falava, clara e real.

— Concentre-se! — gritou o homem que tinha o rosto de Richard. — Olhe para este lugar, tente ver as pessoas, tente enxergar a verdade... você está mais perto da realidade do que esteve na última semana...

— É mentira! — exclamou Richard, desesperado.

Balançou a cabeça, negando tudo o que seu outro eu dizia, mas, mesmo assim, olhou para a plataforma, imaginando o que é que ele deveria ver. E então sentiu um movimento no canto do seu campo de visão. Seguiu-o com a cabeça, mas já tinha sumido.

— Olhe. Veja — sussurrou seu outro eu.

— Ver o quê?

Ele estava de pé numa plataforma de uma estação de metrô vazia e pouco iluminada, um lugar que parecia um mausoléu solitário. E então...

A cena o atingiu como um tapa na cara: estava de pé na estação Blackfriars, bem na hora do rush. As pessoas passavam por ele aos solavancos: uma confusão de barulho e luzes, de gente empurrando, movendo-se. Havia um trem esperando na plataforma, e Richard viu seu reflexo na janela. Ele parecia um louco: barba sem fazer havia uma semana, restos de comida em volta da boca, um olho roxo causado por uma pancada recente, uma espinha inflamada — um horrível furúnculo vermelho — crescia na lateral de seu nariz. Ele estava imundo, coberto de uma sujeira ressecada e negra que invadia seus poros e se entranhava embaixo das unhas. Tinha os olhos injetados e cheios de remela, e seu cabelo estava desgrenhado e embaraçado. Ele era um mendigo maluco, de pé na plataforma de uma movimentada estação de metrô, bem na hora do pico.

Richard escondeu o rosto entre as mãos.

Quando ergueu a cabeça, as pessoas tinham sumido. A plataforma estava mais uma vez escura e vazia. Sentou-se em um banco e fechou os olhos. Sentiu alguém segurar sua mão por uns instantes e, depois, apertá-la. Era uma mão de mulher. Ele também sentiu um perfume que já conhecia.

O outro Richard estava sentado à sua esquerda, e Jessica, à sua direita, segurando sua mão, olhando para ele com pena. Ele nunca tinha visto aquela expressão no rosto dela.

— Jess?

Jessica balançou a cabeça. Soltou a mão dele.

— Infelizmente não. Eu ainda sou você. Mas você precisa me ouvir, querido. Você está mais perto da realidade do que já esteve...

— Vocês ficam dizendo “mais perto da realidade, mais perto da sanidade” e eu não sei o que...

Richard parou de falar. Então se lembrou de algo. Olhou para a outra versão de si mesmo, para a mulher que amara.

— Isso faz parte da provação? — perguntou, com tom de urgência.

— Provação? — repetiu Jessica.

Ela trocou um olhar preocupado com o outro Richard.

— Sim. Provação. Dos Monges Negros que vivem embaixo de Londres.

Ao dizer isso, tudo ficou mais real.

— Existe uma chave que eu preciso pegar para um anjo chamado Islington. Se eu entregar a chave, ele vai me levar de volta para casa...

Ficou com a boca seca e não conseguiu mais falar.

— Preste atenção no que você está dizendo — interveio o outro Richard, suavemente. — Não percebe o quanto tudo isso soa ridículo?

Jessica parecia estar tentando segurar o choro. Seus olhos brilhavam, cheios d'água.

— Você não está passando por nenhuma provação, Richard. Você... você só teve algum tipo de colapso nervoso. Umas duas semanas atrás. Acho que você surtou. Eu rompi o nosso noivado. Você estava agindo de um jeito tão estranho, era como se fosse uma pessoa diferente, eu... eu não conseguia... E aí você desapareceu...

As lágrimas começaram a rolar por sua face e ela parou de falar para assoar o nariz em um lenço de papel. O outro Richard começou a falar.

— Eu andei por aí, sozinho, enlouquecido, pelas ruas de Londres, dormindo embaixo de pontes, comendo do lixo. Tremendo de frio, perdido, sozinho, conversando com pessoas que não existiam...

— Eu sinto muito, Richard — disse Jessica.

Ela estava chorando, o rosto contorcido e aflito. Seu rímel começou a escorrer e seu nariz estava vermelho. Ele nunca a tinha visto tão triste antes, e se deu conta do quanto desejava eliminar a dor que ela sentia. Richard ergueu as mãos até ela, para a abraçar, confortar, dizer que tudo ficaria bem, mas o mundo começou a se distorcer e se transformar.

Alguém tropeçou nele, disse um palavrão e continuou a andar. Richard estava deitado na plataforma, bem na hora do movimento. Sentia a lateral do rosto fria e pegajosa. Levantou a cabeça do chão. Ele estava deitado em uma poça de seu próprio vômito — pelo menos ele esperava que fosse seu. As pessoas que passavam olhavam para ele enojadas, ou então, depois de desviar os olhos, não o encaravam mais.

Limpou o rosto com as mãos e tentou se levantar, mas não conseguia mais lembrar como fazer isso. Richard começou a gemer. Fechou bem os olhos e permaneceu assim. Quando os abriu, trinta segundos, ou uma hora, ou um dia depois, a plataforma estava na semiescuridão. Ficou em pé. Não havia ninguém ali.

— Olá! — gritou. — Alguém me ajude. Por favor!

Gary estava sentado no banco, observando-o.

— O que foi? Você ainda precisa que alguém te diga o que fazer?

Levantou-se, foi até Richard, e disse, impaciente:

— Eu sou você. O único conselho que posso te dar é o que você mesmo está se dizendo. Só que talvez você esteja com medo demais para prestar atenção.

— Você não sou eu — retrucou Richard, mas ele não acreditava mais nisso.

— Anda, encosta em mim.

Richard ergueu a mão. Ela trespassou o rosto de Gary, distorcendo-o, espremendo-o, como se estivesse atravessando um chiclete. Ele não sentiu nada no ar que circundava sua mão. Retirou os dedos do rosto de Gary.

— Viu só? Eu não estou aqui. Tudo que existe é você, andando pra lá e pra cá na plataforma, falando sozinho, criando coragem pra...

Richard não queria ter dito nada, mas sua boca se mexeu e ele se ouviu

perguntar:

— Criando coragem pra fazer o quê?

Uma voz profunda saiu dos alto-falantes e ecoou, distorcida, pela plataforma:

— O Departamento de Transportes de Londres gostaria de se desculpar pelo atraso, causado por um acidente na Estação Blackfriars.

— Para fazer isso — disse Gary, inclinando a cabeça. — Virar um acidente na estação Blackfriars. Acabar com tudo. A sua vida é uma farsa vazia, triste, fria. Você não tem amigos...

— Eu tenho você — sussurrou Richard. Gary o avaliou com um olhar franco.

— Eu te acho um palerma — disse, com toda honestidade. — Uma piada.

— Eu tenho amigos. Door, Hunter, Anaesthesia.

Gary sorriu. Havia verdadeira compaixão em seu sorriso, e isso machucou Richard mais do que ódio ou inimizade.

— Seus outros amigos imaginários? Todo mundo no escritório ria de você por causa daqueles trasgos. Lembra deles? Na sua mesa.

Gary riu. Richard começou a rir também. Tudo aquilo era terrível. Não havia mais nada a fazer, senão rir. Gary colocou a mão no bolso e tirou de lá um pequeno trasgo de plástico. O boneco, de cabelo roxo e encaracolado, ficava sobre o monitor de Richard.

— Toma — disse Gary.

Ele jogou o boneco. Richard tentou agarrá-lo, erguendo as mãos, mas o trasgo passou por elas como se não existissem. Ele caiu de joelhos e ficou engatinhando na plataforma vazia, tentando encontrar o boneco. Para ele, era como se aquele fosse o único pedaço de sua vida real. Se ele pudesse pegá-lo, pensou, talvez tudo voltasse ao normal...

Um clarão.

Era mais uma vez a hora do rush. Um trem vomitou centenas de pessoas na plataforma e outras centenas tentavam entrar. Richard estava de quatro no chão, sendo chutado e atropelado por elas. Alguém pisou com força era seus dedos. Ele soltou um grito agudo e enfiou os dedos na boca, por instinto, como uma criança que queimou a mão. O gosto de seus dedos era horrível. Ele não se importou — afinal, podia ver o trasgo na beirada da plataforma, a uns três metros de onde estava. Então engatinhou devagar no meio da multidão, atravessando a plataforma. As pessoas o xingavam, ficavam no seu caminho, machucavam-no. Ele nunca imaginara que três metros pudessem ser uma distância tão grande.

Richard ouviu uma voz aguda rindo, enquanto engatinhava, e ficou se perguntando de quem seria. Era uma risadinha perturbadora, estranha,

desagradável. Ficou pensando que tipo de gente louca poderia rir daquela maneira. Engoliu seco e a risada parou. E então ele soube quem ria.

Já estava quase na beirada da plataforma. Ao subir no metrô, uma mulher idosa esbarrou o pé no trasgo de cabelo roxo e o derrubou na escuridão do vão entre o trem e a plataforma.

— Não! — gritou Richard.

Ele continuava rindo, uma risada estranha, rouca, mas as lágrimas rolavam, faziam seus olhos arder. Esfregou os olhos com as mãos, provocando ainda mais ardência.

Um clarão.

A plataforma estava mais uma vez deserta e escura. Ele ficou em pé e percorreu, meio cambaleante, o último metro que faltava até a beirada da plataforma. Podia ver lá embaixo, perto do terceiro trilho, um pequeno borrão roxo: seu trasgo. Olhou para a frente: grudados na parede do outro lado, havia enormes pôsteres anunciando cartões de crédito, tênis esportivos e viagens de férias para Chipre. Enquanto ele olhava, as palavras dos anúncios se contorceram, transformando-se.

Havia então novos dizeres:

ACABE COM TUDO!

DÊ CABO DE SUA VIDA MISERÁVEL.

SEJA HOMEM — MATE-SE!

SOFRA UM ACIDENTE FATAL HOJE MESMO.

Ele concordou com um movimento de cabeça. Estava falando sozinho. Os anúncios não tinham aquelas mensagens. Sim, ele estava falando sozinho, e já era mais do que hora de ouvir o que ele dizia. Podia ouvir o barulho do trem, não muito longe, chegando à estação. Richard cerrou os dentes e inclinou-se para frente e para trás, como se ainda estivesse sendo atingido pelas pessoas que caminhavam pela plataforma, embora estivesse sozinho.

O trem vinha na sua direção, as luzes brilhando no túnel como os olhos de um dragão monstruoso em um pesadelo de criança. E então ele entendeu que não era preciso fazer esforço quase nenhum para que aquela dor fosse embora — para eliminar toda a tristeza que ele tinha sentido na vida, toda a tristeza que viria a sentir, e fazer tudo aquilo ir embora para sempre. Afundou as mãos nos bolsos e respirou fundo. Ia ser tão fácil. Só um momento de dor, e tudo estaria terminado...

Havia algo em seu bolso. Tateou com os dedos: era algo liso, rígido, mais ou menos esférico. Tirou o objeto do bolso e o examinou. Era uma conta de quartzo. Então se lembrou de quando a pegara do chão. Ele estava do outro lado da Ponte da Noite. Era uma das contas do colar de Anaesthesia.

E de algum lugar, em sua cabeça ou fora dela, ele pensou que estivesse ouvindo a menina-rato dizer:

— Richard... não desista.

Ele não sabia se havia alguém que o estava ajudando naquele momento. Suspeitou que, na verdade, estivesse falando sozinho, que aquele era seu verdadeiro eu falando e que ele estava, afinal, ouvindo o que ele dizia.

Fez um movimento de cabeça, concordando, e colocou a conta de volta no bolso. Ficou em pé na plataforma e esperou que o trem chegasse. Ele se aproximou, freou e finalmente parou.

Suas portas se abriram. Os vagões estavam cheios de todo tipo de gente — e todas elas, sem sombra de dúvida, estavam mortas. Havia cadáveres recentes, com cortes no pescoço ou buracos de bala nas têmporas. Havia cadáveres velhos e ressecados, cadáveres segurando as alças de apoio, cobertos de teias de areia, com carnes cancerosas pendendo de suas costas. Alguns eram homens, outros mulheres, mas todos pareciam, pelo que era possível discernir, vítimas de suicídio. Richard achou que já vira alguns daqueles rostos, dispostos em uma extensa parede, mas não conseguia mais lembrar onde, nem quando. Os vagões exalavam o cheiro de um necrotério sem refrigeração no fim de um dia quente e longo de verão.

Richard não tinha mais a menor ideia de quem ele era. Não sabia mais o que era ou não real, nem se era uma pessoa corajosa ou covarde, louca ou sã — mas sabia o que precisava fazer naquele instante. Entrou no trem e todas as luzes se apagaram.

* * *

Os ferrolhos da porta foram retirados, fazendo ecoar dois estalidos muito altos pela sala. A porta do pequeno santuário se abriu, deixando entrar a luz da lâmpada de fora.

Era uma sala pequena com um teto muito alto, em forma de cúpula. Uma chave prateada estava pendurada em um fio preso ao ponto mais alto do teto. O vento entrando pela porta aberta fez com que a chave balançasse para frente e para trás, e então girasse devagar, primeiro para um lado, depois para o outro. O abade segurava o braço do irmão Fuliginous, e os dois homens entraram no santuário lado a lado. Então o abade soltou o braço do monge e disse:

— Pegue o corpo, irmão Fuliginous.

— Mas... padre...

O irmão Fuliginous pôs um joelho no chão e abaixou-se. O abade podia ouvir dedos percorrendo um tecido e a pele de alguém.

— Ele não morreu.

O abade suspirou. Não era bom pensar uma coisa dessas, ele sabia, mas ele achava que era muito melhor quando eles morriam de uma vez. Daquele jeito era muito pior.

— Ah, um daqueles, não é? Bom, vamos cuidar do pobre coitado até que ele possa receber sua última dádiva. Leve-o para a enfermaria.

E uma voz fraca disse, baixinha mas firme:

— Eu não sou um pobre coitado.

O abade ouviu alguém se levantar e o irmão Fuliginous fazer um “ah!” de surpresa.

— Acho que... acho que eu consegui — murmurou a voz de Richard Mayhew, agora insegura. — A não ser que isso aqui também seja parte da provação.

— Não, meu filho — disse o abade.

Havia algo em sua voz que podia ser tanto admiração quanto arrependimento.

Houve alguns segundos de silêncio.

— Acho que vou tomar aquela xícara de chá agora, se vocês concordarem — disse Richard.

— Claro. Por aqui — indicou o abade.

Richard olhou para o velho. Seus olhos opacos não se fixavam em nada específico. Ele parecia satisfeito por Richard estar vivo, mas...

— Com licença — disse o irmão Fuliginous, de forma respeitosa, para Richard, interrompendo seu raciocínio. — Não se esqueça da sua chave.

— Ah, sim. Obrigado.

Ele tinha se esquecido dela. Ergueu a mão e sentiu a chave prateada e fria, girando devagar, pendurada no fio. Richard deu um puxão e o fio se partiu com facilidade.

Abriu a mão e a chave o olhava, deitada em sua palma.

— *Mas tenho dentes — quem sou eu?* — recitou Richard.

Colocou-a no bolso, perto da pequena conta de quartzo, e ele e chave deixaram aquele lugar.

* * *

A névoa começava a se dispersar. Hunter se sentia satisfeita. Estava confiante de que, se fosse mesmo necessário, ela poderia levar Lady Door para longe dos monges sem nenhum arranhão, e ela mesma sairia dali com apenas pequenas escoriações.

Houve certa movimentação do outro lado da ponte.

— Alguma coisa está acontecendo — sussurrou Hunter para Door. — Prepare-se para correr.

Os monges se afastaram. Richard Mayhew, o habitante do Mundo de Cima, veio até elas, caminhando através da névoa, ao lado do abade. Richard parecia diferente... Hunter o observou, tentando entender o que havia mudado. Tinha a impressão de que ele estava mais presente no mundo, que estava mais centrado, equilibrado. Não... era mais do que isso. Ele parecia menos infantil. Era como se ele tivesse começado a amadurecer.

— Então você ainda está vivo? — perguntou.

Ele fez que sim. Colocou a mão no bolso e de lá tirou uma chave prateada. Jogou-a para Door, que a pegou e depois se jogou nos braços dele, apertando-o com o máximo de força que conseguia.

E aí Door soltou Richard e correu para o abade.

— O senhor não tem ideia do quanto isso significa para nós.

Ele sorriu, um sorriso débil, mas educado.

— Que o Templo e o Arco estejam sempre com vocês em sua jornada pelo Submundo — enunciou ele.

Door fez uma reverência e então, segurando bem a chave, voltou para onde estavam Richard e Hunter. Os três viajantes desceram a ponte e foram embora. Os monges ficaram ali até eles sumirem de vista, perdidos na velha névoa do mundo debaixo do mundo.

— Perdemos a chave — disse o abade, tanto para si quanto para os outros monges. — Que Deus tenha piedade de nós.

TREZE

O ANJO ISLINGTON ESTAVA TENDO UM SONHO SOMBRIO E VIOLENTO.

Ondas gigantes se chocavam contra a cidade. O céu noturno estava repleto de relâmpagos brilhantes, de um lado a outro do horizonte. Caía uma chuva torrencial e a cidade tremia. Incêndios tiveram início perto do grande anfiteatro e se espalharam depressa, desafiando a tempestade. Islington olhava para baixo, para tudo aquilo, lá do alto, pairando no ar, como costumamos pairar num sonho, exatamente como fizera havia muito tempo. Ali havia prédios de centenas de metros de altura, mas eles ficavam diminutos perto das ondas cinzentas e esverdeadas do Atlântico. O anjo ouviu as pessoas gritando. Havia quatro milhões de habitantes em Atlântida e, em seu sonho, Islington podia ouvir de modo claro e distinto todas aquelas vozes enquanto as pessoas, uma por uma, gritavam, engasgavam, queimavam, afogavam-se, morriam. As ondas engoliram a cidade e, depois de um bom tempo, a tempestade acalmou.

Quando o dia raiou, não havia mais nada que indicasse a existência de uma cidade ali, muito menos uma ilha com duas vezes o tamanho da Grécia. Nada restara de Atlântida, com exceção dos corpos de crianças, mulheres e homens, inchados pela água, flutuando nas frias ondas da manhã, corpos que as gaivotas brancas e cinzentas já começavam a bicar, de forma cruel.

Islington acordou. Estava de pé no meio do octógono formado pelos pilares de ferro, ao lado da grande porta negra, feita de sílex e prata escurecida. Tocou a superfície lisa do sílex, sentindo a frieza do metal. Tocou a mesa. Correu o dedo de leve pelas paredes. E então caminhou pelas câmaras de seu salão, uma após a outra, tocando as coisas, como se quisesse se assegurar de sua existência, convencer-se do presente. Percorreu os canais lisos que seus pés descalços tinham formado no chão, com o passar dos séculos. Parou quando chegou à pequena lagoa de pedra, ajoelhando e tocando a água fria com os dedos.

Pequenas ondulações apareceram na água, começando na ponta de seus dedos e se alastrando até as bordas. O reflexo na água, do próprio anjo e das chamas das velas que o cercavam, tremulou e se transformou — ele viu, então, um porão. Concentrou-se por um instante e conseguiu ouvir um telefone tocar, em algum lugar distante.

O senhor Croup foi até o telefone e o atendeu. Parecia bastante satisfeito consigo mesmo.

— Residência de Croup e Vandemar. Arrancamos olhos, quebramos narizes, cortamos línguas, arrebentamos mandíbulas, degolamos.

— Senhor Croup — disse o anjo —, eles estão com a chave. Quero que a moça chamada Door chegue com segurança até mim.

— Com segurança — repetiu o senhor Croup, indiferente. — Certo. Vamos zelar pela segurança dela. Que ideia maravilhosa. Quanta originalidade. Sem dúvida impressionante. A maioria das pessoas ficaria satisfeita em contratar assassinos para realizar execuções, assassinatos secretos ou até mesmo um crime hediondo. Mas só mesmo o senhor para contratar dois dos melhores que já existiram no mundo e lhes pedir que zelem pela segurança de uma mocinha.

— É importante que ela esteja segura, senhor Croup. Nada deve machucá-la. Se o senhor deixar que algo lhe aconteça, ficarei muitíssimo chateado. Entendeu?

— Sim — respondeu Croup, remexendo-se, desconfortável.

— Tem mais alguma coisa a dizer?

— Sim, senhor. — Croup tossiu, com a mão na boca. — Lembra-se do marquês de Carabas?

— Claro.

— Imagino que não há nenhuma proibição semelhante relacionada a ele...

— Não mais. Proteja apenas a moça.

O anjo retirou sua mão da água. O reflexo mostrou apenas as chamas das velas e um anjo de uma beleza impressionante, perfeitamente andrógina. Ele ficou em pé e retornou à sua câmara para esperar os visitantes que chegariam.

* * *

— O que ele disse?

— Ele disse, senhor Vandemar, que temos toda a liberdade para fazer o que quisermos com o marquês.

— Isso inclui matá-lo de uma forma muito dolorosa? — perguntou Vandemar.

— Sim, senhor Vandemar. Eu diria que inclui, sim.

— Que bom, senhor Croup. Não quero mais ser repreendido.

Olhou para a coisa ensanguentada pendurada acima deles e disse:

— Melhor nos livrarmos do corpo, então.

***

Uma das rodas da frente do carrinho de supermercado rangia e forçava-o para a esquerda. O senhor Vandemar achara o carrinho numa rotatória perto do hospital. Na hora em que o viu, percebeu que tinha o tamanho ideal para transportar um cadáver. Ele, é claro, era forte o bastante para carregar o corpo, mas o sangue e outros fluidos poderiam sujá-lo, e ele só tinha um terno. Então, empurrou o carrinho com o corpo do marquês de Carabas, atravessando o canal de drenagem de chuva. O carrinho fazia "qüi-qüi" e tentava virar para a esquerda. Ele queria que o senhor Croup empurrasse o carrinho de vez em quando, mas ele estava falando.

— Sabe, senhor Vandemar, no momento estou muito alegre, radiante, em êxtase completo... Feliz demais para me lamentar, me queixar ou reclamar, já que agora temos permissão para fazer aquilo que fazemos melhor...

O senhor Vandemar virou o carrinho numa curva bastante difícil.

— Você quer dizer matar?

O senhor Croup sorriu.

— Sim, sem dúvida quero dizer matar, senhor Vandemar, meu nobre companheiro, radiante e corajoso homem. No entanto, você já deve ter

percebido um “porém” à espreita, por trás de minha aparência feliz, jubilosa e falante. Uma pequena preocupação, como um pedacinho de fígado cru incomodando dentro da minha bota. Você, sem dúvida, deve estar pensando: “Ah, o senhor Croup não parece estar muito bem. Devo insistir para que ele diga o que sente”.

O senhor Vandemar pensou nisso por um instante enquanto tentava abrir a porta de ferro redonda entre o canal de drenagem da chuva e o esgoto. Depois de atravessá-la, manejou o carrinho com o corpo do marquês para que também passasse por ela. E então, mais ou menos certo de que não tinha pensado em nada parecido ao que dissera o outro, respondeu:

— Não.

O senhor Croup ignorou o que ele disse e continuou:

— E se eu, em resposta às suas indagações, o informasse a respeito do que me preocupa, confessaria que minha alma está obcecada com a necessidade de esconder nossos talentos. Deveríamos pendurar os tristes restos mortais do falecido marquês de Carabas na forca mais alta da Londres-de-Baixo. E não jogar o corpo fora, como se fosse uma... uma... uma coisa velha.

Fez uma pausa, buscando a metáfora perfeita.

— Um rato? — sugeriu o senhor Vandemar. — Um instrumento de tortura? Um baço?

“Qüi-qüi”, faziam as rodas do carrinho de supermercado.

— Ah, deixe pra lá — disse o senhor Croup.

Tinham alcançado um canal de água profunda e marrom. Boiando na superfície havia ilhas de espuma de um branco cinzento, camisinhas usadas e alguns pedaços de papel higiênico. O senhor Vandemar parou de empurrar o carrinho. O senhor Croup se debruçou e pegou a cabeça do marquês pelos cabelos, sussurrando em seus ouvidos mortos:

— Quanto mais cedo tudo isso terminar, mais feliz vou ficar. Existem outras épocas e lugares que sem dúvida apreciariam o trabalho de dois pares de mãos especializadas em degolar e cortar.

Ficou ereto de novo.

— Boa noite, meu bom marquês. Não se esqueça de escrever pra gente.

O senhor Vandemar inclinou o carrinho, e o corpo do marquês caiu mergulhando na água marrom. Depois, como passara a detestar o carrinho com todas as suas forças, ele o empurrou no esgoto também, e observou enquanto a correnteza o levava embora.

O senhor Croup segurou alto sua lamparina e ficou olhando para o lugar onde estavam.

— É triste pensar que há pessoas andando nas ruas lá em cima que nunca poderão apreciar a beleza desses esgotos, senhor Vandemar, dessas catedrais

de tijolos vermelhos sob seus pés.

— Uma obra de arte — concordou o senhor Vandemar. Viraram as costas para a água marrom e voltaram pelos túneis.

— Tanto no caso das cidades quanto no das pessoas, senhor Vandemar — disse o senhor Croup, com ar professoral —, o funcionamento dos intestinos é algo de suma importância.

* * *

Door amarrou a chave em volta do pescoço com um pedaço de barbante que achara em um dos bolsos de seu casaco de couro.

— Isso aí não é muito seguro — disse Richard. Ela fez uma careta para ele.

— Olha, não é mesmo — insistiu Richard. Ela deu de ombros.

— Está bem. Eu compro uma corrente quando chegarmos ao próximo

Mercado.

Caminhavam por um labirinto de cavernas, túneis profundos de calcário que pareciam pré-históricos. Richard riu.

— Qual é a graça? — perguntou Door. Ele sorriu e explicou:

— Eu estava pensando na cara do marquês quando falarmos que pegamos a chave dos monges sem a ajuda dele.

— Tenho certeza de que ele dirá algo irônico. Bom, agora vamos voltar para o anjo. Pelo caminho "comprido e perigoso". Seja lá qual for.

Richard ficou admirando as pinturas nas paredes das cavernas. Traços vermelhos, ocre e terra delineavam javalis atacando e gazelas em fuga, mastodontes peludos e preguiças gigantes. Ficou imaginando que as pinturas deviam ter milhares de anos, mas aí viraram uma esquina e ele viu que, no mesmo estilo de desenho, havia caminhões, gatos domésticos, carros e também — de qualidade bastante inferior em relação às outras imagens, como se fossem vistos muito raramente e à longa distância — aviões.

Todos os desenhos tinham sido feitos próximos ao chão. Richard ficou pensando se seus autores pertenceriam a uma raça de pigmeus neandertais subterrâneos. Era algo provável, como quase tudo naquele mundo esquisito.

— E então, onde vai ser o próximo Mercado?

— Não tenho ideia. Você sabe?

Hunter saiu das sombras.

— Não.

Um pequeno vulto passou correndo por eles. Alguns instantes depois surgiram mais dois, em uma corrida desenfreada. Quando passaram, Hunter fez um rápido movimento com a mão e segurou um menininho pela orelha.

— Ai! — gritou ele, como uma criancinha. — Me solta! Ela roubou o meu pincel!

— É verdade. Ela roubou — confirmou uma voz mais ao longe, no corredor.

— Não roubei!

Dessa vez era uma voz ainda mais aguda, ainda mais distante. Hunter apontou para as pinturas.

— Foi você que fez isso?

O menino tinha aquela enorme arrogância que somente os maiores

artistas e todos os meninos de 9 anos de idade têm.

— Sim. Alguns deles — respondeu, truculento.

— Não são ruins — comentou Hunter. O menino a olhou com raiva.

— Onde vai ser o próximo Mercado Flutuante? — perguntou Door.

— Belfast. Hoje à noite.

— Obrigada. Espero que você consiga pegar de volta o seu pincel. Deixe-o ir, Hunter.

Hunter soltou a orelha do menino. Ele não se mexeu. Olhou-a de cima a baixo e depois fez uma careta para indicar que ele, sem a menor sombra de dúvida, não estava nem um pouco impressionado.

— *Você* é a caçadora?

Ela sorriu para ele, modesta. Ele torceu o nariz.

— *Você* é a melhor guarda-costas do Submundo?

— É o que dizem.

O menino fez um movimento rápido para frente e para trás com a mão. Parou, perplexo, e depois examinou a palma da mão. Em seguida, olhou para Hunter, confuso. Ela abriu a mão e revelou uma pequena e afiada navalha. Segurava-a longe do alcance do menino.

Ele contorceu o rosto.

— Como é que você fez isso?

— Dê o fora!

Ela fechou a navalha e a jogou de volta para o menino, que a pegou do chão e, sem olhar para trás, saiu correndo em busca de seu pincel.

* * *

O corpo do marquês de Carabas boiava, indo para o leste, na água profunda do esgoto, com o rosto virado para baixo.

No começo, os esgotos de Londres eram rios e riachos que fluíam do norte para o sul (e, no sul do Tâmisa, do sul para o norte), levando lixo, carcaças de animais e o conteúdo dos penicos para o Tâmisa, que transportava aquelas horríveis substâncias para o mar. Esse sistema funcionou mais ou menos bem por muitos anos, até que em 1858 o enorme volume de dejetos produzido pelos habitantes e as indústrias, aliado a um verão bastante quente, produziu um fenômeno chamado de *Great Stink,* o grande fedor: o próprio Tâmisa tinha se tornado um esgoto ao ar livre. As pessoas que podiam abandonar a cidade o fizeram; aquelas que ficaram, amarravam panos encharcados de carbólico no rosto e tentavam não respirar pelo nariz. O Parlamento foi então forçado a adiantar seu recesso e, no ano seguinte, ordenou que se desse início a um programa de construção de esgotos. Os milhares de quilômetros de esgotos construídos foram feitos com uma leve inclinação, que ia do oeste para o leste e, em algum lugar além de Greenwich, alcançavam o estuário do Tâmisa, no Mar do Norte. Era esse caminho que o corpo do falecido marquês de Carabas estava percorrendo, viajando do oeste para o leste, na direção do nascer do sol e do maquinário do esgoto.

Ratos, em uma bancada alta de tijolos, fazendo o que ratos fazem quando não há ninguém por perto, viram o corpo passar. O maior deles, um macho preto, guinchou. Uma pequena fêmea marrom respondeu, e então pulou da bancada nas costas do marquês, percorreu um pouco o esgoto sobre ele, cheirou o cabelo e a casaca, provou do sangue e, com cuidado, debruçou-se para ver o que era possível enxergar do rosto.

Ela pulou da cabeça do marquês na água imunda e nadou até a margem, onde subiu pela parede de tijolos escorregadia. Voltou correndo, sobre um cano, e juntou-se a seus companheiros.

* * *

— Belfast? — perguntou Richard.

Door sorriu, um sorriso travesso, e, quando ele exigiu que ela explicasse, disse apenas:

— Você vai ver.

Richard mudou a abordagem.

— Como você sabe se aquele menino estava dizendo a verdade sobre o Mercado?

— Ninguém aqui embaixo mente sobre o Mercado. Acho que não *conseguimos* mentir sobre ele. — Fez uma pausa e completou: — O Mercado é especial.

— Como aquele menino sabia onde vai ser?

— Alguém disse para ele — respondeu Hunter. Richard pensou por uns instantes.

— E como essa pessoa sabia?

— Alguém falou para ela — explicou Door.

— Mas...

Ele ficou pensando sobre quem escolhia o local, como a informação se espalhava, tentando formular a pergunta de uma maneira que não parecesse idiota.

Uma bela voz feminina perguntou, vinda do escuro:

— Psiu! Vocês sabem quando vai ser o próximo Mercado?

A mulher saiu das sombras. Usava joias de prata e seus cabelos escuros estavam penteados de forma impecável. Tinha uma pele muito branca e seu vestido comprido era feito de veludo bem escuro. Richard soube de imediato que já a tinha visto antes, mas levou alguns instantes para se lembrar: sim, fora no último Mercado Flutuante — na Harrods. Lá, ela sorrira para ele.

— Hoje à noite. Belfast — respondeu Hunter.

— Obrigada — agradeceu a mulher.

Ela tinha olhos belíssimos, pensou Richard, olhos cor de púrpura.

— Vejo vocês lá — disse ela, olhando para ele. E então desviou o olhar, meio tímida, voltou para a escuridão e sumiu.

— Quem é ela? — perguntou Richard.

— Elas chamam a si mesmas de Veludos — contou Door. — Dormem aqui embaixo durante o dia e caminham no mundo de cima à noite.

— São perigosas?

— Todo mundo é perigoso — respondeu Hunter.

— Olha, voltando ao assunto do Mercado, quem decide o lugar e o dia? E como as primeiras pessoas ficam sabendo onde ele vai acontecer?

Hunter encolheu os ombros.

— Door? Você sabe?

— Nunca pensei nisso.

Viraram uma esquina. Door ergueu sua lamparina.

— Nada mau — observou.

— E foi rápido, também — disse Hunter.

Ela tocou a pintura sobre a parede de pedra com a ponta do dedo. A tinta ainda estava fresca. Era um desenho, não muito lisonjeiro, de Hunter, Door e Richard.

* * *

O rato negro entrou respeitoso no refúgio dos Dourados, com a cabeça baixa e as orelhas para trás. Caminhou adiante, guinchando.

Os Dourados tinham feito seu refúgio em uma pilha de ossos, que pertencera a um mamute na época gélida em que grandes e peludos animais caminhavam pela tundra coberta de neve do sul da Inglaterra, como se,

segundo pensavam os Dourados, fossem os donos daquele lugar. Bom, pelo menos aquele mamute em particular fora dissuadido dessa ideia de grandeza por eles.

O rato negro fez uma mesura, de pé sobre a base da pilha de ossos. Então se deitou de costas com o pescoço exposto, fechou os olhos e esperou. Depois de alguns instantes, um guincho vindo de cima o autorizou a ficar de barriga para baixo de novo.

Um dos Dourados saiu do crânio do mamute, que estava no topo da pilha de ossos, e percorreu a velha presa de marfim. Era um rato de pelo dourado, do tamanho de um grande gato doméstico, com olhos cor de cobre.

O rato negro falou. O Dourado ficou pensativo por um momento e guinchou uma ordem. O rato negro rolou e ficou de barriga para cima, expondo o pescoço mais uma vez por alguns instantes. E então, depois de se retorcer um pouco e voltar à posição normal, seguiu seu caminho.

* * *

É claro que o Povo do Esgoto já existia antes do *Great Stink,* morando nos esgotos elisabetanos, da Restauração, ou da Regência. Essa gente crescia à medida que a população produzia mais sujeira, lixo e resíduos e as hidrovias de Londres se transformavam em canos e passagens cobertas. Mas foi depois do *Great Stink,* depois do grande plano de construção de esgotos da era

vitoriana, que o Povo do Esgoto passou a existir de fato. Eles eram encontrados em qualquer canto dos esgotos, mas faziam suas residências permanentes nas catacumbas de tijolos vermelhos, semelhantes a igrejas, que existiam para o leste, na confluência da água agitada e cheia de espuma de vários túneis. Lá eles ficavam sentados com varas de pescar, redes e anzóis improvisados, observando a superfície da água marrom.

Vestiam roupas marrons e verdes, cobertas de uma camada espessa de um bolor resultante de alguma substância petroquímica originária, por sua vez, de algo muito pior. Usavam cabelos compridos e embaraçados, e tinham mais ou menos o cheiro de quem vive onde viviam. Velhas lanternas pendiam do teto do túnel. Ninguém sabia o que eles utilizavam como combustível, mas sua chama emitia uma luz verde-azulada, de aparência insalubre.

Também não se sabia como eles se comunicavam. No pouco contato que tinham com o mundo exterior, empregavam um tipo de linguagem de sinais. Os homens, as mulheres e as silenciosas criancinhas dos esgotos viviam num mundo em que os sons eram somente gorgolejos e goteiras.

Dunnikin viu algo na água. Era o chefe do Povo do Esgoto, o mais velho e sábio de todos. Nem os próprios construtores daquelas galerias as conheciam melhor do que ele. Dunnikin pegou uma grande rede de pescar camarão e, com um único e experiente movimento, pescou um celular bastante destruído. Foi até a pequena pilha de lixo no canto e colocou o telefone lá, junto com o resto da tralha. A pescaria do dia, até aquele momento, consistia em duas luvas de pares diferentes, um sapato, um crânio de gato, um maço de cigarros encharcado, uma perna artificial, um cocker spaniel morto, um par de chifres de gazela em uma moldura de parede e a parte de baixo de um carrinho de bebê.

Não tinha sido um dia bom para pescar. E à noite aconteceria o Mercado, ao ar livre. Então Dunnikin mantinha os olhos grudados na água. Nunca se sabe o que é possível encontrar.

* * *

Old Bailey estava pendurando suas roupas para secar. Cobertores e lençóis tremulavam e agitavam-se ao vento no topo do Centre Point, o feio e peculiar prédio da década de 1960 localizado na ponta leste da Oxford Street, acima da estação Tottenham Court Road. Old Bailey não ligava muito para o Centre Point, mas, como ele costumava dizer aos pássaros, não havia vista como a de lá de cima, mesmo porque o topo do Centre Point era um dos poucos lugares em West End dos quais não se enxergava o próprio Centre Point.

O vento arrancou penas do casaco de Old Bailey, levando-as para longe, para o ar que pairava sobre Londres. Ele não se importou. Como dizia aos pássaros, havia mais penas no lugar de onde aquelas tinham saído.

Um grande rato preto saiu de um cano de ventilação, olhou em volta e foi em direção à cabana cheia de pássaros. Subiu correndo a lateral da tenda e percorreu o varal de Old Bailey. Guinchou para ele, bem alto, em tom de urgência.

— Devagar, devagar — pediu Old Bailey.

O rato repetiu o que havia dito, em um tom mais baixo, mas com o mesmo desespero.

— Deus do céu! — exclamou o velho.

Old Bailey entrou correndo na cabana e saiu de lá com suas armas — um espeto e uma pá de carvão. Depois correu de novo para dentro dela e retornou com alguns objetos úteis para trocas. Entrou de novo, pela última vez: abriu o baú de madeira, pegou a caixa prateada e a colocou no bolso.

— Eu não tenho tempo para essas bobagens — disse ao rato, quando afinal saiu da cabana. — Sou uma pessoa muito ocupada. Os pássaros não entram nas gaiolas sozinhos, entende?

O rato guinchou para ele. Old Bailey estava desamarrando a corda que dava voltas em sua cintura.

— Bom, há outras pessoas que podem pegar o corpo. Eu já não sou tão jovem. Não gosto dos lugares lá de baixo. Sou um homem que nasceu e cresceu no telhado.

O rato fez um ruído mal-educado.

— Quanto mais a gente tem pressa, mais se atrasa — respondeu Old Bailey. — Já vou indo, seu ratinho insolente. Eu conheci o seu tataravô, senhor ratinho, então não fique com esse ar de... Bom, onde vai ser o Mercado?

O rato deu a informação. E então Old Bailey o colocou em seu bolso e

começou a descer pela lateral do prédio.

* * *

Sentado no muro lateral do esgoto, em sua espreguiçadeira de plástico, Dunnikin tinha o pressentimento de que ia ficar próspero e rico. Podia sentir uma brisa que vinha na direção oeste-leste, na direção deles.

Bateu palmas bem alto. Outros homens, mulheres e crianças vieram até ele, pegando anzóis, redes e varas de pescar enquanto corriam. Juntaram-se ao longo da beirada escorregadia do esgoto, sob a luz esverdeada e irregular das lanternas. Dunnikin apontou e eles esperaram, em silêncio, pois é assim que o Povo do Esgoto espera.

O corpo do marquês de Carabas veio flutuando, de barriga para baixo, pelas águas do esgoto, a corrente o carregando de um jeito lento e pomposo, como se fosse uma barca funerária. Puxaram-no da água com suas redes e anzóis, em silêncio, e logo ele estava deitado na beirada. Tiraram a casaca, as botas, o relógio de ouro e tudo que havia nos bolsos, mas deixaram o resto das roupas no corpo.

Dunnikin sorriu para os objetos saqueados. Bateu palmas mais uma vez e o Povo do Esgoto começou a se aprontar para o Mercado. Agora eles realmente tinham algo de valor para vender.

* * *

— Você tem certeza de que o marquês vai estar lá no Mercado? — perguntou Richard para Door, quando o caminho começou, lentamente, a ficar íngreme.

— Ele não vai nos decepcionar — disse ela, com a maior segurança que conseguia ter. — Tenho certeza de que ele vai estar lá.

CATORZE

O *HMS BELFAST* É UM NAVIO DE GUERRA DE ONZE MIL TONELADAS. ELE foi encomendado em 1939 e usado na Segunda Guerra Mundial. Desde então, está atracado na margem sul do Tâmisa, na área que é uma famosa foto de postal, entre a Tower Bridge e a London Bridge, do lado oposto da Torre de Londres. De seu convés é possível ver a St. Paul's Cathedral e o topo folheado a ouro do monumento ao Grande Incêndio de Londres, semelhante a uma coluna, erigido, como grande parte de Londres, por Christopher Wren. O navio agora é um museu flutuante, memorial e campo de treinamento.

Existe um caminho que vai do navio até a margem, e as pessoas vinham por ele em duplas, trios, dúzias. Todas as tribos da Londres-de-Baixo armaram suas barracas o mais cedo possível, unidas pela Trégua do Mercado e por um desejo mútuo de montá-las o mais longe que conseguissem da tenda do Povo do Esgoto.

Mais de um século antes fora feito um acordo: o Povo do Esgoto somente poderia montar uma barraca nos Mercados que acontecessem a céu aberto. Dunnikin e seus companheiros despejaram seus espólios sobre um papel emborrachado, formando uma enorme pilha de bugigangas debaixo de uma grande torre de canhão. Ninguém vinha direto para a barraca deles. Entretanto, mais para o fim do Mercado, eles apareciam — os que caçavam barganhas, os curiosos e os poucos abençoados pela ausência de olfato.

Richard, Hunter e Door passaram em meio à multidão sobre o convés do navio. Ele percebeu que, de alguma maneira, não sentia mais necessidade de parar e ficar olhando para tudo. As pessoas ali não eram menos estranhas do que aquelas que estiveram no último Mercado Flutuante, mas, supôs, ele também devia ser esquisito para elas, certo? Olhou em volta, examinando os rostos da multidão, buscando o sorriso irônico do marquês.

— Não o vejo em lugar nenhum — disse.

Aproximaram-se da barraca de um ferreiro, onde um homem que podia facilmente ser confundindo com uma pequena montanha caso não se percebesse a barba castanha descuidada, transferia um pedaço de metal incandescente de um braseiro para uma bigorna. Richard nunca tinha visto uma bigorna de verdade antes. Podia sentir o calor do pedaço de metal e do braseiro a uns quatro metros de distância.

— Continue procurando. De Carabas vai aparecer — disse Door, olhando para trás. — Quem é vivo sempre aparece.

E então, antes que Richard pudesse dizer alguma coisa, ela deu um gritinho:

— Hammersmith!

O homem-montanha barbudo olhou para cima, parou de bater no pedaço de metal derretido e exclamou, com voz retumbante:

— Pelo Templo e o Arco! Lady Door!

E a ergueu no ar, como se ela tivesse o peso de um ratinho.

— Olá, Hammersmith. Eu queria mesmo encontrar você.

— Nunca é bom perder o Mercado, minha senhora — disse ele, alegre, com sua voz de trovão. — É aqui que estão os bons negócios. Espere só um momentinho — pediu, lembrando-se do pedaço de metal que esfriava na bigorna.

Ele colocou Door sentada no ponto mais alto de sua barraca, no nível de seus olhos, uns dois metros acima do chão do convés.

Bateu no pedaço de metal com seu martelo, retorcendo-o com um instrumento que Richard, em um bom chute, supôs ser um alicate. Com os golpes, o metal passava de uma bolota alaranjada a uma perfeita rosa negra. Era um trabalho de delicadeza assombrosa, cada pétala distinta e bem delineada. Hammersmith mergulhou a rosa em um balde cheio de água fria que estava do lado da bigorna — a peça incandescente sibilou na água, criando vapor. Ele tirou a rosa do balde, enxugou-a e entregou para um homem gordo vestindo cota de malha que estava esperando, paciente, ali do lado. O gordo ficou muito satisfeito e deu a Hammersmith uma sacola de plástico verde da Marks and Spencer cheia de diversos tipos de queijo.

— Hammersmith, quero te apresentar meus amigos — disse Door, empoleirada na tenda.

Hammersmith envolveu a mão de Richard com a sua, que era muito

maior. Seu aperto era entusiasmado mas muito suave, como se ele, no passado, tivera diversos problemas com isso e praticara até alcançar a perfeição.

— Muito prazer — cumprimentou, com sua voz ressoante.

— Meu nome é Richard.

Hammersmith parecia maravilhado.

— Richard! Que belo nome! Eu tive um cavalo chamado Richard.

Soltou a mão dele, virou-se para Hunter e disse:

— E você é... a caçadora? Hunter? Pelas barbas do profeta! É ela mesmo!

Hammersmith corou feito um menino. Cuspiu na mão e tentou, desajeitado, arrumar o cabelo. Estendeu a mão e se deu conta de que tinha acabado de cuspir nela, então a limpou em seu avental de couro e ficou remexendo-se, sem graça.

— Hammersmith — disse Hunter, com seu sorriso de caramelo perfeito.

— Hammersmith — pediu Door. — Você me ajuda a descer?

Hammersmith pareceu envergonhado.

— Ah, me perdoe, minha senhora — desculpou-se, tirando-a de lá. Pareceu a Richard que Hammersmith conhecia Door desde quando ela era uma criança, e ele percebeu que morria de inveja do grandalhão.

— Bom, e então, o que posso fazer por vocês? — perguntou Hammersmith, dirigindo-se a Door.

— Algumas coisas. Mas antes...

Door virou-se para Richard.

— Richard, tenho uma tarefa para você.

Hunter ergueu uma sobrancelha.

— Para ele?

— Sim. Para vocês dois. Você pode pegar comida pra gente? Por favor.

Richard se sentiu estranhamente orgulhoso. Ele tinha demonstrado seu valor com a provação. Agora ele era um deles. Partiria e traria comida. Estufou o peito.

— Sou sua guarda-costas. Ficarei ao seu lado — disse Hunter para a menina.

Door sorriu. Seus olhos cintilaram.

— Não há problema aqui, Hunter. A Trégua do Mercado ainda vale. Ninguém pode me tocar. E Richard precisa mais de proteção do que eu.

O peito de Richard desinflou, mas ninguém percebeu.

— E se alguém quebrar a Trégua?

Hammersmith estremeceu, apesar do calor do braseiro.

— Quebrar a Trégua do Mercado? Brrrrr!

— Não vai acontecer. Podem ir. Vocês dois. Algo com curry, por favor. E paparis também. Bem apimentados.

Hunter passou a mão no cabelo. Então se virou e caminhou na direção

da multidão. Richard a acompanhou.

— E o que acontece se alguém quebrar a Trégua? — perguntou ele enquanto tentavam passar pela multidão.

Hunter pensou alguns instantes.

— Da última vez que isso aconteceu, foi há uns trezentos anos. Dois amigos brigaram por causa de uma mulher no Mercado. Um puxou uma faca e matou o outro, e depois fugiu.

— O que aconteceu com ele? Alguém o matou?

Hunter balançou a cabeça em negação.

— Pelo contrário. Ele bem que queria ter morrido no lugar do outro.

— Ele ainda está vivo?

— Mais ou menos — respondeu, depois de uma pausa. Passados alguns instantes, Richard pensou que fosse vomitar.

— Argh! Mas que cheiro é esse?

— Do Povo do Esgoto.

Richard virou a cabeça e tentou não respirar pelo nariz até que estivessem bem longe da tenda do Povo do Esgoto.

— Algum sinal do marquês? — perguntou.

Hunter fez que não. Ela estava a pouca distância dele. Subiram uma prancha, na direção das barracas de comida e dos aromas mais agradáveis.

* * *

Old Bailey não teve dificuldade para encontrar o Povo do Esgoto: teve apenas que seguir seu olfato.

Sabia o que precisava fazer e divertiu-se um pouco fazendo um certo teatro. Examinou com ostensão o cocker spaniel morto, a perna artificial, o celular úmido e cheio de fungo, balançando a cabeça de maneira negativa e veemente para cada um deles. Então fez questão de notar o corpo do

marquês. Coçou o nariz. Colocou os óculos e o avaliou. Concordou com um movimento de cabeça, meio triste, esperando dar a vaga impressão de ser um homem que precisava de um cadáver e estava decepcionado com a variedade disponível, mas que se via obrigado a se contentar com o que eles tinham. Depois fez um gesto, chamando Dunnikin, e apontou para o cadáver.

Dunnikin abriu os braços, sorriu triunfante e olhou para o céu, como se abençoado por ter os restos mortais do marquês. Colocou uma mão na testa e depois a baixou, parecendo bastante infeliz, para dar a impressão de quão trágico era perder um cadáver tão maravilhoso.

Old Bailey colocou a mão no bolso e tirou de lá um desodorante em bastão, gasto pela metade. Entregou-o a Dunnikin, que fez uma careta, lambeu o bastão e o devolveu, indiferente. Old Bailey pôs o desodorante de volta no bolso. Olhou de novo para o cadáver, seminu, descalço, ainda úmido da viagem pelo esgoto. O corpo tinha uma cor acinzentada, sem sangue por causa dos inúmeros cortes, inchado em alguns lugares, e a pele, após a longa permanência na água, lembrava uma uva-passa de tão enrugada.

Ele tirou então do bolso uma garrafa com uns três quartos de um líquido amarelo e a entregou para Dunnikin, que olhou para ela, desconfiado. O Povo do Esgoto, que sabia reconhecer um vidro de Chanel No 5, amontoou-se em volta do chefe, observando. Com cuidado e um ar de alguém que se dá muito valor, Dunnikin desenroscou a tampa do frasco e colocou uma pequena gota em seu pulso. E, com uma seriedade de fazer inveja ao melhor *parfumier* parisiense, cheirou-o. Então assentiu, entusiasmado. Aproximou-se de Old Bailey para abraçá-lo e concluir a negociação. O velho virou o rosto e prendeu a respiração até que Dunnikin o largasse.

Old Bailey ergueu um dedo e tentou da melhor forma possível fazer sinais para dizer que ele já não era tão jovem e que, morto ou não, o marquês de Carabas era pesado. Dunnikin enfiou o dedo no nariz, pensativo, e então, com um gesto indicando não apenas magnanimidade, mas também uma generosidade tola e desnecessária que sem dúvida faria com que ele e o resto do Povo do Esgoto um dia fossem parar em um albergue, pediu que um dos jovens amarrasse o corpo na parte inferior de um carrinho de bebê.

O velho habitante dos telhados cobriu o corpo com um pano e o empurrou para longe do Povo do Esgoto, atravessando o convés lotado.

* * *

— Um curry vegetariano, por favor — disse Richard para a mulher da barraquinha. — E... hã... eu queria saber... O de carne, é de carne do quê?

Ela respondeu.

— Ah, tá. Hã... Vou ficar só com o vegetariano, então.

— Olá de novo — disse uma bela voz a seu lado.

Era a mulher pálida que haviam encontrado nas cavernas, com seu vestido preto e olhos violeta.

— Olá — cumprimentou Richard, sorrindo. — Ah, e paparis, por favor. Você... hã... veio aqui comer curry?

Ela fixou seus olhos violeta nele e disse, no maior estilo Bela Lugosi:

— Eu não como... curry.

E então ela riu, uma risada deliciosa, generosa, e Richard percebeu que há muito tempo não ria com uma mulher.

— Hã... É... Eu sou Richard. Richard Mayhew.

Estendeu a mão. A mulher tocou nela de um jeito que lembrava um aperto de mão. Seus dedos eram muito frios, mas, tarde da noite, no outono, em um navio parado no Tâmisa, tudo parecia muito frio.

— Eu sou Lamia. Sou uma Veludo.

— Ah. Certo. Existem muitas Veludos?

— Algumas.

Richard pegou as embalagens de curry vegetariano.

— O que você faz?

— Quando não estou procurando comida — respondeu ela, com um sorriso —, sou uma guia. Conheço cada centímetro do Submundo.

Hunter, que Richard podia jurar que estava do outro lado da barraquinha, surgiu bem perto de Lamia e disse:

— Ele não é seu.

Lamia sorriu com doçura.

— Ah, isso sou eu quem decide.

— Hunter, essa é a Lamia. Ela é uma Velcro.

— Ve-lu-do — corrigiu ela, com voz gentil.

— Ela é uma guia.

— Posso levar vocês para onde quiserem.

Hunter pegou a sacola com a comida das mãos de Richard.

— Está na hora de voltarmos.

— Bom, se a gente está indo encontrar você-sabe-o-quê, talvez ela possa ajudar.

Hunter não disse nada, apenas olhou para Richard. Se ela o tivesse olhado daquele jeito no dia anterior, ele teria encerrado o assunto. Mas aquilo era passado.

— Vamos consultar Door — disse Richard. — Algum sinal do marquês?

— Ainda não.

* * *

Old Bailey desceu pela prancha de desembarque com o corpo amarrado à base do carrinho de bebê — parecia um Guy Fawkes horripilante, uma das efígies que, no começo de novembro, as crianças de Londres arrastavam, exibindo para as pessoas na rua, antes de jogá-las para sua morte final nas fogueiras de 5 de novembro, a Noite das Fogueiras. Puxou o cadáver pela Tower Bridge e, queixando-se e resmungando, levou-o morro acima, passando pela Torre de Londres. Foi para oeste, na direção da estação Tower Hill, mas parou um pouco antes dela, ao lado de um grande muro cinzento. Não era um telhado, pensou Old Bailey, mas servia.

Aquilo era um dos últimos vestígios da Muralha de Londres. De acordo com a tradição, fora construída por ordem do imperador romano Constantino o Grande, no terceiro século d.C., a pedido de sua mãe, Helena. Naquele tempo, Londres era um dos poucos centros importantes do Império que ainda não tinha uma suntuosa muralha. Quando ficou pronta, cercava a pequena cidade por completo. Com cerca de dez metros de altura e quase três de largura, era, sem sombra de dúvida, a Muralha de Londres.

Ela não tinha mais a mesma altura — o chão fora erguido depois (grande parte da Muralha de Londres original ficou uns cinco metros abaixo do nível do solo) — nem cercava mais a cidade. Mas mesmo assim era um pedaço de muro que impressionava. Old Bailey fez um movimento de cabeça, satisfeito. Amarrou um pedaço de corda no carrinho de bebê e escalou o muro, e então, resmungando e praguejando, ergueu de Carabas até o seu topo. Desamarrou o cadáver das rodas do carrinho e o deitou de costas com cuidado, os braços ao longo do corpo. Ele tinha ferimentos que ainda estavam supurando. Sem dúvida estava bem morto.

— Seu tonto — sussurrou Old Bailey, com voz triste. — Por que foi provocar a morte?

A lua brilhava, pequena e alta na noite fria, e constelações de outono pontuavam o céu negro e azulado como uma poeira de diamantes. Um rouxinol voou até o muro, examinou o corpo do marquês e gorjeou com doçura.

— E você com isso? — ralhou Old Bailey. — Pássaros também não têm cheiro de rosas.

A ave chilreou alguma obscenidade rouxinólica e melodiosa para ele e voou, desaparecendo na noite.

Old Bailey tirou o rato preto que estava dormindo em seu bolso. O ratinho olhou em volta, sonolento, e então bocejou, mostrando um grande pedaço de sua língua malhada.

— Ficaria feliz em jamais cheirar alguma coisa de novo — disse Old Bailey para o rato.

Colocou-o próximo a seus pés, sobre as pedras da Muralha de Londres. O ratinho guinchou para ele e fez gestos com suas patinhas da frente. Old Bailey suspirou. Com cuidado, pegou a caixa prateada de seu bolso e, de dentro do casaco, retirou o espeto.

Colocou a caixa prateada sobre o peito do marquês e então, nervoso, pegou o espeto e abriu a tampa da caixa. Dentro dela, sobre um ninho de veludo vermelho, havia um grande ovo de pata, que à luz da lua ganhava uma coloração azul pálida. Old Bailey ergueu o espeto, fechou os olhos e o fincou no ovo.

Ouviu-se um ruído quando ele se quebrou.

Nada aconteceu por vários segundos. Então o vento começou a soprar. Não tinha direção definida, mas parecia estar vindo de todos os lugares, um turbilhão repentino. Folhas secas, páginas de jornal e todos os detritos da cidade subiram do chão. O vento tocou a superfície do Tâmisa e carregou a água fria para o céu em gotículas minúsculas. Era um vento muito forte, ameaçador. Os donos das barraquinhas sobre o *Belfast* praguejavam, segurando seus pertences para que eles não saíssem voando.

Quando parecia que o vento ia ficar tão forte que seria capaz de levar o mundo inteiro e as estrelas consigo, e carregar todas as pessoas pelo ar como se fossem folhas secas de outono...

Foi aí que...

...ele cessou, e as folhas, os papéis e as sacolas plásticas caíram no chão, na estrada, na água.

Lá em cima, no que restava da Muralha de Londres, o silêncio que se seguiu foi, de certa forma, tão intenso quanto o vento. Mas uma tosse o interrompeu, uma tosse horrível, úmida. Depois se ouviu o barulho de algo rolando de forma desajeitada, e o som de alguém vomitando.

O marquês de Carabas vomitou a água do esgoto na lateral da Muralha de Londres, manchando as pedras cinzentas com algo repugnante e marrom. Passou-se um bom tempo até que ele eliminasse toda aquela sujeira de seu corpo. E então ele disse, numa voz áspera que era pouco mais do que um sussurro rouco:

— Acho que cortaram minha garganta. Você tem algo aí para costurar?

Old Bailey procurou em seus bolsos e encontrou um pedaço de pano encardido. Passou-o para o marquês, que o enrolou algumas vezes em volta do pescoço e depois fez um nó apertado. Old Bailey se lembrou, sem nenhum motivo, dos colarinhos no estilo de Beau Brummel, usados na época da Regência.

— Você tem alguma coisa para beber? — perguntou de Carabas com voz rouca.

Old Bailey puxou seu cantil e desenroscou a tampa, passando-o para o marquês, que virou a garrafinha de uma vez e depois fez uma careta de dor, terminando com uma tosse fraca. O rato preto, que tinha observado tudo com interesse, começou a descer o muro para ir embora. Ele diria aos Dourados que todos os favores e as dívidas haviam sido devidamente pagos.

De Carabas devolveu o cantil para Old Bailey.

— Como você está?

— Já estive melhor.

O marquês sentou, tremendo. Seu nariz estava escorrendo e seus olhos não paravam quietos: observava o mundo como se nunca o tivesse visto antes.

— Eu só queria saber por que você se deixou matar desse jeito.

— Para conseguir informações — sussurrou de Carabas. — As pessoas sempre te dizem mais coisas quando sabem que você vai morrer logo. E depois elas falam perto de você quando você já morreu.

— Então você descobriu o que queria?

O marquês tocou com os dedos os ferimentos em seus braços e pernas.

— Ah, sim. Grande parte. Tenho mais do que uma vaga ideia do que está acontecendo.

Então fechou os olhos mais uma vez, colocou os braços ao redor de si, e se embalou, devagar, para frente e para trás.

— E como é estar morto?

De Carabas suspirou. Depois retorceu os lábios em um sorriso e, voltando um pouco a sua atitude costumeira, respondeu:

— Viva o bastante, Old Bailey, e você vai descobrir.

O velho parecia desapontado.

— Seu canalha. Depois de tudo que eu fiz para te trazer de volta daquele lugar horrível de onde ninguém volta. Bom, de onde ninguém costuma voltar.

O marquês de Carabas olhou para ele — seus olhos pareciam muito brancos à luz do luar — e sussurrou:

— Você quer saber como é estar morto? É muito frio, meu amigo. Muito escuro e muito frio.

* * *

Door ergueu a corrente. A chave prateada estava nela, e parecia vermelha e laranja à luz do braseiro de Hammersmith. Ela sorriu.

— Bom trabalho, Hammersmith.

— Obrigado, minha senhora.

Ela pôs a corrente em volta do pescoço e escondeu a chave no meio das suas camadas de roupa.

— O que você gostaria de receber em troca?

O ferreiro parecia constrangido.

— Ah, não quero abusar da sua boa vontade... — murmurou.

Door fez sua cara de “ande, peça logo”. Ele se debruçou e pegou uma caixa preta que estava sob uma pilha de ferramentas de trabalho. Era feita de madeira escura, incrustada de marfim e madrepérola, do tamanho de um dicionário grande. Ele a revirou várias vezes.

— É uma daquelas caixas secretas. Ganhei por ter feito uns serviços há alguns anos. Não consigo abri-la, por mais que tente.

Door a pegou e percorreu os dedos pela superfície lisa.

— Não me admira que você não tenha conseguido abri-la. O mecanismo está todo emperrado. Completamente colado.

Hammersmith pareceu chateado.

— Então nunca vou descobrir o que tem dentro.

Door fez uma cara de quem achava aquilo divertido. Seus dedos exploraram a superfície da caixa. Havia uma alavanca na lateral. Ela a empurrou até a metade e depois girou. Ouviu-se um barulho metálico de dentro da caixa e uma porta se abriu na lateral.

— Pronto — disse Door.

— Ah, minha senhora! — exclamou Hammersmith, respeitoso.

Pegou a caixa e escancarou a portinhola, encontrando uma gaveta. Ele a puxou. O pequeno sapo que estava no compartimento coaxou e, indiferente, olhou ao redor com seus olhos cor de cobre.

Hammersmith parecia desolado.

— Ah, eu esperava que fossem pedras preciosas.

Door esticou a mão e acariciou a cabeça do sapo.

— Os olhos dele são bonitos. Fique com ele, Hammersmith. Vai te trazer sorte. E obrigada mais uma vez. Sei que posso contar com a sua discrição.

— Pode confiar em mim, minha senhora — disse Hammersmith, com ar muito sério.

* * *

Sentaram-se na Muralha de Londres, sem falar nada. Old Bailey desceu devagar o que restava do carrinho de bebê até o chão.

— Onde está o Mercado? — perguntou o marquês. O velho apontou para o navio de guerra.

— Lá.

— Door e os outros. Eles estão me esperando.

— Você não está em condições de ir a lugar nenhum.

De Carabas tossiu uma tosse dolorosa. Old Bailey teve a impressão de que ainda havia bastante água do esgoto nos pulmões dele.

— Eu fiz uma grande viagem hoje. Caminhar um pouquinho mais não vai fazer diferença — sussurrou o marquês.

Examinou as próprias mãos, estalou os dedos devagar, como se quisesse ver se eles o obedeceriam. E então remexeu todo o corpo e começou, desajeitado, a descer pela lateral da parede. Mas, antes disso, falou com uma voz rouca e talvez um pouco triste:

— Acho que estou te devendo um favor, Old Bailey.

* * *

Quando Richard voltou com a comida, Door correu para ele e o abraçou forte. Ela até lhe deu um tapinha no bumbum antes de pegar a sacola de suas mãos e abri-la, ansiosa. Apanhou o curry vegetariano e começou a comer, satisfeita.

— Obrigada — disse, com a boca cheia. — Algum sinal do marquês?

— Nenhum — respondeu Hunter.

— E Croup e Vandemar?

— Não.

— O curry está muito bom. Uma delícia.

— Conseguiu? — perguntou Richard.

Door pegou a corrente no pescoço, o suficiente para mostrar que ela estava ali, e deixou-a cair de novo, o peso da chave fazendo com que ela sumisse.

— Door, esta é Lamia. Ela é uma guia. Disse que pode nos levar para qualquer lugar no Submundo.

— Qualquer lugar? — perguntou Door, ainda comendo.

— Qualquer lugar — confirmou Lamia. Door inclinou a cabeça:

— Você sabe onde fica o Anjo Islington?

Lamia piscou devagar, seus longos cílios cobrindo e revelando seus olhos cor de violeta.

— Islington? Vocês não podem ir lá...

— Você sabe onde fica?

— Na Down Street. No fim da Down Street. Mas não é seguro.

Hunter observava a conversa de braços cruzados, indiferente. Mas então disse:

— Nós não precisamos de guia.

— Bom, acho que precisamos, sim. O marquês não está por aqui. E vai ser uma viagem perigosa. Temos que entregar... a coisa que eu peguei... para o anjo. E aí ele poderá contar para Door o que ela quer saber sobre a família dela, e vai me dizer como faço para ir para casa.

— Ele pode até te dar um cérebro e me dar um coração — disse Lamia, olhando para Hunter, empolgada.

Door limpou o restinho do curry de sua tigela com os dedos e os lambeu.

— Nós ficaremos bem, Richard, só nós três. Não temos como pagar uma guia.

Lamia pareceu ressentida.

— Ele vai me pagar, não vocês.

— E que tipo de pagamento gente do seu tipo exige? — perguntou Hunter.

— Isso é algo que eu deixo pra imaginação dele — respondeu a moça, com um sorriso doce.

Door balançou a cabeça.

— Acho melhor não.

Richard riu, sarcástico.

— Isso só porque te incomoda o fato de, pela primeira vez, eu estar descobrindo coisas, em vez de só seguir você cegamente, fazendo o que me mandam.

— Não, não é isso.

Richard virou-se para Hunter.

— Você *sabe* qual é o caminho para Islington?

Hunter fez que não.

Door suspirou:

— Então vamos. Down Street, não é?

Lamia sorriu com seus lábios cor de ameixa.

— Sim, minha senhora.

Quando o marquês chegou ao Mercado, eles já tinham ido embora.

QUINZE

SAÍRAM DO NAVIO PELA RAMPA E FORAM PARA TERRA FIRME. DESCERAM alguns degraus para uma longa passagem subterrânea, e depois subiram de novo. Lamia andava a passos largos, confiante, à frente deles. Levou-os para uma pequena alameda, coberta por teias de aranha. Lâmpadas de gás nas paredes produziam um brilho irregular.

— A terceira porta adiante — disse ela.

Pararam em frente à porta. Havia uma placa de latão sobre ela com os dizeres:

SOCIEDADE REAL

PARA PREVENÇÃO DE

CRUELDADE ÀS CASAS

E, mais embaixo:

DOWN STREET. POR FAVOR, BATA.

— A gente chega à rua passando por dentro da casa? — perguntou Richard.

— Não — respondeu Lamia. — A rua fica dentro da casa.

Richard bateu na porta. Nada aconteceu. Esperaram, tremendo por causa do ar frio da manhã. Richard bateu mais uma vez. Resolveu tocar a campainha. Um criado sonolento abriu a porta. Ele usava uma peruca branca, empoada e torta, e um uniforme escarlate. Olhou para aquelas pessoas à porta com uma expressão que indicava que não valia a pena levantar da cama por eles.

— Pois não?

Richard pensou que já o tinham mandado se foder com muito mais bom humor e entusiasmo que aquele sujeito se oferecia para ajudar.

— Down Street — ordenou Lamia.

— Por aqui — disse o criado, com um suspiro. — Mas limpem os pés, por favor.

Atravessaram um salão majestoso. Então esperaram até que o criado acendesse todas as velas dos candelabros. Desceram uma escada imponente, com um tapete luxuoso nos degraus. Desceram outra escada, menos imponente, com um tapete menos luxuoso. Desceram uma escada bastante comum, coberta com sacos de batata marrom esfarrapados e, finalmente, desceram uma escada de madeira velha, sem tapete nenhum.

No fim de todas essas escadas havia um elevador de serviço antigo com uma placa:

EM MANUTENÇÃO

O criado ignorou a placa e abriu a porta externa de arame, fazendo um ruído metálico. Lamia agradeceu, educada, e entrou no elevador. Os outros a seguiram. O criado lhes virou as costas. Através da tela de arame, Richard o observou voltar pela escada de madeira, segurando os candelabros.

Havia uma pequena fileira de botões pretos na parede do elevador. Lamia apertou o de baixo. A porta de treliça se fechou automaticamente com um estrondo. Ouviu-se o barulho de um motor, e o elevador começou a descer de forma lenta e ruidosa. Os quatro estavam apertados naquela caixa. Richard percebeu que podia sentir o cheiro de cada uma daquelas mulheres: Door cheirava basicamente a curry; Hunter tinha um cheiro de suor, não desagradável, de um jeito que o fazia pensar nos grandes felinos enjaulados no zoológico; e Lamia tinha um cheiro embriagante de madressilva, lírios e almíscar.

O elevador continuou a descer. Richard estava suando frio, e sentia suas

unhas cravadas nas palmas das mãos fechadas. No tom mais casual possível que conseguiu, disse:

— Agora seria uma péssima hora para alguém descobrir que é claustrofóbico, não?

— Sim — respondeu Door.

— Então não vou descobrir.

E continuaram a descer.

Finalmente, o elevador sacudiu, fez um barulho metálico, de catraca, e parou. Hunter puxou a porta, olhou em volta, e deu um passo adiante, ficando em cima de um peitoril estreito.

Richard olhou para fora do elevador. Eles estavam suspensos no ar, no topo de alguma coisa que lhe lembrava uma pintura que vira certa vez, uma ilustração da Torre de Babel. Mas, ali, a Torre de Babel estava de cabeça para baixo e do avesso ao mesmo tempo. Era um enorme fosso, com um caminho talhado em pedra nas laterais, todo ornamentado, que descia em espiral. Nas paredes, luzes dispersas produziam um brilho fraco, e longe, bem abaixo deles, havia pequenas fogueiras. Era ali, no alto daquele grande buraco, uns oitocentos metros acima do chão, que se encontrava o elevador, que balançou um pouco.

Richard respirou fundo e seguiu os outros até o peitoril. E então, embora soubesse que era uma péssima ideia, olhou para baixo. Não havia nada além de uma prancha de madeira entre ele e o chão de pedra, centenas de metros

abaixo. A longa prancha ligava o peitoril onde eles estavam ao topo do caminho rochoso, distante uns seis metros.

— E eu imagino — disse Richard, tentando parecer indiferente, mas sem convencer muito — que não seria uma boa hora para dizer que odeio altura.

— É seguro — disse Lamia. — Ou era da última vez em que eu estive aqui. Observe.

Ela caminhou pela prancha, e só se ouvia o farfalhar de seu vestido de veludo negro. Poderia ter feito aquilo equilibrando uns dez livros na cabeça, sem derrubar nenhum. Quando chegou ao caminho de pedra no outro lado, parou, virou-se e deu um sorriso encorajador. Hunter atravessou, virou-se e esperou ao lado dela na beirada.

— Viu? — disse Door.

Ela esticou a mão e apertou o braço de Richard.

— Está tudo bem — assegurou.

Richard concordou e engoliu em seco. *Tudo bem.*

Door atravessou. Não parecia estar gostando daquilo, mas atravessou mesmo assim. As três mulheres esperavam por Richard, que ficou lá parado. Ele percebeu, depois de algum tempo, que não caminhava sobre a prancha de

madeira, apesar das ordens de “andem!” que enviava para suas pernas.

Lá em cima, longe deles, alguém apertou um botão: Richard ouviu um ruído metálico e o barulho distante de um motor elétrico. A porta do elevador se fechou atrás dele, o que o deixou tentando equilibrar-se na plataforma estreita de madeira, apenas um pouco mais larga do que a própria prancha.

— Richard! Anda! — gritou Door.

O elevador começou a subir. Richard saiu da plataforma que balançava e foi para a prancha de madeira. Suas pernas viraram gelatina, e ele se viu de quatro sobre a prancha, agarrando-a como se fosse morrer. Havia uma pequena parte racional de sua mente que estava pensando no elevador: quem foi que o chamou? E por quê? O resto dela, no entanto, estava preocupada em dizer a todos os seus membros que agarrassem a prancha bem forte, e em gritar, no volume máximo que sua voz interior conseguia, “eu não quero morrer!”. Richard fechou bem os olhos, certo de que, se os abrisse e visse a parede de pedra abaixo de si, soltaria a prancha e cairia, cairia...

— Eu não tenho medo de cair — disse a si mesmo. — Eu tenho medo é da parte em que eu paro de cair.

Mas ele sabia que estava mentindo. Era a *queda* que ele temia — tinha medo de debater-se, de desabar indefeso pelo ar até o chão de pedra lá embaixo, sabendo que não havia nada que pudesse fazer para se salvar, que não havia nenhum milagre que pudesse tirá-lo dali...

Aos poucos, foi percebendo que alguém falava com ele.

— Apenas caminhe pela prancha, Richard — dizia a voz.

— Não... consigo... — sussurrou.

— Você passou por coisa pior para conseguir a chave — lembrou a voz. Era a voz de Door.

— Eu não sou muito bom com altura — enfatizou ele, obstinado, o rosto colado na prancha, batendo os dentes. — Quero ir pra casa.

Sentia a madeira pressionada contra o rosto. E então a prancha começou a balançar. Hunter gritou:

— Eu não sei quanto a prancha agüenta. Vocês duas, fiquem aqui para fazer contrapeso.

A prancha vibrou enquanto alguém andava sobre ela, na direção de Richard. Ele se segurava à madeira, de olhos fechados.

E então Hunter, em uma voz calma e confiante, disse em seu ouvido:

— Richard?

— Hum.

— Vá para a frente, Richard. Um pouquinho de cada vez. Vamos...

Seus dedos cor de caramelo acariciaram os dedos brancos de Richard, que seguravam a prancha com firmeza.

— Vamos.

Ele respirou fundo e se arrastou uns dois centímetros. Congelou de novo.

— Você está indo bem. Está ótimo. Vamos.

E de centímetro em centímetro, de pouquinho em pouquinho, ela fez com que ele se arrastasse ao longo da prancha. Até que, enfim, pegou-o, encaixando as mãos sob seus braços, e o colocou no chão firme.

— Obrigado — agradeceu Richard.

Não conseguia pensar em nada para dizer a Hunter que pudesse dar conta da gratidão que sentia pelo que ela acabara de fazer.

— Obrigado — repetiu.

E então disse, para todas elas:

— Me desculpem.

Door olhou para ele.

— Tudo bem. Você está a salvo, agora.

Richard olhou para aquela estrada em espiral, que descia cada vez mais mundo adentro, olhou para Hunter, Door e Lamia, e desatou a rir até chorar.

— Qual é a graça? — quis saber Door, quando, depois de um bom tempo, ele parou.

— Estou a salvo — disse, simplesmente.

Door ficou olhando para ele e também sorriu.

— E então? Para onde vamos agora? — perguntou Richard.

— Para baixo — respondeu Lamia.

Começaram a descer a Down Street. Hunter liderava o grupo, seguida de perto por Door. Richard caminhava ao lado de Lamia, respirando o aroma de lírio e madressilva que ela exalava, feliz com sua companhia.

— Obrigado por ter vindo com a gente — disse Richard. — Por ser nossa guia. Espero que isso não te traga azar nem nada do tipo.

Ela fixou nele seu olhar púrpura.

— E por que traria?

— Você sabe quem são os falantes de ratês?

— Claro.

— Havia uma moça falante de ratês chamada Anaesthesia. Ela... Bem, nós meio que ficamos amigos, e ela era minha guia para um determinado lugar. E aí ela foi raptada. Na Ponte da Noite. Fico tentando imaginar o que aconteceu com ela.

Lamia sorriu para ele, solidária.

— A minha gente também tem histórias assim. Algumas até podem ser

verdadeiras.

— Você precisa me contar essas histórias, então.

Estava frio. Ele via o vapor de seu próprio hálito no ar gelado.

— Um dia eu conto. Obrigada por terem me deixado vir com vocês.

O hálito dela não tinha vapor.

— É o mínimo que podemos fazer.

Door e Hunter fizeram a curva que havia à frente e saíram de vista. Richard disse:

— Acho que elas estão mais adiantadas que nós. Talvez seja bom a gente se apressar.

— Deixe elas irem — pediu Lamia, doce. — Depois a gente alcança.

Era estranho, pensou ele: a mesma sensação de quando ia ao cinema com uma garota na adolescência tomava conta dele agora. Ou, mais ainda, de quando, ao voltar para casa a pé depois do cinema, parava em um ponto de ônibus ou encostava em um muro para roubar um beijo, dar um amasso

apressado, perder-se em um enroscar de línguas, e depois se apressava para alcançar os amigos, que já estavam lá na frente.

Lamia percorreu seu dedo frio pelo rosto de Richard.

— Você é tão quente — comentou, admirada. — Deve ser maravilhoso ser quente assim.

Richard tentou parecer orgulhoso com o elogio.

— Ah, eu nunca reparei muito nisso, na verdade — admitiu.

Ouviu, distante, vindo de cima, o barulho metálico da porta de um elevador batendo.

Lamia se virou para ele com olhos doces e suplicantes.

— Você pode me dar um pouco do seu calor, Richard? Estou com tanto frio.

Ele ficou pensando se deveria beijá-la.

— O quê? Eu...

Ela parecia desapontada.

— Você não gosta de mim?

Ele esperava do fundo da alma que não a tivesse magoado.

— Claro que gosto de você — ouviu sua própria voz dizer. — Você é muito legal.

— Você nem está usando todo o seu calor, está?

— Acho que não...

— E você disse que me pagaria por ser sua guia. É isso que eu quero como pagamento. Um pouco do seu calor. Pode ser?

Claro. Qualquer coisa que ela quisesse. Qualquer coisa. O odor de madressilva e lírio o envolveu, e seus olhos não viram nada além de sua pele pálida, seus lábios cor de ameixa, e seus cabelos negros. Ele concordou. Algo dentro dele gritava, mas, o que quer que fosse, poderia muito bem esperar. Ela ergueu as mãos até o seu rosto e o puxou suavemente na sua direção. E então o beijou — um beijo longo, lânguido. Houve um momento de choque inicial, porque os lábios e a língua dela eram muito frios, mas em seguida ele se entregou por completo ao beijo.

Depois de certo tempo, ela se afastou.

Richard podia sentir o gelo em seus lábios. Recostou-se, meio tonto, na parede. Tentou piscar, mas era como se seus olhos estivessem congelados. Ela olhou para ele e sorriu, extasiada, a pele corada e os lábios muito vermelhos. Seu hálito evaporava no ar frio. Lambeu seus lábios vermelhos com uma língua escarlate. Richard sentia a visão escurecer. Achou ter visto um vulto escuro no canto de seu campo de visão.

— Quero mais — disse ela. E se aproximou dele.

* * *

Ele viu a Veludo puxar Richard para si para dar o primeiro beijo, viu a geada e o gelo se espalharem sobre a pele do rapaz. Viu quando ela o soltou, satisfeita. E então andou até ficar atrás dela e, quando ela se moveu para terminar o que havia começado, ele esticou a mão e a agarrou bem firme pelo pescoço, levantando-a do chão.

— Devolva. Devolva a vida dele — sussurrou em seu ouvido.

Ela reagiu como um gatinho que acabara de ser jogado numa banheira: contorcia-se, chiava, cuspia, arranhava. Mas não adiantou nada: ele a segurava bem firme pelo pescoço.

— Você não pode me obrigar — ralhou ela, em uma voz nem um pouco melodiosa.

Ele aumentou a pressão dos dedos.

— Devolva a vida dele — ordenou, com voz rouca e direta — ou quebro seu pescoço.

Lamia fez uma careta. Ele a empurrou na direção de Richard, que estava congelado e encolhido contra a parede de pedra.

Ela pegou a mão de Richard e expirou em seu nariz e sua boca. O vapor saía da sua boca e penetrava na dele. O gelo na pele de Richard começou a derreter; a geada em seu cabelo, a sumir.

Ele apertou o pescoço dela mais uma vez.

— Tudo, Lamia.

A Veludo então chiou feito um gato contrariado e abriu a boca mais uma vez.

Uma baforada fina de vapor passou de sua boca para a de Richard e desapareceu dentro dele. Richard piscou. O gelo em seus olhos tinha derretido e se transformado em lágrimas, que escorriam por seu rosto.

— O que ela fez comigo?

— Ela estava bebendo a sua vida — explicou o marquês de Carabas num sussurro rouco. — Roubando o seu calor. Transformando você numa coisa fria, feito ela.

O rosto de Lamia se contorceu como o de uma criancinha a quem foi negado o brinquedo favorito. Seus olhos violeta faiscavam.

— Eu preciso mais do que ele — choramingou.

— Eu pensei que você gostasse de mim — disse Richard, tolo.

De Carabas ergueu Lamia no ar com apenas uma mão e aproximou seu rosto do dela.

— Se você chegar perto dele de novo, você ou qualquer uma das Crianças Veludo, irei um dia até a sua caverna enquanto você estiver dormindo e vou queimar você. Entendeu?

Lamia fez um movimento afirmativo com a cabeça. Ele a soltou e ela caiu no chão. Quando ficou em pé e assumiu sua altura normal, que não era lá muita, ela jogou a cabeça para trás, altiva, e cuspiu com força no rosto do marquês. Suspendeu a parte da frente de seu vestido de veludo negro e subiu correndo para a prancha, os pés ecoando pelo caminho de pedra em espiral da Down Street. Com o dorso da mão, De Carabas limpou a saliva gelada que escorria por sua face.

— Ela ia me matar — balbuciou Richard.

— Não de imediato — disse o marquês, indiferente. — Mas você acabaria morrendo quando ela terminasse de devorar a sua vida.

Richard olhou para o marquês. Sua pele estava imunda e ele tinha uma cor meio parda por baixo da pele naturalmente escura. Sua casaca havia sumido: em vez dela, usava um cobertor velho jogado nos ombros, como um poncho, e, embaixo dele, tinha amarrado contra si algo volumoso — Richard não sabia o que era. Estava descalço e havia um pano descolorido enrolado em torno de seu pescoço, detalhe que Richard imaginou ser alguma afetação bizarra de elegância.

— A gente estava procurando você — disse Richard.

— E agora me acharam — retrucou o marquês com sua voz rouca, em um tom seco.

— A gente pensou que ia te ver no Mercado.

— É. Bom, algumas pessoas acharam que eu estava morto. Precisei ser

discreto.

— Por que... por que acharam que você estava morto?

De Carabas encarou Richard com olhos que tinham visto coisas demais, ido longe demais.

— Porque me mataram. Vamos, elas não devem estar muito longe.

Richard olhou pela lateral do caminho, para o outro lado do fosso central, e viu Door e Hunter no nível abaixo. Estavam olhando em volta — deviam estar procurando por ele, pensou. Gritou para elas, acenou, mas o som não chegou até lá. O marquês pôs uma mão no braço de Richard.

— Olhe ali.

Apontou para o nível abaixo delas. Algo se movia. Richard espremeu os olhos e conseguiu discernir dois vultos nas sombras.

— Croup e Vandemar. É uma emboscada — disse de Carabas.

— O que faremos?

— Corra! Vá avisá-las. Eu não consigo correr ainda... Vamos, corra,

ande!

E Richard correu. Correu o mais rápido que podia, com o máximo de força, descendo a estrada de pedra. Sentiu uma dor repentina no peito, uma pontada. Mesmo assim, forçou-se a correr.

Virou e viu todos ali.

— Hunter! Door! Cuidado! — gritou, ofegante.

Door se virou. O senhor Croup e o senhor Vandemar saíram de trás de uma pilastra. O senhor Vandemar pegou as mãos de Door em um movimento violento e as amarrou atrás dela com rapidez, usando um cordão de nylon. O senhor Croup segurava algo fino e comprido, coberto por um pano marrom que lembrava a capa com que o pai de Richard costumava envolver suas varas de pescar. Hunter ficou lá, parada, de boca aberta. Richard gritou:

— Hunter! Rápido!

Ela se virou e deu um chute em um movimento perfeito, quase de balé. O golpe atingiu o estômago de Richard. Ele caiu no chão, a vários metros de distância, retorcendo-se sem fôlego, dolorido.

— Hunter...?

— Sim, infelizmente — respondeu ela, e virou-se. Richard se sentia

enjoado e triste. A traição doía tanto quanto o chute no estômago.

Os dois assassinos ignoraram Richard por completo. O senhor Vandemar segurava os braços de Door, enquanto o senhor Croup ficava ali de pé, observando.

— Ah, não nos tome por vilões assassinos, senhorita — disse Croup, num tom casual. — Pense que fomos apenas contratados para acompanhá-la.

Hunter ficou encostada à parede de pedra, sem olhar para nenhum deles, e Richard permaneceu deitado no chão, retorcendo-se, tentando de alguma maneira fazer o ar chegar até seus pulmões. O senhor Croup se virou para Door e deu um sorriso largo, cheio de dentes.

— É isso mesmo, Lady Door. Estamos aqui para que você chegue a salvo ao seu destino.

Door o ignorou.

— Hunter, o que está acontecendo? — gritou ela. Ela não se mexeu nem respondeu.

O senhor Croup sorriu, orgulhoso.

— Antes que Hunter aceitasse trabalhar para você, ela concordou em trabalhar para o nosso chefe, tomando conta de você.

— Nós avisamos que havia um traidor — gralhou o senhor Vandemar. Jogou a cabeça para trás e uivou feito um lobo.

— Pensei que vocês estivessem falando do marquês.

O senhor Croup coçou seus cabelos alaranjados, em um gesto teatral.

— E por falar no marquês... Fico me perguntando onde ele estará. Meio *atrasado,* não é, senhor Vandemar?

— *Inteiro* atrasado, senhor Croup. Atrasado até não poder mais. O senhor Croup tossiu, em outro gesto teatral, e anunciou:

— Então, de agora em diante, teremos de chamá-lo "o falecido marquês de Carabas". Temo que ele esteja...

— Mortinho da silva — completou o outro.

Richard finalmente conseguiu fazer com que o ar chegasse a seus pulmões para dizer, ofegante:

— Sua traidora vagabunda.

Hunter dirigiu um olhar rápido para o chão.

— Sua revolta é compreensível — sussurrou.

— Bom, e a chave que você conseguiu com os Monges Negros. Quem está com ela? — perguntou Croup, dirigindo-se a Door.

— Está comigo — disse Richard. — Podem me revistar, se quiserem. Olha. Remexeu nos bolsos — percebendo algo duro e estranho em seu bolso de trás, mas não tinha tempo de ver o que era — e tirou de lá a chave da porta do seu velho apartamento. Conseguiu ficar em pé e cambaleou até os dois assassinos.

— Toma.

O senhor Croup ergueu a mão e pegou a chave.

— Vejo que quase fui vítima da imensa perspicácia do rapaz, senhor Vandemar.

Passou a chave para o senhor Vandemar, que a segurou entre o indicador e o polegar e a amassou como se fosse feita de papel alumínio.

— Você foi enganado de novo, senhor Croup.

— Acabe com ele, senhor Vandemar.

— Ah, com prazer, senhor Croup.

O senhor Vandemar deu um chute no joelho de Richard, que caiu no chão de dor. Podia ouvir a voz do senhor Vandemar, como se estivesse longe:

— As pessoas acham que é a força que faz o chute doer. Mas é *onde* você acerta. Quer dizer, esse aqui na verdade é um chute bem fraquinho...

Algo bateu no ombro esquerdo de Richard. Seu braço ficou dormente e uma onda intensa de dor começou a se espalhar em seu ombro. Era como se todo o braço estivesse pegando fogo e congelando ao mesmo tempo, como se alguém tivesse enfiado um dispositivo de descarga elétrica bem no fundo de sua carne e colocado na voltagem máxima. Richard gemeu. E o senhor Vandemar dizia:

— ...mas dói tanto quanto este aqui, que é bem mais forte...

E sua bota golpeou o flanco de Richard como uma bala de canhão. Richard podia ouvir seus próprios gritos.

— A chave está comigo!

Era a voz de Door.

— Se você tivesse um canivete suíço aí, eu te mostraria o que eu faço com cada peça dele. Até mesmo com o abridor de latas, a pinça e o palito de dente — disse o senhor Vandemar, prestativo.

— Deixe-o, senhor Vandemar. Teremos bastante tempo para os canivetes suíços depois. Ela está com o amuleto?

O senhor Croup remexeu nos bolsos de Door e tirou de lá uma estatueta esculpida em obsidiana: a pequena Besta que o anjo lhe dera. A voz de Hunter era baixa mas poderosa:

— E quanto a mim? E o meu pagamento?

O senhor Croup torceu o nariz. Jogou a capa protetora de vara de pescar para ela, que a pegou com uma só mão.

— Boa caçada — disse-lhe o senhor Croup.

E então ele e o senhor Vandemar viraram-se e começaram a descer o caminho em espiral da Down Street, com Door entre eles. Richard ficou deitado no chão, vendo-os ir embora, com uma terrível sensação de derrota se espalhando por todo o corpo.

Hunter se ajoelhou e começou a desatar as amarras da capa. Seus olhos

estavam arregalados e brilhantes. Richard sentia dor.

— O que é isso? Trinta moedas de prata[8]? — perguntou.

Ela puxou o objeto devagar de sua capa de tecido. Seus dedos acariciavam, roçavam, adoravam o instrumento.

— Uma lança — disse ela, com simplicidade.

Era uma lança feita de um metal de cor bronze. A lâmina era comprida e curvada como uma cris, afiada de um lado e serrilhada do outro. No cabo, verde por causa da oxidação, havia rostos esculpidos e ornamentos e arabescos estranhos. Tinha mais ou menos um metro e meio de comprimento, desde a ponta da lâmina até a extremidade do cabo. Hunter a tocava quase com reverência, como se fosse a coisa mais bela que já tinha visto na vida.

— Você traiu Door por causa de uma lança! — exclamou Richard.

Ela não disse nada. Molhou a ponta do dedo com sua língua rosa e passou suavemente na lâmina, experimentando seu corte. Sorriu de satisfação.

— Você vai me matar? — ele perguntou.

Richard se sentia surpreso por não estar mais com medo da morte — ou, pelo menos, com medo daquela morte.

Hunter então virou a cabeça e olhou para ele. Ela parecia mais viva do que ele jamais vira antes, mais bonita, mais perigosa.

— E que graça teria caçar você, Richard Mayhew? — perguntou ela com um sorriso luminoso. — Tenho animais maiores para matar.

— Esta é a lança com que você vai caçar a Grande Besta de Londres, não é?

Ela olhou para o objeto de um jeito como nenhuma mulher havia olhado para Richard.

— Dizem que nada resiste a ela.

— Mas Door confiava em você. *Eu* confiava em você.

Ela não estava mais sorrindo.

— Chega.

Lentamente, a dor começava a diminuir, localizando-se apenas no ombro, nas costelas e no joelho.

— E então, para quem você está trabalhando? Para onde estão levando Door? Quem está por trás disso tudo?

— Conte a ele, Hunter — disse a voz rouca do marquês de Carabas. Ele segurava uma arma, apontada para ela. Seus pés descalços estavam firmes no chão, e ele tinha uma expressão implacável no rosto.

— Fiquei imaginando se você estaria mesmo morto como Croup e Vandemar afirmaram — disse Hunter, sem olhá-lo. — Você me deu a impressão de ser alguém difícil de matar.

Ele inclinou a cabeça, em uma reverência irônica, mas seus olhos não se moveram e suas mãos ficaram no mesmo lugar.

— E você me dá a mesma impressão, minha cara. Mas talvez uma flecha enfiada na garganta e uma queda de centenas de metros possam provar que eu estou errado, não é? Coloque a lança no chão e afaste-se.

Ela pôs a lança no chão suavemente, com carinho, depois ficou em pé e deu um passo para trás.

— Pode dizer para ele, Hunter. Eu já sei. Descobri da pior maneira. Conte quem está por trás disso.

— Islington.

Richard balançou a cabeça com veemência, como se estivesse tentando espantar uma mosca.

— Não pode ser. Quer dizer, eu conheci Islington. Ele é um anjo.

E então, quase desesperado:

— Por quê?

Os olhos do marquês se mantinham fixos em Hunter, e a arma continuava apontada para ela.

— Bem que eu queria saber. Mas Islington está no fim da Down Street e por trás desta imundície toda. E entre nós e ele está o labirinto e a Besta. Richard, pegue a lança. Hunter, você vai na frente, por favor.

Richard pegou a lança e, desajeitado, usando-a como apoio, conseguiu ficar em pé.

— Você quer levar ela com a gente? — perguntou, confuso.

— Você prefere que ela venha atrás de nós? — retrucou o marquês, ríspido.

— Você pode matá-la.

— E vou, se não houver alternativa, mas detesto ter as opções reduzidas antes que seja mesmo necessário. E, de qualquer forma, a morte é algo tão derradeiro, não é?

— É?

— Às vezes — disse o marquês. E eles desceram.

DEZESSEIS

CAMINHARAM POR HORAS EM SILÊNCIO, DESCENDO PELO CAMINHO de pedra em espiral. Richard mancava. Além da dor que sentia, passava por um estranho estado de confusão física e mental: as sensações de derrota e traição se agitavam dentro dele, e isso (aliado à proximidade da morte quando estivera com Lamia, aos ferimentos causados por Vandemar e à experiência por que passara na prancha) o deixara em frangalhos. Mesmo assim, ele tinha certeza de que tudo aquilo devia ser ínfimo em comparação ao que quer que o marquês tivesse enfrentado. Por isso, ele não dizia nada.

De Carabas estava em silêncio, já que a tentativa de produzir qualquer som fazia sua garganta doer. Dava-se por satisfeito em deixá-la cicatrizar, e assim se concentrava em Hunter. Ele sabia que, se desviasse sua atenção por um segundo, ela perceberia, e então fugiria ou os atacaria. Por isso, ele não dizia nada.

Hunter andava um pouco à frente deles. Ela tampouco dizia algo.

Depois de algumas horas, chegaram ao fim da Down Street. A rua terminava em um enorme e colossal portão, construído com grandes blocos de pedra bruta. Uma obra feita por gigantes, pensou Richard. O portão o fazia lembrar aquelas antigas histórias de reis mortos da Londres mítica que

revirava em seu cérebro, aventuras do Rei Bran e dos gigantes Gog e Magog, que tinham mãos do tamanho de carvalhos e carregavam cabeças decepadas do tamanho de pequenas montanhas. O portão havia muito fora consumido pela ferrugem. Era possível ver seus fragmentos na lama do chão ou pendurados em uma dobradiça enferrujada, que era mais alta do que Richard.

O marquês fez um gesto para que Hunter parasse. Umedeceu os lábios e disse:

— Este portão marca o fim da Down Street e o começo do labirinto. Depois do labirinto, está o anjo Islington; dentro do labirinto, a Besta.

— Eu ainda não compreendo. Islington... Eu o conheci. Ele é um anjo. Digo, um anjo de verdade.

O marquês sorriu, mas sem humor.

— Quando os anjos ficam maus, Richard, eles se tornam piores do que qualquer um. Lembre-se: Lúcifer era um anjo.

Hunter, que observava Richard com seus olhos castanhos, disse:

— O lugar que você visitou era a fortaleza de Islington e também sua prisão. Ele não pode sair de lá.

Era a primeira coisa que ela dizia depois de horas de silêncio. De Carabas

se dirigiu a ela.

— Imagino que o labirinto e a Besta existam para desencorajar os visitantes.

Ela concordou:

— Também acho.

Richard se virou para o marquês, toda sua raiva, impotência e frustração saindo em um único ímpeto de fúria:

— Por que você continua falando com ela? Por que ela ainda está com a gente? Ela é uma traidora e tentou fazer a gente pensar que *você* era o traidor.

— E eu salvei a sua vida, Richard Mayhew — disse ela, com voz calma. — Muitas vezes. Na ponte. No vão do metrô. Naquela prancha lá em cima.

Ela o encarou, e foi Richard quem desviou o olhar.

Algo ecoou nos túneis: um grito ou um rugido. Richard sentiu um arrepio de terror na nuca. Estava bem longe, mas esse era o único fator que trazia algum conforto. Ele conhecia aquele som: já o tinha ouvido em seus sonhos, mas ali não parecia um touro nem um javali — parecia um leão. Ou um dragão.

— O labirinto é um dos lugares mais antigos da Londres-de-Baixo — contou o marquês. — Antes de o Rei Lud fundar uma vila na margem do Tâmisa, já havia um labirinto aqui.

— Imagino que não existia uma Besta — disse Richard.

— Não naquela época.

Richard hesitou por um momento. O rugido distante recomeçou.

— Eu... eu acho que tive sonhos com a Besta.

De Carabas ergueu uma sobrancelha.

— Que tipo de sonho?

— Sonhos ruins.

Por alguns instantes, o marquês refletiu, seus olhos se movendo inquietos. Então disse:

— Escuta, Richard. Vou levar Hunter. Mas se você quiser esperar aqui, bom, ninguém vai acusá-lo de covardia.

Richard balançou a cabeça. Às vezes não há nada a fazer.

— Eu não vou voltar. Não agora. Eles pegaram a Door.

— Ótimo. Vamos indo, então?

Os lindos lábios cor de caramelo de Hunter se abriram em um sorriso de escárnio.

— Você só pode estar louco para querer entrar aí. Você nunca vai conseguir achar o caminho nem passar pelo javali sem o talismã do anjo.

O marquês colocou a mão debaixo de seu cobertor-poncho e tirou de lá a pequena estatueta em obsidiana que tinha pegado no escritório do pai de Door.

— Você quer dizer um desses aqui?

Então de Carabas achou que a expressão no rosto de Hunter quase fez valer a pena tudo aquilo por que ele havia passado na semana anterior. Atravessaram o portão e entraram no labirinto.

* * *

Os braços de Door estavam atados às costas, e o senhor Vandemar andava atrás dela, com uma de suas mãos cheias de anéis descansando sobre seu ombro, empurrando-a pelo caminho. O senhor Croup seguia à frente, segurando alto o talismã que tinha pegado dela e lançando olhares para os lados, como uma doninha orgulhosa prestes a atacar um galinheiro.

O labirinto em si era de uma insanidade completa. Fora construído com fragmentos da Londres-de-Cima: vielas, ruas, corredores e esgotos que tinham sido esquecidos com o passar dos milênios e entraram para o mundo das coisas perdidas. Os três caminharam sobre seixos, lama, esterco de vários tipos e tábuas de madeira apodrecida. Andaram à luz do dia e da noite, atravessaram ruas iluminadas a gás e a sódio, e vielas iluminadas com tochas e archotes. Era um lugar que vivia mudando — e cada caminho se dividia, fazia uma volta e desembocava em si mesmo.

O senhor Croup sentia o talismã sendo puxado e deixou-se levar por ele. Desceram por uma pequena viela, que fora parte de um "cortiço" vitoriano — uma espécie de favela composta por porções iguais de roubo, bebedeira, pobreza e sexo — e então ouviram o animal, fungando e resfolegando próximo dali. A Besta urrou, um urro profundo, sombrio. O senhor Croup parou e depois correu adiante, subindo uma pequena escada de madeira. No fim da viela, parou, apertando os olhos para enxergar melhor, antes de guiar o grupo por uma escada que descia para um comprido túnel de pedra que certa vez atravessara os Fleet Marshes, na época dos Templários.

— Você está com medo, não é? — perguntou Door. Croup a fulminou com o olhar.

— Cale a boca.

Ela forçou um sorriso.

— Você está com medo que seu talismã não o deixe passar pela Besta. O que está tramando? Raptar Islington? Vender nós dois para quem pagar mais?

— Fique quieta — ordenou o senhor Vandemar.

Mas o senhor Croup apenas riu, e Door então soube que o anjo Islington não era amigo dele. Ela começou a gritar.

— Ei! Besta! Aqui!

O senhor Vandemar lhe deu uma bofetada no rosto e a jogou contra a parede.

— Eu disse para você ficar quieta — repetiu ele, com voz tranquila.

Ela sentiu sangue em sua boca e cuspiu na lama. Depois abriu os lábios para começar a gritar mais uma vez. O senhor Vandemar, já antecipando isso, tinha pegado um lenço do bolso e o enfiou na boca de Door. Ela tentou morder o seu dedo, mas isso não provocou nenhuma reação nele.

— Agora você vai ficar quieta.

O senhor Vandemar sentia muito orgulho de seu lenço, que tinha manchas verdes, marrons e pretas. Ele pertencera a um obeso vendedor de rapé da década de 1820, que morrera de apoplexia e fora enterrado com o lenço no bolso. O senhor Vandemar às vezes ainda encontrava restos do homem no lenço, mas ainda assim era, na sua opinião, um ótimo lenço.

Eles seguiram em silêncio.

* * *

Richard escreveu mais uma vez em seu diário mental. *Hoje,* pensou ele, *eu sobrevivi a andar numa prancha, ao beijo da morte e a uma demonstração prática sobre como causar dor a uma pessoa. Neste momento, estou atravessando um labirinto com um canalha biruta que voltou dos mortos e uma guarda-costas que revelou ser... bom, o contrário de uma guarda-costas. Eu me sinto como um peixe fora d'água, tanto que...* Ele não conseguia achar as metáforas certas. Richard tinha saído do mundo das metáforas e entrado naquele onde as coisas simplesmente *são,* e isso estava provocando mudanças nele.

Atravessaram uma passagem estreita cujo chão era úmido e pantanoso, entre paredes de pedra escura. O marquês segurava o talismã e a arma, tomando sempre o cuidado de caminhar o tempo todo a uns dez passos de distância de Hunter. Richard, bem mais à frente, carregava a lança da caçadora e um foguete de sinalização que de Carabas tinha guardado sob seu cobertor, e assim iluminava o caminho. O pântano exalava um cheiro forte e desagradável, e enormes mosquitos começaram a pousar nas pernas, nos braços e no rosto de Richard, dando-lhe picadas dolorosas e deixando marcas inchadas que coçavam. Nem Hunter nem o marquês haviam mencionado os mosquitos.

Richard começou a suspeitar que estivessem perdidos. E o fato de haver um grande número de pessoas mortas naquele pântano não ajudava em nada: corpos curtidos, como se estivessem embalsamados, ossos descoloridos e cadáveres pálidos, inchados de água. Há quanto tempo aqueles corpos estariam ali? Teriam sido mortos pela Besta ou pelos mosquitos? Não falou nada enquanto caminhavam, mas, depois de alguns minutos e muitas picadas, disse:

— Acho que estamos perdidos. Já passamos por aqui antes.

O marquês segurou no ar o talismã.

— Não. Está tudo bem. O talismã está nos levando adiante. É como se tivesse inteligência própria.

— Ah, sim — ironizou Richard, nem um pouco impressionado. — Muito inteligente.

Nesse instante, de Carabas pisou com seus pés descalços nas costelas de um cadáver meio enterrado, o que machucou seu calcanhar e o fez cair. A pequena estatueta foi arremessada pelos ares e caiu no pântano negro com o "plop" de satisfação que faz um peixe saltitante ao voltar para a água. O marquês se pôs de pé e apontou a arma para as costas de Hunter.

— Richard — gritou. — Eu deixei o talismã cair. Você pode voltar aqui?

Richard retornou, segurando o sinalizador e esperando ver o reflexo da chama na obsidiana, mas sem enxergar nada além da lama úmida.

— Mergulhe na lama e procure — pediu de Carabas. Richard resmungou.

— Você sonhou com a Besta, Richard. Você não quer encontrá-la, quer?

Richard não ficou pensando por muito tempo: enfiou o cabo da lança de bronze na superfície do pântano e colocou o sinalizador perto dela, iluminando a superfície da lama com uma luz âmbar intermitente. Ficou de quatro, procurando a estátua. Percorreu as mãos pela superfície do pântano, torcendo para não encontrar nenhum rosto ou mão de gente morta.

— Não adianta. Pode ter caído em qualquer lugar.

— Continue procurando.

Richard tentou se lembrar de como costumava achar as coisas. Primeiro,

esvaziou ao máximo seus pensamentos. Depois deixou seu olhar percorrer o pântano, vagando sem objetivo. Viu algo brilhando na superfície enlameada, à sua esquerda, a quase dois metros de distância. Era a estatueta.

— Estou vendo — gritou.

Caminhou na lama devagar, na direção dela. A pequena estátua reluzente estava de cabeça para baixo em uma poça de água escura. Talvez a aproximação de Richard tivesse ondulado a lama, mas o mais provável, e ele depois se convenceu disso, era que tudo acontecera pelo simples funcionamento das coisas do mundo material. O fato é que, qualquer que fosse a causa, ele estava quase alcançando a estatueta quando veio do pântano um som que parecia um ronco de um grande estômago, e uma enorme bolha de gás subiu à superfície e estourou, de maneira indecente e insalubre, ao lado do talismã, fazendo com que ele desaparecesse na água.

Richard chegou ao local onde o talismã estivera e enfiou os braços na lama, procurando de forma frenética, sem se importar com o que seus dedos pudessem encontrar. Mas não adiantou. Tinha desaparecido de vez.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Richard. De Carabas suspirou.

— Volte para cá. Vamos pensar em alguma coisa.

— É tarde demais — disse Richard, em voz baixa.

A Besta vinha na direção deles, tão lenta e pesada que ele achou por um milésimo de segundo que ela estivesse doente, velha, ou até morrendo. Foi o que ele pensou no começo. E então ele se deu conta da distância que ela

percorria enquanto se aproximava, seus cascos esparramando a lama e a água conforme avançava, e percebeu que estava errado ao pensar que ela era lenta. A uns dez metros deles, a Besta diminuiu o passo e parou, emitindo um grunhido. De seus flancos saía vapor. Ela rugiu. Um som de vitória, de desafio. Havia lanças quebradas, espadas despedaçadas e adagas enferrujadas cravadas por todo o seu corpo. A luz amarelada do foguete de iluminação brilhava em seus olhos vermelhos, nas presas, nos cascos.

A Besta abaixou sua enorme cabeça. Era algum tipo de javali, pensou Richard, e então percebeu que aquilo não fazia sentido: nenhum javali era tão grande. Ela tinha o tamanho de um boi, de um elefante, de uma vida inteira. Ficou olhando para eles, imóvel por cem anos, que se passaram em dez segundos.

Hunter se ajoelhou, em um movimento único, fluído, e tirou a lança fincada no pântano. A lama fez um ruído de sucção. E, em uma voz que era pura alegria, disse:

— Sim. Finalmente.

Ela tinha se esquecido dos outros por completo — esquecido de Richard na lama, do marquês e de sua arma idiota, do mundo. Estava maravilhada, pois fora transportada para o lugar perfeito, o mundo para o qual ela vivia, onde havia apenas duas coisas: Hunter e a Besta. A Besta também sabia disso. Era a batalha perfeita: a caçadora e a caça. E quem era quem, só o tempo poderia dizer — o tempo e a dança que fariam.

A Besta partiu para o ataque.

Hunter esperou até que pudesse ver a saliva branca pingando da boca do animal e, quando a Besta abaixou sua cabeça, ela a feriu com a lança. Mas,

quando tentou fincá-la no flanco do animal, percebeu que tinha se movido uma fração de segundo atrasada, e a lança caiu de suas mãos. Uma presa mais afiada do que a lâmina mais afiada do mundo abriu um corte no abdome de Hunter. Enquanto caía sob o peso absurdo do animal, sentiu cascos duros esmagando seu braço, seu quadril, suas costelas. E a Besta correu, desaparecendo na escuridão. A dança havia terminado.

* * *

O senhor Croup se sentia mais aliviado do que estava pronto a admitir por ter deixado o labirinto para trás. Saíram de lá intactos, assim como a prisioneira que levavam consigo. Chegaram a uma parede de pedra com uma porta dupla de carvalho bem no meio dela. Na lateral direita da porta havia um espelho oval.

O senhor Croup tocou o espelho com sua mão imunda. A superfície de vidro se tornou turva com o toque, fervilhou por um instante, borbulhando como um tanque de mercúrio fervente, e então voltou a ficar imóvel. De dentro do espelho, o anjo Islington olhava para eles. O senhor Croup pigarreou.

— Bom dia, senhor. Somos nós, e trouxemos a moça que o senhor nos pediu.

— E a chave?

Sua voz suave parecia vir de todas as direções.

— Está pendurada no pescoço de lírio da mocinha — respondeu o senhor Croup, em um tom que deixava transparecer sua ansiedade mais do que ele tencionava.

— Entrem, então — ordenou o anjo.

As portas de carvalho se abriram com as palavras dele, e eles entraram.

* * *

Tudo tinha sido muito rápido. A Besta saíra da escuridão, Hunter pegara a lança, a Besta se lançara na direção dela e desaparecera de novo no escuro.

Richard se esforçou para tentar ouvir algum ruído do animal. Não conseguia ouvir nada além de, mais perto dele, um leve gotejar e o zumbido alto e enlouquecedor dos mosquitos. Hunter jazia deitada de costas na lama. Um de seus braços estava retorcido em um ângulo estranho. Ele engatinhou

até ela pela lama.

— Hunter? Você pode me ouvir? — murmurou.

Houve uma pausa. Em seguida ele ouviu um sussurro tão baixinho que pensou que estivesse imaginando coisas.

— Sim...

De Carabas ainda estava a alguns metros de distância, imóvel, encostado a uma parede. Ele gritou:

— Richard! Não se mova. A criatura só está esperando a hora certa. Ela vai voltar.

Richard o ignorou. Falou com Hunter:

— Você...

Hesitou. Parecia algo tão idiota de perguntar, mesmo assim continuou.

— Você está bem?

Ela então riu, com lábios manchados de sangue, e balançou a cabeça para os lados.

— Existe algum tipo de médico por aqui? — perguntou Richard ao marquês.

— Não médicos como você conhece. Temos alguns curandeiros, sanguessugas...

Hunter então tossiu e fez uma careta de dor. Sangue arterial, de um vermelho vivo, escorria do canto de sua boca. De Carabas se aproximou um pouco mais deles.

— Você guarda a sua vida em algum lugar, Hunter? — perguntou.

— Eu sou uma caçadora — sussurrou ela, em tom de desdém. — Não faço esse tipo de coisa...

Aspirou ar para dentro dos pulmões com dificuldade, depois expirou, como se o simples ato de respirar exigisse muito dela, e disse:

— Richard, você já usou uma lança?

— Não.

— Toma.

— Mas...

— Vamos. — Ela falava baixo, em tom de urgência. — Pegue a lança. Segure pela parte que não corta.

Richard fez o que ela pediu.

— Isso eu já sabia — ele disse.

O vislumbre de um sorriso pairou sobre o rosto dela.

— Eu sei.

— Escuta... — começou Richard, sentindo-se, não pela primeira vez, como a única pessoa sã em um hospício. — Por que nós não ficamos bem quietos, sem fazer barulho? Talvez ela vá embora. Só precisamos buscar ajuda.

E, não pela primeira vez, a pessoa com quem ele falava o ignorou por completo.

— Eu fiz uma coisa ruim, Richard Mayhew — sussurrou ela, com voz triste. — Fiz uma coisa muito ruim. Porque eu queria matar a Besta. Porque eu precisava da lança.

E então, inesperadamente, ela começou a se levantar. Richard não tinha percebido o quanto ela estava ferida, nem conseguia imaginar a dor que sentia. Mas podia ver seu braço direito pendurado, inútil, e um repugnante pedaço de osso atravessando sua pele. Havia sangue escorrendo de um corte na barriga. Suas costelas pareciam *desconjuntadas*.

— Pare com isso. Abaixe-se — ele disse, sussurrando, em vão.

Com a mão esquerda, Hunter tirou uma faca de seu cinto e, em seguida, passou-a para a mão direita, fechando os dedos já dormentes em volta do cabo.

— Eu fiz uma coisa ruim — repetiu ela. — E agora vou reparar o que fiz.

Ela começou a fazer um som de "mmmm", alto e baixo, até encontrar a nota que fazia as paredes, os canos e a sala reverberarem, e ficou cantarolando naquele tom até que sentiu todo o labirinto ecoando. E então, sugando o ar para dentro de suas costelas arrebentadas, gritou:

— Ei, grandalhão! Cadê você?

Não houve resposta. Nenhum barulho além do gotejar. Até os mosquitos estavam em silêncio.

— Talvez a Besta... tenha ido embora — disse Richard, segurando tão firme a lança que suas mãos doíam.

— Duvido — murmurou de Carabas.

— Vamos, seu desgraçado — gritou Hunter. — Você está com medo?

Ouviu-se um forte rugido à frente deles, e a Besta saiu da escuridão, partindo de novo para o ataque. Dessa vez, eles não podiam errar.

— A dança não terminou ainda — sussurrou Hunter.

Enquanto a Besta se aproximava, com os chifres abaixados, ela gritou:

— Agora, Richard! Ataque! De baixo para cima! *Agora!*

A Besta a atingiu e suas palavras se transformaram em um grito.

Richard viu a Besta sair da escuridão e entrar na luz que emanava do sinalizador. Tudo aconteceu muito devagar, como em um sonho. Como em seus sonhos. A Besta estava tão perto que ele conseguia sentir o fedor de fezes e sangue, tão perto que sentia seu calor. E Richard a atingiu com a lança, com o máximo de força que conseguia, enfiando-a em seu flanco e deixando-a

afundar na carne.

Ouviu-se um grito, ou um rugido, de angústia, ódio, dor. E em seguida fez-se silêncio.

Richard podia ouvir seu próprio coração ecoando em seus ouvidos e o gotejar constante. Os mosquitos voltaram a zumbir. Percebeu que ainda estava segurando com firmeza o cabo da lança, embora a lâmina estivesse fincada bem fundo no corpo da Besta imóvel. Soltou a arma e andou aos trancos ao redor da fera, procurando por Hunter. Ela estava presa embaixo do animal.

Ocorreu-lhe que, se a movesse, puxando-a, ele poderia matá-la. Então, concentrou suas forças e empurrou o flanco morno do animal. Era o mesmo que tentar empurrar um tanque de guerra, mas ele acabou por conseguir fazer com que o cadáver rolasse e saísse de cima dela.

Hunter estava deitada de costas, com os olhos abertos e fixos na escuridão acima dela, desfocados. Richard soube, então, que ela não estava enxergando.

— Hunter?

— Eu ainda estou aqui, Richard Mayhew.

Sua voz soava quase distante. Ela não tentou buscá-lo com os olhos, não tentou focalizar em nada.

— Ela morreu? — perguntou.

— Acho que sim. Não está se movendo.

Então ela riu. Era uma risada estranha, como se tivesse acabado de ouvir a piada mais engraçada que já contaram para uma caçadora. E, entre os espasmos do riso, e da tosse úmida e rouca que o interrompeu, ela contou-lhe por que ria.

— Você matou a Besta. Agora você é o maior guerreiro da Londres-de-Baixo. *O Guerreiro*...

Ela parou de rir.

— Não consigo sentir minhas mãos. Pegue a minha mão direita.

Richard tateou embaixo do corpo da Besta e envolveu os dedos frios de Hunter em sua mão. Os dedos dela de repente pareciam muito pequenos.

— Eu ainda estou segurando uma faca? — sussurrou ela.

— Sim.

Ele podia sentir a faca, fria e pegajosa.

— Pegue. É sua.

— Eu não quero a sua...

— *Pegue.*

Ele abriu os dedos dela e tirou a faca.

— É sua, agora — sussurrou Hunter.

Nada se mexia, com exceção de seus lábios. Seus olhos estavam ficando embaçados.

— Ela sempre cuidou de mim. Limpe meu sangue dela... Não deixe a lâmina enferrujar... Um caçador sempre cuida de suas armas.

Ela tentou aspirar o ar.

— Agora... toque o sangue da Besta... Ponha um pouco nos olhos e na língua...

Richard não sabia se tinha escutado direito, nem acreditava no que tinha ouvido.

— O quê?

Ele não percebera que o marquês havia se aproximado. De Carabas falou, então, em seu ouvido:

— Obedeça. Ela está certa. Isso vai guiar você pelo labirinto. Vamos.

Richard colocou sua mão na lança, seguiu o cabo até a pele da Besta e o sangue morno e pegajoso. Sentindo-se meio idiota, tocou sua língua, percebendo o sal no sangue da criatura. Para sua surpresa, não achou aquilo repulsivo. Parecia algo muito natural, como sentir o gosto do oceano. Tocou os olhos com os dedos ensanguentados, e eles arderam como se tivesse pingado suor neles.

— Pronto — disse Richard.

— Que bom — sussurrou Hunter. E não falou mais nada.

O marquês de Carabas esticou a mão e fechou os olhos dela. Richard limpou a faca em sua camisa. Foi o que ela mandou fazer. Ele obedecia: assim não tinha que pensar.

— Melhor irmos — disse o marquês, levantando-se.

— Não podemos deixá-la aqui.

— Podemos, sim. Depois voltamos para pegar o corpo.

Richard poliu a lâmina o melhor que pôde em sua camisa. Ele estava chorando, mas não havia percebido.

— E se não houver “depois”?

— Então espero que alguém cuide de nossos cadáveres. Incluindo o de Lady Door. Ela já deve estar cansada de esperar por nós.

Richard olhou para baixo. Limpou um resto do sangue de Hunter que havia na lâmina e pôs a faca em seu cinto. E assentiu.

— Vá na frente — disse de Carabas. — Vou tentar ficar o mais próximo de você que conseguir.

Richard hesitou por um instante, e então correu, o mais rápido que pôde.

* * *

Talvez fosse o sangue da Besta, porque, sem dúvida, não havia outra explicação. Qualquer que fosse o motivo, ele corria pelo labirinto, que não apresentava mais nenhum mistério. Sentia que conhecia cada curva, cada caminho, cada viela, cada rua, cada túnel. Correu, tropeçando, caindo, e ainda assim continuava, exausto, o sangue pulsando em suas têmporas. Os versos apareceram em sua mente enquanto corria, marcando e ecoando o ritmo de seus pés. Era algo que ele ouvira na infância.

Nesta noite, nesta noite

E em todas as outras noites

O calor do lar e a luz das velas

E Cristo receberá tua alma.

As palavras iam e voltavam, solenes, em sua cabeça.

O calor do lar e a luz das velas...

No fim do labirinto, encontrou uma parede íngreme de granito, com uma porta dupla de madeira, fechada. Havia um espelho oval em uma das portas. Ele tocou a madeira e a porta abriu, silenciosamente, apenas com seu toque.

Richard entrou.

DEZESSETE

RICHARD SEGUIU O CAMINHO ENTRE AS VELAS ACESAS, QUE O LEVOU pelas catacumbas do anjo até o Salão Principal. Ele reconheceu o ambiente: fora ali que eles beberam o vinho de Islington. Ali estavam o octógono de pilastras que sustentava o teto de pedra, a grande porta de pedra e metal, a velha mesa de madeira, as velas.

Door estava acorrentada entre os dois pilares ao lado da porta de sílex e prata, com os membros afastados. Quando Richard entrou, ela olhou para ele. Seus olhos delicados de uma cor estranha estavam arregalados, assustados. O anjo Islington, em pé ao lado dela, virou-se e sorriu para Richard. Isso era o mais assustador de tudo: a terna compaixão, a doçura naquele sorriso.

— Entre, Richard Mayhew. Entre — disse o anjo Islington. — Deus do céu. Você está com uma aparência horrível.

O tom de preocupação em sua voz era genuíno. Richard hesitou.

— Por favor — pediu o anjo, fazendo um gesto com seu dedo pálido para que ele entrasse. — Acho que todos aqui já se conhecem. Você conhece Lady

Door, é claro, e meus parceiros, o senhor Croup e o senhor Vandemar.

Richard se virou. Croup e Vandemar estavam cada um de um lado seu. O senhor Vandemar sorriu. O senhor Croup, não.

— Eu esperava que você fosse aparecer — continuou o anjo. Depois inclinou a cabeça e perguntou: — Onde está Hunter?

— Ela morreu.

Richard ouviu Door emitir um som de surpresa.

— Ah. Pobrezinha — disse Islington.

Balançou a cabeça, triste, sem dúvida lamentando a morte absurda que tinham que enfrentar os seres humanos, a fragilidade de todos os mortais que nascem para sofrer e morrer.

— É a vida... Sacrifícios são necessários — comentou o senhor Croup, alegre.

Richard fez o máximo para os ignorar.

— Door? Você está bem?

— Mais ou menos. Pelo menos até agora. Obrigada.

Seu lábio inferior estava inchado e havia um hematoma em seu rosto.

— Infelizmente a senhorita Door está sendo um pouco intransigente. Eu estava discutindo se devo pedir ao senhor Croup e ao senhor Vandemar... — contou o anjo.

O anjo fez uma pausa. Sem dúvida havia coisas que ele não achava de bom tom dizer.

— Para torturá-la — sugeriu o senhor Vandemar, prestativo.

— Afinal, somos famosos em todo o mundo por nossa habilidade nas artes da tortura.

— Sabemos como machucar as pessoas — esclareceu o senhor Vandemar.

O anjo continuou, os olhos fixos em Richard enquanto falava, como se não ouvisse o que eles diziam.

— Mas, apesar disso, a senhorita Door não me parece alguém que muda

de ideia com facilidade.

— Se você nos der tempo, a gente consegue quebrar essa determinação dela — disse o senhor Croup.

— Em pedacinhos — completou o senhor Vandemar.

Islington balançou a cabeça e sorriu, tolerante, para toda aquela demonstração de entusiasmo.

— Não há tempo — disse o anjo para Richard. — Contudo, ela me parece alguém que sem dúvida agiria para evitar a dor e o sofrimento de um amigo, um mortal como você, Richard...

Então o senhor Croup atingiu Richard no estômago, um golpe rápido e certeiro na barriga, e Richard se dobrou em dois. Sentiu os dedos do senhor Vandemar em sua nuca, puxando-o para ficar de novo em pé.

— Isso é errado! — gritou Door. Islington parecia pensativo.

— Errado? — repetiu ele, intrigado, mas achando aquilo divertido.

O senhor Croup puxou a cabeça de Richard para perto de si e deu seu sorriso de lápides.

— Ah, ele está tão além do certo e do errado que não conseguiria enxergar os dois nem com um telescópio numa noite de Lua cheia — disse. — E agora, senhor Vandemar, queira por favor dar início aos trabalhos.

O senhor Vandemar pegou o dedo mínimo da mão esquerda de Richard entre os seus dedos enormes e o dobrou para trás, até quebrá-lo. Richard gritou.

O anjo se virou, devagar. Parecia distraído com alguma coisa. Piscou seus olhos cinzentos, cor de pérola.

— Há alguém lá fora. Senhor Croup?

Viu-se um brilho escuro no lugar onde o senhor Croup estivera, e ele já não estava mais lá.

* * *

O marquês de Carabas estava encostado na parede de granito vermelho, olhando para as portas de carvalho que levavam até os aposentos de

Islington.

Diversos planos e ideias fervilhavam em sua cabeça, e ele eliminava cada um deles assim que os imaginava na prática. Achou que saberia o que fazer quando chegasse ali, mas descobrira, para seu desgosto, que não tinha a menor ideia. Não havia mais favores a cobrar, alavancas a puxar ou botões a apertar — então ele examinou as portas e ficou imaginando se alguém as vigiava, se o anjo saberia se alguém as abrisse. Sem dúvida deveria haver alguma solução em que ele não havia pensado. Se ele conseguisse concentrar-se o suficiente, talvez tivesse uma ideia. Pelo menos, refletiu, animando-se um pouco, o elemento-surpresa estava a seu lado.

Isso até sentir a ponta fria da faca afiada perto de sua garganta e ouvir a voz oleosa do senhor Croup sussurrando em seu ouvido:

— Eu já matei você uma vez hoje. Será que nunca aprende?

Quando o senhor Croup voltou, com uma faca nas costas do marquês, Richard estava agrilhoado e acorrentado entre um par de pilares de ferro. O anjo olhou para de Carabas desapontado e balançou sua bela cabeça com suavidade.

— Vocês me disseram que ele estava morto.

— Ele está — disse o senhor Vandemar.

— Estava — corrigiu o senhor Croup.

A voz do anjo ficou um pouquinho menos suave e compassiva:

— Não tolerarei mentiras.

— Nós não mentimos — retrucou Croup, parecendo ofendido.

— Mentimos sim — emendou o senhor Vandemar.

O senhor Croup passou uma mão suja em seus imundos cabelos ruivos, em um gesto de agonia.

— Sim, nós mentimos. Mas não desta vez.

A dor que Richard sentia na mão parecia não ter fim.

— Como você pode se comportar desse jeito? — perguntou Richard, zangado. — Você é um anjo!

— O que foi que eu te disse? — lembrou o marquês, ríspido. Richard pensou.

— Que Lúcifer era um anjo.

Islington sorriu, com ar de superioridade.

— Lúcifer? Lúcifer era um idiota. Acabou como o senhor e mestre de nada.

O marquês sorriu.

— E você acabou sendo senhor e mestre de dois assassinos e uma sala cheia de velas?

O anjo umedeceu os lábios:

— Me disseram que isso era minha punição por Atlântida. Eu disse a eles que não havia nada que eu pudesse fazer. Foi uma...

Fez uma pausa, como se estivesse buscando a palavra correta. E então completou:

— ...fatalidade.

— Mas bilhões de pessoas morreram — disse Door.

Islington pôs as mãos em seu peito, como se estivesse posando para um cartão de Natal.

— Essas coisas acontecem — explicou, com ar racional.

— Claro que acontecem — comentou o marquês com voz gentil, a ironia implícita nas palavras, não em sua voz. — Cidades afundam todos os dias. E você não teve nada a ver com a história?

Foi como se alguém tivesse tirado a tampa de um lugar escuro e repleto de confusão, um lugar de loucura, fúria e completa maldade. E, em um ambiente em que havia coisas tão assustadoras, aquela era a mais aterrorizante que Richard tinha visto. A beleza serena do anjo se desfez: seus olhos brilharam e ele gritou para eles, insano, assustador, incontrolável, completamente seguro de que estava certo:

— *Eles mereceram!*

Houve um momento de silêncio. O anjo abaixou a cabeça, suspirou, ergueu-a novamente e repetiu, com voz suave e lamuriosa:

— Essas coisas acontecem.

E então apontou para de Carabas e ordenou:

— Prendam-no com as correntes.

Croup e Vandemar prenderam grilhões nos pulsos do marquês e fixaram as correntes aos pilares, ao lado de Richard. O anjo voltou sua atenção para Door. Foi até ela, esticou a mão, pegou seu queixo, ergueu sua cabeça e olhou bem em seus olhos.

— A sua família. Você vem de uma família muito diferente. Bastante notável — disse, com voz suave.

— Então por que mandou matar a gente?

— Nem todos.

Richard pensou que ele estivesse se referindo a Door, mas então o anjo continuou:

— Havia a possibilidade de que você talvez... não conseguisse.

Soltou o queixo de Door e acariciou seu rosto com seus dedos longos e brancos:

— A sua família tem o poder de abrir portas. Vocês podem criar portas onde elas não existem. Podem destrancar portas que estão trancadas. Abrir portas que nunca deveriam ser abertas.

Percorreu os dedos pelo pescoço de Door, suavemente, como em uma carícia, e então fechou a mão sobre a chave pendurada em seu pescoço.

— Quando fui condenado a ficar aqui, colocaram uma porta em minha prisão. Levaram embora a chave, mas a deixaram aqui embaixo também. Uma forma sofisticada de tortura.

Puxou com cuidado a corrente, tirando-a de sob as camadas de seda, algodão e renda que eram as roupas de Door, e revelou a chave prateada. Percorreu seus dedos sobre a superfície da chave, como se estivesse explorando seus segredos.

Richard então compreendeu.

— Os Monges Negros estavam guardando a chave fora do seu alcance.

Islington a soltou. Door estava acorrentada ao lado da porta feita de sílex negro e prata enegrecida. O anjo colocou uma mão pálida sobre a porta escura.

— Fora do meu alcance — concordou Islington. — Uma chave. Uma porta. Alguém para abrir a porta. E preciso haver os três: uma brincadeira de muito bom gosto. A ideia era que, quando eles decidissem que eu poderia ser perdoado e libertado, enviariam alguém para abrir a porta e me dariam a chave. Mas decidi eu mesmo cuidar do assunto. Vou sair daqui um pouco mais cedo.

Virou-se para Door. Acariciou a chave mais uma vez. E então fechou a mão sobre ela e puxou com força a corrente, que arrebentou. Door fez uma careta de dor.

— Primeiro falei com o seu pai — prosseguiu o anjo. — Ele se preocupava com o Submundo. Queria unir a Londres-de-Baixo, unir os reinos e baronatos, talvez até mesmo criar algum laço com a Londres-de-Cima. Eu lhe disse que o ajudaria se ele me ajudasse. Contei a ele que tipo de ajuda eu precisava e ele riu de mim.

Repetiu as últimas palavras, como se ainda achasse impossível acreditar naquilo.

— Ele riu. De mim.

Door balançou a cabeça, desolada.

— Você o matou porque ele recusou o seu pedido?

— Eu não o matei — corrigiu Islington, com educação. — Pedi que o matassem.

— Mas ele disse que eu podia confiar em você. Me disse para vir aqui. Estava no diário dele.

O senhor Croup começou a rir.

— Não, não disse. Nunca disse. Fomos nós. O que foi mesmo que ele disse, senhor Vandemar?

— Door, minha filha, não confie em Islington — disse o senhor Vandemar, com a voz do pai dela. Era exatamente a mesma voz. — Ele deve estar por trás de tudo isso. Islington é perigoso, Door. Fique longe dele...

O anjo acariciou o rosto de Door com a chave.

— Achei que a minha versão faria você vir para cá mais rápido.

— Nós pegamos o diário, alteramos e colocamos de volta no lugar.

— Para onde vai essa porta? — gritou Richard.

— Para casa.

— Para o Céu?

Islington não respondeu. Apenas sorriu.

— Fico pensando... Será que não vão perceber que você voltou? — perguntou o marquês em tom de escárnio. — Ou eles vão só dizer “Ah, olha lá, mais um anjo ali. Vamos pegar nossas harpas e cantar nossos hinos” ?

Os olhos cinzentos de Islington estavam claros, luminosos.

— A agonia da adulação, dos hinos, dos halos, das preces vaidosas não é para mim. Eu tenho... meus próprios planos.

— Bom, agora você tem a chave — disse Door.

— E tenho você. Você é quem abre portas. Sem você, a chave é inútil. Abra a porta para mim.

— Você matou a família dela — disse Richard. — Mandou seus capangas a perseguirem por toda a Londres-de-Baixo. Agora você quer que ela abra uma porta para que você possa invadir o Céu sozinho? Você não tem muita noção das coisas, não é? Ela nunca vai fazer isso.

O anjo olhou para ele com olhos mais antigos que a Via Láctea. E murmurou:

— Oh, céus.

E virou as costas, como se não estivesse preparado para ver as coisas desagradáveis que iam acontecer.

— Vamos machucá-lo mais um pouco, senhor Vandemar. Corte a orelha dele — ordenou o senhor Croup.

O senhor Vandemar ergueu a mão. Estava vazia. Fez um movimento quase imperceptível com o braço, e uma faca apareceu.

— Eu disse que um dia você ia descobrir o sabor do seu próprio fígado — disse ele para Richard. — Este é o dia.

Deslizou a lâmina da faca com suavidade sob o lóbulo da orelha de Richard. Ele não sentiu nenhuma dor — talvez, pensou, já tivesse sentido dor demais naquele dia, talvez a lâmina estivesse afiada demais para que ele sentisse dor. Mas percebeu o sangue quente escorrendo de sua orelha para seu pescoço. Door o observava. Seu rosto delicado de elfo e seus grandes olhos cor de opala encheram sua visão. Tentou enviar mensagens mentais a ela. *Agüente firme. Não faça o que eles querem. Eu vou ficar bem.* Então o senhor Vandemar colocou um pouco mais de pressão na faca, e Richard reprimiu um grito. Tentou não fazer nenhuma careta de dor, mas outro golpe da lâmina fez com que ele contorcesse o rosto e gemesse.

— Mande eles pararem! Eu abro a porta — pediu Door.

Islington fez um gesto cortês, e o senhor Vandemar soltou um suspiro de pena, afastando a faca. O sangue quente caía no pescoço de Richard e fazia uma poça no vão entre suas clavículas. O senhor Croup foi até Door e soltou sua mão direita. Ela ficou lá, de pé, esfregando o punho, emoldurada pelos pilares. Ainda estava acorrentada pela mão esquerda, mas tinha certa liberdade de movimento. Esticou a mão aberta, pronta para receber a chave.

— Lembre-se de que seus amigos estão em meu poder — disse Islington. Door olhou para ele com desprezo. Era, sem dúvida, a filha mais velha de Lorde Portico.

— Me dê a chave.

O anjo passou a chave para ela.

— Door! — gritou Richard. — Não faça isso. Não o liberte. Nós não somos tão importantes assim.

— Na verdade, eu sou *muito* importante — retrucou o marquês. — Mas concordo. Não abra a porta.

Ela olhava para os dois amigos, e seus olhos se demoraram nas mãos presas nos grilhões, nas pesadas correntes que os prendiam aos pilares de ferro. Ela parecia muito frágil e vulnerável. Virou-se, caminhou o máximo que a corrente permitia, até ficar de frente para a porta de sílex e prata enegrecida. Não havia fechadura. Ela colocou a palma da mão direita sobre a porta e fechou os olhos, deixando que lhe dissesse para onde ia, o que podia fazer, achando os lugares dentro de si mesma que correspondiam aos da porta. Quando retirou a mão, havia uma fechadura. Uma luz branca saía do pequeno buraco, clara e precisa como um raio laser na escuridão mal iluminada pelas velas.

A moça enfiou a chave prateada na fechadura. Houve uma pausa, e então ela girou a chave. Ouviu-se um “clique”, um barulho de sinos, e de repente a porta foi emoldurada por uma luz.

— Quando eu partir — disse o anjo para os assassinos, com uma voz muito calma, cheia de bondade e compaixão —, matem todos eles, do jeito que quiserem.

Virou-se para a porta, que estava sendo aberta lentamente por Door, como se oferecesse grande resistência. A garota suava.

— Bom, então o chefe de vocês está indo embora — comentou o marquês, dirigindo-se ao senhor Croup. — Espero que ele tenha pagado todos os seus honorários.

Croup olhou para de Carabas e disse: — Hã?

— Bom, vocês não acreditam que vão vê-lo de novo, não é? — reforçou Richard, tentando imaginar qual seria a intenção do marquês, mas entrando no jogo.

O senhor Vandemar piscou os olhos, devagar, como uma câmera fotográfica antiga, e disse: — Hã?

O senhor Croup coçou o queixo e dirigiu-se ao senhor Vandemar:

— Sim, os futuros cadáveres têm razão.

Foi até o anjo, que estava em pé, com os braços cruzados, em frente à porta.

— Hã... meu senhor? Talvez seja bom o senhor acertar conosco antes de dar início ao próximo estágio de sua viagem.

O anjo se virou e olhou-o como se ele fosse a coisa mais insignificante do mundo. Virou as costas. Richard ficou imaginando o que ele estaria contemplando.

— Isso não importa agora. Logo, todas as recompensas que suas mentes vis desejarem serão suas. Quando eu estiver em meu trono.

— Quem espera sempre alcança, hein? — provocou Richard.

— Não gosto de esperar — respondeu o senhor Vandemar. — Fico entediado.

O senhor Croup balançou o dedo na direção do senhor Vandemar.

— Ele está passando a gente pra trás. Ninguém passa o senhor Croup e o senhor Vandemar para trás, meu jovem. Nós cobramos o que nos devem.

O senhor Vandemar se aproximou do senhor Croup:

— *Tudo* o que nos devem.

— Com juros — vociferou o senhor Croup.

— Os ganchos pra pendurar carne estão inclusos no pacote — completou o senhor Vandemar.

— Vocês cobram coisas no Céu? — perguntou Richard, atrás deles. Os assassinos foram até o anjo, contemplativo.

— Ei! — chamou o senhor Croup.

A porta estava aberta — só uma fresta, mas estava aberta. A luz que saía de lá inundava a sala. O anjo deu um passo à frente. Era como se estivesse sonhando acordado. A luz que vinha da fenda banhava seu rosto, e ele a bebia como se fosse vinho.

— Não temam. Quando toda a criação for minha, e todos se juntarem ao meu redor no trono para cantar hinos em meu nome, recompensarei os justos e destruirei aqueles que considero abomináveis.

Concentrando suas forças, Door conseguiu abrir por completo a porta negra. A visão era tão intensa que cegava: um turbilhão vertiginoso de cores e luzes. Richard semicerrou as pálpebras e virou a cabeça para evitar aquele clarão, que tinha uma horrível cor laranja e roxa. *É assim que é o Céu? Parece mais o Inferno.*

E então sentiu o vento.

Uma vela passou voando por sua cabeça e desapareceu porta adentro. E mais outra. O ambiente ficou cheio de velas que giravam pelo ar, na direção da luz. Era como se toda a sala estivesse sendo sugada pela porta. Mas era mais do que um simples vento. Richard sabia. Seus pulsos começaram a doer por causa dos grilhões — era como se, de uma hora para outra, ele pesasse duas vezes mais. De repente, percebeu que estava enganado sobre o que estava acontecendo. O que ele via pela porta era algo que ia para *baixo:* não era apenas o vento que puxava tudo na direção da porta — mas a gravidade. O vento era apenas o ar na sala que estava sendo sugado para o lugar que ficava do outro lado da porta. Ficou tentando imaginar o que haveria lá — talvez uma estrela, ou um buraco negro, ou alguma outra coisa que ele não conseguia imaginar.

Islington agarrou o pilar ao lado da porta, segurando-o com desespero.

— Não é o Céu! — gritou ele. Seus olhos cinzentos faiscavam, e escorria cuspe daqueles lábios perfeitos. — Sua bruxa maldita! O que você fez?

Door segurava com firmeza as correntes que a prendiam ao pilar negro, e seus dedos já estavam brancos de tanta pressão. Havia um ar de triunfo em seus olhos. O senhor Vandemar agarrou a perna da mesa, e o senhor Croup, por sua vez, agarrou o senhor Vandemar.

— Não era a chave verdadeira — gritou Door, vitoriosa, mais alto que a ventania. — Era só uma cópia da chave que Hammersmith fez para mim no Mercado.

— Mas a chave abriu a porta — gritou o anjo.

— Não — disse com voz fria a menina de olhos cor de opala. — *Eu* abri a porta. E ela vai dar no lugar mais distante e horrível que consegui.

Não havia mais nenhum traço de bondade ou compaixão no rosto do anjo, somente o mais puro, sincero e gélido ódio.

— Eu mato você — gritou Islington para ela.

— Como você fez com a minha família? Acho que você não vai matar mais ninguém.

O anjo estava pendurado no pilar, os dedos embranquecidos pelo esforço, mas seu corpo estava a noventa graus do chão, metade dele já dentro da porta. A situação parecia ao mesmo tempo cômica e terrível.

— Pare! Feche a porta. Eu conto onde está a sua irmã... ela ainda está viva...

Door o ignorou.

E Islington foi sugado pela porta: parecia cada vez menor, diminuindo à medida que caía no abismo luminoso. A força que os puxava estava aumentando. Richard rezou para que suas correntes e grilhões o mantivessem preso. Podia sentir que estava sendo sugado para a porta e, com o canto dos

olhos, viu o marquês pendurado em suas correntes, feito uma marionete sendo sugada por um aspirador de pó.

A mesa, cuja perna o senhor Vandemar segurava bem firme, voou pelos ares e ficou presa na porta. Os dois assassinos ficaram pendurados. O senhor Croup, que estava agarrando a barra da roupa do senhor Vandemar, respirou fundo e começou a escalar, aos poucos, as costas dele. A mesa rangia. O senhor Croup olhou para Door e sorriu feito uma raposa.

— *Eu* matei a sua família. Não ele. E agora vou terminar o que...

Foi nesse momento que o tecido do paletó rasgou. O senhor Croup despencou, gritando, no vazio, segurando um pedaço de tecido escuro. O senhor Vandemar olhou para a figura que caía. Depois olhou para Door, mas não havia nenhum ar de ameaça em seus olhos. Encolheu os ombros, do melhor jeito possível para alguém que está segurando a perna de uma mesa para não morrer, e então disse, com voz suave:

— Tchauzinho.

E soltou-se.

Em silêncio, mergulhou pela porta para dentro da luz, diminuindo conforme caía na direção do pequeno ponto que era o senhor Croup. Logo as duas figuras viraram um único ponto escuro num mar de luz branca, roxa e laranja, e então o ponto escuro também sumiu. Fazia certo sentido, pensou Richard: afinal de contas, os dois eram um time.

Estava ficando mais difícil de respirar. Richard se sentiu zonzo. A mesa

que estava presa na porta rachou ao meio e foi sugada. Um dos grilhões de Richard se abriu e seu braço direito ficou balançando. Agarrou a corrente que prendia sua mão esquerda, o mais forte que conseguia, feliz porque o dedo quebrado estava na mão ainda acorrentada. Mesmo assim, sentia a dor tomando o seu braço esquerdo. Ouvia a própria voz à distância, gritando de dor.

Não conseguia respirar. Uma luz branca explodia do outro lado de suas pálpebras fechadas. Podia sentir a corrente começando a ceder...

O som da porta negra batendo tomou conta de tudo. Richard despencou com violência contra o pilar frio de ferro e caiu no chão. Fez-se silêncio na sala — silêncio e a mais completa escuridão naquele grande salão sob a terra. Richard fechou os olhos, mas, por causa da escuridão, não fez a menor diferença. Abriu-os mais uma vez.

O silêncio foi rompido pela voz do marquês, perguntando, indiferente:

— Para onde você os mandou?

E então Richard ouviu a voz de uma moça. Sabia que só podia ser a voz de Door, mas parecia uma voz muito infantil, como a de uma criança que foi posta na cama para dormir ao fim de um longo e cansativo dia.

— Eu não sei... um lugar bem longe... Estou... muito cansada agora. Eu...

— Door, concentre-se! — disse o marquês.

Era bom que ele falasse, pensou Richard. Alguém tinha que falar, e Richard não se lembrava mais como falar. Ouviu-se um “clique” no escuro: o som de um grilhão se abrindo, seguido do barulho de correntes batendo contra um pilar de metal. E o ruído de um fósforo sendo aceso. Alguém acendeu uma vela: a chama era fraca, estremecendo naquele ar abafado. *O calor do lar e a luz das velas,* pensou Richard, e não conseguia se lembrar por quê.

Door caminhou, cambaleando, até o marquês, segurando a vela. Esticou a mão. Tocou suas correntes e os grilhões se abriram. De Carabas massageou os pulsos. Ela foi até Richard e tocou no único grilhão que o prendia. Ele se abriu. Door suspirou e sentou-se ao seu lado. Ele esticou o braço que não doía e apoiou a cabeça dela, abraçando-a. Ninava-a devagarinho, para a frente e para trás, solfejando baixinho uma canção de ninar sem palavras. Fazia muito frio no salão vazio, mas logo o calor do sono chegou e envolveu os dois.

O marquês de Carabas observou as crianças que dormiam. A ideia do sono — de voltar, mesmo que por um curto período de tempo, a um estado tão próximo da morte — o assustava muitíssimo. Mas, por fim, até ele apoiou sua cabeça no braço e fechou os olhos.

E não havia mais olhos abertos no escuro.

DEZOITO

LADY SERPENTINE, QUE ERA A SEGUNDA MAIS VELHA DAS SETE IRMÃS, atrás apenas de Olympia, caminhava pelo labirinto que ficava além de Down Street, a cabeça altiva, suas botas de couro branco pisando na lama úmida. Ali era o local mais distante de sua casa em que estivera por mais de cem anos. Sua criada de cintura de vespa, vestida da cabeça aos pés em roupas de couro preto, andava à frente, segurando uma grande lamparina. Duas das outras aias de Serpentine, vestidas da mesma maneira, seguiam atrás dela, a uma distância respeitosa.

A longa cauda de renda do vestido de Serpentine se arrastava no pântano, mas ela não se importava. Viu algo que refletiu a luz da lamparina e, ao seu lado, um vulto grande e escuro.

— Lá está — disse.

As duas aias que andavam atrás dela se apressaram, correndo pela lama. Quando a criada de Serpentine se aproximou, trazendo consigo a lamparina, o vulto se delineou. A luz tinha sido refletida por uma comprida lança de bronze. O corpo de Hunter, retorcido, ensanguentado e em estado lamentável, jazia de costas, meio enterrado na lama, em uma grande poça de sangue vermelho, com as pernas presas embaixo do corpo da enorme criatura

semelhante a um javali. Seus olhos estavam fechados.

As aias tiraram o corpo debaixo da Besta e o deitaram na lama. Serpentine se ajoelhou e percorreu um dedo pelo rosto frio de Hunter, até chegar a seus lábios escurecidos pelo sangue, onde deixou o dedo ficar por alguns segundos. Então se levantou.

— Tragam a lança — disse Serpentine.

Uma das aias pegou o corpo de Hunter. A outra puxou a lança da carcaça da Besta e a colocou sobre o ombro. As quatro mulheres se viraram e voltaram pelo mesmo caminho por onde vieram, em uma procissão silenciosa nas profundezas do mundo. A luz da lamparina tremeluzia no rosto envelhecido de Serpentine, mas ele não revelava nenhuma emoção — nem tristeza, nem felicidade.

DEZENOVE

POR UM INSTANTE, AO ACORDAR, ELE NÃO TINHA IDEIA DE QUEM FOSSE. Era uma sensação de grande liberdade, como se estivesse livre para ser o que quisesse, para experimentar uma nova identidade. Podia ser qualquer coisa: homem ou mulher, rato ou ave, monstro ou deus. Ouviu um ruído de tecido roçando. Ao acordar, descobriu que era Richard Mayhew, o que quer que isso fosse, o que quer que significasse. Ele era Richard Mayhew e não sabia onde estava.

Alguém pressionava um pano áspero contra o seu rosto. Seu corpo todo doía — alguns lugares (como o dedo mindinho de sua mão esquerda, por exemplo) doíam mais que os outros.

Havia alguém por perto. Richard podia ouvir a respiração e os suaves ruídos de uma pessoa no mesmo aposento em que ele estava, tentando ser discreta. Richard ergueu a cabeça e descobriu que mais lugares doíam. Alguns muitíssimo. Longe dali, a salas e salas de distância, pessoas cantavam. Era uma canção tão distante e calma que ele sabia que deixaria de ouvi-la se abrisse os olhos — uma música melódica e grave...

Abriu os olhos. Era um quarto pequeno, mal iluminado. Estava deitado sobre uma cama baixa, e o ruído que ouvira era feito por uma figura vestindo

um capuz e uma túnica negra, virada de costas para Richard. A pessoa estava limpando o quarto com um espanador de pó colorido que não combinava com nada ali.

— Onde estou? — perguntou.

A pessoa quase derrubou o espanador de susto, e então se virou, revelando um rosto fino e apreensivo, de pele escura.

— O senhor gostaria de um pouco d'água? — perguntou o Monge Negro, como se tivesse sido instruído a perguntar aos pacientes se eles gostariam de beber água quando acordassem e houvesse repetido a frase para si mesmo pelos últimos quarenta e cinco minutos para não se esquecer dela.

— Eu... — e Richard se deu conta de que estava morrendo de sede. Sentou-se na cama. — Sim, obrigado.

O monge encheu um velho copo de metal com a água que estava em uma velha jarra também de metal e o entregou a Richard. Ele bebeu devagar, resistindo ao impulso de tomar tudo de uma vez só. Era cristalina e fria, e ele sentia como se estivesse bebendo gelo e diamantes líquidos.

Richard se examinou. Suas roupas tinham sumido. Alguém vestira nele uma túnica comprida, como um dos hábitos dos Monges Negros, mas na cor cinza. Seu dedo quebrado tinha agora uma tala envolta em ataduras. Ergueu a mão até a orelha: encontrou um curativo, e sentiu que havia pontos embaixo dele.

— Você é um dos Monges Negros — disse Richard.

— Sim, senhor.

— Como eu cheguei aqui? Onde estão os meus amigos?

O monge apontou para o corredor, sem palavras, nervoso. Richard se levantou da cama. Olhou embaixo de sua túnica: estava nu. Seu tronco e suas pernas estavam cobertos por diversos hematomas azuis e roxos, e sobre todos eles parecia haver algum tipo de unguento — o cheiro lembrava xarope para tosse e torrada com manteiga. Havia ataduras em seu joelho direito. Ficou pensando onde estariam suas roupas. Encontrou sandálias ao lado da cama. Ele as calçou e saiu para o corredor. O abade estava vindo em sua direção, segurando o braço do irmão Fuliginous, a cor perolada de seus olhos cegos visível sob o capuz.

— Então você acordou, Richard Mayhew. Como está se sentindo?

Richard fez uma careta.

— Minha mão...

— Já cuidamos do seu dedo. Estava quebrado. Tratamos seus cortes e hematomas. E você precisava descansar. Cuidamos disso também.

— Onde está Door? E o marquês? Como chegamos aqui?

— Eu mandei trazê-los.

Os dois abades recomeçaram a andar pelo corredor, e Richard os acompanhou.

— Hunter... Vocês pegaram o corpo dela?

O abade balançou a cabeça.

— Não havia nenhum corpo. Somente o da Besta.

— Ah. Hã... As minhas roupas...

Chegaram à porta de uma cela, muito semelhante àquela em que Richard estivera dormindo. Door estava sentada na beira da cama, lendo uma edição de *Mansfield Park* que, Richard tinha certeza, nem mesmo os monges sabiam que tinham. Ela também estava vestida com uma túnica cinza, que era muito grande para ela, o que lhe dava um ar quase cômico. Door olhou para cima quando eles entraram.

— Olá! Você dormiu bastante tempo — disse ela. — Como está se sentindo?

— Bem, eu acho. E você?

Ela sorriu. Não era um sorriso muito convincente.

— Um pouco abalada, ainda — admitiu.

Ouviu-se um som alto e metálico no corredor. Richard se virou e viu o marquês de Carabas sendo trazido na direção deles em uma cadeira de rodas antiga e bamba, conduzida por um grande Monge Negro, o irmão Tenebrae. Richard ficou imaginando como o marquês fazia para conseguir aquele ar de espadachim saído de um livro ao ser empurrado em uma cadeira de rodas. De Carabas deu um enorme sorriso.

— Olá, meus amigos.

— Agora que vocês estão todos aqui, precisamos conversar — disse o abade. Levou-os para uma grande sala, aquecida por um fogo feito com restos de madeira. Ficaram ao redor de uma mesa. Com um gesto, o abade pediu que se sentassem. Ele tateou até encontrar sua cadeira e se sentou também. E então fez com que os dois monges saíssem da sala.

— Bom, então vamos começar. Onde está Islington?

Door encolheu os ombros.

— Ele foi para o lugar mais distante ao qual consegui enviá-lo. Entre o espaço e o tempo.

— Entendo — disse o abade. E depois completou: — Muito bom.

— Por que o senhor não nos alertou sobre ele? — perguntou Richard.

— Não era nossa responsabilidade.

— Humpf— fez Richard. — E agora? O que vai acontecer?

O abade não disse nada.

— Acontecer? Como assim? — indagou Door.

— Bom, você queria vingar a sua família. E conseguiu. Mandou todo mundo que estava envolvido para um lugar no meio do nada. Digo, ninguém mais vai tentar te matar, não é?

— Por enquanto, não — respondeu, séria.

— E você? Conseguiu o que queria? — perguntou Richard ao marquês. De Carabas fez que sim.

— Acredito que sim. Minha dívida para com Lorde Portico foi paga, e agora Lady Door me deve um grande favor.

Richard olhou para Door. Ela concordou.

— E quanto a mim?

— Bom, a gente não teria conseguido sem você.

— Não foi isso que eu quis dizer. E quanto a eu voltar para casa?

O marquês ergueu uma sobrancelha.

— Quem você acha que ela é? O Mágico de Oz? Não podemos mandar você para casa. Você mora aqui, agora.

— Eu tentei te dizer isso antes, Richard — lembrou Door.

— Deve haver um jeito! — exclamou, batendo com a mão esquerda na mesa para dar mais ênfase. Machucou o dedo, mas deixou o rosto impassível. E depois murmurou um "ai" bem baixinho, porque já tinha passado por coisas muito piores.

— Onde está a chave? — perguntou o abade. Richard inclinou a cabeça

apontando para o lado:

— Door.

Ela balançou sua cabecinha de elfo.

— Não está comigo. Eu coloquei a chave no seu bolso no último Mercado. Quando você trouxe o curry.

Richard abriu a boca e a fechou em seguida. Aí abriu-a mais uma vez e disse:

— Você quer dizer que quando eu disse ao Croup e ao Vandemar que estava comigo e que eles podiam me revistar... a chave estava mesmo comigo?

Ela fez que sim.

Ele se lembrou do objeto duro que tinha no bolso de trás, na Down Street. Lembrou-se de quando ela o abraçara no Mercado sobre o navio...

O abade esticou a mão. Seus dedos marrons e enrugados pegaram um pequeno sino que havia sobre a mesa. Tocou o sino, chamando o irmão Fuliginous.

— Pegue as calças do Guerreiro — ordenou-lhe. Fuliginous concordou e saiu da sala.

— Não sou um guerreiro — disse Richard. O abade sorriu docemente.

— Você matou a Besta — explicou ele, meio desapontado. — Você é o Guerreiro.

Richard cruzou os braços, irritado.

— Então, depois de tudo isso, eu não posso ir para casa. Mas como prêmio de consolação, eu entrei para uma arcaica lista de honra do Submundo. É isso?

O marquês tinha um ar de indiferença.

— Você não pode voltar para a Londres-de-Cima. Algumas pessoas conseguem viver pela metade, meio lá, meio cá, como Iliaster e Lear, que você conheceu. Mas isso é o máximo que pode esperar. E não é uma vida boa.

Door esticou a mão e tocou o braço de Richard.

— Desculpe. Mas veja só quantas coisas boas você fez. Pegou a chave para nós.

— Bom, e de que adiantou isso? Você fez uma chave nova...

Foi interrompido pela chegada do irmão Fuliginous, que trazia seus jeans: estavam rasgados, enlameados, fedorentos, sujos de sangue. O monge deu as calças para o abade, que começou a remexer nos bolsos.

Door sorriu, com doçura, dirigindo-se a Richard:

— Hammersmith não poderia ter copiado a chave sem a original.

O abade pigarreou e disse, em tom educado:

— Vocês são todos muito tolos e não sabem de nada.

Ele pegou a chave de prata, que refletia a luz do fogo.

— Richard superou a Provação da Chave. Ele é seu mestre e senhor até que ela volte para nós. A chave tem poder.

— É a chave do Céu... — balbuciou Richard, sem saber ao certo o que o abade queria dizer, o que queria provar.

A voz do velho era grave e melódica.

— Ela é a chave de toda a realidade. Se Richard quiser voltar para a Londres-de-Cima, a chave pode levá-lo para lá.

— Simples assim? — perguntou Richard.

O velho fez que sim com um movimento de cabeça, debaixo das sombras de seu capuz.

— Então quando eu posso ir?

— Assim que estiver pronto — respondeu o abade.

* * *

Os monges tinham lavado e consertado as roupas de Richard e as devolveram para ele. O irmão Fuliginous o conduziu pelo mosteiro e subiu

com ele uma série de escadas até a torre do sino. Lá havia um pesado alçapão de madeira. O monge o destrancou e os dois entraram em um túnel estreito, cheio de teias de aranha, com degraus de metal em uma das paredes. Subiram os degraus, caminhando pelo que parecia ser algumas centenas de metros, e saíram numa plataforma de metrô toda empoeirada.

NIGHTINGALE LANE diziam as velhas placas na parede. O irmão Fuliginous desejou tudo de bom a Richard e disse-lhe para, esperar ali que logo viriam buscá-lo. Desceu pela lateral da parede e desapareceu.

Richard esperou na plataforma por vinte minutos. Ficou pensando que tipo de estação era aquela: não parecia abandonada, como a do Museu Britânico, nem real, como a Blackfriars. Era, na verdade, uma estação fantasma, um lugar imaginário, esquecido e estranho. Ficou pensando por que o marquês não se despedira dele. Quando Richard perguntou a Door, ela respondeu que não sabia o motivo, e que talvez as despedidas fossem algo com que de Carabas tivesse dificuldade de lidar, como confortar as pessoas. Depois ela disse que tinha algum cisco no olho, e aí deu a ele um papel com instruções sobre o itinerário e foi embora.

Algo tremulava na escuridão do túnel, alguma coisa branca. Era um lenço amarrado em um graveto.

— Tem alguém aí? — gritou Richard.

A figura redonda e envolta em penas de Old Bailey saiu do escuro, parecendo constrangida e envergonhada. Estava agitando o lenço de Richard, e suava.

— É a minha bandeirinha — disse ele, apontando para o lenço.

— Que bom que você achou utilidade para ele.

Old Bailey sorriu, sem graça.

— Bom. Só queria dizer que... tenho uma coisa aqui para você. Toma.

Enfiou a mão no bolso do casaco e tirou de lá uma grande pena negra que tinha um brilho azul-roxo-verde. Havia uma linha vermelha enrolada na base da pena.

— Ah... Obrigado — disse Richard, sem saber o que faria com aquilo.

— É uma pena — explicou Old Bailey. — Uma boa pena. Um suvenir. Uma lembrança. E é de graça. Um presente. De mim para você. Um jeito de agradecer.

— Sim. Bom, você é muito gentil.

Richard colocou a pena em seu bolso. Um vento morno passou pelo túnel. Um trem se aproximava.

— É o seu trem — disse Old Bailey. — Eu não pego trem. Mas dos telhados, não abro mão.

Apertou a mão de Richard e se foi.

O trem freou na estação. Os faróis estavam apagados e não havia ninguém na cabine de comando. Parou por completo: todos os vagões estavam à escura, e nenhuma das portas se abriu. Richard bateu na porta à sua frente, esperando que fosse a certa. Ela se abriu, inundando a estação imaginária com uma luz morna e amarela. Dois cavalheiros miúdos e idosos, segurando cada um uma corneta cor de cobre, saíram do trem e ficaram na plataforma. Richard os reconheceu: eram Dagvard e Halvard, da Corte do Conde. Mas não conseguia distinguir um do outro. Aliás, achava que nunca tinha conseguido. Os dois levaram as cometas à boca e tocaram uma fanfarra desafinada, mas sincera. Richard subiu no trem e eles o seguiram.

O conde estava sentado no fim do vagão, acariciando um enorme cão. O bobo da corte — Tooley, era esse o nome dele, lembrou Richard — estava a seu lado. Não havia mais ninguém no vagão além deles.

— Quem está aí? — perguntou o conde.

— É ele, meu senhor — respondeu o bobo da corte. — Richard Mayhew. Aquele que matou a Besta.

— O Guerreiro?

O Conde coçou sua barba ruiva e grisalha, pensativo.

— Tragam-no aqui.

Richard caminhou até o trono. O conde o olhou de cima a baixo, meio desconfiado, como se nunca o tivesse visto antes.

— Achava que você fosse mais alto — comentou, afinal.

— Desculpe.

— Bom, melhor andar logo com isso.

O velho ficou em pé e dirigiu-se ao vagão vazio:

— Boa noite. Estamos aqui para fazer as honras ao jovem Mayflower. O que foi mesmo que o Bardo disse?

E então recitou, em uma voz retumbante, ritmada e cheia de aliterações:

— *Clama o corte na carcaça, lanceia lentamente o inimigo, destemido e devotado defensor, o mais másculo dos meninos...* Mas ele não é mais um menino, é, Tooley?

— Não exatamente, Sua Graça.

O conde esticou a mão.

— Dê-me sua espada, rapaz.

Richard pôs a mão no cinto e tirou de lá a faca que Hunter havia lhe dado.

— Isto serve?

— Sim, sim — respondeu o velho, pegando-a.

— Ajoelhe-se — disse Tooley, em um sussurro, apontando para o chão. Richard pôs um joelho no chão, e o conde tocou a faca suavemente em cada um de seus ombros.

— Levante-se, Sir Richard of Maybury. Com esta adaga permito que você seja livre no Submundo. Você terá permissão para andar livremente, sem nenhum impedimento... e assim por diante... et cetera... blablablá...

A voz do conde foi sumindo.

— Obrigado — disse Richard. — Na verdade, meu sobrenome é Mayhew.

Mas o trem já estava parando.

— Você desce aqui — informou o conde.

Devolveu a adaga para Richard — a faca de Hunter —, deu-lhe um tapinha nas costas e apontou a porta.

* * *

O lugar em que ele desceu não era uma estação do metrô. Ficava na superfície e, analisou Richard, lembrava um pouco a St. Pancras Station — havia um certo exagero no tamanho e um ar pseudogótico na arquitetura. Mas também havia uma *esquisitice* que de certa maneira tornava aquele lugar parte da Londres-de-Baixo. A luz era estranha, aquele cinza forçado que só se vê bem antes de amanhecer e por alguns instantes depois que o sol se põe, aqueles momentos em que o mundo se dissolve na penumbra e é impossível discernir corretamente a cor e a distância.

Havia um homem sentado em um banco de madeira, observando-o. Richard foi até ele, com cautela, sem saber, por causa da luz do crepúsculo, se era alguém que já vira antes. Richard ainda segurava a faca de Hunter — sua faca, na verdade — e agora apertava o cabo com mais força, só por garantia. O homem ergueu a cabeça enquanto Richard se aproximava e ficou depressa

em pé. Arrumou o cacho de cabelo sobre sua testa, um gesto que Richard vira apenas nas adaptações de romances clássicos para a TV. Parecia um figura ao mesmo tempo cômica e antipática. Richard o reconheceu: era o Lorde Falante de Ratês.

— Ora, ora. Sim, sim, sim — disse o Lorde, agitado, começando a falar pelo meio da frase. — Só para constar, a moça, Anaesthesia. Não guardamos rancor. Os ratos são seus amigos, mesmo assim. E os falantes de ratês. Se precisar de nós, cuidaremos de você.

— Obrigado.

Anaesthesia irá levá-lo, lembrou-se Richard. *Ela é descartável.*

O Lorde Falante de Ratês se remexeu no banco e deu a Richard uma mala de artigos esportivos de vinil preto, com zíper. Era uma mala muito familiar.

— Está tudo aí. Tudo mesmo. Dê uma olhada.

Richard a abriu. Todas as suas posses estavam lá, incluindo sua carteira, sobre uma calça jeans dobrada com cuidado. Fechou o zíper da mala, jogou-a sobre o ombro e afastou-se do homem, sem agradecer ou olhar para trás.

Richard saiu da estação e desceu alguns degraus de pedra.

Tudo estava em silêncio e vazio. Folhas mortas de outono dançavam no meio de uma praça aberta, um redemoinho amarelo, marrom e ocre, uma explosão repentina de cor naquela luz fraca. Richard atravessou a praça e desceu alguns degraus até uma passagem subterrânea de pedestres. Ele viu uma pequena movimentação naquela semiescuridão e, com cautela, virou-se. Havia mais ou menos uns dez vultos no corredor atrás dele, e iam em sua direção quase em silêncio — o único ruído era o farfalhar do veludo escuro e, aqui e ali, o barulho metálico de joias de prata. O som das folhas ao vento era bem mais alto do que o daquelas pálidas mulheres. Elas o observavam com olhos famintos.

Richard ficou com medo. Ele tinha a faca, é verdade, mas conseguia lutar tão bem com ela quanto dar um salto impossível para o outro lado do Tâmisa. Esperava que, se elas o atacassem, ele pudesse assustá-las com a arma. Podia sentir no ar o cheiro de madressilva, lírio, almíscar.

Lamia tomou a dianteira do grupo das Veludos e deu um passo à frente. Richard ergueu sua faca, nervoso, lembrando-se da paixão gélida do abraço dela, daquela sensação que lhe causara, ao mesmo tempo, tanto prazer e frio. Ela sorriu e inclinou a cabeça, com doçura. Aproximou seus dedos da boca e jogou um beijo para Richard.

Ele estremeceu. Algo se moveu na escuridão da passagem subterrânea. Quando Richard olhou de novo, não havia nada ali além das sombras.

* * *

Atravessou a passagem subterrânea e subiu alguns degraus, saindo no topo de um pequeno morro verdejante. Estava amanhecendo, e ele começou a distinguir os detalhes do cenário ao redor: um carvalho quase sem folhas, freixos, faias, identificáveis pelo formato dos troncos. Um rio limpo e largo corria suave pelo campo verde. Olhando em volta, deu-se conta de que estava em algum tipo de ilha — dois rios menores desembocavam no rio maior, isolando-o em seu pequeno morro. Sabia, sem saber exatamente como, mas com absoluta certeza, que ainda estava em Londres, mas Londres como talvez havia sido três mil anos antes, ou mais até, antes que a primeira pedra da primeira habitação humana tivesse sido colocada no chão.

Abriu o zíper da mala e guardou a faca ao lado da carteira. Fechou a mala. O céu começava a clarear, mas a luz era estranha: de alguma maneira, era uma luz mais *jovem* que a luz do sol a que ele estava acostumado — talvez mais pura. Um sol vermelho e alaranjado se erguia a leste, onde seriam as Docklands, e Richard observou o amanhecer sobre as florestas, o mar e os brejos que ele achava que eram Greenwich e Kent.

— Olá — disse Door. Ele não percebera que ela havia se aproximado. Ela usava roupas diferentes por baixo de seu casaco de couro marrom, mas ainda eram feitas de tafetá, renda, seda e brocado e estavam rasgadas, remendadas e dispostas em camadas. Seu cabelo ruivo e curto brilhava à luz do amanhecer como cobre polido.

— Olá — respondeu Richard.

Ela ficou a seu lado e enfiou seus pequenos dedos na mão direita dele, que segurava a mala.

— Onde nós estamos? — perguntou ele.

— Na fantástica e terrível ilha de Westminster.

Era como se ela estivesse citando algum escritor, mas ele não achou que já tivesse ouvido aquela frase antes. Começaram a andar juntos pela grama comprida, úmida e esbranquiçada pelo gelo que derretia. Seus passos deixaram um rastro verde escuro na grama, indicando de onde vieram.

— Escuta — disse ela. — Agora que o anjo se foi, preciso fazer muitas coisas na Londres-de-Baixo. Meu pai queria uni-la... Imagino que devo tentar terminar o que ele começou.

Estavam caminhando para o norte, afastando-se do Tâmisa, de mãos dadas. Gaivotas brancas deslizavam pelo ar e piavam no céu acima deles.

— Richard, você ouviu Islington dizer que deixou minha irmã viva só por segurança. Talvez eu não seja a única que restou da minha família. E você salvou a minha vida. Mais de uma vez.

Ela fez uma pausa e, em seguida, desabafou em uma torrente:

— Você foi um ótimo amigo, Richard. E eu meio que comecei a gostar de ter você por perto. Por favor, não vá.

Ele apertou a mão dela, de leve.

— Bom... eu também passei a gostar de ter você por perto. Mas eu não pertenço a este mundo. Na minha Londres... bem, lá a coisa mais perigosa que pode acontecer é você ser atropelado por um táxi se estiver com pressa. Eu também gosto de você. Gosto muito. Mas preciso ir para casa.

Ela o olhou com seus olhos de cor estranha, esverdeados, azulados, cor de fogo:

— Então nós não vamos mais nos ver.

— Acho que não.

— Obrigada por tudo — ela disse, séria.

Jogou os braços em volta dele e o apertou bem forte, o que fez com que os hematomas do lado de suas costelas doessem. Ele a abraçou de volta, também apertado, fazendo com que todos os seus hematomas reclamassem violentamente. Mas ele não se importava nem um pouco.

— Bom... — disse ele, afinal. — Foi muito bom te conhecer.

Ela piscava os olhos bem rápido. Richard ficou pensando se ela fingiria mais uma vez que estava com um cisco no olho. Em vez disso, ela perguntou:

— Você está pronto?

Ele fez que sim.

— A chave está aí?

Ele colocou a mala no chão e remexeu no bolso de trás com a mão que não estava ferida. Tirou a chave e passou para ela, que a segurou diante de si, como se a inserisse em uma porta imaginária.

— Pronto. Basta entrar. Não olhe para trás.

Ele começou a descer o pequeno morro, afastando-se das águas azuis do Tâmisa. Uma gaivota cinzenta passou por ele. Quando chegou à base do morro, olhou para trás. Ela estava lá em cima, a silhueta delineada pelo sol que nascia, as bochechas brilhando de lágrimas. A luz dourada resplandecia na chave.

Door virou a chave, com um movimento resoluto.

* * *

O mundo escureceu e um rugido baixo encheu a cabeça de Richard, como o rosnado de mil feras ensandecidas.

VINTE

O MUNDO ESCURECEU E UM RUGIDO BAIXO ENCHEU A CABEÇA DE Richard, como o rosnado de mil feras ensandecidas. Piscou na escuridão e segurou sua mala bem firme. Ficou pensando se não seria melhor não ter guardado a faca. Algumas pessoas esbarraram nele no escuro, enquanto passavam. Richard se assustou. Havia alguns degraus à frente. Ele começou a subir e, enquanto subia, o mundo foi delineando-se, tomando forma.

O rugido baixo era o barulho do tráfego da Trafalgar Square, na qual ele saía por uma passagem de pedestres. O céu tinha o tom azul perfeito de uma tela de televisão ligada em um canal fora do ar.

Era o meio da manhã de um dia quente de outubro, e ele ficou parado na praça segurando sua mala e piscando por causa da luz do sol. Táxis pretos, ônibus vermelhos e carros de diversas cores passavam, enquanto turistas jogavam ração para as legiões de pombos rechonchudos e tiravam fotos da Nelsons Column e dos grandes leões Landseer ao lado dela. Atravessou a praça, tentando imaginar se aquilo seria real ou não. Os turistas japoneses o ignoraram. Tentou falar com uma linda menininha loira, que riu, balançou a cabeça e disse algo em uma língua que Richard pensou ser italiano, mas na verdade era finlandês.

Havia uma criança pequena, de sexo indeterminado, com os olhos fixos nos pombos enquanto devorava uma barra de chocolate. Ele se agachou perto dela.

— Hã... oi, criancinha — disse Richard.

A criança sugava concentrada a sua barra de chocolate e não deu nenhum sinal de que percebia Richard como outro ser humano.

— Olá — repetiu ele, com uma voz um pouco desesperada. — Você está me vendo? Ei! Oi!

Dois olhinhos pequenos no rosto lambuzado de chocolate voltaram-se para ele. E então o lábio inferior da criança começou a tremer e ela correu, jogando os braços ao redor da mulher mais próxima, choramingando:

— Mamãe! Aquele homem tá me assustando!

A mãe da criança se virou para Richard com uma expressão muito zangada.

— O que você está fazendo? Perturbando a minha filha? Existe um lugar para gente feito você!

Richard começou a sorrir. Era um sorriso largo, feliz.

— Eu sinto muitíssimo — desculpou-se, sorrindo feito o gato de Cheshire. E então pegou a alça da mala e correu pela Trafalgar Square, espantando vários pombos, que voaram assustados.

* * *

Richard pegou seu cartão da carteira e o inseriu no caixa automático. A máquina reconheceu sua senha, aconselhou-o a manter segredo e a não revelá-la a ninguém, e perguntou que operação gostaria de realizar. Ele pediu dinheiro e a máquina lhe deu uma grande quantidade de notas. Deu um soquinho de satisfação no ar, e então, encabulado, fingiu que estava chamando um táxi.

Um táxi parou para ele — parou! para ele! —, ele entrou no carro, sentou-se no banco de trás e sorriu. Pediu ao motorista para o levar ao seu escritório. E quando o taxista salientou que talvez fosse mais rápido ir a pé, Richard sorriu mais ainda e disse que não se importava. E assim que estavam a caminho ele pediu — praticamente implorou — que o motorista despejasse sobre ele suas opiniões a respeito dos Problemas de Tráfego, da Melhor Maneira para Lidar com O Crime e dos Assuntos Políticos do Dia. O taxista o acusou de estar zombando dele e ficou calado e de mau humor durante os cinco minutos da viagem. Richard não se importou. Deu uma gorjeta absurda para ele mesmo assim. E entrou no prédio onde trabalhava.

Enquanto entrava, o sorriso que tinha no rosto começou a diminuir. A cada passo que dava ele se sentia mais ansioso, mais desconfortável. E se ele não tivesse mais um emprego? Que importava se criancinhas lambuzadas de chocolate e taxistas pudessem vê-lo se, por algum terrível azar, ele continuasse invisível para seus colegas?

O senhor Figgis, o segurança, tirou os olhos do último número de *Ninfetas Safadas,* que estava escondido no meio de uma edição do *Sun,* e fungou.

— Bom dia, senhor Mayhew.

Não era um "bom dia" de boas-vindas. Era mais aquele tipo de "bom dia" em que a pessoa não se importava de verdade se a outra estava morta ou viva — nem, aliás, se era de manhã ou não.

— Figgis! — exclamou Richard, maravilhado. — Olá para você também, Figgis! Você é um segurança fantástico!

Ninguém jamais dissera algo parecido para o senhor Figgis antes, nem mesmo as moças nuas em sua imaginação. O porteiro ficou olhando desconfiado para Richard até ele subir no elevador e sumir de vista, e depois voltou sua atenção para as ninfetas safadas, as quais, começava ele a suspeitar, já estavam acima dos 29 anos de idade havia muito tempo, tivessem ou não um pirulito nas mãos.

Richard saiu do elevador e percorreu, meio hesitante, o corredor. *Tudo vai ficar bem,* dizia para si mesmo, *se minha mesa estiver lá. Se minha mesa estiver lá, tudo vai ficar bem.* Entrou na grande sala cheia de cubículos em que passara grande parte do tempo nos últimos três anos. As pessoas trabalhavam em suas mesas, falavam ao telefone, procuravam papéis em arquivos de

gaveta, bebiam chá ruim e um café pior ainda. Era sem dúvida o seu escritório.

O lugar perto da janela, onde sua mesa antes ficava, estava ocupado por vários gabinetes de arquivo e uma planta. Richard estava prestes a se virar e sair correndo quando alguém pôs na sua mão um copinho de isopor com chá.

— A volta do filho pródigo, hein? — disse Gary. — Toma.

— Oi, Gary. Onde está a minha mesa?

— Por aqui. Foi legal lá em Maiorca?

— Maiorca?

— Você não vai sempre pra Maiorca?

Estavam subindo as escadas dos fundos que levavam ao quarto andar.

— Não, não desta vez.

— É, eu ia dizer que você não está muito bronzeado mesmo.

— Não — concordou Richard. — Bom... sabe como é. Precisava mudar um pouco.

Gary fez que sim, concordando. Apontou para uma porta onde, durante todo o tempo em que Richard estivera lá, ficavam os arquivos e suprimentos.

— Mudar, hein? Bom, você sem dúvida tem uma bela mudança a que se acostumar agora. Posso ser o primeiro a te dar os parabéns?

A placa na porta indicava:

R. O. MAYHEW SÓCIO MINORITÁRIO

— Seu sortudo desgraçado — disse Gary, com afeto.

Gary se foi e Richard entrou pela porta, confuso. A sala não estava mais cheia de suprimentos e arquivos: tinha sido pintada de cinza, preto e branco e o carpete era novo. No centro, havia uma grande mesa. Ele a examinou: era, sem dúvida, sua própria mesa. Seus trasgos haviam sido guardados com cuidado em uma das gavetas, e ele os tirou de lá e os dispôs pelo ambiente. Agora tinha sua própria janela, com uma bela vista do rio sujo e marrom e da parte sul do Tâmisa, ao longe. Havia até mesmo uma grande planta verde, daquele tipo que parece artificial mas não é. Seu computador velho, empoeirado e amarelado tinha sido substituído por um mais limpo, leve e preto, que ocupava menos espaço na mesa.

Foi até a janela e tomou seu chá, observando o rio sujo lá embaixo.

— Está tudo certinho aí, então?

Ele levantou a cabeça para ver quem era. Sempre eficiente, Sylvia, a “enfermeira do chefe”, estava de pé na porta do escritório. Ela sorriu quando ele olhou para ela.

— Ah... Sim. Olha... Tem umas coisas que eu preciso resolver em casa. Será que teria problema se eu tirasse o dia de folga e...

— Como quiser. De qualquer maneira, você só precisa voltar ao trabalho amanhã mesmo.

— Ah, é? Certo.

Sylvia franziu a testa.

— O que aconteceu com o seu dedo?

— Quebrei.

Ela olhou sua mão, preocupada.

— Você não se meteu numa briga, certo?

— Eu?

Ela sorriu.

— Estou brincando. Foi numa porta? Aconteceu a mesma coisa com a minha irmã.

— Não — admitiu Richard. — Eu estava numa brig...

Sylvia ergueu uma sobrancelha.

— Foi numa porta — concluiu ele, de jeito pouco convincente.

Pegou um táxi para ir até o prédio onde morava antes. Ele não estava confiante o bastante para pegar o metrô. Ainda não. Como não tinha chave, bateu na porta de seu apartamento e ficou muito desapontado quando se viu frente a frente com a mulher que lembrava ter encontrado (apesar de ela não o ter visto) em seu banheiro. Ele se apresentou como o inquilino anterior e logo ficou sabendo que ele, Richard, não morava mais ali e que ela, a senhora Buchanan, não tinha a mínima ideia sobre que fim tinham levado os pertences dele. Richard anotou algumas coisas e então se despediu dela, com educação. Pegou outro táxi para ver o homem com casaco de pelo de camelo.

O homem sereno que usava casaco de pelo de camelo não estava usando o casaco de pelo de camelo e, na verdade, estava muito menos sereno do que da última vez que o vira. Estavam sentados em seu escritório, e ele tinha ouvido as reclamações de Richard com a expressão de alguém que acabara de engolir sem querer uma aranha viva e começava a senti-la se mexer dentro de si.

— Bom, é verdade — admitiu ele, depois de olhar as fichas. — Parece que houve mesmo uma confusão, agora que você falou. Não entendo como pôde ter acontecido.

— Acho que não importa como pôde ter acontecido — argumentou Richard, tentando ser racional. — O problema é que, quando eu estava viajando por umas semanas, você alugou o meu apartamento para... — consultou suas notas e continuou — George e Adele Buchanan. Que não têm a menor intenção de sair de lá.

O homem fechou a pasta que tinha em mãos.

— Bom, esses erros acontecem. Errar é humano. Acho que não há nada que possamos fazer.

O antigo Richard, aquele que tinha morado no apartamento que agora era dos Buchanans, teria desmoronado, teria pedido desculpas por ter causado tanto aborrecimento e ido embora. Em vez disso, esse Richard disse:

— Ah, é? Não podem fazer nada? Vocês alugaram para outra pessoa o imóvel que eu estava alugando legalmente da sua empresa, e no processo perderam todos os meus pertences, e você me diz que não podem fazer nada? Bom, eu acho que meu advogado vai dizer que vocês podem fazer muita coisa a respeito, sim.

O homem sem casaco de pelo de camelo olhou para ele como se a aranha estivesse subindo sua garganta.

— Mas não temos mais nenhum apartamento vago como o seu naquele prédio. Só a cobertura.

— Tudo bem, acho que serve... — disse Richard, com frieza. O homem relaxou.

— ...no que concerne ao imóvel. Agora, vamos falar sobre como vocês podem compensar a perda das minhas coisas.

* * *

O novo apartamento era muito melhor que o anterior. Tinha mais janelas, uma sacada, uma sala espaçosa e um quarto extra de bom tamanho. Richard ficou andando por ele, insatisfeito. O homem sem casaco de pelo de camelo, com muita má vontade, enviara para o local uma cama, um sofá, diversas cadeiras e um aparelho de TV.

Richard colocou a adaga de Hunter sobre o aparador da lareira.

Comprou um prato de curry do restaurante indiano do outro lado da rua, sentou-se sobre o chão acarpetado de seu novo apartamento e comeu, pensando se teria mesmo comido curry à noite em uma feira livre no convés de um navio de guerra atracado perto da Tower Bridge. Aquilo não parecia ter acontecido, agora que parava para pensar no assunto. A campainha tocou. Levantou e foi atender a porta.

— Achamos grande parte das suas coisas, senhor Mayhew — disse o homem que mais uma vez estava usando o casaco de pelo de camelo. — Descobrimos que estavam num depósito. Bom, tragam as coisas, rapazes.

Dois homens robustos carregaram várias caixas de madeira para dentro, cheias das coisas de Richard, e colocaram no tapete que havia no meio da sala.

— Obrigado.

Richard pegou a primeira caixa, desembrulhou o papel que protegia o primeiro objeto que vira, e descobriu que era um porta-retrato com uma foto de Jessica. Ficou olhando para ela por alguns instantes e o colocou de volta. Encontrou a caixa de roupas, tirou-as de lá e as guardou em seu quarto, mas as outras caixas ficaram, intactas, no meio da sala. À medida que os dias passavam, ele se sentia cada vez mais culpado por não desempacotar suas coisas. Mesmo assim, não tocou em nada.

* * *

Estava em seu escritório, sentado à mesa, olhando pela janela, quando o interfone tocou. Era Sylvia.

— Richard, o chefe quer fazer uma reunião no escritório dele daqui a vinte minutos para discutir o relatório Wandsworth.

— Pode deixar — respondeu ele.

E então, porque não tinha nada para fazer nos dez minutos seguintes, pegou um trasgo laranja e fez com que ele ameaçasse um trasgo de cabelo verde que era um pouco menor.

— Sou o maior guerreiro da Londres-de-Baixo. Prepare-se para morrer — disse ele, em uma voz ameaçadora de trasgo, mexendo o boneco laranja.

Depois, pegou o de cabelo verde e disse, em uma voz de trasgo não tão poderoso:

— Haha! Mas primeiro você vai ter que tomar uma xícara de chá comigo...

Alguém bateu na porta e ele, constrangido, pôs os bonecos na mesa.

— Pode entrar.

Jessica entrou e ficou parada na porta. Parecia nervosa. Ele tinha se esquecido de como ela era bonita.

— Oi, Richard.

— Oi, Jess — cumprimentou ele, e então se corrigiu: — Desculpe. Jessica.

Ela sorriu e mexeu no cabelo.

— Ah, pode me chamar de Jess — disse ela, parecendo sincera. — Jessica, Jess... Há muito tempo ninguém me chama de Jess. Eu até sinto falta.

— E então... o que a traz... a que devo a... honra... hã...

— Ah, eu só queria te ver.

— Isso é bom — comentou Richard, sem saber muito bem o que dizer.

Ela fechou a porta do escritório e deu alguns passos na direção dele.

— Richard... Sabe de uma coisa esquisita? Eu me lembro de ter acabado com o nosso noivado. Mas não consigo me lembrar direito por que brigamos.

— Não?

— Mas não tem importância, tem?

Ela olhou ao redor.

— Você foi promovido?

— Sim.

— Fico feliz por você.

Enfiou a mão no bolso do casaco e tirou uma caixinha marrom de lá. Colocou-a sobre a mesa de Richard. Ele abriu a caixa, embora já soubesse o que ela continha.

— É o nosso anel de noivado. Achei que talvez eu devesse te devolver e aí, bom, se as coisas se acertassem, aí... talvez um dia você o desse de volta para mim.

O anel brilhou à luz do sol: era a coisa mais cara que Richard já tinha comprado. Fechou a caixa e a devolveu para Jessica.

— Fique com ele, Jessica. Eu sinto muito.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Você conheceu outra pessoa?

Ele hesitou. Pensou em Lamia, Hunter, Anaesthesia, e até mesmo em Door, mas nenhuma delas era a “outra pessoa” do jeito que ela queria dizer.

— Não. Ninguém.

E completou, percebendo que era mesmo verdade:

— Eu só mudei. Só isso.

O interfone tocou.

— Richard, estamos te esperando.

Ele pressionou o botão e respondeu:

— Já vou descer, Sylvia.

Olhou para Jessica. Ela não disse nada. Talvez não confiasse em si mesma para dizer nada naquele momento. Foi embora, fechando a porta com cuidado atrás de si.

Richard pegou os papéis de que iria precisar para a reunião com uma mão. A outra percorreu seu rosto, como se estivesse limpando alguma coisa: talvez tristeza, lágrimas, ou Jessica.

* * *

Voltou a andar de metrô, na ida ao trabalho e na volta para casa, mas logo percebeu que tinha parado de comprar jornais para ler de manhã e à noite — em vez disso, examinava o rosto das outras pessoas no trem, gente de todo tipo e cor, e ficava perguntando-se se todas seriam da Londres-de-Cima e tentando imaginar o que estariam pensando.

Durante a hora do rush, à noite, alguns dias depois de seu encontro com Jessica, achou que tivesse visto Lamia na outra extremidade do vagão, de costas para ele, os cabelos negros presos no alto da cabeça, o vestido preto e comprido. Seu coração começou a bater forte. Esgueirou-se por entre os passageiros do vagão lotado, indo em sua direção. Quando chegou mais perto, o trem parou em uma estação, as portas se abriram e ela saiu. Mas não era Lamia. Ele percebeu, desapontado, que era só mais uma dessas meninas góticas de Londres, saindo à noite para se divertir no centro.

* * *

Em uma tarde de sábado, ele viu um grande rato marrom no topo das latas de lixo de Newton Mansions, limpando os bigodes e com ar de quem era dono do mundo. Quando Richard se aproximou, o rato pulou na calçada e esperou nas sombras, encarando-o com desconfiados olhos de continhas negras.

Richard se agachou.

— Olá — disse, educado. — Nós nos conhecemos?

O rato não pareceu responder, mas mesmo assim não fugiu.

— Eu me chamo Richard Mayhew — continuou, em voz baixa. — Eu não sou um falante de ratês de verdade, mas eu, hã, conheço alguns ratos... Bom, eu conheci alguns, e fiquei pensando se talvez você não conhecesse Lady Door...

Ouviu um barulho de sapatos na calçada atrás de si. Virou-se e deu de cara com os Buchanans olhando para ele com curiosidade.

— Você... perdeu alguma coisa? — perguntou a mulher.

Richard ouviu mas ignorou o resmungo de seu marido: “Deve ter perdido um parafuso”.

— Não — respondeu, sendo sincero. — Eu estava, hã, cumprimentando um...

O rato saiu correndo.

— Aquilo era um rato? — rosnou George Buchanan. — Vou reclamar com o síndico. Que horror. Mas Londres é assim mesmo, né?

Sim, concordou Richard. Londres é assim mesmo. Sem dúvida.

* * *

Os objetos de Richard continuavam intocados nas caixas de madeira, no chão da sala de estar.

Ele ainda não tinha ligado a televisão. Chegava em casa à noite, comia e ficava perto da janela, olhando Londres lá embaixo, os carros, os telhados, as luzes, enquanto o crepúsculo de outono virava noite e as luzes se acendiam em toda a cidade. Ficava observando, de pé, sozinho em seu apartamento escuro, até que as luzes se apagassem. E então, sem a menor vontade, ele se despia, ia para a cama e dormia.

* * *

Sylvia entrou em seu escritório em uma tarde de sexta-feira. Ele estava abrindo envelopes usando sua faca — a adaga de Hunter.

— Richard, eu estava pensando... Você tem saído recentemente?

Ele balançou a cabeça, negando.

— Bom, o pessoal vai sair hoje à noite. Quer vir com a gente?

— Ah... claro. Adoraria.

Mas ele odiou.

Havia oito pessoas no total: Sylvia e seu namorado, que trabalhava com carros antigos ou algo assim, Gary, do Departamento de Contas Corporativas, que acabara de romper com a namorada por causa de um, segundo ele, pequeno mal-entendido (ele achou que ela seria mais compreensiva a respeito de ele ter dormido com a melhor amiga dela), diversas pessoas legais e amigos de pessoas legais, e a moça nova que trabalhava na área de Informática.

Primeiro eles foram ver um filme no cine Odeon, que tinha uma tela enorme e ficava na Leicester Square. O mocinho venceu no final, e houve várias explosões e objetos voando. Sylvia pediu a Richard que se sentasse ao lado da moça da Informática sob o argumento de que ela era nova na empresa e ainda não conhecia muita gente.

Desceram a Old Compton Street, do lado do Soho, onde o cafona e o chique coexistem para benefício de ambos, e comeram no La Reache, enchendo-se de cuscuz e dezenas de pratos maravilhosos e exóticos, que precisaram ser colocados até mesmo na mesa vizinha. Saíram do restaurante e foram andando até um pequeno pub sugerido por Sylvia, próximo de lá, na Berwick Street, onde beberam e conversaram.

A moça nova da Informática sorria o tempo todo para Richard à medida que a noite avançava, mas ele não tinha nada a lhe dizer. Pagou uma rodada de bebidas para o grupo e a moça da Informática o ajudou a levá-las do bar até a mesa. Ela se aproveitou da ida de Gary ao banheiro e sentou no lugar dele, ao lado de Richard. A cabeça dele estava saturada com o barulho dos copos, a música da jukebox e o cheiro acre de cerveja, Bacardi derramado e fumaça de cigarro. Tentou prestar atenção nas conversas, mas percebeu que não conseguia mais se concentrar em nada que diziam e, o que era pior, não estava nem um pouco interessado no que conseguia ouvir.

E então a imagem veio até ele, tão clara e certa como se ele a visse na grande tela do Odeon, na Leicester Square: o resto de sua vida. Ele iria para casa aquela noite com a moça da Informática, eles dormiriam juntos, e no dia seguinte, por ser sábado, passariam a manhã inteira na cama. E então levantariam e retirariam as coisas dele das caixas e as guardariam. Depois de um ano, mais ou menos, ele se casaria com a moça da Informática, seria promovido mais uma vez, eles teriam dois filhos, um menino e uma menina, e iriam morar nos bairros mais distantes, Harrow, Croydon ou Hampstead, ou até mesmo em um lugar ainda mais longe, como Reading.

E não seria uma vida ruim. Ele sabia disso. Às vezes não há como evitar.

Quando Gary voltou do banheiro, olhou em volta, confuso. Todo mundo estava ali, exceto...

— Dick? Alguém viu Richard por aí?

A moça da Informática encolheu os ombros, em um gesto de quem não sabia.

* * *

Gary saiu do pub e foi para a rua, a Berwick Street. O frio da noite queimava como água gelada jogada em seu rosto. Podia sentir o inverno no ar. Chamou:

— Dick? Richard? Cadê você?

— Estou aqui.

Richard estava encostado em uma parede, na sombra.

— Só tomando um ar fresco.

— Tudo bem?

— Sim. Não. Não sei.

— Bom, essas são as opções. Quer conversar a respeito?

Richard olhou para ele, com ar sério.

— Você vai rir de mim.

— Eu vou rir de qualquer maneira.

Richard olhou para Gary. E então Gary ficou aliviado ao vê-lo sorrir, e soube que ainda eram amigos. Gary olhou para trás, para o pub. Colocou as mãos nos bolsos.

— Vamos. Vamos caminhar. Aí você pode desabafar. E *só então* eu vou rir de você.

— Filho-da-mãe — disse Richard, sendo mais como ele mesmo do que fora nas últimas semanas.

— É para isso que servem os amigos.

Os dois começaram a se afastar sob a luz dos postes.

— Escuta, Gary... — começou Richard. — Você já pensou se isso é tudo o que existe?

— O quê?

Richard fez um gesto vago, indicando tudo ao redor.

— Trabalho. Casa. Pub. Conhecer mulheres. Viver na cidade. A vida. Isso é tudo?

— Acho que é mais ou menos isso, sim.

Richard suspirou.

— Bom, pra começo de conversa, eu não fui para Maiorca. Quero dizer... eu não fui para Maiorca *mesmo*.

* * *

Richard narrava os fatos enquanto eles subiam e desciam o aglomerado das pequenas ruazinhas do Soho entre a Regent Street e a Charing Cross Road. Falou e falou, começando por contar como encontrou a moça sangrando na calçada, e como tentou ajudá-la, porque não podia simplesmente deixá-la ali, e o que aconteceu depois. Quando ficou frio demais para andar na rua, eles entraram em uma lanchonete 24 horas. Era um daqueles lugares que prepara tudo em banha de porco e serve chá em grandes xícaras brancas meio quebradas, brilhantes de gordura de bacon. Richard e Gary sentaram. Richard falava e Gary ouvia. Eles pediram ovos fritos, feijão cozido em molho de tomate e torradas, e comiam enquanto Richard continuava a falar e Gary continuava a ouvir. Passaram a torrada no restinho de gema no prato. Beberam mais chá, até que Richard disse:

— ...e aí Door fez um movimento com a chave e eu voltei para cá. Para a Londres-de-Cima. Enfim, a Londres real. E, bom, o resto você já sabe.

Ficaram em silêncio.

— Então é isso — concluiu, terminando de beber seu chá. Gary coçou a cabeça.

— Olha — disse, um tempo depois. — Isso é verdade? Não é uma brincadeira sem graça? Digo, ninguém vai aparecer com uma câmera escondida e me dizer que participei de uma pegadinha?

— Espero que não. Você... acredita em mim?

Gary olhou para a conta na mesa, separou algumas libras em moeda e as

colocou sobre a superfície de fórmica, onde elas ficaram, ao lado de um ketchup que tinha o formato de um tomate grande, com molho duro e escurecido em volta do bico dosador.

— Eu acredito que... bom, que *alguma coisa* aconteceu com você, é óbvio... Olha, o mais importante é o seguinte: *você* acredita nisso?

Richard ficou olhando para ele. Estava com olheiras.

— Se eu acredito? Eu nem sei mais. Eu acreditava. Eu estive lá. E teve um momento em que você apareceu, sabia?

— Você não falou isso antes.

— Foi uma parte horrível. Você me disse que eu tinha ficado louco e que eu estava andando pela cidade, alucinando e imaginando coisas.

Saíram da lanchonete e caminharam na direção sul, rumo a Piccadilly.

— Bom... Você tem que admitir que essa hipótese parece mais verossímil que sua Londres subterrânea mágica para onde vão as pessoas desabrigadas. Eu já passei por elas, Richard. Se você andar pela Strand, vai ver essas pessoas dormindo em frente às lojas. Elas não vão para uma Londres mágica. Elas congelam até a morte no inverno.

Richard não disse nada. Gary continuou:

— Acho que você levou uma pancada na cabeça. Ou talvez entrou em choque quando Jessica te abandonou. Ficou maluco por um tempo, mas depois melhorou.

Richard estremeceu.

— Você sabe o que mais me dá medo? Eu acho que você pode estar certo.

— A vida não é excitante? Ótimo, então. Viva o tédio. Pelo menos eu sei onde vou comer e dormir hoje à noite. Ainda vou ter um emprego na segunda-feira. Certo?

Virou-se e olhou para Richard, que concordou, hesitante:

— Certo.

Gary olhou para o relógio.

— Caramba! Já passa das duas. Tomara que ainda tenha táxis por aí.

Entraram na Brewer Street, na parte do Soho mais próxima de Piccadilly, passando pelas luzes dos *peep shows* e dos clubes de striptease. Gary estava

falando dos táxis. Ele não dizia nada de original, ou mesmo interessante. Apenas cumpria sua obrigação de londrino: reclamava dos táxis.

— ...estava com o letreiro ligado e tudo o mais. Eu disse pra ele aonde queria ir e ele respondeu: “Desculpe, estou indo para casa”. E eu: “Onde é que todos os motoristas de táxi moram, afinal? E por que nenhum de vocês mora perto de onde eu moro?” O truque é entrar no carro primeiro, e depois dizer que mora pro lado sul do rio. Afinal, o que aquele cara queria dizer? Do jeito que ele falava, parecia até que Battersea ficava em Katmandu ou algo assim...

Richard não estava ouvindo. Quando chegaram à Windmill Street, atravessou a rua e olhou atentamente a vitrine da Vintage Magazine Shop, examinando as reproduções em papelão de esquecidas estrelas de cinema, gibis e revistas. Tudo aquilo fora só uma visão que tivera de um mundo cheio de aventura, um mundo na imaginação. Não era real, disse para si mesmo.

— E então, o que você acha? — perguntou Gary. Richard voltou a si.

— Do quê?

Gary se deu conta de que Richard não tinha prestado atenção em nada do que ele dissera. Repetiu:

— Se não tiver nenhum táxi, a gente pode pegar o ônibus noturno.

— É. Certo. Tudo bem.

Gary fez uma careta.

— Você tá me preocupando.

— Desculpe.

Desceram a Windmill Street, na direção de Piccadilly. Richard enfiou as mãos nos bolsos. Pareceu meio confuso, e então tirou do bolso uma pena bastante amassada de um corvo negro, com uma linha vermelha amarrada na base.

— O que é isso? — perguntou Gary.

— É uma... — hesitou. — É só uma pena. Você tem razão, Gary. Isso tudo é bobagem. Jogou-a no bueiro perto do meio-fio e não olhou para trás.

Gary hesitou um pouco, e então disse, escolhendo as palavras com cuidado:

— Você já pensou em falar com alguém?

— Falar com alguém? Escuta, eu não estou louco, Gary.

— Você tem certeza?

Um táxi veio na direção deles, vazio.

— Sim — disse Richard com veemência. — Aí vem um táxi. Vá nesse. Eu pego o próximo.

— Obrigado.

Gary fez sinal para o táxi e sentou-se no banco de trás antes de pedir ao motorista que o levasse a Battersea. Abriu a janela e, enquanto o táxi arrancava, disse:

— Richard, este é o mundo real. Acostume-se. É tudo que existe. Te vejo na segunda, tá?

Richard acenou para ele e ficou olhando o táxi ir embora. E então se virou e foi se afastando devagar das luzes de Piccadilly, de volta para a Brewer Street. Não havia mais nenhuma pena perto do meio-fio. Ele parou perto de uma velha que dormia um sono profundo em frente à porta de uma loja. Tinha um cobertor velho e rasgado sobre si, e seus poucos pertences — duas caixas de papelão pequenas, cheias de quinquilharias, e um guarda-chuva sujo, que um dia fora branco — estavam amarrados com barbante ao seu pulso, para que ninguém os roubasse enquanto ela estivesse dormindo. Seu gorro de lã estava tão sujo que era impossível determinar sua cor.

Ele pegou sua carteira, achou dez libras e se debruçou para colocar a nota dobrada na mão da mulher. Ela acordou. Piscou seus velhos olhos para o dinheiro.

— O que é isso? — perguntou, sonolenta, chateada por ter sido acordada.

— É para você — respondeu Richard.

Ela desdobrou o dinheiro e o enfiou na manga.

— O que você quer? — retrucou, desconfiada.

— Nada. Não quero nada. Nada mesmo.

E então se deu conta de que aquelas palavras eram a mais pura verdade e de como aquilo era horrível.

— Você já conseguiu tudo o que queria e então percebeu que não era nada daquilo? — perguntou à mulher.

— Acho que não — respondeu ela, tirando remela do canto do olho.

— Eu achava que queria isto. Que queria uma vida legal, normal. Bom, talvez eu seja louco. Talvez. Mas se isto for tudo, então eu não quero ser normal. Entende?

Ela balançou a cabeça. Ele pôs a mão no bolso de trás.

— Está vendo isto aqui? — Mostrou a faca. Continuou: — Hunter me deu quando ela morreu.

— Não me machuque! Eu não fiz nada — disse a velha.

Richard ouviu sua própria voz, que tinha um tom estranho, intenso.

— Eu limpei o sangue dela da lâmina. Um caçador deve sempre cuidar de suas armas. O conde me deu um título de nobreza com esta faca. Ele me deu liberdade para caminhar pelo Submundo.

— Não sei de nada disso. Por favor, vira essa faca pra lá. Isso... Bom rapaz.

Richard sentiu o peso da adaga. E então andou depressa na direção da parede de tijolos, perto da porta onde a mulher estivera dormindo. Fez três cortes, um horizontal, dois verticais.

— O que você está fazendo? — perguntou a velha, desconfiada.

— Uma porta.

— Humpf. Melhor guardar essa faca. Se a polícia te vir eles te prendem por andar armado.

Richard olhou para o esboço da porta que tinha desenhado na parede. Colocou a adaga de volta no bolso e começou a bater na parede com os punhos.

— Ei! Tem alguém aí? Vocês podem me ouvir? Sou eu, Richard. Door? Alguém?

Machucou as mãos, mas continuava a debater-se contra os tijolos.

E então aquela loucura cessou e ele parou.

— Me desculpe — disse para a velha.

Ela não respondeu. Tinha voltado a dormir, ou, o que era mais provável, fingia que tinha voltado a dormir. Emitia roncos de gente velha, reais ou fingidos, deitada à porta da loja. Richard se sentou na calçada e ficou tentando imaginar como alguém poderia fazer a própria vida ficar tão insana como ele havia feito. E olhou de volta para a porta que tinha desenhado.

Havia um buraco na parede, no formato de uma porta, onde ele tinha feito os riscos. Havia um homem de pé ali, com os braços cruzados em um gesto teatral. Ficou parado até se certificar de que Richard podia vê-lo. E então deu um grande bocejo, cobrindo a boca com sua mão escura.

O marquês de Carabas ergueu uma sobrancelha.

— E então? — disse, irritado. — Você vem ou não?

Richard ficou olhando fixamente para ele por um único segundo.

E então concordou com um movimento de cabeça, porque não confiava no que poderia dizer, e ficou em pé. Os dois entraram no buraco na parede, penetrando na escuridão, sem deixar nada para trás — nem mesmo a porta.

AGRADECIMENTOS

AGRADEÇO A TODOS OS LEITORES DOS DIVERSOS RASCUNHOS E VERSÕES deste livro por suas sugestões, contribuições e críticas — principalmente Steve Brust, Martha Soukup, Dave Langford, Gene Wolfe, Cindy Wall, Amy Horsting, Lorraine Garland e Kelli Bickman. Agradeço também a Doug Young e Sheila Ableman, da BBC Books, pela ajuda e apoio que me deram, e a Jennifer Hershey e Lou Aronica, da Avon Books. Gostaria ainda de agradecer a todas as pessoas que vieram em meu socorro sempre que pedaços desta obra teimavam em não sair de suas casquinhas eletrônicas, e à Norton Utilities.

Neil Gaiman

[1] Estrofes de “The Lyke Wake Dirge” (Balada ao Velar um Defunto), uma tradicional canção folclórica inglesa que fala sobre a passagem da alma pelo purgatório. É uma advertência para que os vivos sejam generosos com os pobres e, assim, evitem o sofrimento após a morte. Uma possível tradução: “Se já deste meias e sapatos/Então todas as noites/Senta-te e calça-os/E Cristo receberá tua alma/Nesta noite, nesta noite/E em todas as outras noites/O calor do lar e a luz das velas/E Cristo receberá tua alma/Se já deste de beber ou comer/Então todas as noites/O fogo nunca te consumirá/E Cristo receberá tua alma”. (N. T.)

[2] Os nomes de todos os membros da Casa do Arco estão relacionados à ideia de “entrada”: Portico, Portia, Arch, Ingress e Door. (N. E.)

[3] No original, *Night’s Bridge.* Por isso Richard confundiu o lugar para o qual caminhavam com o pacato bairro londrino de Knightsbridge. (N. E.)

[4] “Angel” (“anjo” em inglês) era o nome de um famoso hotel que ficava na esquina da Pentonville Road com a Islington High Street. Atualmente, “Angel” é usado para designar uma região do bairro de Islington, no Norte de Londres. (N. E.)

[5] O bobo tenta chamar a atenção em inglês shakespeariano: “La” é uma interjeição; “nuncle” é contração de “mine uncle” (“meu tio” ou “meu senhor”). (N. T.)

[6] Door está se referindo a um dos mais extremos casos de poluição do ar na História, ocorrido em 1952 na cidade de Londres e conhecido como “The Great Smog”. Dois Clean Air Acts foram formulados pelo governo britânico depois disso para diminuir a emissão de gases poluentes, principalmente em determinados pontos da cidade, evitando assim a formação do que os londrinos chamam de *smog, pea-souper* (sopa de ervilha) ou *London particulars* (particularidades de Londres). (N. E.)

[7] Citação comum, embora errada, de uma das cenas finais da peça *Macbeth,* de William Shakespeare, em que o protagonista incita seu inimigo Macduff a lutar com ele (“Lay on, Macduff/ And damned be him that first cries ‘Hold, enough!’“ — “Ao ataque, Macduff/E maldito seja aquele que gritar ‘Já chega!’“). O “Lead on” da versão de Richard quer dizer algo como “Vamos lá!”. (N. T.)

[8] A quantia pela qual Judas traiu Jesus. (N. E.)